



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN**  
**FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y COMUNICACIÓN**  
**DOCTORADO EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**

Leina Libório de Araújo

Asunción – Paraguay

2024

Leina Libório de Araújo

**EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**

Tese apresentada ao **Programa de Postgrado em Ciencias de la Educación da Universidad Autónoma de Asunción** como requisito para la obtención del título de **Doctor en Ciencias de la Educación.**

Tutor: Prof. Dr. José Antonio Torres Gonzalez

Asunción – Paraguay

2024

Araújo, Leina Libório de

Título: “Educar na diversidade: **a gestão escolar frente as práticas pedagógicas inclusivas**”. Asunción (Paraguay): Universidad Autónoma de Asunción. 2024, 204 pp.

Tesis Doctoral (Programa de Doctorado En Ciencias de la Educación – Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación) de la Universidad Autónoma de Asunción. Orientada por Dr. Torres

Palavras - Chave: Educação e diversidade, Gestão escolar, Práticas pedagógicas inclusivas.

Leina Libório de Araújo

**EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE AS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**

Esta tesis fue evaluada y aprobada para la obtención del título de Doctor en Ciencias de la Educación de la Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación de la Universidad Autónoma de Asunción – UAA

Aprobado en: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Dr. \_\_\_\_\_

Dr. \_\_\_\_\_

Dr. \_\_\_\_\_

Dr. \_\_\_\_\_

Dr. \_\_\_\_\_

Asunción – Paraguay

2024

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, in memoriam Laet e Iolanda pelo amor, carinho e incentivo recebidos enquanto viveram, e onde estiverem, estarão satisfeitos por esta honrosa vitória. Aos meus filhos(a) Lannuzia Márcia, Ligier Júnior, Jonatas Kleyton, e aos meus netos: Luis Felipe, Henrique Mateus e Diego.

Dedico-lhes esta conquista!

## AGRADECIMENTO

A Deus pela vida e por estar sempre comigo dando-me força, coragem, fé e saúde para persistir na concretização dos meus objetivos. Ao meu Tutor/Orientador Prof. Dr. José Antonio Torres Gonzalez pelo incentivo e ajuda desenvolvidos no decorrer do Curso de Doutorado, permitindo-me a produção deste trabalho. Aos professores e demais funcionários da Universidad Autónoma de Asunción -UAA, pelo acolhimento durante os períodos do Curso.

Aos meus filhos(a) Lannuzia Márcia, Ligier Júnior, Jonatas Kleyton e aos meus netos: Luis Felipe, Henrique Mateus, e Diego pelo apoio, compreensão, amor e carinho.

A minha nora Francisca Míriam pelo incentivo e em especial à Caroline Guimarães pela paciência e contribuição na trajetória deste estudo.

Aos meus pais in memoriam Laet e Iolanda, aos meus irmãos e irmãs, in memoriam Liziomar e Carlos César pelas experiências vivenciadas em família.

Aos colegas de trabalho in memoriam Ierecê Barbosa e Flávia Carvalho pela oportunidade de experimentar suas amizades e companheirismo. Aos amigos de Doutorado Neuza Nunes, Romildo Alves, in memoriam Flora Quintana e Saturnino Machado pelo compartilhamento de aprendizagens, apoio em momentos de incerteza, e amizade construída na trajetória do Curso.

Aos Professores, Gestores, Coordenadores Distritais, e Gerente de Departamento da SEDUC/AM, pela participação e significativa contribuição nesta pesquisa. E, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta, incentivando a caminhada para a conclusão do Curso de Doutorado, o meu sincero reconhecimento.

Deus retribua com dádivas o apoio, carinho e amizade dedicados!

## EPÍGRAFE

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

(Boaventura de Souza Santos)

## Sumário

DEDICATÓRIA .....	iv
AGRADECIMENTO .....	v
EPÍGRAFE .....	vi
LISTA DE FIGURAS .....	ix
LISTA DE QUADROS .....	x
LISTA DE SIGLAS .....	xi
RESUMO .....	xii
RESUMEN .....	xiii
ABSTRACT .....	xiv
INTRODUÇÃO .....	15
PRIMEIRA PARTE: MARCO TEÓRICO DA INVESTIGAÇÃO .....	23
1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIVERSIDADE COMO DIREITO E INCLUSÃO COMO GARANTIA E RESPEITO À DIVERSIDADE.....	23
1.1 Contextualização histórica da educação para a diversidade .....	23
1.1.1 Educação e diversidade: visão interativa, ecológica e contextual sobre as diferenças individuais e ações educativas .....	25
1.1.2. A diversidade no contexto escolar.....	28
1.1.3. Diversidade na aprendizagem de pessoas com deficiência .....	31
1.2. A relação diversidade e inclusão.....	33
1.2.1 Contexto histórico da inclusão .....	35
1.2.2 Fundamentos e princípios da educação inclusiva .....	38
1.2.3. A inclusão na perspectiva da legislação .....	40
1.2.4. A educação inclusiva no Brasil .....	42
1.2.5. A legislação e o novo paradigma da Educação Especial.....	43
1.2.6. Formação docente para a diversidade.....	45
2 A GESTÃO ESCOLAR PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	48
2.1. A gestão escolar frente à implementação das políticas de inclusão: desafios, limites e possibilidades.....	49
2.2.1. A relação entre gestão escolar e educação inclusiva .....	53
2.2.2. Gestão escolar: o transitar em contextos diversos da escola .....	57
2.2.3. A gestão escolar na organização do trabalho pedagógico e construção de uma escola inclusiva.....	59
3. CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	64
3.1. Currículo escolar em uma perspectiva inclusiva.....	65
3.1.2. Dispositivos legais à compreensão de um currículo adaptado à inclusão escolar: condições arquitetônicas e pedagógicas .....	72
3.1.2.1. Currículo desenvolvido em sala de aula e Projeto Político Pedagógico da escola ..	77
3.2. Práticas pedagógicas inclusivas: desafios e incertezas.....	80
3.2.1. Flexibilização do ensino nas práticas pedagógicas .....	82
3.2.2 A prática pedagógica do professor na perspectiva da inclusão .....	83
SEGUNDA PARTE: METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO .....	86
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO .....	86
4.1 O problema da investigação.....	88
4.2 Objetivos.....	90



4.2.1 Objetivo Geral.....	90
4.2.2 Objetivos Específicos .....	90
4.3 Contexto de investigação.....	91
4.4 Tipo de Investigação .....	92
4.5 Enfoque da investigação .....	94
4.6 Técnicas e instrumentos de coleta de dados .....	95
4.7 Amostra da população e sujeitos de pesquisa .....	95
4.7.1 Características Gestores Participantes .....	96
4.7.2 Características Professores participantes .....	99
4.8 Validação dos instrumentos de coleta de dados.....	101
4.9 Entrevistas.....	103
4.9.1 Roteiro Entrevista aos Coordenadores Distritais .....	103
4.9.2 Roteiro Entrevista aos Gestores das Escolas .....	104
4.9.3 Roteiro Entrevista aos Docentes das Escolas.....	104
4.10 Análise de conteúdo: entrevistas e Projeto Político Pedagógico – PPP .....	105
4.10.1 Técnica de análise de dados .....	105
5 APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	106
5.1 Resultados entrevistas com Coordenadores Distritais.....	106
5.1.1 Percepção dos Coordenadores Distritais .....	106
5.1.2 Discussão e Análise dos Resultados Coordenadores Distritais .....	112
5.1.3 Considerações sobre o posicionamento dos entrevistados para a concretização das políticas de inclusão. ....	118
5.2. Resultados das entrevistas com os gestores.....	119
5.2.1 Percepção dos gestores das escolas .....	119
5.2.2 Discussão e análise às entrevistas com os Gestores das escolas .....	125
5.2.3. Considerações sobre o posicionamento dos gestores entrevistados para a concretização das políticas de inclusão. ....	138
5.3. Resultados as entrevistas aos professores.....	138
5.3.1 Percepção dos Professores das escolas .....	138
5.3.2. Discussão e Análise às entrevistas com os Professores das Escolas .....	141
5.3.3 Considerações sobre o posicionamento dos entrevistados para a concretização das políticas de inclusão. ....	150
CONCLUSÕES .....	151
RECOMENDAÇÕES .....	156
REFERÊNCIAS.....	158
APÊNDICES .....	168
ANEXOS .....	178

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Desenho inicial da pesquisa .....	88
Figura 2 . Gestores Participantes.....	97
Figura 3. Idade Gestores Participantes. ....	97
Figura 4. Sexo Gestores Participantes.....	98
Figura 5. Tempo de Serviço na Gestão.....	98
Figura 6. Grau de Instrução Gestores Participantes.....	99
Figura 7. Professores Participantes.....	99
Figura 8. Idade Professores Participantes.....	99
Figura 9. Sexo Professores Participantes.....	100
Figura 10. Tempo de Serviço na Docência.....	100
Figura 11. Grau de Instrução Professores Participantes.....	100

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Professores Doutores que validaram a pesquisa.....	101
Quadro 2. Resultados Coordenadores-Ausência ou Presença de Categorias..	111
Quadro 3. Categoria: A educação como um direito de todos.....	112
Quadro 4: Categoria: Respeito às diferenças.....	113
Quadro 5: Categoria: Os desafios da gestão escolar no processo de inclusão.....	114
Quadro 6: Categoria: Currículo inclusivo.....	115
Quadro 7: Categoria: Práticas pedagógicas inclusivas.....	116
Quadro 8. Resultados Gestores -Ausência ou Presença de Categorias.....	124
Quadro 9: Inclusão como meta das políticas educacionais.....	125
Quadro 10: Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão.....	126
Quadro 11: Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem.....	128
Quadro 12: Educação, currículo e construção da identidade.....	131
Quadro 13: Práticas pedagógicas e respeito às diferenças.....	132
Quadro 14. Resultados Professores -Ausência ou Presença de Categorias.....	138
Quadro 15: Inclusão como meta das políticas educacionais.....	138
Quadro 16: Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão.....	140
Quadro 17: Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem.....	142
Quadro 18: Educação, currículo e construção da identidade.....	143
Quadro 19: Práticas pedagógicas e respeito às diferenças.....	143

## LISTA DE SIGLAS

AGP - Agente de Portaria

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CDEs – Coordenadorias Distritais de Educação

CF – Constituição Federal

DEPPE – Departamento de Políticas e Programas Educacionais

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

Nihon Gakko University – Universidade Luque Paraguai

ONU – Organização das Nações Unidas

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## RESUMO

Esta tese, intitulada EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS, discute o processo de gestão escolar frente às práticas pedagógicas inclusivas em escolas das sete Coordenadorias Distritais da Rede Estadual de Ensino na cidade de Manaus/AM. O estudo investigou as percepções dos coordenadores distritais, gestores e professores das escolas quanto às ações relacionadas ao processo de inclusão escolar. Teve como objetivo precípuo analisar o processo de inclusão escolar, a partir das estratégias de gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas realizadas nas escolas campos de pesquisa, relacionando-as ao contexto histórico, social e político do país para a melhor compreensão do processo de inclusão. Nessa perspectiva, descreve sobre a operacionalização do processo de inclusão escolar com ênfase aos desafios, concepções dos professores, gestores e coordenadores distritais, estratégias de gestão realizadas nas escolas e sua relação com as práticas pedagógicas inclusivas, visando sugerir a formulação de propostas de gestão escolar para a melhoria das práticas pedagógicas inclusivas, e possível desenvolvimento das potencialidades dos alunos em processo de inclusão nas escolas. Vários autores contribuíram através das suas teorias para a compreensão da temática em estudo, permeando os capítulos que compõem todo o trabalho. A metodologia foi desenvolvida a partir dos aportes teóricos dos autores: Bardin (2011), Creswell (2007; 2010), Campoy Aranda (2018), Minayo (1992; 1998), Ferrari (1982), Richardson (1999), Marcone e Lakatos (2007), Mantoan (2003; 2015), Sacristán (2000), Torres Gonzalez (2002), Carvalho (2013) e outros. Os resultados obtidos, demonstram a realidade das escolas campos de pesquisa, no que se refere à implementação do processo de inclusão, e a necessidade de uma política pública que não priorize somente as pessoas com deficiência, um dos aspectos da Educação Inclusiva, mas esteja voltada também, aos demais aspectos da inclusão: racial, social, étnico e outros. A pesquisa evidenciou a falta de formação dos docentes para atuarem no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas com a utilização de diversas tecnologias, e que não existem estratégias de gestão adequadas à concretização do processo de inclusão escolar nas escolas pesquisadas.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Gestão escolar; Práticas pedagógicas.

## RESUMEN

Esta tesis, titulada EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS, aborda el proceso de gestión escolar frente a las prácticas pedagógicas inclusivas en las escuelas de las siete Coordinaciones Distritales de la Red Estatal de Educación en la ciudad de Manaus/AM. El estudio investigó las percepciones de los coordinadores de distrito, gestores y profesores de las escuelas sobre las acciones relacionadas con el proceso de inclusión escolar. Su principal objetivo fue analizar el proceso de inclusión escolar, a partir de las estrategias de gestión relacionadas con las prácticas pedagógicas inclusivas llevadas a cabo en los campos de investigación de las escuelas, relacionándolas con el contexto histórico, social y político del país para una mejor comprensión del proceso de inclusión. En esta perspectiva, se describe sobre la operacionalización del proceso de inclusión escolar con énfasis en los desafíos, concepciones de los profesores, gestores y coordinadores distritales, estrategias de gestión llevadas a cabo en las escuelas y su relación con las prácticas pedagógicas inclusivas, con el objetivo de sugerir la formulación de propuestas de gestión escolar para la mejora de las prácticas pedagógicas inclusivas, y posible desarrollo del potencial de los estudiantes en el proceso de inclusión en las escuelas.

Varios autores contribuyeron con sus teorías a la comprensión del tema en estudio, permeando los capítulos que componen la totalidad de la obra. La metodología se desarrolló a partir de las aportaciones teóricas de los autores: Bardin (2011), Creswell (2007; 2010), Campoy Aranda (2018), Minayo (1992; 1998), Ferrari (1982), Richardson (1999), Marcone y Lakatos (2007), Mantoan (2003; 2015), Sacristán (2000), Torres González (2002), Carvalho (2013) y otros. Los resultados obtenidos, demuestran la realidad de las escuelas campos de investigación, con respecto a la aplicación del proceso de inclusión y la necesidad de una política pública que no prioriza sólo las personas con discapacidad, uno de los aspectos de la Educación Inclusiva, sino que también se centra en los otros aspectos de la inclusión: racial, social, étnica y otros. La investigación mostró la falta de capacitación de los profesores para actuar en el desarrollo de prácticas pedagógicas inclusivas con el uso de diversas tecnologías, y que no existen estrategias de gestión adecuadas a la implementación del proceso de inclusión escolar en las escuelas encuestadas.

Palabras clave: Educación Inclusiva; Gestión Escolar; Prácticas Pedagógicas.

## ABSTRACT

This thesis, entitled EDUCATE IN DIVERSITY: SCHOOL MANAGEMENT IN FRONT OF INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICES, discusses the process of school management in the face of inclusive pedagogical practices in schools of the seven District Coordinations of the State Education Network in the city of Manaus/AM. The study investigated the perceptions of district coordinators, managers and school teachers regarding actions related to the school inclusion process. Its main objective was to analyze the process of school inclusion, based on management strategies related to inclusive pedagogical practices carried out in schools in the research fields, relating them to the country's historical, social and political context for a better understanding of the inclusion process. From this perspective, it describes the operationalization of the school inclusion process with emphasis on the challenges, conceptions of teachers, managers and district coordinators, management strategies carried out in schools and their relationship with inclusive pedagogical practices, aiming to suggest the formulation of school management proposals for the improvement of inclusive pedagogical practices, and possible development of the potential of students in the process of inclusion in schools.

Several authors contributed through their theories to the understanding of the theme under study, permeating the chapters that make up the entire work. The methodology was developed from the theoretical contributions of the authors: Bardin (2011), Creswell (2007; 2010), Campoy Aranda (2018), Minayo (1992; 1998), Ferrari (1982), Richardson (1999), Marcone and Lakatos (2007), Mantoan (2003; 2015), Sacristán (2000), Torres Gonzalez (2002), Carvalho (2013) and others. The results obtained demonstrate the reality of the research field schools, with regard to the implementation of the inclusion process and the need for a public policy that does not prioritize only people with disabilities, one of the aspects of Inclusive Education, but is also focused on , to other aspects of inclusion: racial, social, ethnic and others. The research showed the lack of training of teachers to act in the development of inclusive pedagogical practices with the use of different technologies, and that there are no adequate management strategies to implement the process of school inclusion in the schools surveyed.

**Keywords:** Inclusive education; School management; Pedagogical practice

## INTRODUÇÃO

Analisar o processo de gestão escolar requer reflexão sobre as políticas de educação, pois há entre elas uma forte ligação, já que, a gestão concretiza as metas e os objetivos educacionais através de ações, tornando possíveis as direções propostas pelas políticas.

A estruturação da sociedade organizacional durante vários anos, serviu para a articulação entre as teorias e os modelos de organizações na perspectiva de preparar para o trabalho. Assim, teoria e prática ao longo dos séculos têm se transformado, levando os estudos organizacionais a novas configurações de acordo com as mudanças, implicando também, na gestão escolar.

Visando delinear os fundamentos de um novo modelo de gestão contemporâneo, Oliveira (2005, p. 24), enfatiza que “se aceitarmos que uma função primordial da escola é a socialização para o trabalho, salta aos olhos a necessidade de compreender o mundo do trabalho para poder dar a devida conta da educação”, ou seja, para compreendê-lo faz-se necessário aprofundar o conhecimento sobre as diversas teorias que têm influenciado o campo organizacional, e de que forma essas teorias influenciaram a organização escolar e seu processo de administração desde as épocas mais remotas até a atualidade.

Segundo a autora citada, entre as teorias, ressalta-se: a Escola Clássica que preocupava-se com a racionalização dos métodos de trabalho, adequando-os às exigências do capital, e princípios administrativos que garantiam a maior produtividade do trabalho; a Escola de Relações Humanas, estruturada na permanência da máquina humana, preocupando-se com as condições pelas quais o trabalhador podia ser induzido a contribuir com o trabalho de forma eficiente e eficaz, e o Funcionalismo Estrutural que enfatizava a organização como um sistema funcionalmente efetivo, à medida em que atingia os objetivos propostos, formalmente, por meio dos processos racionais de tomada de decisões. Assim, ao manter as ressonâncias ideológicas da teoria dos sistemas, essa concepção converte conflitos de valor em relação aos fins e meios, em questões técnicas possíveis de ser resolvidas através de um projeto de sistema de administração.

Atualmente, a gestão escolar vem sendo impactada pelo modelo da qualidade, absorvida pela era do conhecimento, enfrenta a necessidade de tomada de decisões e de apoio como forma de direção. Assim, sua prática dilacera-se em direções opostas: de um lado a necessidade de mobilização dos atores sociais (gestores, funcionários, professores, alunos e pais), estimula a



participação no processo decisório, a formação profissional enquanto aquisição de competências, e a aprendizagem organizacional traduzida na proposição e na prática de projetos políticos-pedagógicos que envolvam a comunidade escolar e garantam a sua adesão e envolvimento nos processos e resultados educacionais. Por outro lado, essas estratégias encontram-se voltadas à racionalidade instrumental, característica da sociedade capitalista, e tem como fins a acumulação e valorização do capital.

Nesse contexto a escola como as demais organizações contemporâneas, submetem-se aos mesmos critérios de efetividade e eficácia e não de uma lógica humanista desejada pelos educadores. A esse respeito, a Constituição Federal de 1988, em seu art. 206 preceitua a gestão democrática da escola e dos sistemas como um de seus princípios. Enfatiza o pleno desenvolvimento da pessoa como dever do Estado e direito do cidadão. Essa Lei, em seu art. 205 destaca que tal princípio somente se efetivará através de práticas concretas nos sistemas e na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 reforça este princípio em seu art. 3º repassando aos sistemas de ensino a definição das normas de gestão democrática do ensino. Segundo a Lei, esse processo tem seu início na elaboração do Projeto Pedagógico com a participação dos profissionais da educação. A partir daí, a gestão do projeto pedagógico passa a ser tarefa do corpo docente, voltada para a obtenção de um outro Princípio Constitucional constante no inciso V do art. 206 que é a garantia da qualidade.

O Plano Nacional de Educação (PNE), faz uma articulação da gestão à participação com o planejamento educacional no sentido de aperfeiçoar e garantir o padrão de qualidade. Recomenda a existência de Conselhos de Educação com competência e representatividade, conselhos escolares e formas de escolha da direção escolar que associem a garantia da competência ao compromisso com a proposta pedagógica advinda dos Conselhos Escolares e liderança dos gestores (Oliveira, 2005).

Há algum tempo, no pensamento dos dirigentes educacionais, as melhores escolas eram aquelas organizadas segundo o modelo clássico de administração, onde predominava a obediência às regras e o cumprimento de regulamentos. Atualmente, é possível perceber que o fundamental é que gestores, professores e funcionários sejam criativos, capazes de tomar decisões inteligentes diante das situações complexas e dinâmicas que caracterizam o ambiente escolar.

Para isso, vários aspectos fazem parte do movimento de mudanças de paradigmas e são levados em consideração criticamente pelos que constroem, a partir de sua situação, as escolas exitosas (Oliveira, 2005). Segundo a autora, entre esses aspectos encontram-se: a superação da fragmentação pela globalização, a qual, ocorre através da ampliação de horizontes e visão crítica de mundo; a superação da hierarquização e burocratização pela coordenação por meio do desenvolvimento e aperfeiçoamento dos membros do estabelecimento de ensino e compreensão do trabalho pedagógico; e pela percepção da importância da contribuição individual e organização coletiva para a sua melhor realização. Enfim, todos os demais aspectos considerados inadequados para a gestão atual devem ser superados, pois a escola para ser participativa deve desenvolver programas que apresentem perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional aos professores e funcionários. Deve envolver os pais, os alunos e os representantes da comunidade que estiverem interessados na escola e na melhoria do processo pedagógico.

Uma gestão escolar que pretenda atuar de forma participativa, deve preocupar-se com a elaboração e aplicação de projetos e programas que visem a melhoria da qualidade pedagógica do processo educacional na escola, considerando as especificidades enunciadas no Regimento Escolar e no Projeto Político Pedagógico, visando garantir ao currículo escolar sentido de realidade, aumentando o profissionalismo dos professores, e desenvolver ações que envolvam a equipe escolar.

Convém ressaltar que a escola em sua trajetória, tem passado por importantes modificações, tendo suas atribuições alargadas, e o seu papel refeito em um contexto globalizado. Para tanto, a ministração de conteúdos passa a dialogar uma série de outras incumbências a respeito da formação de seus alunos, sobretudo no que se refere às práticas pedagógicas inclusivas, e à perspectiva instrucional e crítico-reflexiva. O gestor escolar não está limitado ao modelo teórico proposto, cuja reprodução se dá em um plano ideal, indiferente a uma série de peculiaridades e necessidades diárias que direcionam a uma visão mais integradora.

Nesse contexto, visando assegurar sejam atendidas as atribuições da escola, um novo modelo de gestão apresenta-se como possibilidade de mudança. A gestão compreensiva, capaz de promover o diálogo entre os múltiplos modelos teóricos, fomentar uma estrutura democrático-participativa que reconheça a heterogeneidade e envolva o ambiente, interagindo

diversos elementos e atribuições que requerem uma visão mais adensada sobre a temática, ultrapassando modelos teóricos ideais, capaz de perceber que a gestão democrático-participativa permite uma ótica complexa e multifacetada sobre o ambiente escolar, abarcando variáveis e elementos que encaminhem a uma percepção mais robusta do gestor.

Na contemporaneidade, as maiores dificuldades enfrentadas pela gestão escolar referem-se aos professores, e estão voltadas às questões metodológicas para atuarem no processo de inclusão escolar, às quais exigem formação contínua para a atuação consistente no processo de inclusão escolar. Uma outra dificuldade está relacionada à inadequação do ambiente escolar propício à inclusão: salas de aula superlotadas, banheiros inadequados, mobiliário, escassez do material didático, espaço impróprio para recreação, ausência de recursos tecnológicos, e outros. Além dessas dificuldades, há também a incompreensão por parte de alguns professores, pais e comunidade em geral, quanto ao verdadeiro objetivo da inclusão: reconhecer a diversidade como condição humana que favorece a aprendizagem.

Ressalta-se que o processo de inclusão pressupõe a garantia do direito à diferença na igualdade do direito à educação, sendo importante compreender que flexibilização e adaptação curricular não são a mesma coisa. A adaptação curricular ocorre de forma específica para alguns diferentes, considerando os demais, iguais. Já, a flexibilização volta-se para a garantia do direito à diferença no currículo, e implica a coesão da base curricular comum com a realidade dos alunos, considerando suas características sociais, culturais, individuais, os diferentes modos de aprender, e as múltiplas inteligências existentes em sala de aula.

O processo de gestão democrática das instituições educacionais pode ser considerado um instrumento para consolidar e assegurar a democracia no país. E mesmo não sendo um caminho fácil, é um caminho possível, mas que depende das ações adotadas pela sociedade e sistemas de ensino, mesmo as experiências de gestão democrática estejam ainda distantes do ideal, às diferentes práticas são importantes como tentativas de consolidação do processo.

A partir desse contexto, na expectativa de reverter o quadro complexo em que se encontra o processo de gestão na atualidade, e alcançar os objetivos previstos, é fundamental que a gestão seja exercida com liderança, de forma democrática, envolvendo professores e alunos em tarefas interessantes e desafiadoras, pois agir de forma democrática beneficia a todos.

A educação brasileira desde os primórdios tem sido permeada por políticas educacionais, as quais, têm refletido as ideologias da classe que se mantém no poder. Na atualidade, para que

haja qualidade na educação, faz-se necessário o compromisso de todos os envolvidos no processo educacional, no sentido de implementar a partir de estratégias de Gestão, o processo de Inclusão Escolar.

A gestão escolar exerce papel significativo no processo de inclusão educacional, e deve ser incentivadora do processo, demonstrando ideias, realizando ações inovadoras que encaminhem à inclusão escolar. Às escolas inclusivas cabe reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, assegurando uma educação de qualidade a todos, através de um currículo e estratégias de aprendizagem apropriados.

A inclusão escolar é um tema discutido mundialmente. No Brasil, encontra-se presente tanto na esfera política da sociedade, quanto no discurso da população brasileira, por acreditarem que a inclusão beneficiará a comunidade escolar como um todo. Inúmeras ações vêm sendo realizadas pelo Ministério da Educação no sentido de concretizar a inclusão das pessoas com deficiência em escolas regulares. Nessa perspectiva, a temática inclusão escolar tem sido discutida como se fosse um único fenômeno, bem compreendido por todos e constituído de um único significado.

É importante ressaltar que o fenômeno da inclusão está longe de ser compreendido, por ser um assunto complexo, passível de diversas interpretações, e que precisa ser discutido pelas sociedades, e só poderá ser compreendida quando seus valores fundamentais forem clarificados em contextos particulares. Assim, para realizá-la há a necessidade de estudá-la, questioná-la e confrontá-la, compreendendo a sua história, os fatos que a originaram, os princípios que a fundamentam, para posteriormente atrelar os conhecimentos à realidade, e à proposta da inclusão escolar a ser aplicada.

No entanto, essa não é a postura adotada pelos gestores nas escolas, já que quando se tenta questionar as formas como tem sido pensada e viabilizada, tal tentativa tem sido interpretada de forma negativa como sendo contrária a ela, o que direciona à compreensão de que para conquistá-la é necessário estudos e questionamentos.

Apesar das políticas públicas existentes e de todo trabalho já realizado com os profissionais da educação, observa-se ainda nas escolas de ensino regular, resistência em relação à inclusão. A partir desse contexto, esta pesquisa buscou respostas aos seguintes questionamentos:

1. As estratégias de Gestão Escolar desenvolvidas nas escolas inclusivas, contribuem para o

aprimoramento das práticas pedagógicas, qualidade do ensino e concretização das políticas de educação inclusiva nas Escolas Estaduais em Manaus/AM/Brasil?

2. Como ocorre o processo de inclusão em escolas de Ensino Fundamental na cidade de Manaus/AM/Brasil, e de que forma a gestão escolar contribui nesse processo?

3. Como se dá a inclusão escolar por parte dos envolvidos no processo e quais as lacunas existentes no sistema educacional brasileiro, dentro do campo de gestão e inclusão escolar?

As perguntas indicam o problema da investigação: não existem estratégias de gestão adequadas à concretização do processo de inclusão escolar nas Escolas Estaduais campos de pesquisa na cidade de Manaus/AM.

Este estudo teve como objetivo geral: analisar o processo de Inclusão Escolar a partir das estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais campos de pesquisa. Para a compreensão do processo de Inclusão Escolar, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: averiguar as concepções dos coordenadores, gestores e professores em relação à inclusão escolar; identificar os desafios enfrentados pela gestão escolar no processo de inclusão; observar as estratégias de Gestão Escolar, seus impactos nas práticas pedagógicas inclusivas e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos; compreender a operacionalização do processo de inclusão escolar, a partir da execução das políticas de inclusão; e analisar a partir das estratégias executadas pela gestão escolar, as mudanças na prática pedagógica inclusiva.

Quanto ao interesse em estudar o tema, surgiu a partir da experiência adquirida no decorrer da trajetória profissional, enquanto docente e pedagoga em Escolas de Educação Básica, professora em cursos de Graduação e Pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior e pela preocupante posição assumida pelos gestores das escolas em relação à prática pedagógica inclusiva, essencial ao cumprimento da Legislação e à efetivação do processo de inclusão na atualidade, bem como por entender a gestão escolar como importante no processo de construção do conhecimento nas escolas inclusivas, e sentir a necessidade de analisar o processo de Inclusão Escolar a partir das estratégias de gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas.

Para isso, fez-se necessário revisar a literatura e observar as recomendações referentes ao papel dos gestores no que concerne à inclusão escolar com ênfase à organização das escolas inclusivas, as quais, recebem em seu ambiente interno, influência das mudanças ocorridas na sociedade, há a necessidade de que a gestão escolar seja capaz de desenvolver alternativas de

organização, a partir da constituição de uma estrutura dinâmica que propicie a inserção de novas demandas sociais.

Na contemporaneidade, a temática Educação Inclusiva, ganhou destaque nas discussões dos meios educacionais e políticos, resultando na configuração de um novo perfil de gestão que proporcione o conhecimento em relação aos aspectos teórico e epistemológicos. Essa nova proposta vem enfrentando dificuldades relacionadas à sistematização e atendimento às demandas. É visível a distância entre as estratégias de gestão desenvolvidas nas escolas em relação ao processo de inclusão, e os preceitos legais. Intervir nessa realidade tornou-se uma tarefa difícil, pois significa transformar o processo de gestão, até então permeado por uma consciência política ultrapassada, proveniente de um processo histórico voltado ao imaginário social, onde estão contidas expectativas, construídas através de uma trajetória pessoal.

A pesquisa foi desenvolvida, buscando a compreensão do processo de inclusão educacional, a partir da realidade atual, relacionando-o à realidade que se configura como adequada, tendo como objeto de estudo, a gestão escolar frente as práticas pedagógicas inclusivas. Analisou o processo de inclusão a partir da contribuição da Gestão Escolar na implementação das políticas de inclusão.

O estudo do tema é relevante, visto contribuir para a reflexão e análise sobre as políticas de inclusão educacional, e a partir dos resultados obtidos poder apontar as potencialidades, e fragilidades das ações desenvolvidas pela gestão escolar para que possam ser refletidas e reavaliadas, reforçando o compromisso da gestão escolar com a implementação do processo de inclusão nas escolas. Nessa perspectiva, este estudo problematiza a gestão escolar e sua relação com as práticas pedagógicas inclusivas nas escolas, analisando as ações realizadas em relação à implementação das políticas de inclusão.

Quanto à organização, esta tese encontra-se estruturada em duas partes e cinco capítulos, além da introdução e considerações finais. A Introdução, apresenta a temática em estudo, o problema investigado, os objetivos: geral e específicos, justifica o interesse em estudar a temática, resume os cinco capítulos, enfatiza os aportes teóricos e finaliza com as considerações finais.

Compõem a primeira parte intitulada Marco Teórico da Investigação: o primeiro capítulo, denominado Educação inclusiva: diversidade como direito, inclusão como garantia e respeito à diversidade, discute a diversidade no contexto escolar e a inclusão com ênfase ao seu

processo histórico, princípios e políticas de inclusão. Seu desenvolvimento teve o aporte teórico de vários autores, entre os quais, Silva (2000), Carvalho (2013) e Forquin (2003); o segundo capítulo, nomeado A gestão escolar para uma educação inclusiva, aborda a gestão escolar a partir das políticas de inclusão, seus desafios, limites e possibilidades em contextos diversos na escola. A compreensão da temática exigiu estudo aprofundado sobre as teorias de diversos autores como: Sage (1990), Cavalcante (2005) e Luck (2006), e o terceiro capítulo Currículo e práticas pedagógicas inclusivas no contexto escolar, desenvolvido com base na teoria de vários autores, entre os quais, Torres Gonzalez (2003); Mantoan (2003) e Sacristán (2000). Discute aspectos relacionados ao currículo com ênfase às adaptações curriculares, flexibilização do ensino e os desafios das práticas pedagógicas inclusivas.

A segunda parte intitulada Metodologia da Investigação é composta pelo quarto capítulo, Aspectos Metodológicos da Investigação, teve o aporte teórico de diversos autores, entre os quais, Bardin (2011), Creswell (2007; 2010; 2014) e Richardson (1999). Apresenta a metodologia utilizada no desenvolvimento da investigação, a qual possibilitou o estudo sobre o problema objeto desta investigação e pelo quinto capítulo, denominado Apresentação, discussão e análise dos resultados, o qual, apresenta os resultados obtidos na investigação de acordo com as questões iniciais elencadas nas entrevistas e sequência por entrevistados, disponíveis na íntegra nos anexos deste trabalho. Aborda sobre os dados coletados nas entrevistas com os sete Coordenadores Distritais, cinco Gestores e oito Professores das escolas pesquisadas.

O item Conclusões, sintetiza os estudos realizados e discutidos com ênfase aos resultados obtidos na pesquisa. No item Recomendações são apresentadas algumas sugestões para a melhoria do processo de inclusão nas escolas campos da pesquisa.

## **PRIMEIRA PARTE: MARCO TEÓRICO DA INVESTIGAÇÃO**

### **1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIVERSIDADE COMO DIREITO E INCLUSÃO COMO GARANTIA E RESPEITO À DIVERSIDADE.**

A educação inclusiva é um direito de todos. Tem como objetivo precípua, promover a igualdade em âmbito escolar, a partir de um ensino diverso e democrático que possibilite oportunidades iguais aos estudantes de frequentarem um ambiente educacional inclusivo para que desenvolvam suas capacidades e sejam incluídos na sociedade.

Garantir o acesso a esse direito básico, exige ações voltadas para os diversos aspectos da diversidade dos seres humanos: social, cultural, étnico, de gênero, sensorial, físico e intelectual, os quais, devem ser considerados não como problemas, e sim, como diversidade.

A diversidade compreende e valoriza as diferenças entre as pessoas, visando promover a inclusão. Encontra-se respaldada legalmente a partir da Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, instrumento destinado a preservar e promover a diversidade cultural dos povos, e o diálogo intercultural.

#### **1.1 Contextualização histórica da educação para a diversidade**

A educação é um processo de conscientização cultural e comportamental que propicia ao indivíduo a construção de conhecimentos. Barreiro (1980), enfatiza que a conscientização é um processo que transcende as atividades escolares, estruturando-se em um projeto de educação popular e para ser eficaz deve promover a colaboração, a união, a organização popular e a busca de uma nova síntese cultural. A partir desse contexto, compreende-se a conscientização, reconhecida como um processo, e seus efeitos atingem de forma total a experiência e existência humana.

No Brasil, a educação tem passado por significativas mudanças em seus níveis e modalidades de ensino. O objetivo é realizar as adequações para atender demandas educacionais mundiais e legislações que visam incluir alunos em diversos lugares do país, como também as pessoas com deficiência. É importante ressaltar que essas transformações estão voltadas ao âmbito da Educação Especial, visam atender pessoas incapacitadas intelectual e



fisicamente, as quais, o sistema educacional tradicional, não atende as suas necessidades. Assim, pautam-se em documentos internacionais e legislações brasileiras que orientam os aspectos pedagógicos na área educacional.

Nesse contexto é importante destacar o equívoco existente em relação à compreensão sobre o conceito de inclusão, já que sua aplicação vem ocorrendo apenas aos estudantes da Educação Especial, deixando à margem os diversos espaços simbólicos e físicos nos quais, os grupos de pessoas precisam ser valorizados e reconhecidos em suas características e peculiaridades. Educar na diversidade é um tema complexo, e requer envolvimento com a sociedade diversa em seus aspectos, mas igual em relação aos direitos e deveres fundamentais a todos para que haja respeito às diferenças.

Para Pardo (1996, p. 154), Respeitar a diferença não significa "deixar que o outro seja como eu sou", mas "deixar que o outro seja como eu não sou", ou seja, permitir ser uma diferença não em absoluto entre identidades, mas diferença da identidade. Nesse sentido, Silva (2000), destaca como um problema social e pedagógico curricular, a identidade e a diferença. Em sua compreensão é um problema social que permeia a sociedade heterogênea, ou seja, é inevitável o encontro com o diferente. É um problema pedagógico curricular devido a diferença permear as questões pedagógicas curriculares no ambiente escolar.

Apesar da humanidade apresentar-se diversa em seus vários aspectos desde os primórdios, somente na atualidade, observa-se a importância da diversidade no meio educacional. Anterior à globalização dos meios de comunicação, a humanidade era percebida de forma homogênea, e o que não estivesse dentro dos padrões de imagens, era visto como diferente, gerando preconceitos. No momento atual é exigido preparo para conviver com a diversidade, ou seja, além do diálogo com os semelhantes, faz-se necessário estabelecer um diálogo com as pessoas, refletir sobre suas ideias e diferentes formas de agir.

A educação na diversidade preocupa-se com os valores, a convivência, o respeito entre as pessoas, e a identificação dos vários sentidos que os valores assumem no processo histórico. No entanto, os valores vêm adquirindo sentidos diversos conforme as ideologias e contextos históricos, ou seja, a compreensão dos diversos sentidos atribuídos aos valores exige reflexão sobre os vários sentidos que um mesmo valor adquire de acordo com os interesses de uma mesma sociedade. As relações interculturais para serem compreendidas, exigem respeito às diferenças, a convivência na diversidade e a inclusão.

A diversidade demanda respeito às diferenças, e deve ser valorizada pela educação e escola. No entanto, estimular na escola apenas o respeito à diversidade de pensamento e comportamento poderá contribuir para reforçar as desigualdades entre as pessoas. Faz-se necessário ao trabalhar com os valores relacionados à diversidade e igualdade, diferenciar a ideia de pessoa diferente da ideia de pessoa tratada como desigual, ou excluída.

Ressalta-se que desde a antiguidade, as pessoas não têm sido vistas com igualdade quanto a sua dignidade. A ideia de igualdade é recente, foi construída a partir da superação de inúmeras dificuldades, e mesmo com o avanço teórico e jurídico em defesa da dignidade humana para todos os indivíduos, ainda prevalecem na sociedade as desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), ao refletirem sobre a heterogeneidade de culturas que marca a sociedade atual presente em vários países do mundo, destacam o fato da diversidade se diferencia nacionalmente e internacionalmente de acordo com as causas relacionadas a determinados grupos, entre as quais, a discriminação, identidade cultural, religião, etnia, sexualidade, gênero e outras. Enfatizam que a diversidade compreendida como processo histórico, social, cultural e político das diferenças, ocorre em meio às relações de poder, ao crescimento da desigualdade, e da crise econômica que se expande mundialmente. Para as autoras no Brasil desde 1980 à atualidade, a educação pública vem sendo ofertada no contexto das desigualdades socioeconômicas e da diversidade em cumprimento ao artigo 205 da Constituição Federal de 1988, o qual, preceitua a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Sugerem que a educação direcione suas ações aos sujeitos sociais, e que a diversidade seja compreendida como construção social dos processos sócio-histórico-cultural, econômico, político e educacional e não mais como um problema não resolvido pelas políticas de Estado e pelos currículos escolares.

### **1.1.1 Educação e diversidade: visão interativa, ecológica e contextual sobre as diferenças individuais e ações educativas.**

As diferenças individuais podem ser definidas como os estilos cognitivos e a personalidade de cada indivíduo, ou seja, a forma como assimilam os conteúdos a partir das habilidades mentais. Na área educacional são consideradas fundamentais, visto a educação

preocupar-se em ensinar e educar para a compreensão das diferenças.

Segundo Kirby e Radford (1977), diferença individual é a expressão mais geral e refere-se ao estudo de todas as várias formas em que os indivíduos podem diferir uns dos outros. Na sala de aula existem alunos que apresentam diferenças individuais diversas. Essas diferenças são em relação à idade, dificuldade de aprendizagem, estudantes com deficiência e que pensam e agem de formas diferente.

Nesse sentido, compreende-se que a personalidade do indivíduo envolve o intelecto, o comportamento social, e os aspectos motivacional e emocional.

Etto e Perez (1997, p.26-27) enfatizam que na visão de ensinar observando as diferenças individuais

[...] os alunos são considerados um ser histórico e social que interage com o meio físico e com o patrimônio sócio-histórico, como a linguagem, os valores, as normas, entre outros, através da convivência com diversos indivíduos, num processo pessoal de experiência mental e reflexiva sobre esses mesmos patrimônios, revendo-os e reconstituindo-os, visando incorporá-los aos conhecimentos já adquiridos.

Trabalhar as diferenças individuais na escola requer uma educação preocupada não somente com a homogeneidade, mas em observar as diferenças sociais, individuais, étnicas e cognitivas que se evidenciam de forma marcante em sala de aula e que exigem atendimento individualizado para a partir das suas diferenças e igualdades, criar meios de acesso ao conhecimento pelos alunos.

Atualmente, a tecnologia tem propiciado mudanças significativas na área da educação, substituindo as formas antigas de aprendizado pelo ensino interativo, o qual, permite ao aluno, o acesso ao conhecimento, a partir da utilização de metodologias e recursos inovadores que possibilitam a assimilação rápida dos conteúdos e aquisição de resultados exitosos, colaborando com o aprendizado dos alunos, de acordo com as suas especificidades e ritmo de aprendizagem em todos os níveis de educação e modalidades de ensino.

É importante ressaltar que a visão interativa de educação, propõe a formação dos estudantes a partir de uma metodologia que promova a interação com ferramentas tecnológicas, propicie o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem e proporcione clareza na aquisição dos conhecimentos.

Na atualidade, é possível observar o precípuo papel que a tecnologia vem exercendo no processo de aprendizagem do estudante. Através da operacionalização das suas ferramentas e

orientação pelo professor, o estudante engaja-se em projetos e atividades que envolvem tecnologias diversificadas, as quais, direcionam à autonomia.

Sendo a educação uma prática formativa, a escola ao ser permeada por relações políticas, pedagógicas e institucionais é considerada um espaço significativo, envolvido por subjetividades relacionadas aos ideais ecológicos em que a formação ocorre de forma organizada com o objetivo de concretizar a educação como direito de todos. Segundo Carvalho (2013), a subjetividade relaciona-se à maneira de ser no mundo que situa um indivíduo frente a si mesmo e dos outros.

Nesse contexto, a visão ecológica de educação prioriza a formação do estudante a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, relacionando-as ao ambiente em que vivemos, visando formar identidades ecológicas de acordo com os valores que predominam no contexto.

Assim, visando a formação da subjetividade e construção dos saberes do sujeito ecológico a ser incorporado pelos indivíduos que seguem uma orientação ecológica em suas vidas, metodologias diferenciadas vêm sendo realizadas no ambiente educacional e em contextos específicos com o objetivo de compreender a educação ambiental como um processo produtivo que promova experiências e incentive o pensamento crítico em relação aos diversos modos desejáveis, ou indesejáveis ecologicamente de viver e conviver de forma responsável na perspectiva ambiental e social.

Diversas são as características que compõem a sociedade atual, entre as quais encontram-se os valores, comportamentos, os aspetos físicos e outros. Essas várias formas de agir, pensar e existir denominam-se diversidade, a qual ainda não atingiu o esperado conforme as leis que a amparam.

Entre os problemas enfrentados pela sociedade atual, encontram-se ainda o preconceito e a intolerância, os quais exigem ações consistentes pelas esferas governamentais e instituições formadoras, no sentido de promover ações educacionais que incentivem o respeito à diversidade, e o enfrentamento aos preconceitos, a partir da construção de práticas inovadoras que priorizem as tecnologias e a sustentabilidade, fundamentais à valorização da diversidade na escola e sociedade.

### **1.1.2. A diversidade no contexto escolar**

A diversidade no contexto escolar propõe a inclusão de todos os indivíduos na educação, e o respeito as suas diferenças. Remete à ideia de oportunidades de acesso e permanência a todos os estudantes, com igualdade de condições e respeito às diferenças.

Nesse contexto, as diferenças ou diversidades não dizem respeito somente às minorias, ou aos estudantes com deficiência, mas abrangem todos os seres humanos em suas diferentes condições: étnicas, culturais, desigualdades socioeconômicas, bem como, as relações discriminatórias e excludentes presentes nas escolas e grupos sociais. Relaciona-se com a ideia de cultura, envolvendo várias configurações sociais. Demanda um ambiente escolar inclusivo, que desenvolva o respeito à individualidade dos alunos, as quais, se manifestam por meio da linguagem e comportamento, crenças, valores e posicionamentos políticos, orientação sexual e tradições, das diferentes formas de expressão e dos diversos aspectos existentes na sociedade. Refere-se à inclusão de todos os indivíduos e respeito as suas diferenças. É através dela que se intensifica em sala de aula e na sociedade, o respeito às variedades de gênero, cor, religião e comportamento.

Sacristán (2001, p. 123) enfatiza que

A diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar, e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma pretensão das políticas de inclusão social, e se opõe ao domínio das totalidades únicas do pensamento moderno.

A diversidade no campo das Políticas Públicas Educacionais está relacionada ao direito de formar e construir o indivíduo social, por meio da orientação e organização da prática educativa e dos conteúdos que encaminham para uma visão crítica, em que haja a possibilidade de compreender a cultura, a sociedade e os vínculos que a constroem, cabendo à escola, a valorização das diferenças a partir da construção de práticas educativas inclusivas.

Nesse sentido, a educação exerce importante papel na promoção da cidadania, do respeito à diversidade sociocultural, étnico-racial, de gênero e sexualidade e da igualdade de direitos. E, por ser um instrumento fundamental à formação de cidadãos conscientes, desenvolve ações voltadas aos preconceitos, e ao respeito à diversidade, sendo importante agente de

transformação e construção de um futuro exitoso.

Na atualidade, a perspectiva de concretizar as diretrizes propostas nas declarações e acordos internacionais, vem encaminhando significativas mudanças conceituais na área educacional. O objetivo é garantir oportunidades igualitárias, e o direito à educação a todos os indivíduos, sejam eles: crianças, adolescentes, jovens e adultos. Isso, requer novos conhecimentos teóricos e práticos, como também, o caráter democrático dos sistemas educacionais, no sentido de oferecer educação de qualidade a todos, onde a diversidade seja compreendida como enriquecedora da aprendizagem, desenvolvimento pessoal e social, e contribua para consolidar o processo de inclusão.

No entanto, ressalta-se que mesmo com os avanços nos processos de reforma educacional em busca da qualidade e equidade na educação, a desigualdade encontra-se presente em relação às oportunidades educacionais, visto os avanços não apresentarem respostas satisfatórias no que se refere às diferenças nos aspectos sociais, geográficos, econômicas, linguísticos, culturais e individuais, gerando elevado índice de analfabetismo funcional, repetência, evasão e exclusão.

É necessário o desenvolvimento de uma nova cultura pelos sistemas educacionais no sentido de propiciar condições para que as escolas se desenvolvam quanto a sua organização, funcionamento, práticas pedagógicas, e garantam a equidade e qualidade da educação.

Um dos desafios enfrentados pelas escolas na atualidade, refere-se à implementação de uma política educacional de inclusão voltada para a a igualdade de oportunidades, e que priorize as diferenças individuais no processo ensino-aprendizagem, não apenas para as pessoas com alguma deficiência, mas que propicie oportunidades igualitárias a todos os estudantes, e que atenda à educação inclusiva em relação ao aprender juntos, independente de condições pessoais, socioculturais, ou potenciais diferenciados.

Segundo Gadotti (1992, p. 21), “a escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista.”

Carvalho (2000, p. 120), reforça a ideia ao afirmar que uma escola inclusiva é aquela que “inclui a todos, que reconhece a diversidade e não tem preconceito contra as diferenças, que atende às necessidades de cada um e que promove a aprendizagem”.

Faz-se necessário enfatizar que a sociedade atual é composta por sujeitos diversos em relação a etnia, classe social, gênero, cultura e religião, o que torna desafiador para a educação garantir a igualdade, formar para a cidadania e promover o respeito à diversidade, cabendo à escola em sua organização, a adequação do seu currículo, ainda desenvolvido de forma uniforme, sem preocupar-se com as diferenças individuais, deixando à margem da escolarização os estudantes que não atendem às atividades propostas, o que tem contribuído para o aumento das desigualdades educacionais.

Segundo Alvarez y Soler (1998), a inclusão compreende que as pessoas são diferentes, cabendo à escola ajudá-las a desenvolver suas aptidões. Uma escola inclusiva reconhece a diversidade como primordial à aceitação das diferenças para que não sejam transformadas em desigualdades, ou seja, trabalha a educação voltada às peculiaridades dos estudantes, considerando as diferenças pessoais e socioculturais visando assegurar a todos, o direito à educação de qualidade, e minimizar os entraves à aprendizagem a partir da compreensão sobre o contexto educacional para promover a adequação do currículo, tornando-o acessível, significativo e flexível.

Piovesan (2008, p. 887), enfatiza que “a ética emancipatória dos direitos humanos demanda transformação social, a fim de que cada pessoa possa exercer suas potencialidades, sem violência e discriminação”. Para a autora, o reconhecimento às diferenças deve conduzir a uma postura igualitária a partir da reorganização social em áreas que predominem padrões de desigualdade e exclusão.

Em seu artigo 205, a Constituição Federal de 1988, preceitua a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família. O direito à educação é destacado através da Declaração Universal dos direitos Humanos, artigo 26, o qual preceitua que “toda pessoa tem direito à educação, a qual deverá ser gratuita e obrigatória pelo menos no Ensino Fundamental, visando a expansão da personalidade humana, os direitos as liberdades fundamentais do homem.

Entre os direitos que garantem ao ser humano a cidadania, encontra-se o direito à diversidade. A garantia da cidadania é garantida através das políticas educacionais, as quais, preveem diversidade e à inclusão nos documentos que orientam as práticas educacionais e a elaboração dos currículos no país. Tais orientações permeiam o cotidiano das escolas ainda de forma tímida, visto não alcançarem o estabelecido pela legislação.

Frente a esse contexto, faz-se necessário que os envolvidos no processo educacional

desenvolvam práticas educacionais inclusivas que atendam as diferenças e oportunizem a aprendizagem de forma igualitária para todos.

Rodrigues (2013, p.15), afirma que

Para construir uma escola de todos e para todos é portanto também preciso ajudar na inclusão educativa e social dos alunos que têm particularidades e modos de aprendizagem diferentes das do modelo padrão esperado pela escola. Por vezes, esta precisa de refazer os seus objetivos e vencer a distância entre a linguagem das teorias pedagógicas inovadoras e revolucionárias e as práticas escolares muitas vezes conservadoras e antiquadas [...].

Nesse contexto faz-se necessário que o ambiente escolar promova uma educação que apresente qualidade e seja oferecida a todos, através do reconhecimento das diferenças e identificação dos obstáculos que dificultam a aprendizagem dos estudantes para a partir deles sejam utilizadas práticas inclusivas inovadoras que permitam a participação reflexiva e a construção do conhecimento de forma aprazível.

### **1.1.3. Diversidade na aprendizagem de pessoas com deficiência**

A Constituição Federal de 1988 em seu Art. 215, enfatiza o respeito à diversidade em um dos princípios. Reforçando esse direito a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe entre as suas diversas competências gerais da Educação Básica, a de número 9:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

A promoção à diversidade é reforçada no Plano Nacional de Educação (PNE), com o objetivo de combater o preconceito e garantir o direito à educação a todos os indivíduos. A diversidade tem sido uma preocupação em âmbito nacional e internacional, visto a desigualdade encontrar-se presente em nível mundial.

É importante destacar que a diversidade possibilita a convivência com os diferentes tipos de comportamento, gênero e religião no contexto educacional. Propõe a inclusão no ambiente escolar de todos os estudantes independente das suas diferenças.

A diferença no ritmo e forma de aprendizagem escolar gera a necessidade de inovação nas diversas formas de ensinar, requer a adequação dos recursos educacionais para atender a deficiência do estudante, e exige que os aspectos pedagógicos estejam em consonância com o



Projeto Político Pedagógico da escola.

Geralmente, as dificuldades de aprendizagem são ocasionadas por problemas neurológicos, físicos, emocionais, afetivos ou pedagógicos. Nesse sentido, faz-se necessário observar a deficiência como diferença, e assim, enxergar potencialidades, talentos e dificuldades a partir de oportunidades e convívio, considerando a aprendizagem como um processo que possibilita ao indivíduo a interação com o meio social e a aquisição de competências e habilidades.

Ressalta-se que a diversidade está relacionada à igualdade e à diferença que caracterizam o indivíduo em seu desenvolvimento histórico-social, a partir da sua cultura e do meio em que se insere. No contexto educacional, a diversidade relaciona-se ao processo de inclusão, a partir das diferenças e peculiaridades apresentadas pelos estudantes nos aspectos emocionais, relacionais e sociais que permeiam o processo de aprendizagem, o qual necessita ser planejado para atender as necessidades dos estudantes e garantir o sucesso escolar.

A escola exerce importante papel na formação do estudante. A partir das práticas inovadoras orienta sobre o respeito às diferenças, contribui para a formação da cidadania e oportuniza o convívio com as diferenças. São inúmeras as deficiências existentes, e cada uma em sua especificidade, exige acompanhamento profissional especializado e adequação das escolas nos aspectos físicos, pedagógicos e humanos para atender a demanda.

A escola como espaço em que se efetiva a educação não pode limitar-se apenas a transmitir informações, deve reforçar a construção de práticas que desenvolvam o respeito e o reconhecimento à diversidade. Nesse contexto, as

[...] dificuldades de aprendizagem referem-se a algum prejuízo, atraso e/ou desordem na apreensão de comandos e informações em geral, as quais podem ter as suas origens em fatores diversos e podem estar ligadas a certos comprometimentos no cérebro, mas não têm todas as suas origens na ordem biológica. Em alguns casos, suas origens podem advir de conflitos pessoais, culturais e sociais. (BRASIL, 2018, s.p).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva conceitua a pessoa com deficiência como, “aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial, que em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade” (BRASIL, 2008, p. 08).

Os alunos que apresentam deficiência e os que têm dificuldades de aprendizagem são acompanhados em seus estudos pela educação inclusiva na escola regular, e ambos têm a

garantia de acesso respaldado pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 9394/96).

Segundo Hashimoto (2009); Miranda (2020), as dificuldades de aprendizagem e as pessoas com deficiência não devem ser encaradas como uma situação extra escolar, em que apenas um especialista externo é capaz de resolver, e sim, compreendidas também como competência da escola. Nesse contexto, cabe à escola comprometer-se com a aprendizagem do estudante, responsabilizando-se em promover o seu desenvolvimento, propiciando oportunidades que contribuam para expandir seus horizontes e possibilidades de desenvolvimento de sua capacidade intelectual, principalmente do aluno com deficiência.

## **1.2. A relação diversidade e inclusão**

Compreender a relação diversidade e inclusão requer o aprofundamento do conhecimento sobre os conceitos dos termos. A diversidade refere-se não somente aos fatores demográficos, e sim, à pluralidade dos indivíduos quanto às diferenças culturais, de experiência e identidade. Diversidade e inclusão devem ser sempre vistas de forma associada para que possam minimizar as desigualdades educacionais referentes ao gênero, raça e deficiência, preditoras do fracasso escolar, e assim, promover a cidadania e a erradicação das diversas formas de discriminação.

A inclusão cria estratégias para acolher a diversidade e garantir oportunidades iguais, em que as pessoas sejam respeitadas em suas características individuais. Refere-se às ações voltadas aos grupos excluídos dos seus direitos sociais básicos, entre os quais, o acesso à educação, ao trabalho, a uma vida digna, e ao desenvolvimento, prioridade na sociedade atual de uma minoria da população. Assim, a inclusão considera a sociedade desigual, sendo necessário minimizar a desigualdade gerada a partir do capital econômico e simbólico. Volta-se às necessidades e exclusões vividas por cada grupo na sociedade.

Veiga Neto; Lopes (2007), destacam que a necessidade de inclusão e cumprimento do preceito constitucional de uma educação para todos, provém de práticas que ainda segregam e excluem, e assim, a universalização do ensino e garantia de acesso a todos pode estar sendo implementado através de um processo inclusivo excludente. Para os autores, as políticas de

inclusão supõem que todos os sujeitos sejam incluídos para enquadrarem-se dentro de uma norma, gerando assim, práticas homogeneizantes.

Nesse sentido, Forquin (2003, p. 24), afirma que “educar, ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura, a fim de que este alguém deles se nutra, os incorpore a sua substância e construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles”, ou seja, o cotidiano escolar em que se desenvolve a aprendizagem, deve permitir a reconstrução do conhecimento por meio de integração entre as diferentes formas de expressão e possibilidades da escola reconhecer o aluno como sujeito ativo na reconstrução do conhecimento.

A Constituição Federal de 1988 e a LDB 9394/96, definem a educação como um direito fundamental que possibilita a oportunidade de acesso a todos, às instituições escolares, e a aquisição de conhecimentos que contribuam para o exercício da cidadania e inserção ao mundo do trabalho, cabendo à escola como instituição social, reduzir as diferenças e promover a igualdade de oportunidades às pessoas na sociedade.

Blanco (2002), afirma que a expansão da educação básica e os processos de reforma educacional desenvolvidos nos países que buscam qualidade na educação, ainda se encontra presente a desigualdade de oportunidades educacionais, devido os avanços não terem sido acompanhados de respostas às diferenças sociais, econômicas, geográficas, linguísticas, culturais e individuais, gerando alto índice de exclusão e analfabetismo funcional.

São muitos os desafios enfrentados pela escola, o que tem dificultado o cumprimento das Leis quanto à garantia de uma aprendizagem que conduza o estudante à autonomia para posterior atuação na sociedade, considerando que nem todos têm as mesmas oportunidades de acesso e permanência à escola para aprender e evoluir conforme os preceitos legais. Os que conseguem o acesso, geralmente enfrentam vários obstáculos, entre os quais: a reprovação, a distorção, e assim, por não terem garantido o direito de aprender, passam a fazer parte das estatísticas da evasão e abandono.

A evasão e o abandono escolar são problemas frequentes na educação brasileira, sendo necessário defini-los para a melhor compreensão: o abandono escolar ocorre quando o aluno por algum motivo deixa de frequentar a escola e retorna no ano seguinte; enquanto a evasão, acontece quando o aluno sai da escola e não retorna para o sistema escolar. Isso, remete à compreensão de que mesmo a educação sendo um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, a universalização do Ensino Fundamental e erradicação do analfabetismo, ainda não

se concretizaram (BRASIL, 1988).

A educação como direito de todos legitima a cultura por meio de ações realizadas no processo contínuo de aprendizagem. Cria vivências, experiências, humaniza e ressignifica a vida das pessoas na sociedade. E, por ser um direito comum a todos, transforma a sociedade em espaço inclusivo, buscando promover a igualdade de oportunidades para todos, independente de gênero, opção sexual, etnia ou deficiência.

A inclusão tem como objetivo educar a todos em igualdade, cabendo à escola a socialização, a construção da cidadania e o desenvolvimento das competências e habilidades fundamentais à formação do estudante em suas etapas da vida em sociedade, as quais, deverão estar voltadas para os aspectos cognitivos, intelectuais, sociais e emocionais.

Delors (1998), destaca que a educação para dar resposta ao conjunto das suas missões, deverá organizar-se a partir de quatro aprendizagens consideradas fundamentais ao desenvolvimento de cada indivíduo e que serão os pilares do conhecimento. Propõe a construção do conhecimento fundamentado na proposta do Relatório da UNESCO, a qual orienta o aprendizado a partir dos pilares da educação: o aprender a conhecer, voltado para os processos cognitivos; o aprender a fazer que contribui para a aquisição das competências necessárias ao enfrentamento das situações cotidianas; o aprender a conviver, relacionado ao desenvolvimento da habilidade de compreensão sobre os outros; e o aprender a ser que encaminha ao desenvolvimento da personalidade, e da autonomia. Isso encaminha à compreensão de que o pilares interligam-se, e contribuem para o desenvolvimento humano, e minimização da exclusão social.

### **1.2.1 Contexto histórico da inclusão**

Compreender a inclusão requer reconhecer a diferença existente entre educação inclusiva e educação especial. A educação inclusiva propõe uma escola para todos. Já, a educação especial caracteriza-se por estar direcionada às deficiências especializadas.

Segundo Fernandes (2007), em seu processo histórico, a inclusão vem se modificando através dos tempos e está dividida em fases denominadas pré-científica e científica. A fase pré-científica considerava as pessoas com deficiência como incapazes, as quais não tinham acesso à educação escolar. Na fase científica, as pessoas com deficiência passaram a ser consideradas

como indivíduos da sociedade.

Quanto à importância dada pela humanidade às pessoas com deficiência, a inclusão social evoluiu de acordo com o contexto histórico. Segundo Correa (2004), na Antiguidade, nas sociedades Grego e Romana a criança que nascesse com alguma deficiência era exterminada por não ser considerada útil a essas sociedades.

Minetto (2010), enfatiza que na Idade Média, com o domínio do catolicismo, o qual defendia a vida, iniciou-se a segregação. Período que abrangeu o final do século XVIII, estendendo-se até o século XIX, no qual, as crianças que ao nascer apresentassem algum tipo de deficiência, eram abandonadas ou deixadas em instituições religiosas para serem criadas de forma segregada, escondidas da sociedade.

A partir da Revolução Francesa 1789, período denominado Integração, foram iniciados estudos sobre o cérebro, buscando compreender as deficiências e garantir a humanização às pessoas com deficiência.

A defesa por uma sociedade inclusiva surgiu em nível mundial a partir do século XX, através das lutas contra a discriminação promovidas pelos movimentos que impedia as pessoas com deficiência de exercerem a cidadania. Mazzota (1996), afirma que a inclusão ainda em adaptação, considera o ser humano capaz de aprender, com direito a ser inserido e participar da sociedade, e a escola como um meio a ser adaptado às necessidades dos alunos para que possam aprender, e através do ensino garantir o direito à educação. A partir do período de inclusão, um número significativo de pessoas com deficiência passou a frequentar as classes regulares nas escolas.

Segundo Ferreira (2009), mesmo que esse contexto tenha evoluído e assumido papéis diferenciados ao longo da trajetória, faz-se necessário promover mudanças no sentido de reconstruir a história da inclusão.

Segundo Mitller (2003), a educação inclusiva no Brasil passou a ter respaldo legal a partir de 1994 com a Declaração de Salamanca na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada pela UNESCO na Espanha, mas somente no ano de 2000 houve a implantação da política para a Educação Inclusiva no país.

A história da educação inclusiva é fundamental para a compreensão e evolução dos valores instituídos pela sociedade. Na atualidade, a discriminação às pessoas com deficiência vem sendo minimizada, mas há muito a ser melhorado. A justificativa para a inclusão social de

categorias marginalizadas advém da existência de uma categoria universal, indistinta de direitos, a qual propõe-se a atender todas as pessoas, os Direitos Humanos.

Em 1959, a ONU promulgou uma carta intitulada Declaração Universal dos Direitos Humanos, indicando que independente de crença religiosa, origem, cor, opinião política, ou classe social, todas as pessoas devem ter seus direitos básicos atendidos. Mesmo a Constituição Federal do Brasil de 1988, tendo se alinhado à Declaração Universal dos Direitos Humanos com o objetivo de incluir as categorias que se encontram à margem da sociedade para que usufruam dos seus direitos.

Esse documento foi alicerçado no princípio da normalização, voltado ao modelo clínico de deficiência, o qual atribuiu caráter incapacitante de acordo com as características intelectuais ou físicas do estudante e impedia a inclusão social e educacional. Ao mesmo tempo definiu as modalidades em educação especial no Brasil no seguinte formato: classes especiais, hospitalares e salas de recursos; ensino itinerante, oficinas pedagógicas e estímulo às classes comuns. Orientou a matrícula dos estudantes com deficiência ao

Ambiente dito regular de ensino/aprendizagem, no qual também, são matriculados, em processo de integração instrucional, os portadores de necessidades especiais que possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais. (Brasil,1994, p.19).

A implementação dessa política não promoveu avanços no processo de inclusão, visto ter mantido a forma de classificação de estudantes e não ter ressignificado o novo discurso sobre inclusão e ter mantido a escola especial como ambiente de acolhimento dos estudantes considerados incapazes para o alcance dos objetivos educacionais previstos. As práticas de ensino continuaram tradicionais devido o despreparo da escola na implementação de estratégias que conduzissem à transformação.

A partir de 2003, visando oportunizar a transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos foram disponibilizados em todo o país os referenciais para a educação inclusiva e instituído o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, o qual, em parceria com o Ministério da Educação, Distrito Federal, Estados e Municípios propiciou o processo de formação aos professores e diretores de escolas, dando início à construção de uma política de educação especial como modalidade transversal em todos os níveis de educação e modalidades de ensino.

No Brasil, visando a eliminação das atitudes discriminatórias, várias foram as tentativas de formalizar os termos corretos em relação à deficiência. A cada momento surgem no ambiente escolar recursos e métodos de ensino inovadores que possibilitam às pessoas com deficiência condições de acessibilidade, inserção na sociedade, possibilidade de participação ativa na vida social, e superação das dificuldades. (Glat e Fernandes, 2005).

A partir de 1990, acentuou-se a preocupação com o desenvolvimento de um Sistema Educacional Inclusivo, direcionado às diversas dimensões e valorização das diferenças. No entanto, mesmo com as mudanças propostas pelas Políticas Educacionais dos anos 90 até os dias atuais, a inclusão continua sendo vista como um desafio a ser enfrentado pelas escolas e sociedade, o que para Santos e Figueiredo (2006), somente passará a ser visto como realidade quando houver aceitação das diversidades e diferenças, ou seja, quando forem vistas não como um obstáculo às práticas educativas, e sim como possibilidades de mudanças e ressignificação do processo de inclusão social.

### **1.2.2 Fundamentos e princípios da educação inclusiva**

A educação inclusiva difere da educação especial por ser um processo educativo e social que além de promover a aprendizagem, possibilita a convivência na diversidade e propicia a formação dos alunos de forma global e sem preconceitos. A educação especial desenvolve o ensino voltado às habilidades específicas dos alunos, suas dificuldades de aprendizagem, altas habilidades, deficiência intelectual, auditiva, visual, física e outras.

Queiroz (2003), enfatiza a educação inclusiva como uma filosofia em âmbito internacional, a qual tem como objetivo possibilitar um sistema unificado de educação para todos os alunos com deficiência. Isso, exige a transformação da escola nos aspectos políticos, curriculares e gerenciais que apresentem resultados positivos em relação à diversidade em âmbito educacional. Segundo a autora, a educação inclusiva encontra-se pautada em princípios através, dos quais, devem ser desenvolvidas as ações educativas: o primeiro princípio enfatiza que toda pessoa tem direito de acesso à educação, ou seja, a educação deve ser para todos, independente de limitações relacionadas aos aspectos físicos, ou intelectuais que os impeçam de exercer esse direito; o segundo princípio está relacionado à capacidade de aprender, sendo a única diferença em relação a trajetória percorrida para a obtenção do conhecimento; o terceiro princípio coloca a capacidade de aprendizagem de cada pessoa como singular, em que cada um

aprende através de métodos diferenciados, sejam tradicionais ou progressistas; o quarto princípio enfatiza o convívio no ambiente escolar como um benefício à inclusão social, visto possibilitar a socialização entre os inseridos no contexto, quanto os que são acolhidos; o quinto princípio ressalta ser a educação inclusiva para todas as pessoas, sejam elas deficientes, ou apresentem uma outra diferença cultural, social, física, mental, sexual, racial ou étnica.

Para que o direito à educação para todos passe a ser uma realidade é necessário garantir a todos os estudantes o acesso a uma educação de qualidade que atenda às o aluno em suas individualidades e peculiaridades de aprendizagem, enriquecendo o conhecimento primordial à evolução do ser humano.

Segundo Oliveira, (2001, p. 1)

A inclusão é a garantia a todos do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, uma sociedade mais justa, mais igualitária, e respeitosa, orientada para o acolhimento à diversidade humana e pautada em ações coletivas que visem a equiparação das oportunidades de desenvolvimento das dimensões humanas.

Em sua proposta a educação inclusiva, valorizar as diferenças e permite a convivência diversificada no âmbito escolar. Contemplar a diversidade significa reconhecer que existem diferentes etnias, classes sociais, gêneros e que os indivíduos são únicos em suas características e capacidades físicas e intelectuais, culturais e história de vida, o que exige respeito aos direitos educacionais e sociais, cabendo à escola atender as diferenças e assegurar uma educação que priorize a diversidade no processo de aprendizagem de todos os indivíduos, independente de suas limitações e particularidades para que haja qualidade na educação.

Convém ressaltar que as escolas inclusivas enfrentam alguns obstáculos em relação aos recursos financeiros para que possam promover as adaptações necessários à reestruturação arquitetônica, ferramentas audiovisuais apropriadas ao processo educativo e especialistas para lidar com a diversidade no ambiente escolar.

Uma escola inclusiva, requer a modificação da sua estrutura, do seu funcionamento e da sua resposta educativa, dando lugar às diferenças e desenvolvimento de estratégias de ensino diferenciadas que possibilitem o aprendizado do aluno de forma adequada. Carvalho (2000, p. 111) afirma que “a proposta inclusiva pressupõe uma nova sociedade, e nela uma escola diferente e melhor do que a que temos.”



É necessário que a escola desenvolva um trabalho democrático, que oportunize melhoria de vida para todos independente de condição social, econômica, raça, religião ou sexo, principalmente dos que se encontram mais vulneráveis, Carvalho (2000). Todos os alunos têm direito à escola sem discriminação ou preconceito. Mantoan (2005, p.18), afirma que “se pretendemos que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconheça e valoriza as diferenças.” Reforçando a afirmação, Carvalho (1988, p. 44) afirma que,

[...] a escola precisa abandonar o modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares, quanto no das relações interpessoais. É preciso que a escola trabalhe no sentido de mudar suas práticas de ensino, visando o sucesso de todos os alunos, pois o fracasso e o insucesso escolar acabam por levar os alunos ao abandono, contribuindo assim com um ensino excludente.

Portanto, a diversidade requer reflexão aprofundada sobre as particularidades dos grupos sociais, e implementação consistente das políticas públicas, e ações afirmativas que possibilitem a reconstrução da sociedade democrática pautada no direito e na justiça social para todos. (Gomes, 2003).

### **1.2.3. A inclusão na perspectiva da legislação**

As leis que regulamentam o sistema educacional enfatizam a diversidade e a inclusão. A inclusão tem como filosofia a promoção de uma educação de qualidade e igualitária para todos, a aceitação das diferenças individuais e a valorização da diversidade. Associam a igualdade e diferença, fundamentando-se na concepção de direitos humanos, e assim, evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias.

A partir de 1980, com base nos documentos: Declaração de Salamanca, Carta para o Terceiro Milênio, Convenção de Guatemala, Declaração das Pessoas Deficientes, Declaração Internacional de Montreal sobre Inclusão, as quais, garantem a acessibilidade a pessoas com deficiência, houve a preocupação em promover adaptações no sistema escolar para atender as necessidades dos alunos, desde que o processo de inclusão oferecesse uma educação igualitária para todos. No Brasil, vários documentos garantem a inclusão, entre os quais, a Constituição Federal de 1988, a LDB nº 9394/96 e a Lei nº 13.146/2015-Estatuto da Pessoa com Deficiência.

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 205, preceitua “a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade.

Visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ao afirmar que “a educação é direito de todos”, leva à compreensão de que a educação se encontra voltada à aceitação das diferenças, valorização do indivíduo com direitos e deveres iguais, respeito às diferenças e valorização do potencial de todos.

A Lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, trata de aspectos relacionados à Educação Especial em seu Capítulo III, art. 4º, inciso III. Coloca como “dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”. O art. 58. § 1º destaca que sempre seja necessário, haverá serviços de apoio especializado para atender às necessidades peculiares de cada aluno portador de necessidades especiais, e afirma que o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que houver condições específicas dos alunos e não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular. Ressalta ainda, a importância da formação dos professores, currículos, métodos, técnicas e recursos, primordiais ao atendimento das necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação.

A Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, Estatuto da Pessoa com Deficiência, destina-se a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência. O objetivo dessa Lei é a inclusão social e direito da cidadania. Atualmente, encontra-se em implementação pelos sistemas de ensino tendo como base a convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Em seu Art. 2º esclarece quem é considerado pessoa com deficiência:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Entre as mudanças propostas por essa Lei para a educação de pessoas com deficiência encontram-se: a nomenclatura e o atendimento especializado em algumas profissões, entre as quais: tradutor e intérprete de Libras, cuidador escolar e outras. Essa proposta da Educação Inclusiva trouxe um novo visor à educação ao propor um olhar que priorize as singularidades humanas.

Em seu Art. 27 determina que

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Assim, em seu art. 28 a citada Lei responsabiliza o poder público pelo cumprimento das determinações contidas em seus incisos de I a XVIII, as quais, priorizam aspectos relacionados à aprendizagem, acesso e permanência do aluno; serviços oferecidos e acessibilidade; currículo, projeto político pedagógico e outros.

Convém ressaltar que mesmo Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, tendo como objetivo a consolidação do direito à educação, o qual no Brasil vem sendo amparado desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, na atualidade o processo de inclusão tem sido desenvolvido timidamente, devido a citada Lei não abranger a inclusão em sua totalidade, restringindo-se apenas às pessoas com deficiência, deixando à margem os demais sujeitos que não têm possibilidade para estarem inseridos no âmbito educacional.

#### **1.2.4. A educação inclusiva no Brasil**

Desde 1960 a educação inclusiva vem sendo discutida no Brasil, mesmo assim, a sua implementação ainda enfrenta inúmeros desafios nas escolas do país por impor-se frente ao fracasso escolar e exigir da escola uma postura pedagógica comprometida com o respeito às diferenças através de currículos flexíveis e recursos tecnológicos que potencializem a prática docente dos professores, na mediação da aprendizagem dos alunos.

A proposta atual de educação inclusiva, prioriza a educação especial, e vem sendo implementada a partir das diretrizes do Ministério da Educação-MEC, em que os alunos com ou sem deficiência, passam a fazer parte de classes comuns e serviços pedagógicos especializados, o que tem gerado dificuldades, polêmicas e resistência em sua implementação, devido contrariar os princípios da inclusão que garantem o direito à educação a todos os alunos, sendo a escola responsável pela adequação pedagógica e estrutural para incluir as diferenças.

A inclusão escolar oportuniza aos alunos considerados normais a convivência com o diferente e o respeito à diversidade, e ao propiciar a utilização do mesmo espaço social e

educacional ao aluno com deficiência, contribui para o aprendizado.

No entanto, a proposta de uma educação inclusiva vem incomodando as antigas concepções da escola excludente, visto a necessidade de assumir novas posturas, substituir paradigmas, e investir em tecnologias e formação de professores para que possam realizar práticas pedagógicas diversificadas que contribuam para a aprendizagem e inclusão de todos.

É importante destacar que essas mudanças não dependem somente do empenho da comunidade escolar em fazer da escola um espaço inclusivo, mas também, das esferas governamentais em liberar recursos para suprir as demandas das escolas, e assim, possam investir na formação continuada dos professores. Convém ressaltar que mesmo a educação inclusiva tendo como proposta a busca pela união dos grupos diferentes, inúmeros desafios precisam ser superados, entre os quais: o despreparo da comunidade escolar para lidar com a inclusão, a infraestrutura das instituições que não atendem as especificidades da educação inclusiva, o preconceito e o déficit de profissionais especializados.

### **1.2.5. A legislação e o novo paradigma da Educação Especial**

O princípio da integração esteve presente por um longo período, norteando os ideais da Educação Especial; tratava-se de um processo que visava a integração do aluno à escola, criando meios para integrá-los, a partir do atendimento que lhe era oferecido; nesse modelo, não era a escola que se adequava ao alunos, e sim, o aluno é que deveria adequar-se à escola. Segundo Glat (1991), até recentemente, o modelo pedagógico utilizado na educação de alunos com deficiência voltava-se ao modelo integracionista. Para a autora, a integração “é um processo espontâneo e subjetivo, que envolve direta e pessoalmente o relacionamento entre seres humanos”.

Rodrigues (2006), enfatiza que a integração requer uma estrutura com valores próprios, aos quais o aluno terá que se adaptar, ou seja, a escola integrativa, assemelha-se em tudo com uma escola tradicional, na qual os alunos com deficiência eram tratados de forma especial, e os alunos com outros tipos de dificuldades eram ignorados. A integração escolar refere-se ao processo que educa e ensina no mesmo grupo, alunos com e sem deficiência durante uma parte ou na totalidade do tempo de permanência na escola (MEC,1994).

Atualmente é importante conhecer as diferenças e aprender a conviver com elas, mesmo com os alunos que não possuem deficiência. Segundo Rodrigues (2006), não somente os alunos

são diferentes, mas os professores também diferentes, e ser diferente é uma característica comum do ser humano e não é um aspecto negativo. Segundo Sasaki (1997, p. 32), no modelo integrativo “a sociedade em geral ficava de braços cruzados e aceitava receber os portadores de deficiência desde que eles fossem capazes de moldar-se aos tipos de serviços que ela lhes oferecia; isso acontecia inclusive na escola”.

Observa-se nesse modelo pedagógico a possibilidade de exclusão dos alunos que não se adaptam ao ensino oferecido na escola regular, ou seja, não realiza as adaptações de acordo com as necessidades dos alunos para que desenvolva a sua autonomia e consiga emancipar-se. A integração é o princípio norteador do Plano Nacional de Educação Especial de 1994, no qual, a integração dependia da adaptação do aluno à escola regular, podendo ser vista como um processo que visava ao estabelecimento de condições que facilitassem a participação da pessoa com necessidades especiais na sociedade. Nesse documento, a Educação Especial era compreendida como um processo que visava promover o desenvolvimento das pessoas portadoras de deficiência, condições atípicas ou de altas habilidades e que abrangia os diferentes níveis e graus do sistema de ensino.

Pereira (1998), enfatiza três modelos de integração: a social, a temporal e a instrucional. A integração social voltada ao relacionamento dos alunos com deficiência e os demais alunos sem deficiência; A integração temporal, diz respeito ao tempo que o aluno com deficiência, permanece com os alunos considerados normais e aos aspectos positivos esperados; A integração instrucional está relacionada à disponibilidade de oportunidades e estímulos aos alunos no ambiente escolar, possibilitando o ensino-aprendizagem.

Convém ressaltar que visando oferecer às pessoas com deficiência, condições de vida semelhantes às demais pessoas na sociedade, vários princípios nortearam a integração ao longo dos tempos. E assim, a integração escolar caracteriza-se como um processo que visa educar e ensinar alunos com ou sem deficiência na escola.

O novo paradigma da Educação Especial, a inclusão, propõe o equilíbrio pedagógico por compreender as diferenças humanas e que a aprendizagem precisa adequar-se às necessidades individuais dos alunos e não os alunos, adaptarem-se ao processo educacional. O novo paradigma educacional tem consciência sobre a diversidade humana e desenvolve ações dentro da escola, no sentido de oferecer recursos na sala de aula regular que contribuam para a inclusão dos alunos com deficiência.

Nesse sentido, Stainback e Stainback (1999, p. 21), a educação inclusiva pode ser definida como “a prática da inclusão de todos”, independente de deficiência, origem socioeconômica, ou cultural. No entanto, Glat (2005), considera que mesmo com o reconhecimento da Educação Inclusiva e estabelecimento de normas voltados para os alunos com deficiência, na prática no Brasil, esse modelo ainda não foi concretizado como proposta educacional, visto mesmo com o desenvolvimento de experiências bem sucedidas, as redes de ensino ainda necessitam de condições que viabilizem a implementação do processo de inclusão.

Ibermón (2000), ressalta que a escola regular não é preparada para acolher a diversidade dos indivíduos, mas para a padronização, visando alcançar objetivos educacionais dos considerados nos padrões normais. Segundo Mantoan (2002), a inclusão escolar implica questões estruturais, de funcionamento e redimensionamento do papel da escola, sendo necessário modificações substanciais na prática educativa. As palavras dos autores conduzem à compreensão de que o princípio da inclusão, atual norteador das Diretrizes Nacionais da Educação Especial para tornar-se realidade, precisa de práticas consistentes pelas escolas e sociedade para que os alunos com deficiência possam ser acolhidos em suas diferenças individuais. Há, portanto, a necessidade de repensar as práticas tradicionais e investir em metodologias adequadas à incorporação dos alunos com deficiência.

### **1.2.6. Formação docente para a diversidade**

Mantoan (2003), enfatiza a necessidade da escola inclusiva redirecionar seus planos e ações no sentido de desenvolver um modelo de educação que valorize as diferenças, visto na atualidade não encontrar-se estruturada em vários aspectos para atender a diversidade existente em seu ambiente escolar. Para a autora, o fazer pedagógico é fundamental ao processo de mudança, no qual, há a necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula no processo ensino-aprendizagem dos alunos. Isso, requer formação continuada do professor para que possa desenvolver práticas adequadas e que contribuam para a qualidade da inclusão escolar.

Para Ropoli (2010), o espaço escolar precisa ser reinventado cotidianamente, adaptando-se às necessidades e peculiaridades de todos os alunos. Assim estará produzindo uma escola das diferenças, na qual, a prática do professor priorize o desenvolvimento de habilidades alternativas entre as quais, a autoestima e a autonomia do aluno. A esse respeito Lefrançois (2009), afirma

que o docente deve agir para aumentar o potencial do aluno, estimulando-o através de atitudes e procedimentos que envolvam o saber fazer. É importante destacar que a prática docente deve estar voltada às potencialidades e habilidades dos alunos com deficiência para que possam adquirir consciência de suas capacidades como cidadãos na sociedade, cabendo ao professor mediar a aprendizagem.

Nesse sentido, Piaget (1984, p. 62) afirma que

(...) a preparação dos professores constitui questão primordial de todas as reformas pedagógicas em perspectiva, pois, enquanto não for a mesma resolvida de forma satisfatória, será totalmente inútil organizar belos programas ou construir belas teorias a respeito do que deveria ser realizado.

Perrenoud (2002), enfatiza a necessidade da preparação dos professores, no sentido da reflexão e construção de conhecimentos sobre a sua prática, comprometidos com a busca de metodologias que conduzam à autonomia e liderança em sala de aula, visto as práticas existentes não contribuírem para desenvolver as habilidades necessárias à identificação dos desafios a serem superados através do trabalho com os alunos em processo de inclusão, os quais apresentam desempenho diferenciado.

Nesse contexto, Bueno (1999), afirma que um ensino na perspectiva da educação inclusiva para os alunos que apresentam algum tipo de deficiência, requer formação continuada para atuação consistente e segura na educação inclusiva e melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem. O professor precisa estar preparado para explorar em suas aulas os diversos meios que permeiam o processo educativo e que possibilitam a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, Pfromm Neto (2001, p. 74), destaca que

O trabalho precisa ser minucioso e não admite improvisações ou adaptações ao acaso. Demandam materiais e programas bem estruturados, sistemáticos, com informações organizadas em seqüências apropriadas, com palavras e imagens cuidadosamente selecionadas para facilitar a compreensão, a retenção e a execução dos conhecimentos.

As palavras do autor levam à reflexão sobre os desafios na formação dos professores para a inclusão. A preocupação está na formação desenvolvida nos cursos de formação, nos quais, a educação inclusiva vem ocorrendo de forma principiante e para que o professor possa lidar com os desafios que se apresentam no processo de inclusão faz-se necessário segundo

Pimenta (2000), a reinterpretar os currículos e programas, visando a aplicação de novas teorias que contribuam para a realização de práticas pedagógicas inovadoras que permitam ao professor análise crítica da própria prática. Inúmeras são as orientações conceituais que subsidiam a formação dos professores para o ensino inclusivo. Segundo Torres Gonzalez, (2002, p.240), “é necessário, portanto, analisar e aprofundar os aspectos que possam favorecer ou dificultar o desenvolvimento profissional e intervir adequadamente para que os professores trabalhem em condições adequadas e rendam ao máximo”.

As palavras do autor levam a compreensão de que a aprendizagem do aluno com deficiência depende do compromisso e preparo do professor para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em diferentes contextos sociais e culturais, como também, em ritmos diferenciados de aprendizagem, ou seja, mudanças que visem a formação de professores para atuação na educação inclusiva e contribuam para a concretização do processo de inclusão proposto pelas políticas educacionais, possibilitando o desenvolvimento de ações que promovam o respeito às diferenças humanas.

Portanto, um dos desafios contemporâneos para que haja a consolidação do processo de inclusão, diz respeito à formação e prática dos professores para atuação nas escolas, os quais, ainda encontram dificuldades na elaboração e desenvolvimento de estratégias que atendam todos os alunos e não apenas os que apresentam algum tipo de deficiência.



## **2 A GESTÃO ESCOLAR PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A gestão escolar é um processo que compreende a organização da escola, visando a otimização das ações cotidianas para a garantia da qualidade do processo ensino-aprendizagem. Busca compreender a prática social, criando a possibilidade de participação da comunidade escolar no processo de gestão, pautando-se nas suas áreas fundamentais, entre as quais, a administrativa, a financeira e a pedagógica, para a partir delas, manter a organização no ambiente escolar, realizar as ações previstas no Plano de Gestão Escolar e tomar as decisões necessárias para a melhoria do processo.

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 206 preceitua a gestão democrática da escola e dos sistemas de ensino como um de seus princípios. A Lei enfatiza que o princípio se efetivará através de práticas concretas nos sistemas e na escola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 reforça esse princípio em seu art. 3º repassando aos sistemas de ensino as normas de gestão democrática. A citada Lei, destaca que esse processo, deve iniciar na elaboração do projeto pedagógico com a participação dos profissionais da educação e atribui a responsabilidade ao corpo docente, o qual, deverá discutí-lo no sentido de atender ao princípio constitucional constante no inciso V do art. 206, ou seja, garantir o padrão de qualidade do ensino na escola.

A Lei nº 13.005/2014, Plano Nacional de Educação - PNE, articula a gestão escolar com o planejamento educacional, com o objetivo de aperfeiçoar e garantir um ensino de qualidade. Tem como meta a gestão pedagógica, através de metas e resultados, visando atender às necessidades da comunidade escolar, visto priorizar o planejamento, a organização, a direção e o controle dos processos e métodos de ensino-aprendizagem. Assim, a gestão escolar deve atuar de maneira participativa na elaboração de projetos e programas que objetivem a qualidade pedagógica do processo educacional, considerando as especificidades contidas no Regimento Escolar e no Projeto Político Pedagógico, visando o desenvolvimento de um currículo real e o alcance dos objetivos propostos.

É importante ressaltar que na atualidade, a gestão para a inclusão nas instituições escolares vem ganhando destaque, visto oportunizar a consolidação da democracia no país.

## **2.1. A gestão escolar frente à implementação das políticas de inclusão: desafios, limites e possibilidades**

Na atualidade, incluir crianças e jovens com deficiência, tem causado inquietação e insegurança, quanto ao desenvolvimento do processo de inclusão. Geralmente, as escolas tentam incluir para cumprir os preceitos legais da educação inclusiva. No entanto convém ressaltar que as alterações no sistema educacional brasileiro para atender a educação inclusiva, dependem de fatores relacionados ao contexto cultural, econômico, social e político que permeiam o ambiente escolar, bem como das representações sociais e das concepções referentes à deficiência (Mendes, 2002). Frente ao contexto, há a necessidade de de compreensão sobre integração, inclusão e o papel do gestor escolar na escola inclusiva, para a partir desse entendimento sejam oferecidas condições aos alunos, um ambiente escolar no qual sintam-se acolhidos e uma educação comprometida com a qualidade do ensino.

Nesse contexto Sasaki (2010, p. 27), afirma “que os conceitos inclusivistas foram lapidados a partir de 1981 por todos quantos participaram, nos setores sociais”. Assim, o entendimento das concepções inclusivas é necessário para que as escolas se transformem em espaços inclusivos e de qualidade, que valorizem as diferenças sociais, culturais, físicas e emocionais, atendendo as deficiências de cada aluno.

Visando assegurar a igualdade, várias ações estão sendo realizadas com o objetivo de propiciar o acesso à educação de qualidade, e a inclusão através das políticas inclusivas. O cumprimento do direito à educação requer a garantia de acesso a todos os alunos e o atendimento às suas necessidades de aprendizagem.

Na implementação desse processo, a equipe gestora da escola assume importante papel no desenvolvimento pedagógico, visto a sua capacidade de garantir um ambiente adequado, necessário às transformações no cotidiano escolar. No entanto, para que suas ações sejam exitosas no processo de inclusão, a flexibilidade é uma das condições indispensáveis à consideração da diversidade de opiniões. E assim, ao buscar eficiência em seu trabalho, toda a equipe deve considerar a influência cultural da comunidade escolar, e utilizar tanto os argumentos, quanto as aplicações concretas. (Sage, 1990).

Nesse processo é importante que o gestor paute sua atuação na diversidade, e envolva os que fazem parte do ambiente escolar em ações que possibilitem o despertar da consciência sobre a importância da escola inclusiva, e assim, sejam implementadas práticas que favoreçam o

ensino regular e a educação especial na escola. Neste contexto, a escola assume a responsabilidade por todos os alunos, e não apenas pelos alunos regulares, ou os que apresentam deficiência, buscando integrá-los nos diversos segmentos escolares.

Segundo Cavalcante (2005), o que é novo causa receio, e o gestor escolar deve estar atento a este temor, encorajando os que participam do processo de inclusão à busca de práticas inovadoras, apoiando o corpo docente na aquisição de uma atitude inclusiva, respeito a individualidade de cada um. É importante ressaltar que a busca por iniciativa individual sobrecarrega o professor que demonstra esse interesse, deixando sem suporte o professor que não tem iniciativa. Daí a necessidade de uma gestão comprometida com a regulamentação do suporte necessário aos professores, em prol da inclusão escolar.

Sant'ana (2005, p. 228), reforça a ideia ao afirmar que para que a inclusão aconteça faz-se necessário o envolvimento dos sujeitos na organização das ações a serem implementadas no âmbito escolar. Professores, diretor e funcionários desempenham papéis específicos, mas necessitam agir de forma coletiva para que a inclusão seja efetivada nas escolas. Para Carvalho (2004) ao se construir uma escola inclusiva deve-se valorizar os profissionais, a partir de aperfeiçoamento para atuação em classes especiais, adaptações curriculares e trabalho em equipe. É nesse contexto que as escolas especiais poderão contribuir com a inclusão dos alunos que frequentam o ensino regular, e continuar criando condições de aprendizagens para os que ainda estão matriculados dentro da instituição, preparando-os para que possam frequentar o ensino regular.

Tezani (2010), enfatiza que na educação inclusiva não deve existir a obrigatoriedade de que os alunos obtenham de forma simultânea, o mesmo grau de abstração, ou de conhecimento, já que, cada aluno se desenvolve de forma diferente e única, cabendo à escola a responsabilidade de realizar as adaptações necessárias de forma coletiva, conforme as necessidades individuais dos alunos.

Segundo Aranha (2001), a inclusão refere-se à aceitação da diversidade, e a partir dessa aceitação surgem as oportunidades para todos. Assim, a pessoa que apresenta deficiência, adquire condições para viver em sociedade e compartilhar dos mesmos direitos. Para Beyer (2005), na sala de aula existe uma diversidade de alunos, em níveis e condições diferentes nos aspectos físicos e orgânicos de aprendizagem, cabendo portanto, às escolas inclusivas o reconhecimento às várias necessidades dos seus alunos, acomodando os estilos e ritmo de

aprendizagem, assegurando assim, uma educação de qualidade para todos, através de um currículo adequado e estratégias de ensino voltados às especificidades da comunidade escolar. (BRASIL, 1994, P, 61).

Nessa perspectiva, entende-se que a escola deve se reconstruir para atender a sua comunidade em suas especificidades, adaptando os espaços, a estrutura física e principalmente, em relação às práticas de ensino e aprendizagem. Com isso, a escola inclusiva estará assegurando educação de qualidade para todos, através de um currículo consistente, estratégias de ensino e utilização de recursos apropriados à construção do conhecimento. (BRASIL, 1997).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, estabelece em seu Artigo 26, a educação como um direito de todos, sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência. O citado documento, enfatiza a educação como primordial à expansão da personalidade humana, reforçando os direitos do ser humano. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990), apresenta diretrizes para as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos e a proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade. Ressalta a educação e o combate à discriminação como essenciais. Reforça o compromisso com os excluídos e com a aprendizagem das pessoas com deficiência, garantindo o acesso ao sistema educativo regular. Em relação à gestão escolar, o citado documento enfatiza o respeito à diversidade e o fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais, visando a equidade. (BRASIL, 1990, p. 5).

Para contribuir com o que dizem os documentos, Carneiro (2006, p. 32) afirma que o “Projeto Político Pedagógico da escola não pode se constituir como um fim em si mesmo, visto ser o início de um processo de trabalho”. A partir do projeto pedagógico a escola estrutura o seu trabalho, avalia e reorganiza suas práticas. E assim, o papel do gestor ganha destaque, pois estrutura, avalia e reorganiza as práticas educativas, através de liderança com ações firmes, buscando caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político Pedagógico engloba os valores que os membros da escola têm. As escolas com uma prática adequada são aquelas que construíram esse documento de maneira coletiva, democrática e participativa. Nesse contexto, colocar em prática o Projeto Político Pedagógico da escola é um processo que envolve ação-reflexão-ação e exige a participação seu colegiado.

Nesse sentido, a proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico contribui para a consolidação da gestão democrática e participativa na escola, e construção da escola inclusiva, cabendo ao gestor, nortear esse processo, sendo responsável pelas relações adequadas para que todos participem e adquiram autonomia.

A autonomia requer destaque por encontrar-se em evidência na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996). Segundo Silva Júnior (2002, p. 206), “a constituição da autonomia da escola por intermédio do projeto político pedagógico, supõe a existência de condições para o desenvolvimento do trabalho coletivo, entendido como a valorização das pessoas e a relativização das funções”.

Na compreensão de Barroso (1996, p. 185), a autonomia incentiva o sistema a criar um mecanismo de garantia a esse pressuposto. Para o autor, a autonomia “afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores organizacionais numa determinada escola”. O autor destaca que o que se observa no ambiente escolar é a construção de um modelo de autonomia que não atende a inclusão, pois a autonomia não pode ser construída de forma imposta. O mesmo autor, destaca que a autonomia da escola, encontra-se atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõem, razão pela qual, construir autonomia na escola é ser um processo complexo, pois cada um tem as suas especificidades.

Carneiro (2006, p. 44), posiciona-se afirmando que “o Plano Nacional de Educação aborda sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores das escolas e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar”. Destaca que essa Lei responsabiliza os Estados, Municípios e Universidades pelo alcance de metas. Estabelece que somente uma política vigorosa de acesso à educação para todos, poderá abranger o âmbito social e o educacional. Ressalta ainda, que a efetivação da escola inclusiva, requer a criação de uma equipe multidisciplinar para atender ao aluno quando a escola não tiver condições. Nesse sentido, “cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola, ou sistema educacional, ou na comunidade” (BRASIL, 2001, p. 35).

Gestores escolares são responsáveis pela promoção das mudanças no ambiente escolar para a efetivação da educação inclusiva. Devem assegurar a acessibilidade aos alunos que apresentam deficiência, eliminando os entraves existentes no ambiente escolar, adaptando a escola em seus aspectos estruturais, pedagógicos, tecnológicos e outros. Sobre o processo

educativo, a gestão escolar, deve assegurar os recursos humanos e materiais possibilitando o fortalecimento do processo de inclusão. Nesse sentido, torna-se essencial a realização de ações que envolvam as famílias, alunos, professores e a comunidade escolar em geral, visando com isso, superar os obstáculos relacionados ao preconceito, e incentivando a autoconfiança.

Dutra e Griboski (2005, p. 13) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

A educação inclusiva propõe a organização dos recursos de acessibilidade e pedagógicos que possibilitem o acesso ao currículo, aos espaços físicos e à comunicação, de acordo com as necessidades de cada aluno. Assim, a escola passará a ser compreendida como um espaço significativo de aprendizagem, com práticas pedagógicas que valorizem os alunos em seus vários aspectos: emocional, intelectual e social, bem como, o potencial crítico e criativo, propiciando a construção de conhecimentos relacionados às situações cotidianas vivenciadas na escola, família e comunidade.

Frente ao contexto, é importante ressaltar a relevância da gestão escolar para a construção de uma escola inclusiva, na qual, as ações sejam planejadas e desenvolvidas, visando garantir a igualdade e contribuir para a transformação e melhoria do sistema educacional atual.

### **2.2.1. A relação entre gestão escolar e educação inclusiva**

A educação inclusiva vem sendo compreendida como um dos novos desafios para a gestão escolar, devido inúmeras demandas que a escola enfrenta em seu espaço escolar e na sociedade. A escola encontra-se no centro das atenções da sociedade porque se reconhece que a educação está centrada no conhecimento, constituem grande valor estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade, bem como, condição para a qualidade de vida das pessoas.

A relação existente entre gestão escolar e educação inclusiva faz parte da proposta contida em documentos oficiais nacionais e internacionais. O gestor escolar é importante para o desenvolvimento pedagógico e garantir a abertura de novos espaços à transformação do

cotidiano escolar. E, para que suas ações sejam satisfatórias no processo de inclusão, a flexibilidade no seu trabalho é uma das condições indispensáveis, considerando que deverá levar em conta a diversidade de opiniões. E, ao buscar eficiência em seu trabalho, deve atentar a influência da cultura de toda a comunidade escolar, não se utilizando apenas de argumentos, mas também de aplicações concretas. (Sage, 1990) .

A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 estabelecem o princípio da gestão democrática nas escolas públicas do país. Assim, a gestão democrática e participativa ganhou destaque nas escolas por propor segundo os documentos a participação de todos que fazem parte da comunidade escolar no processo de gestão nas escolas.

Para que seja feito a implementação da gestão democrática e participativa nas escolas públicas é necessário que os envolvidos, tanto a comunidade escolar quanto a comunidade local e a sociedade em geral, entendam a importância da gestão democrática participativa, a maneira como ela acontece, o seu papel e importância que tem nesse processo.

Com o objetivo de dialogar e analisar a respeito de como acontece e se desenvolve e qual a importância de se ter uma gestão democrática e participativa dentro da escola pública brasileira é que esse trabalho foi desenvolvido, baseado em aporte teórico de diversos autores para compreender gestão democrática e a importância de uma gestão participativa, e o papel do gestor no planejamento.

O planejamento compõe as atividades gestoras da escola e do fazer pedagógico. No entanto, há a necessidade da participação de todos os sujeitos e para que haja a participação é necessário que o gestor exerça a sua função no sentido de promover essa participação. Nesse contexto, o planejamento faz parte das atividades gestoras das escolas, sendo parte intrínseca do fazer pedagógico, porém para que funcione de forma real, necessita da participação dos envolvidos. E, para que isso aconteça o gestor é fundamental no processo.

Para se tenha a participação da comunidade escolar na gestão democrática é necessário que a equipe gestora organize suas ações, considerando que o ato de planejar deve ser uma atividade contínua no contexto educacional e o gestor para construir uma gestão democrática, precisa de planejamento coletivo e participativo para atender a gestão democrática preocupada com a participação dos membros da comunidade escolar: alunos, pais, professores, coordenadores, gestores e outros. Para isso, deve estimular a integração na escola para que haja união entre os funcionários e alunos, bem como, estabelecer um ambiente harmonioso em

parceria com a comunidade local.

Nesse sentido é fundamental a liderança para influenciar pessoas e grupos a partir do trabalho desenvolvido para a concretização dos objetivos. Em uma gestão participativa, não basta administrar metas, objetivos, recursos e meios previstos, faz-se necessário o compartilhamento de intenções e valores, práticas e interesses do grupo sejam voltados para os objetivos (Libâneo, 2008).

Não é uma tarefa fácil desenvolver esse tipo de liderança. No entanto há a possibilidade de fazer com que os membros da comunidade escolar participem do processo, desde que haja um planejamento no sentido de promover a sensibilização, visando mostrar aos envolvidas no processo, a importância da sua participação. Acredita-se que a participação e conscientização dos pais na educação dos filhos, seja de grande contribuição para o crescimento intelectual dos alunos.

Para que ocorra nas escolas um planejamento democrático, as decisões devem ser tomadas com a participação dos envolvidos no processo de inclusão escolar e sejam priorizados o respeito, a individualidade e a heterogeneidade.

A escola atual, enfrenta uma realidade diversa a partir dos desafios educacionais que se apresentam em seu ambiente. Para que consiga superá-los deve estabelecer condições adequadas para atender cada aluno em sua diversidade.

Para que isso aconteça deve-se adequar a estrutura educacional existente, deixando para atrás a forma autoritária do ensino tradicional, no qual, o diretor escolar detinha o poder das decisões sem a participação da comunidade escolar. Na atualidade, as decisões sobre as questões pedagógicas, administrativas e financeiras exigem planejamento e organização, fundamentais ao desenvolvimento da escola.

O planejamento em nível geral na escola, possibilita as mais diversas articulações entre escola e comunidade, contribuindo para a melhoria da educação, visto envolver os pais, professores e gestores na tomada de decisões. Para ser um gestor escolar com sucesso, um dos pontos relevantes é ser capacitado através de cursos adequados ao exercício do cargo, ser aberto para o diálogo, disciplinado. A escola pública depende de autonomia para desenvolver seus projetos pedagógicos que contribuam para o aprendizado dos alunos. Deve portanto, conduzir os aspectos pedagógicos, sendo capaz de garantir a adequação dos novos espaços no cotidiano escolar.



Para que as ações da gestão sejam satisfatórias no processo de inclusão, a flexibilidade no seu trabalho é uma das condições fundamentais, tendo em vista que deverá considerar a diversidade de opiniões. E ao buscar eficiência em seu trabalho deve atentar a influência da cultura de toda a comunidade escolar, mas não se utilizando apenas de argumentos, mas também aplicações concretas. (Sage, 1990).

Nesse sentido é importante adquirir consciência sobre a escola inclusiva e implementar práticas que favoreçam, dando a escola unidade, sem separar ensino regular e educação especial, concebendo-o como um todo e não fragmentado. Neste contexto, a escola torna-se responsável pelos alunos de forma geral, e não somente por alunos regulares.

Ressalta-se que o novo traz receios e o gestor deve estar atento, encorajando os participantes do processo de inclusão à criatividade em relação às práticas pedagógicas, apoiando os professores na aquisição de uma atitude inclusiva, respeitando a individualidade de cada um (Cavalcante, 2005).

Para que a inclusão aconteça é necessário a participação dos membros no planejamento das ações a serem implementadas. "Docentes, diretor e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (Sant'ana, 2005, p.228). Para Carvalho (2004), ao se construir uma escola inclusiva é necessário valorizar os professores a partir de aperfeiçoamento em classes especiais, adaptações curriculares e trabalho em equipe.

Para Tezani (2010), na educação inclusiva não deve existir de forma obrigatória, os alunos devem atingir o mesmo grau de abstração ou de conhecimento. Para isso, a escola deve realizar as adaptações em seu currículo. Nesse contexto, Aranha (2001) enfatiza que a inclusão é aceitação da diversidade, e a partir daí surgem as oportunidades para todos e assim a pessoa especial adquire condições para viver em sociedade e compartilhar dos mesmos direitos. Beyer (2005) aponta que na sala de aula existe a diversidade de alunos, em diferentes níveis e condições físicas e orgânicas de aprendizagem.

Portanto, as escolas inclusivas precisam atender às necessidades diversas dos seus alunos, priorizando os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade, através de um currículo adequado e estratégias de ensino (BRASIL, 1994, P, 61), reconstruindo-se para atender à comunidade escolar.

### 2.2.2. Gestão escolar: o transitar em contextos diversos da escola

A gestão escolar é fundamental à construção de uma escola inclusiva. Sua atuação nos diferentes espaços escolares contribui para a organização e construção de um ambiente inclusivo. O papel da gestão escolar é promover as mudanças necessárias à concretização do processo de inclusão, a partir de um trabalho em equipe que articule os aspectos de caráter administrativo e pedagógico, compartilhe saberes, planejamento e desenvolvimento de um currículo que conduza às mudanças na escola.

Isso, requer o desenvolvimento de ações inclusivas, voltadas à acessibilidade, adaptações curriculares e intercâmbio entre a comunidade escolar e os profissionais externos. Segundo Sant'ana, (2005, p. 228).

Diante da inclusão o gestor escolar deve definir os objetivos da instituição, e estimular os professores à capacitação, visando com isso, o fortalecimento às interações e aos processos que se compatibilizem com a filosofia da escola.

Para a autora, a troca de informações profissionais e a relação entre as esferas governamentais contribuirão para a melhoria e qualidade da educação tornando realidade a inclusão no Brasil.

Carvalho (2004) enfatiza que a concretização de uma escola inclusiva, requer não somente a adequação na estrutura física das escolas, mas é necessário promover a formação e valorização dos professores e adaptações curriculares para atender as diferenças individuais de todos os estudantes e não apenas dos que apresentam alguma deficiência. Nesse sentido, a gestão escolar assume papel fundamental no incentivo e realização de ações que estimulem a construção dos conhecimentos pelos estudantes e adquiram autonomia.

Rodrigues (2006), comenta que a proposta de educação inclusiva é um desafio à gestão escolar. Requer formação, versatilidade e autonomia no desenvolvimento de intervenções pautadas em práticas reflexivas, comprometidas com a qualidade do processo de educação inclusiva e que respondam às necessidades dos estudantes.

A LDB 9394/96, em seu artigo 14, define que:

O sistema de ensino deve estabelecer normas para o desenvolvimento da gestão democrática nas escolas públicas de educação básica. Essas normas devem estar de acordo com as peculiaridades de cada sistema e garantir a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político-pedagógico da escola, além da participação da comunidade local em conselhos escolares.

A gestão democrática exige compromisso com a formação humana para uma sociedade justa. Isso, requer atuação de todos os segmentos que fazem parte do ambiente escolar no sentido de desenvolver ações comprometidas com os princípios do respeito às diversidades culturais e humanas para contribuir com a qualidade da educação.

Nesse contexto, a democracia assume a responsabilidade pela garantia da qualidade social da educação nas ações docentes e/ou pedagógicas desenvolvidas de forma coletiva no âmbito escolar. No processo de gestão democrática na escola, o papel do gestor é fundamental à concretização do processo de qualidade da educação, visto gerir o Projeto Político Pedagógico e intermediar a elaboração das ações pedagógicas nas modalidades de ensino oferecidas pela escola.

Lück (2006, p. 41), reafirma a ideia ao enfatizar que

A gestão democrática ocorre na medida em que as práticas escolares sejam orientadas por filosofia, valores, princípios e ideias conscientes, presentes na mente e no coração das pessoas, determinando o seu modo de ser e de fazer. Nesse sentido, a nova maneira de organizar e pensar a gestão democrática conta com um instrumento fundamental ao incremento da participação que é o projeto político pedagógico.

Nesse sentido, Lopes e Mendes (2006, p.12), afirmam que

[...] o gestor deve ser capaz de organizar, relacionar, refletir e analisar a melhor forma de cuidar do setor que ele administra para que consiga êxito no que se propõe a fazer. A administração é uma atividade produzida pelo homem e que se ocupa com a organização do esforço coletivo, isto é, com a organização do trabalho na sociedade.

Sendo o trabalho do gestor essencial na escola, suas ações devem ser direcionadas à inovação, de forma democrática e articulada, a partir do diálogo e troca de experiências que incentivem a evolução do grupo, o enfrentamento dos novos desafios e a melhoria do ensino.

Frente aos novos desafios apresentados pelo sistema educacional, faz-se necessário um maior aprofundamento por parte da gestão escolar no sentido de inteirar-se sobre as leis que orientam a educação para que a partir delas possa orientar a equipe escolar nas tomadas de decisões e posturas adequadas que possibilitem a construção do conhecimento crítico pelos estudantes. A mudança de postura no ambiente escolar contribui para alavancar o padrão institucional, visto propiciar ações diversificadas e estimular a equipe para que adquiram capacidade de superar seus limites.

Santos (2002, p.94), enfatiza que

Implantar um processo de mudança na instituição o gestor precisa elaborar um planejamento para que a escola consiga atender aspectos como: responder às transformações impostas pela sociedade; compreender que a comunidade escolar é o foco dessas mudanças; motivar os profissionais a encararem a mudança como um desafio pessoal; desenvolver uma cultura organizacional de desafio constante para estar preparada para reagir imediatamente às novas mudanças; realizar reuniões com os seus participantes, visando detectar os fatos que podem ser considerados geradores de mudanças estratégicas na organização e apresentar os benefícios que poderão tirar disso.

Nesse contexto, faz-se necessário uma gestão democrática e participativa que envolva a equipe em ações que encaminhem à aquisição da compreensão de que a escola é um espaço de construção do conhecimento, onde as decisões devem ocorrer de forma coletiva e participativa visando a concretização dos objetivos.

São muitas as atribuições da gestão escolar. Entre as que competem ao gestor e que ao serem realizadas contribuem com a transformação da escola em um ambiente prazeroso, no qual todos participam do processo de forma cooperativa, e ao mesmo tempo em que ensinam, aprendem.

### **2.2.3. A gestão escolar na organização do trabalho pedagógico e construção de uma escola inclusiva.**

A gestão democrática é um processo de aprendizado que visa as especificidades da prática social e sua autonomia, a possibilidade de criação de efetiva participação da comunidade escolar na gestão da escola. O conhecimento de modelos de gestão escolar pode gerar gestores educacionais com uma melhor compreensão do porquê, e o que fazem nas áreas de sua

competência. Além disso, reconhecer os modelos de gestão educacional, contribui para a tomada de decisões, racionalização e explicação das ações que são estabelecidas no âmbito escolar.

Analisar o processo de gestão implica em refletir sobre as políticas de educação, pois há entre elas uma forte ligação, já que, a gestão transforma metas e objetivos educacionais em ações, tornando concretas as direções traçadas pelas políticas educacionais.

A estruturação da sociedade organizacional durante vários anos, serviu para a articulação entre as teorias que informam os modelos de organizações e as que sustentam a perspectiva da educação em sua preparação para o trabalho. Assim, teoria e prática ao longo dos séculos têm se transformado, levando os estudos organizacionais a novas configurações de acordo com as mudanças, implicando também, na gestão escolar.

Visando delinear os fundamentos de um novo modelo de gestão contemporâneo, Oliveira, 2005 enfatiza que “[...] se aceitarmos que uma função primordial da escola é a socialização para o trabalho, salta aos olhos a necessidade de compreender o mundo do trabalho para poder dar a devida conta da educação”. Portanto, para compreendê-lo faz-se necessário compreender as diversas teorias que têm influenciado o campo organizacional, de que forma essas teorias influenciaram a organização escola, e como ela tem sido administrada até a atualidade.

Entre as teorias, ressalta-se: a Escola Clássica, que preocupava-se com a racionalização dos métodos de trabalho e sua adequação às necessidades do capital, e princípios administrativos que garantiam a maior produtividade do trabalho; a Escola de Relações Humanas, estruturada na permanência da máquina humana, preocupando-se com as condições pelas quais o trabalhador podia ser induzido a contribuir com o trabalho de forma eficiente e eficaz; e o Funcionalismo Estrutural que enfatizava a organização como um sistema funcionalmente efetivo, na medida em que atingia os objetivos explícitos e formalmente definidos através dos processos racionais de tomada de decisões. Assim, “ao manter as ressonâncias ideológicas da teoria dos sistemas, a concepção converte conflitos de valor sobre os fins e meios em questões técnicas que podem ser resolvidas por meio de um projeto eficaz de sistema de administração (Oliveira, 2005).

Atualmente, a administração escolar impactada pelo modelo da qualidade, absorvida pela era do conhecimento enfrenta a necessidade de tomada de decisões e de apoio como forma de dirigismo. Como as demais organizações sua prática ocorre em direções opostas: de um lado a necessidade de mobilização dos atores sociais estimula a participação no processo decisório.

Por outro lado, suas estratégias encontram-se voltadas à racionalidade instrumental, característica da sociedade capitalista, a qual valoriza o capital.

Nesse contexto a escola como as demais organizações contemporâneas, submetem-se aos mesmos critérios de efetividade e eficácia e não de uma lógica humanista desejada pelos professores. A esse respeito, a Constituição Federal de 1988, em seu art. 206 preceitua a gestão democrática da escola e dos sistemas como um de seus princípios. Enfatiza o pleno desenvolvimento da pessoa como dever do Estado e direito do cidadão. Em seu art. 205, enfatiza que tal princípio somente se efetivará através de práticas concretas nos sistemas e na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 reforça este princípio no seu art. 3º repassando aos sistemas de ensino a definição das normas de gestão democrática do ensino. Segundo a Lei, este processo tem seu início na elaboração do projeto pedagógico com a participação dos profissionais da educação. A partir daí, a gestão do projeto pedagógico passa a ser tarefa do corpo docente voltada para a obtenção de um outro princípio constitucional constante no inciso V do art. 206 que é a garantia do padrão de qualidade.

O Plano Nacional de Educação faz uma articulação de gestão à participação com o planejamento educacional no sentido de aperfeiçoar e garantir o padrão de qualidade. Recomenda a existência de Conselhos de Educação com competência técnica e representatividade, conselhos escolares, e formas de escolha da direção escolar que associem a garantia da competência ao compromisso com a proposta pedagógica advindas dos conselhos escolares e liderança dos gestores escolares (Oliveira, 2005). No entanto, há algum tempo no pensamento dos dirigentes educacionais as melhores escolas eram aquelas organizadas segundo o modelo clássico de administração, onde predominava a obediência às regras e o cumprimento de regulamentos.

Atualmente, é possível perceber que o fundamental é que professores e funcionários sejam criativos, capazes de tomar decisões inteligentes diante das situações complexas e dinâmicas que caracterizam o ambiente escolar no mundo atual.

Para isso, vários aspectos fazem parte do movimento de mudanças de paradigmas e são levados em consideração criticamente pelos que constroem, a partir de sua situação, as escolas exitosas (Oliveira, 2005). Tais aspectos ocorrem de forma simultânea, já que estão relacionados uns aos outros num movimento dinâmico, visando a superação de uma polaridade limitada para a construção de uma dimensão abrangente.

Entre esses aspectos encontram-se: a superação da fragmentação, a qual ocorre através da visão crítica de mundo; a superação da hierarquização e burocratização pela coordenação, através do desenvolvimento e aperfeiçoamento dos seus do trabalho pedagógico, e pela percepção da importância da contribuição individual e da organização coletiva, para a sua melhor realização. Enfim, todos os demais aspectos considerados inadequados para a gestão atual, devem ser superados, pois a escola para ser participativa deve desenvolver programas que apresentem perspectivas de crescimento e desenvolvimento de seus profissionais, envolvendo “além dos professores e funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico” (Oliveira, 2005, p. 17).

Dessa forma, uma gestão escolar que pretenda atuar de forma participativa deve preocupar-se com a elaboração e aplicação de projetos e programas que visem a melhoria da qualidade pedagógica do processo educacional na escola, considerando as especificidades enunciadas no Regimento Escolar e no Projeto Político Pedagógico, visando garantir ao currículo escolar maior sentido de realidade e atualidade, aumentando com isso, o profissionalismo dos professores, e ao mesmo tempo desenvolver ações que combatam o isolamento físico, administrativo e profissional dos gestores e professores.

Na expectativa de reverter o quadro complexo em que se encontra o processo de gestão na atualidade, e alcançar os objetivos previstos é fundamental que a gestão escolar seja exercida com liderança, de forma democrática, envolvendo professores e alunos em tarefas interessantes e desafiadoras. Isso, requer um modelo de gestão inclusivo que possibilite o aprendizado dos alunos, e vislumbre nas especificidades da prática social, e em sua autonomia, a possibilidade de efetiva participação da comunidade escolar no processo de gestão da escola.

Sage (1999), ressalta sobre a importância do papel do diretor no incentivo ao professor a partir de ações cooperativas voltadas para a inclusão, as quais contribuem para a superação dos entraves existentes no contexto educacional. Segundo o autor, a burocracia existente nas escolas, contribui para a ineficiência dos trabalhos, impedindo a concretização de um trabalho participativo, fundamental à inclusão. Ressalta ainda que o gestor escolar é responsável em promover a inclusão na escola, abrindo espaços, envolvendo a equipe escolar no planejamento e implementação de programas e projetos.

Nesse sentido, Sant’ana, (2005, p. 228), reforça a ideia ao afirmar que “docentes,

diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas”, e enfatiza que “Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola” (2005, p. 228). Portanto a educação inclusiva será realidade no Brasil quando houver maior relação e articulação entre as esferas governamentais valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares e reconhecimento às diferenças individuais, e respeito às necessidades dos alunos.

A Lei nº 9394/96, regulamenta a gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico como um instrumento de inteligibilidade e mudanças significativas. Estabelece os princípios da gestão democrática, garantindo “a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola”, o qual deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

Construir a escola inclusiva requer a articulação entre democracia, participação e autonomia. Sua implementação não é um processo fácil, pois atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional e somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos. Somente assim, a escola cumprirá o seu papel de transformação social.



### **3. CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

A educação inclusiva abrange os sujeitos inseridos no contexto escolar, os quais, devem ser respeitados em suas peculiaridades, independente de etnia, idade e raça, ou religião, e necessitam ser acolhidos para que desenvolvam suas potencialidades com igualdade através do processo de ensino.

Nesse contexto, torna-se necessário a reorganização do currículo escolar para que a escola possa garantir aos alunos um processo formativo, voltado à inclusão nas diversas modalidades de ensino e níveis de educação, e que considere a diferença como característica humana que requer metodologias diversificadas para que ocorra o aprendizado.

Mantoan (2003, p. 12), enfatiza que,

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando, nem marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

As palavras da autora encaminham à compreensão de que cabe à escola inclusiva refletir sobre a sua organização curricular e concepção pedagógica para a partir delas, encaminhar o desenvolvimento de práticas que fortaleçam o princípio da igualdade, direito e respeito aos sujeitos que participam do processo de inclusão. Nesse sentido, a escola precisa acolher os alunos nas práticas propostas para que se desenvolvam através da interação e do acesso ao conhecimento. É a partir dessa perspectiva que o currículo desempenha importante papel na educação inclusiva, visto orientar o planejamento e contribuir para a articulação da prática pedagógica dos professores.

Apple (2013, p. 71), enfatiza que “o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação”. Para o autor o currículo se caracteriza a partir de interesses do contexto no qual se situa, cabendo à escola, diretores e professores articularem-se para aproximá-lo da realidade e do essencial, esperado pela comunidade escolar.

Haddad e Graciano (2006), ressaltam que nos últimos anos vêm sendo produzidos novos

direitos, defesa, respeito às diferenças e superação das desigualdades. Assim, igualdade, diferença e respeito ganham novos sentidos e significados, por serem relevantes no processo de humanização da escola e da sociedade, ou seja, a igualdade poderá ser alcançada quando houver a preservação e o respeito às diferenças.

Gomes (2007, p. 22-23), destaca que “trabalhar com a diversidade na escola não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI”. Refere-se à forma como a escola lida com a diversidade em seu currículo e práticas pedagógicas. Ou seja, a relevância dada pela escola às singularidades e à necessidade de igualdade.

É importante destacar que na perspectiva da inclusão, o currículo deve contribuir para a transformação e atender à diversidade do ambiente escolar, visando uma educação de qualidade. Requer seja construído e implementado a partir das diferenças existentes no ambiente escolar, considerando que trabalhar os alunos com deficiência “[...] não é algo radicalmente diferente de outras crianças, mas o que todas as crianças necessitam: um melhor e mais vigoroso currículo, desenvolvido por intermédio de uma pedagogia mais variada e ilustrada” Hart apud Torres Gonzàlez (2002, p. 117).

Gomes (2007), afirma que não é fácil trabalhar a diversidade de maneira pedagógica. Requer do professor conhecimentos específicos e domínio em relação às questões que envolvem conflitos, associados à diversidade cultural.

A partir desse pressuposto e considerando a escola como locus no qual se concretiza o direito à educação, faz-se necessário maior atenção ao currículo, sua organização e elaboração, no sentido de consolidar práticas inclusivas que propiciem aos alunos em processo de inclusão, a educação de qualidade e o respeito as suas características físicas e intelectuais.

### **3.1. Currículo escolar em uma perspectiva inclusiva**

O currículo escolar na perspectiva inclusiva, garante o acesso aos alunos à educação de forma igualitária, visto desenvolver os conteúdos através de estratégias que atendem as especificidades, independente das diferenças. Adapta-se às necessidades e oferece suporte individualizado às diversas formas de aprendizagem dos alunos no ambiente escolar.

Sendo a escola a instituição responsável pela construção do conhecimento, faz-se necessário esteja envolvida na elaboração e implementação de um currículo escolar que atenda a todos os alunos que a frequentam para que possam desenvolver as suas potencialidades,

independente de apresentarem alguma deficiência que exija atenção especial em relação à aprendizagem.

Historicamente, a escola vem se constituindo pautada na necessidade de transmitir conhecimentos de forma sistemática, os quais necessitam de análise para que possam atender a realidade contemporânea quanto às especificidades dos alunos. Isso, conduz à compreensão de que a escola além de socializar o conhecimento acumulado, deve também investigar a realidade social do aluno, e a partir da articulação entre realidade e conhecimento ampliar a possibilidade de um currículo inclusivo que acolha as diferenças, apresente propostas inovadoras que definam a existência da escola e propiciem à aprendizagem a todos os alunos.

Nesse contexto, Sacristán (2000, p. 21), afirma que

Entender o currículo num sistema educativo requer prestar atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, à bagagem de ideias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação.

Para o autor, o currículo é uma construção cultural que organiza as práticas educativas a partir da experiência humana, considerando as condições reais do desenvolvimento dos alunos. Cabe à escola trabalhar os conteúdos necessários ao desenvolvimento de habilidades e aquisição de competências que encaminhem à compreensão da realidade, contribuindo assim, para as transformações. A escola, ao assumir por meio do currículo uma postura ética, crítica e criativa, permitindo análise e reflexão dos conteúdos ministrados nos níveis e modalidades de ensino, estará cumprindo o seu papel social.

Roldão (1999), enfatiza que o projeto curricular é a forma particular de construção e apropriação do currículo diante das situações reais, nas quais definem-se as intenções próprias e constroem-se formas particulares de organização e gestão do currículo, adequadas às aprendizagens de um determinado contexto.

Nesse sentido, o currículo instaura a busca de novas percepções e perspectivas, e para que que seja visto como inclusivo, necessita considerar a diversidade e a flexibilidade para ajustes, sem prejuízo em relação aos conteúdos, tendo como objetivo a minimização dos entraves conceituais e atitudinais, e pautar-se na ressignificação do processo de aprendizagem e na forma como se relaciona com o desenvolvimento humano (Oliveira & Machado apud GLAT, 2007).

Nessa perspectiva deve atender a diversidade humana e garantir o direito à educação e qualidade do ensino nas escolas nos níveis e modalidades de ensino em cumprimento ao Art. 27 da Lei nº 13.146/2015, o qual assegura aos alunos com deficiência, o “aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”.

A partir desse contexto é importante compreender que as diversas formas de aprendizagem pelos alunos nas escolas, poderão contribuir para a reorganização de um trabalho pedagógico que conduza às inovações metodológicas e estimule o aprendizado dos alunos, independente das deficiências específicas por eles apresentadas. Isso, propiciará recriar o currículo a partir de reflexões sobre os conteúdos, visando a formação ética e humana dos alunos para que sejam capazes de reverter situações no sentido das transformações do mundo para torná-lo mais justo e humano (Mantoan, 2015).

Roldão, (1999, p. 34), afirma que

O currículo nacional corporiza um projecto curricular de uma sociedade, nas suas grandes linhas. Por sua vez, o projecto curricular que uma escola constrói é sempre um currículo contextualizado e admite ainda a construção de projectos curriculares mais específicos, que nele se integrem adequadamente.

As palavras do autor, remetem à compreensão de que o currículo não pode ser entendido de forma estática e imutável, mas de maneira dinâmica, em processo de construção, a partir do contexto social. Nessa perspectiva, o currículo pode ser encontrado nas vivências e experiências vivenciadas no cotidiano escolar, e constitui a ressignificação das práticas educativas a serem desenvolvidas nas escolas, sempre voltadas “ao momento social, histórico, político e econômico” (Silva, 2009, p. 4), o que requer seja construído para atender às condições de melhoria na escola em relação às práticas de ensino, avaliação da aprendizagem e novas formas de ensinar, visando a formação integral dos alunos. Assim, o currículo para atender a educação inclusiva, necessita ser construído considerando a heterogeneidade dos alunos, buscando assegurar através de ações planejadas o direito à educação.

O indivíduo com deficiência tem sido visto e trabalhado em sua trajetória histórica de forma diferenciada, desde os primórdios até a atualidade. Os conceitos: abandono, extermínio,

superproteção, segregação, integração e atualmente a inclusão, relacionam-se às concepções políticas, econômicas, sociais e ideais que nortearam cada período histórico. Conhecer esse processo, possibilita compreender melhor sobre a deficiência, ter clareza sobre os conceitos citados, e a implementação dos serviços de atendimento a essa parcela da população.

Na contemporaneidade, as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores, em relação aos alunos com deficiência nas escolas, estão voltadas às questões metodológicas, as quais exigem formação contínua para a atuação consistente nas diversas deficiências.

Uma outra dificuldade está relacionada ao ambiente escolar inadequado à inclusão: salas de aula superlotadas, banheiros inadequados, mobiliário, escassez do material didático, espaço impróprio para recreação, ausência de recursos tecnológicos e outros. Além dessas dificuldades, há também a incompreensão por parte de alguns professores, pais e comunidade em geral, quanto ao verdadeiro objetivo da inclusão: reconhecer a diversidade como condição humana, favorecedora da aprendizagem.

Segundo Mantoan (2009), o processo de inclusão pressupõe “a garantia do direito à diferença na igualdade do direito à educação”, sendo importante compreender que flexibilização e adaptação curricular têm significados diferentes. A adaptação curricular ocorre de forma específica para alguns diferentes, considerando os demais, iguais. Já, a flexibilização volta-se para a garantia do direito à diferença no currículo, e implica a combinação da base curricular comum com o cotidiano dos alunos, considerando suas características sociais, culturais, individuais, as diferentes formas de aprendizagem e as inteligências múltiplas existentes em sala de aula. Frente ao contexto, acredita-se que a flexibilização das práticas educacionais poderá beneficiar os alunos com deficiência, já que apoiará e desenvolverá abordagens de aprendizagem flexíveis.

### 3.1.1. Adaptações curriculares para a educação inclusiva

Em cada contexto histórico e de acordo com as concepções políticas, econômicas e sociais que nortearam o período, o indivíduo com deficiência foi visto de formas diferenciadas, desde a época em que era visto como totalmente incapaz, sendo abandonado, até a atualidade no processo de inclusão.

Silva (2015), ao retomar à história da inclusão, situa o momento da implementação da proposta de educação inclusiva no Brasil, e enfatiza o surgimento em 1990 de uma proposta

inovadora para o atendimento escolar das crianças. Essa proposta embasada nos princípios descritos no documento da Declaração de Salamanca, na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais pela ONU na Espanha, voltava-se à equidade em relação aos benefícios sociais, e assegurava os direitos humanos a toda pessoa, independente de sua condição física, sensorial e/ou intelectual, o que para a autora propiciava “novas possibilidades pedagógicas para auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais” (p. 30).

Nesse contexto, uma das preocupações relacionadas aos alunos com deficiência, refere-se às metodologias para a realização das atividades em sala de aula, o que exige formação continuada dos professores e adequação do ambiente escolar no que se refere às condições da estrutura física, mobiliário, recursos didáticos e tecnológicos para o desenvolvimento de um trabalho consistente com os alunos nas escolas. Um outro entrave ao processo de inclusão está relacionado à incompreensão e desconhecimento pela sociedade sobre o seu objetivo precípuo: valorizar a diversidade como condição humana, garantindo o direito à diferença na igualdade do direito à educação, e permanência dos alunos em um sistema educacional que possibilite a inclusão social.

Segundo Fontes (2009, p.54),

A maioria das escolas regulares não possui estrutura física e pedagógica (...). Com a presença de professores pedagogicamente mal preparados para atuarem não só com os alunos com deficiência, mas com qualquer um que necessite de respostas educativas diferenciadas, corre-se o risco dos alunos com necessidades educacionais especiais serem abandonados nas classes regulares. Estas por sua vez, possuem, em média 40 alunos, o que impossibilita um atendimento pedagógico individualizado.

Isso, requer a construção de uma escola inclusiva pautada na democracia e que reconheça a diversidade sem distinção, sob a orientação de um currículo adaptável, suscetível à revisão de acordo com as particularidades dos alunos, e que priorize as diversas formas de aprendizagem.

Considerando que o currículo tradicional por ser organizado para atender um público homogêneo, não mais atende a implementação das ações pedagógicas inclusivas nas escolas, o que requer que a escola inclusiva realize adequações em seu currículo, desenvolva ações que orientem o respeito às dificuldades e impulsionem o desenvolvimento das competências

necessárias à inclusão.

Nessa perspectiva, faz-se necessário a compreensão da diferença existente entre flexibilização e adaptação curricular no processo de inclusão. A flexibilização implica a coesão da base curricular comum com a realidade e características individuais, sociais e culturais dos alunos, garantindo a diferença no currículo, o que possibilita práticas educacionais que beneficiam os alunos com deficiência. As adaptações curriculares constituem as vias de acesso ao currículo (Marques, 1998), sendo instrumento de mediação entre o aluno e o conhecimento através da prática do professor. Priorizam o heterogêneo a partir do diverso, e ocorrem de maneira específica para os alunos considerados diferentes, privilegiando as suas potencialidades, e não as suas dificuldades, permitindo a articulação do currículo ao seu potencial, favorecendo a construção do conhecimento e permanência do aluno no sistema educacional.

No Brasil, o Ministério da Educação-MEC, propõe as adaptações curriculares visando o acesso à escola e um ensino de qualidade para os alunos que apresentam alguma deficiência. Essas adaptações, geralmente estão voltadas para os recursos de comunicação, materiais e espaciais, visando facilitar ao aluno com deficiência o desenvolvimento do currículo escolar (BRASIL, 1998). No entanto, por ser algo complexo, exigem reflexão a partir do currículo até a prática docente realizada cotidianamente, envolvendo a família e a comunidade escolar em todo o processo.

É importante ressaltar que as adaptações curriculares não consistem na estruturação de um novo currículo, e sim em estratégias para atender características específicas dos alunos com deficiência, a partir de um currículo comum a todos, comprometido com a diversidade em sala de aula.

Nesse contexto, as adaptações curriculares exigem a compreensão sobre os princípios da educação inclusiva que envolvem o sistema escolar nas decisões frente aos desafios a serem superados no ambiente escolar. Uma escola inclusiva tem como princípio fundamental o aprender juntos, independente das diferenças, ou dificuldades apresentadas no ambiente escolar. Deve preocupar-se em reconhecer as necessidades de aprendizagem dos alunos para a partir delas, adaptar-se aos novos estilos, através da organização escolar, currículos adequados, estratégias pedagógicas e envolvimento da comunidade.

Segundo Silva-Porta, Guadagnini, Travagin, Duarte e Campos (2016), um dos entraves

à implementantação da educação inclusiva, refere-se ao currículo tradicional. Para que a inclusão ocorra é necessário que as escolas organizem o seu currículo de forma dinâmica e flexível, realizem adaptações para que possam atender à diversidade dos alunos que se encontram nas escolas em todo o país, e assim procedam com êxito o processo de escolarização.

No entanto, a preocupação está em como adequar o currículo, se as escolas enfrentam inúmeras dificuldades em relação aos aspectos financeiros para que possam oferecer um atendimento adequado aos alunos com deficiência e disponibilizar professores de apoio para auxiliarem em sala de aula, equipe multiprofissional, como também a formação e valorização dos professores para que se sintam motivados e atuem com segurança.

Convém ressaltar que um currículo para atender a diversidade deve estar atento aos aspectos individuais, culturais e regionais dos alunos e propor uma aprendizagem significativa não somente aos alunos com deficiência, mas também aos demais, sejam negros, quilombolas, indígenas, ciganos, alunos do campo, e outros.

Nesse sentido, é possível compreender o currículo como “[...] projeto seletivo de cultura social, política e administrativamente condicionado, que preenche a atividade escolar e que se torna realidade dentro das condições da escola, tal como se acha configurada” (Sacristán, 2000, p. 34).

A afirmação do autor refere-se à aprendizagem dos alunos com deficiência em sala de aula, os quais devem ter acesso aos conhecimentos sistematizados, através de recursos e práticas pedagógicas que priorizem a partir das adaptações curriculares a equidade, a igualdade, as diferenças, e as condições individuais de cada sujeito, a partir de uma educação comum e adequada às necessidades específicas.

Nessa perspectiva é importante criar uma prática educacional inovadora, na qual sejam pensados o currículo, o planejamento e a avaliação, na perspectiva da diversidade. Desta forma, as adaptações curriculares possibilitarão aos professores a concretização de objetivos, através das boas práticas e estratégias de ensino que se ajustem às condições reais de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, suscitem novas ideias, o respeito aos valores, e às diferenças sociais e culturais (Gomes, 2014), pois segundo Campos (2018, p.60), se “tem um parâmetro apontando que quando o professor planeja suas aulas deve ter em mente que todas as atividades trabalhadas serão oportunizadas a todos para se apropriarem dos conhecimentos”.



Na compreensão de Duk (2006), é necessário promover uma série de adaptações curriculares para garantir aprendizagem de qualidade a determinados alunos, maior aproximação e atenção individualizada, o que exige do sistema político, seja reduzido o número de alunos por salas e condições de formação continuada aos professores para que realizem a interação entre teoria e prática, necessárias ao diálogo cotidiano nas escolas.

Nesse sentido é importante o preparo do professor para atuar com os alunos nas diversas condições, sejam elas, físicas, psicológicas ou intelectuais, no sentido de realizar aulas inclusivas que propiciem a aprendizagem, a produção de atividades, bem como, a produção de materiais adequados, necessário à realização de formas específicas de avaliação para que as informações retroalimentem o planejamento e aprimorem o atendimento aos alunos.

Buscar a inclusão escolar, tendo a adaptação curricular como um caminho para a inclusão, exige reflexão sobre as práticas pedagógicas, didáticas metodológicas e mudanças nas concepções pessoais dos professores para que os alunos em níveis diferenciados de desenvolvimento e formas de aprendizado, possam evoluir a partir de suas capacidades (SILVA, 2015).

A LDB nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o PNE nº13.005/2014, Plano Nacional de Educação, orientam as escolas a estruturarem suas ações em ajustes e modificações nas diversas instâncias do currículo para responderem às necessidades individuais dos alunos, favorecerem as condições necessárias à aprendizagem e disponibilizarem recursos que possibilitem o acesso e a permanência dos alunos e o respeito às especificidades de aprendizagem.

Nesse sentido, as escolas ao realizarem as adaptações curriculares propostas, necessitam envolver a comunidade escolar nos âmbitos político, pedagógico e administrativo, na elaboração de projetos pedagógicos e planejamentos de ensino com objetivos claros, e que garantam mudanças nos níveis: arquitetônico, atitudinal, metodológico, comunicacional, pragmático e instrumental, visando a eliminação dos entraves que permeiam o processo de inclusão em todos os níveis de educação (Sasaki, 2003).

### 3.1.2. Dispositivos legais à compreensão de um currículo adaptado à inclusão escolar: condições arquitetônicas e pedagógicas

As políticas educacionais legitimam as formas de instituir a escolarização e se

constituem em articulação com as práticas realizadas cotidianamente no ambiente escolar. Para uma melhor compreensão sobre o currículo escolar, há a necessidade de uma abordagem sobre algumas legislações brasileiras que organizam o currículo da Educação Básica no contexto escolar. Em sua trajetória a Educação Inclusiva vem sendo permeada por Leis, Resoluções e Decretos que asseguram a sua implementação nas escolas brasileiras.

Na atualidade a educação inclusiva tem por objetivo garantir um ensino de qualidade e o acesso à escolarização por todos, independente da situação socioeconômica, cultural, de gênero ou deficiência. É possível observar que a Educação Inclusiva destacou-se a partir de 1994, com a Declaração de Salamanca, a qual reforçou a ideia de educação para todos, responsabilizando as escolas pela aprendizagem dos alunos, através de um currículo apropriado para atender os diversos ritmos de aprendizagens.

Segundo Parrilla (1992 apud, González, 2002, p. 20), a Educação Especial “ é uma ação educativa, de fins equiparáveis aos da educação geral, mas que atua com base em alguns recursos educacionais específicos postos à disposição de qualquer pessoa que em alguns casos poderão ser necessários de forma temporal e em outros de forma permanente e contínua.

No Brasil, as pessoas com deficiência contam com o atendimento educacional fundamentado desde e a primeira Lei da Educação Nacional (LDBN) Lei nº 4.024/1961. Essa Lei foi contra a desigualdade por motivo de convicção religiosa, filosófica ou política, bem como em relação ao preconceito de classe ou de raça. Fundamentava o atendimento às pessoas com deficiência, denominadas como excepcionais, e previa a educação para essas pessoas, equiparada à educação geral com o objetivo de integrá-los ao meio social.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692/1971, não impulsionou o processo de inclusão dos alunos com deficiência na rede regular por propor que os alunos que apresentassem alguma deficiência física ou mental, como também, os que se encontrassem em atraso quanto à idade, e os superdotados, recebessem atendimento especial em escolas especiais.

A Constituição Federal, promulgada em 1988, preceitua em seu artigo 205 “a educação, dever do Estado e da família, será desenvolvida, visando o preparo da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Garante o acesso e a permanência dos alunos na escola em igualdade de condições, e o atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

A Política de Educação Especial de 1994, Lei nº 8.859 não promoveu mudanças na

inclusão escolar por propor um processo que permitia o ingresso dos alunos com deficiência em classes regulares, somente aos que tivessem a capacidade de realizar atividades no mesmo ritmo dos demais alunos.

A Lei atual de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, prevê o atendimento especializado aos alunos com deficiência em escolas regulares, e “haverá quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial”. Determina que “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular”. Essa Lei, demonstra preocupação com a formação dos professores, currículos e recursos para atender as necessidades dos alunos com deficiência: transtornos globais do desenvolvimento, superdotação e altas habilidades. Em seu artigo 1º enfatiza que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Reforça a função da escola como instituição socializadora, visto favorecer a ressignificação dos conteúdos escolares ensinados de forma tradicional, nas disciplinas que compõem o currículo nas diferentes áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, a inserção da Educação Especial nas Diretrizes Curriculares Nacionais como modalidade de ensino, perpassa todos os níveis e modalidades da educação, devendo assegurar um currículo permeada pelas relações sociais, e que articule vivências e saberes dos alunos aos conhecimentos historicamente acumulados, contribuindo para a construção de identidades.

A Lei nº 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão, preceitua sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiência, destaca o acesso à Educação, e proíbe cobrança de qualquer valor adicional pelas escolas para implementação de recursos de acessibilidade. Enfatiza que em todos os níveis de educação, o sistema educacional deve ser inclusivo. Essa Lei, classifica a acessibilidade como arquitetônica, curricular e pedagógica. Em seu artigo 53, dispõe sobre a acessibilidade como direito que garante à pessoa com deficiência viver de forma independente, exercendo os direitos da cidadania e participação na sociedade. Inclui o acesso físico em relação à educação de alunos com deficiência física na perspectiva da inclusão.

Frente à contextualização sobre a Educação Inclusiva e Educação Especial colocadas a

partir das Leis, alguns autores acreditam que para se garantir o direito de todos à educação é necessário que os alunos, independente de suas deficiências, estejam na escola regular desde o início, não podendo haver diferenciações entre quem estará, e quem não estará na classe regular.

Nesse sentido, Mantoan (2009, p. 31) afirma que “temos o dever de oferecer a escola comum a todos os alunos, pois a escola especial os inferioriza, discrimina, limita, exclui[...]”. Para a autora, há coexistência de situações intermediárias, ou seja, mesmo a Educação Inclusiva sendo preocupação das Políticas Educacionais, enfrenta entraves na sua implementação. Entre as dificuldades, encontra-se a reestruturação dos currículos pedagógicos em propostas diversificadas e flexíveis, cabendo à escola reconhecer as diferenças dos alunos no processo educativo, estimular a participação e o progresso de todos. Isso, deve ter como base os princípios da educação inclusiva, ser realizado por meio de novas estratégias e práticas pedagógicas. A escola regular só poderá oferecer um atendimento educacional de qualidade aos alunos com deficiência, quando ela se reestruturar pedagogicamente, deixar de idealizar uma população homogênea e perceber sua responsabilidade em proporcionar o aprendizado a todos.

A escola inclusiva é uma instância socialmente organizada e não pode ignorar a multiplicidade dos indivíduos. Deve por sua vez buscar identificar e eliminar as barreiras que possam impedir o acesso e a permanência dos alunos nas escolas regulares. Nesse sentido, há a necessidade de adaptar o currículo escolar à inclusão, adequando-o em relação à acessibilidade, buscando eliminar as barreiras arquitetônicas e metodológicas, pré-requisitos para que o aluno possa frequentar a escola regularmente, desenvolver a autonomia, e participar das atividades propostas para os alunos.

A inclusão de alunos com deficiência nas classes regulares requer o desenvolvimento de ações adaptativas, visando flexibilizar o currículo para atender as necessidades individuais dos alunos. Isso, exige que as adaptações curriculares sejam colocadas em prática pelas escolas, a partir das necessidades observadas, e que os sistemas educacionais modifiquem suas atitudes e expectativas em relação aos alunos com deficiência, e organizem-se para construir uma escola que atenda todos em suas especificidades.

Segundo Heredero (2010), as adaptações curriculares realizam-se em três níveis: adaptações em relação ao projeto pedagógico escolar, voltado à organização escolar, aos serviços de apoio, oferecendo condições estruturais às ações realizadas em sala de aula e individuais; adaptações voltadas ao currículo da classe, ou seja, às atividades programadas para

serem realizadas em sala de aula e adaptações que ocorrem de forma individualizada no currículo, em que a preocupação está na prática do professor na forma de avaliar e atender cada aluno. Sob a perspectiva curricular, a Educação Inclusiva, propõe que o aluno com deficiência faça parte da classe regular e aprenda, mesmo que de forma diferente, os mesmos conteúdos que os demais alunos, cabendo ao professor as adaptações necessárias.

Nesse sentido, um currículo voltado à diversidade deve levar em conta a flexibilização e as adaptações sem prejuízo de conteúdos, tendo como objetivo precípuo minimizar a distância existente entre os conceitos e atitudes, e assim, ressignificar o processo de aprendizagem. Convém ressaltar que as adequações precisam ser feitas não somente pelo professor, mas em todo o projeto político pedagógico das escolas, considerando a participação dos alunos com deficiência nas atividades escolares.

Ensinar o aluno que apresenta alguma deficiência é um dos desafios da Educação Inclusiva e requer ações consistentes voltadas à apropriação do conhecimento escolar, junto aos demais alunos. Para que haja inclusão escolar é fundamental que o professor esteja preparado de forma intelectual e psicológica para modificar a sua prática pedagógica, adaptando o que irá ensinar, pois não estando capacitado, poderá contribuir para que o aluno com deficiência não desenvolva o seu potencial, seja apenas incluído socialmente.

As adaptações curriculares exigem a planificação escolar, desde a previsão das ações docentes embasadas em critérios que definam: o que o aluno deverá aprender; a forma e quando aprender; a organização e eficiência do ensino; a forma e quando avaliar, as modificações gerais a serem realizadas no planejamento, visando com isso, a aprendizagem dos alunos. No Brasil, o currículo para a escola inclusiva foi oficializado a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, documentos que consideram as adaptações curriculares como: "...estratégias e critérios de situação docente, admitindo decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de aprendizagem dos alunos, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (MEC/SEESP/SEB, 1998, p.15).

Segundo Mazzarino, Falkembach e Rissi (2011), o ato de incluir os alunos com deficiência deve levar em conta o acesso e a adequação dos espaços para receber os alunos, visto a inclusão dos alunos em todas as deficiências, exigir comprometimento dos que fazem parte do processo inclusivo, em relação ao ambiente, o qual deve contribuir para que o aluno supere suas

limitações e passe a interagir com os demais alunos, funcionários e professores da escola.

Nesse sentido, compreende-se que a inclusão escolar, deve a partir da acessibilidade arquitetônica, melhorar o acesso dos alunos com deficiência, cabendo à escola as adequações necessárias em sua estrutura, entre as quais: rampas, corrimões, alerta, corredores, pisos e banheiros para que os alunos possam se locomover no ambiente escolar.

Nesse sentido Oliveira (1998, p. 198-199) ressalta que

[...] A inclusão dos portadores de deficiência amplia sua capacidade de socialização e desenvolve potencialidades, saem fortalecidos pelo aprendizado emocional social e intelectual. Enquanto seus colegas ‘normais’ vencem a resistência e se adaptam com eles. Porém, deve se mudar a mentalidade dos pais destes ditos ‘normais’ que acreditam que seus filhos serão prejudicados na escola, tendo deficientes em sua sala de aula [...]

Caputo e Ferreira (1998), ressaltam a inclusão como um processo que colabora para a construção de um novo modelo de sociedade, através das modificações nos ambientes físicos e na mentalidade das pessoas. No entanto, Pereira (2011), afirma que no Brasil, a acessibilidade ainda deixa a desejar em vários aspectos, visto não contemplar as expectativas, principalmente, em relação ao ambiente escolar. Segundo o autor, existem algumas adaptações, mas em âmbito escolar poderiam ser mais acessíveis para atender as inúmeras dificuldades dos alunos com deficiência, evitando situações constrangedoras.

#### 3.1.2.1. Currículo desenvolvido em sala de aula e Projeto Político Pedagógico da escola

Silva (2009), afirma que a ideologia dominante é reforçada através do currículo. No entanto, a escola e o currículo produzem uma contra ideologia que “pode romper com o bloco histórico e construir uma nova estrutura de poder” (Silva, 2009, p. 3). Segundo o autor se uma escola e um currículo pretendem a libertação, necessitam socializar conhecimentos existentes e conhecer a realidade do aluno para promoverem a articulação entre a realidade e o conhecimento, e assim, ampliar possibilidades ao aluno e à escola.

Sacristán (2000, p. 21) argumenta que para compreender o currículo num sistema educativo, requer atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado, enfim, à bagagem de ideias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação.

O currículo não deve ser compreendido como algo estático, mas de forma dinâmica, contínuo e inacabado. Deve ser construído a partir do contexto social, pois o currículo está no que é vivido, experimentado, e ressignificado através da prática curricular. Sacristán e Gómez (1998), ressaltam que o conteúdo do currículo deve englobar as finalidades dos diferentes níveis de ensino e as diferentes aprendizagens a serem adquiridas pelos alunos em sua escolarização, ou seja, os conteúdos compreendem as aprendizagens que os alunos devem alcançar para progredirem, sendo necessário estimular comportamentos, adquirir valores, atitudes e habilidades de pensamento, além de conhecimentos.

Zabala (1998), conceitua conteúdo como tudo o que temos que aprender visando o alcance de objetivos. Em sua compreensão o conteúdo não abrange somente o cognitivo, mas engloba as demais capacidades. Portanto, serão considerados conteúdos de aprendizagem, todos os que propiciem o desenvolvimento de capacidades afetivas, motoras, inserção social e relação pessoal. As palavras do autor superam a perspectiva da inclusão de que os conteúdos vinculam-se à apropriação de conteúdos conceituais e factuais no campo das disciplinas.

Na atualidade, o grande número de alunos com deficiência matriculados nas escolas regulares, tem causado preocupação em relação aos aspectos pedagógicos a eles propiciado pelas escolas. Mendes (2011), Pletsch e Glat (2011) em suas pesquisas sobre a escolarização de crianças com deficiência, evidenciam sobre o que as escolas oferecem pedagogicamente aos alunos com deficiência, tanto em sala de aula, quanto em sala de recursos multifuncionais. Segundo os autores, ocorre a simplificação dos conteúdos escolares, os quais, diferenciam-se de acordo com a deficiência.

Nesse contexto, os autores em sua pesquisa sobre escolarização de crianças com deficiência intelectual, evidenciam que as práticas pedagógicas e as atividades acadêmicas realizadas em classes regulares não são adaptadas para atender às necessidades educacionais específicas dos alunos, visto a proposta tradicional encontrar-se em utilização pelos professores, sem os ajustes necessários para atender a diversidade existente nas turmas, já que as atividades de aprendizagem propostas encontram-se pautadas apenas em recortes, colagens, pinturas e atividades de socialização, não favorecendo o desenvolvimento das habilidades cognitivas de fundamental importância à construção do conhecimento científico, o qual envolve conhecimentos abstratos.

A partir desses estudos foi possível observar que a organização curricular da escola

regular, vem sendo pautada em um modelo de organização do currículo que pouco contribui para a formação do aluno no contexto da inclusão, visto encontrar-se pautado nas disciplinas conduzindo à fragmentação do conhecimento, ou voltado às atividades práticas sem intencionalidade pedagógica.

Sendo o currículo escolar o conjunto de aprendizagens fundamentais à formação dos alunos e que envolve conteúdos estudados, atividades a serem realizadas e competências a serem desenvolvidas, visando a formação dos alunos, cabe à escola assegurar que isso aconteça. Para Roldão (1999, p.35), isso “implica o estabelecimento de programas de ação”, no sentido de definir linhas de organização, áreas de desenvolvimento e métodos de aprendizagem. Para Silva (2009, p.3), o currículo das escolas necessita ser compreendido “como objeto de análise e reflexão, uma vez que passa, necessariamente pelo que o elaborador do currículo entende como fundamental”.

Nesse sentido, faz-se necessário discutir o currículo escolar e sua relação com o Projeto Político Pedagógico da escola, instrumento orientador das ações, responsável pela organização do tempo e espaço escolar. O currículo refere-se ao trajeto filosófico a ser implementado pelas escolas, já o Projeto Político Pedagógico detalha a trajetória a ser seguida pela escola, orientando as ações nas várias dimensões: administrativa, política, jurídica, financeira e pedagógica. É importante destacar que o currículo nacional, propõe um currículo em linhas gerais para a sociedade. O projeto curricular, além de contextualizado, deve ser construído de forma específica, de acordo com a realidade e necessidades de cada escola. É através do Projeto Político Pedagógico que a escola define a sua atuação, expressa a sua prática pedagógica, dando direção às atividades educacionais, visando o alcance de seus objetivos e a construção da sua identidade.

O Projeto Político Pedagógico deve investigar a própria escola e seus sujeitos para posteriormente, decidir sobre as ações a serem tomadas na área educacional e enfrentar os desafios que surgem cotidianamente. Para (Vasconcellos, 1995 p. 143),

O Projeto Pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita resignificar a ação de todos os agentes da instituição.



É importante ressaltar a necessidade das escolas alinharem o seu currículo escolar ao Projeto Político Pedagógico para a melhor organização das suas ações, inserindo ao currículo práticas educativas que conduzam à aprendizagem, mantendo-os atualizados em relação à teoria e prática para que possam realizar um modelo de gestão escolar democrático, a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas que atendam os alunos em suas especificidades e realizem estratégias que possibilitem ressignificar as ações de todos os envolvidos no processo educacional.

### 3.2. Práticas pedagógicas inclusivas: desafios e incertezas

Conhecer as práticas pedagógicas e os desafios que permeiam o processo educacional é fundamental para as mudanças no contexto escolar. Na contemporaneidade, faz-se necessário compreender que a escola precisa adequar-se para atender as demandas advindas do processo de transformação, o qual requer a adequação em todo o processo de ensino.

Libâneo (1990), conceitua práticas pedagógicas como ação consciente, intencional e planejada que ocorre no processo de formação humana, no qual os objetivos e meios sofrem a influência da sociedade de acordo com o modelo de homem que ela pretende formar. Para o autor, a educação escolar por ser politicamente e socialmente contextualizada, sempre refletirá os interesses e valores das classes sociais, ou seja, o modelo de educação a ser oferecido ao aluno será sempre determinado a partir das exigências ideológicas, históricas e sociais.

No que se refere à educação inclusiva Souza (2018), enfatiza que existe um processo intrínseco que movimenta a realização das ações. Segundo o autor, a educação inclusiva exige positividade e firmeza nas atitudes direcionadas à inclusão escolar, bem como, a renovação da escola e a valorização da diversidade, no sentido de acolher todos os alunos para que tenham oportunidades iguais, e não apenas os alunos com algum tipo de deficiência. Assim, reforça a ideia posicionando-se sobre a perspectiva inclusiva de educação escolar. Em sua compreensão, as mudanças na prática pedagógica devem abranger o currículo, as atitudes, as relações pessoais e as metodologias de ensino.

Gadotti (2000), destaca que o processo educacional tem evoluído em vários aspectos, principalmente no que se refere à metodologia de ensino utilizada pelos professores. Em sua compreensão, mesmo a educação tradicional tendo declinado ao longo dos tempos, ainda permeia as práticas pedagógicas na atualidade.

A partir desse contexto, frente às transformações atuais, as quais têm exigido adequações no processo educacional para atender demandas sociais, cabe à escola promover ações que aprimorem o ensino, e consolidem os conhecimentos, buscando meios alternativos que possibilitem uma nova prática educacional, através de adaptações curriculares que promovam a qualidade do ensino e possibilitem o processo de inclusão.

Nesse sentido, apesar da proposta de educação inclusiva ter como foco extinguir a segregação, ainda existem inúmeros desafios a serem superados nas escolas para que a inclusão possa concretizar-se. Entre os desafios, Kibrit (2013), destaca: a inexperiência e a falta de entusiasmo dos professores para trabalharem com os alunos que apresentam alguma deficiência; a inexistência de professores de apoio em sala de aula e as dificuldades na adequação das atividades. Além das crenças, barreiras físicas, fatores socioeconômicos, currículo inadequado e a organização do sistema educacional, cabendo à escola cumprir o seu papel, ou seja, repensar suas ações, refletir sobre os seus conceitos didáticos-metodológicos e adequar-se às exigências atuais, assumindo sua importante função em relação aos princípios da educação inclusiva que permeiam a sociedade.

A partir desse contexto Gadotti(2008), destaca que não importa qual seja a perspectiva da educação na atualidade, uma educação que vislumbre o futuro será sempre contestadora, voltada para à transformação social e não apenas para a transmissão da cultura.

Hamze (2004), ressalta a necessidade do padrão educacional atual, voltar-se para o desenvolvimento das competências e habilidades, fundamentais à compreensão da realidade na atual sociedade, comprometida com o futuro. Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem precisa pautar-se na reformulação de seus aspectos pedagógicos, priorizando uma prática na qual, a formação acadêmica do aluno seja compreendida como necessária ao seu processo de desenvolvimento intelectual, o qual, possibilitará a sua participação social.

Gadotti (2000, p.9) afirma,

Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

As palavras do autor encaminham à compreensão de que o professor deve nortear o processo ensino-aprendizagem através de uma prática pedagógica que possibilite ao aluno

desenvolver-se intelectualmente, buscando práticas inclusivas, voltadas à flexibilização e adaptação do currículo, e que atendam todos os alunos em suas especificidades, pois somente a partir de uma prática pedagógica que valorize a diversidade dos alunos e suas necessidades individuais, haverá nas escolas práticas pedagógicas inclusivas.

### 3.2.1. Flexibilização do ensino nas práticas pedagógicas

A inclusão de alunos com deficiência em salas de aula que oferecem o ensino regular tem evidenciado a prática pedagógica tradicional, e ineficaz ao atendimento do processo de inclusão.

Segundo Blanco (2004), a escola tem direcionado suas ações para atender necessidades comuns, traçando objetivos sem preocupar-se em atender as características específicas de cada aluno. No âmbito curricular, essa atitude encontra-se presente em propostas rígidas e homogêneas que desconsideram a diversidade de contextos nos quais ocorrem o ensino e a aprendizagem, contribuindo para o fracasso escolar e para a exclusão dos alunos.

Freitas (2006), ressalta a importância de considerar as especificidades de cada aluno em relação às características físicas, emocionais e comportamentais para a partir delas, desenvolver práticas pedagógicas que garantam a qualidade do ensino para todos os alunos e não somente para os que apresentam alguma deficiência.

Nesse sentido Perrenoud (2001), enfatiza que a maioria das estratégias de ensino usadas pelos professores precisam ser adaptadas às características dos alunos para que ocorra a inclusão, sendo necessário a compreensão sobre a necessidade de adaptações nos níveis: individual, no currículo realizado em sala de aula e no projeto político pedagógico para identificação e enfrentamento das dificuldades presentes na prática de ensino na escola e estabelecimento de objetivos e metas para o êxito das ações realizadas.

Para Aranha (2003), na proposta educacional inclusiva, há a necessidade do currículo pautar-se nas diferenças, cabendo à escola promover as mudanças necessárias para que o aluno possa acessar o currículo. A LDB nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e o PNE (Plano Nacional de Educação), determinam que as escolas estruturem ações e providenciem os recursos necessários à garantia do acesso e permanência de todos os alunos na escola através de um ensino que valorize e respeite os alunos em suas especificidades de aprendizagem. Isso,

requer práticas pedagógicas flexíveis, considerando a organização do tempo escolar, a flexibilidade no método de ensinar e a prática pedagógica orientados por metodologias ativas, ou seja, um cenário criativo propício ao desenvolvimento de competências sociais e construção do conhecimento.

### 3.2.2 A prática pedagógica do professor na perspectiva da inclusão

A educação formal contemporânea, realizada nas instituições formadoras, juntamente aos processos e sujeitos, compõem as relações entre professores, alunos, conhecimento e as práticas docentes. As demandas sociais da atualidade, exigem dos professores postura diferenciada e práticas inovadoras que direcionem ao conhecimento, visto serem os professores, responsáveis pela condução do processo ensino-aprendizagem. Nesse contexto, as práticas pedagógicas podem transformar o processo de ensino, com a utilização de metodologias ativas, capacitando o aluno a intervir em sala de aula, construir o conhecimento através das informações adquiridas, bem como, desenvolver o pensamento crítico e reflexivo no decorrer da sua formação.

A realidade educacional atual desafia os professores a abandonarem a forma tradicional de ensino e aprendizagem baseada nos conteúdos e adotarem uma pedagogia problematizadora, que desperte no aluno a curiosidade e o interesse pela aprendizagem. É importante destacar que as metodologias ativas tornaram-se estratégias de ensino importantes na relação teoria e prática, pois auxiliam o processo de ensino e aprendizagem favorecendo a autonomia, a interação e a curiosidade dos alunos pela sua própria aprendizagem. Nesse contexto, compreende-se as metodologias ativas de aprendizagem como a implantação de estratégias de ensino que fornecem uma variedade de atividades e técnicas pedagógicas que o professor poderá utilizar em diferentes situações de aprendizagem.

Xavier (2002), ressalta que para atender ao processo de inclusão escolar as competências dos professores devem ser construídas a partir da ética e superação das práticas pedagógicas excludentes, configurando-se na ação educativa, busca da equidade e a transformação social.

Almeida (2007, p.336), afirma que “formar o professor é muito mais que informar e repassar conceitos; é prepará-lo para um outro modo de educar, que altere sua relação com os conteúdos disciplinares do educando”. Reis e Silva (2011), reforçam a ideia ao ressaltarem que o professor deve aprimorar conhecimentos para lidar com as características individuais de cada

aluno, a partir do planejamento das aulas que priorizem as informações necessárias.

Schon (1995, p.82-83), ressalta que os professores precisam “dos conhecimentos tácitos, espontâneos, intuitivos, experimentais, mas também dos conhecimentos teóricos (métodos) e é na ação e reflexão da ação que os professores podem construir sua prática” seja ela para alunos com dificuldades de aprendizagem, sejam alunos com deficiência ou alunos que possuem aprendizagem significativa.

Segundo Almeida (2012, 2019, p. 99), “[...] o trabalho docente precisa ser desenvolvido com muito cuidado e fundamentado, pois ele é em sua essência, o lugar de formação de pessoas, que também são profissionais”. Nesse sentido Glat e Nogueira (2002), ressaltam que o preparo dos professores para o atendimento ao processo de inclusão é desafiador por tratar-se de uma formação para ensinar alunos com ou sem deficiência, sem praticar a exclusão em sala de aula. Os autores enfatizam que as políticas de inclusão devem priorizar programas de capacitação e realizar acompanhamento contínuo, orientando o trabalho dos professores para a minimização da exclusão escolar.

Assim, ressalta-se a importância da formação inicial propiciar aos professores em sua formação, o desenvolvimento de competências e habilidades para que realizem mudanças na concepção de ensinar e desenvolvam a ação docente satisfatoriamente, tendo como foco o olhar reflexivo sobre a diversidade e possam de acordo com os princípios da inclusão desenvolver processos inclusivos.

Convém ressaltar que a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares, consiste na reorganização do sistema educacional, quebras de paradigmas e busca de possibilidades em relação aos aspectos cognitivos, sociais e culturais dos alunos, respeito às diferenças e envolvimento dos vários segmentos educacionais: salas de recursos multifuncionais, equipe gestora, apoio e envolvimento das famílias nas atividades escolares para que os alunos com deficiência tornem-se participativos.

Um outro aspecto considerado indispensável à concretização da educação inclusiva nas escolas regulares, refere-se à formação continuada dos professores e à utilização das metodologias ativas no ambiente escolar para a superação dos desafios cotidianos em todas as áreas do conhecimento. Tais metodologias vem sendo realizadas no espaço escolar pelos professores e quando bem planejadas, contribuem para a melhoria do processo ensino aprendizagem.

Portanto, toda ação proposta com o objetivo de ensinar, deve ser pensada em função dos

que irão participar, razão pela qual, há a necessidade de melhor organização e planejamento por parte dos envolvidos no processo de ensino em relação às situações de aprendizagem, visto ser a aprendizagem o objetivo da ação educativa. É importante buscarmos metodologias diferenciadas, e/ou reinventarmos práticas antigas na perspectiva de novos caminhos metodológicos que favoreçam a motivação e promovam a autonomia dos alunos, criando com isso, um ambiente propício ao aprendizado.

## **SEGUNDA PARTE: METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO**

### **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO**

Este capítulo apresenta a metodologia aplicada para o desenvolvimento da investigação. Aborda sobre o problema que incentivou o estudo, enfatiza os objetivos geral e específicos, e define quatro variáveis: educação e diversidade, currículo e inclusão, gestão escolar e práticas pedagógicas inclusivas.

Apresenta o contexto da investigação, sua delimitação espacial, roteiros de planejamento e execução, a partir do Departamento de Políticas e Programas Educacionais-DEPPE, bem como escolas estaduais que compõem as sete Coordenadorias Distritais constituintes do campo de pesquisa. Enfatiza sobre o modelo e enfoque da investigação, técnicas e instrumentos de coleta de dados, amostra e população, sujeitos da pesquisa, e os procedimentos de validação dos instrumentos de coleta de dados.

Aborda o processo de operacionalização das entrevistas, a partir dos dados coletados nas respostas dos profissionais entrevistados: Coordenadores dos Distritos, Gestores e Docentes Escolares. Relacionado às técnicas de coleta de dados, evidencia à análise documental através dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, por serem norteadores das políticas educacionais no que concerne à adequação curricular no processo de inclusão.

Encerra-se o capítulo discutindo sobre a técnica de análise de dados utilizada na investigação qualitativa, fundamentada na proposta de Bardin (2011): pré-análise, exploração do material e a compreensão dos resultados.

Configura-se assim, o desenho metodológico da investigação, primordial à execução da pesquisa. E, por entender-se que fazer pesquisa, requer compreender o homem como um ser social em transformação, capaz de transformar através de suas ações o meio em que vive, e a ciência como suporte aos questionamentos e descobertas em relação aos diversos contextos: o cultural, social e econômico.

Nesse contexto, Chizzotti (2006), ressalta que a pesquisa exerce papel fundamental por investigar tanto o mundo em que o homem vive, como também, o próprio homem, ou seja, o investigador observa e reflete sobre os problemas atuais, e as experiências passadas para adquirir instrumentos adequados a sua intervenção e possível transformação do mundo em que vive. A pesquisa científica busca respostas aos problemas levantados, possibilitando a construção de novos conceitos e comprovação de hipóteses em relação ao problema que inquieta o

pesquisador, uma vez que são as perguntas que movem o conhecimento científico.

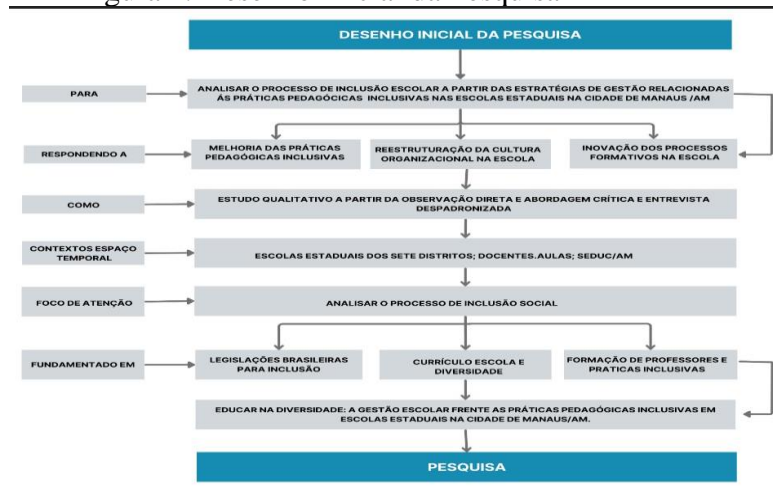
O trabalho científico tem como objetivo utilizar as ciências como um sistema de conhecimento capaz de descrever, explicar e prever com a maior eficiência certos fatos, ou aspectos de uma dada realidade, permitindo ao pesquisador chegar mais próximo da verdade, formulando teorias, proposições ou enunciados científicos que acrescentem de forma ordenada e sistematizada, um conhecimento científico, o qual, deriva das investigações e resoluções de problemas científicos. (Grayling, 2000).

Sendo o conhecimento um processo dinâmico e inacabado, serve como referencial para a pesquisa tanto qualitativa quanto quantitativa, como forma de busca de conhecimentos próprios das ciências. (Tartuce, 2006).

Ferrari (1982, p. 8), afirma que a ciência refere-se à “um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento, e a sua finalidade é tratar a realidade de forma teórico-prático”. O alcance dessa finalidade exigiu o desenvolvimento de um plano de pesquisa, e uma metodologia adequada, a qual, possibilitou o desenvolvimento desta investigação de Tesi intitulada Educar na diversidade: a gestão escolar frente as práticas pedagógicas inclusivas em escolas estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil.

O estudo teve como objetivo analisar o processo de Inclusão Escolar a partir das estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil. A metodologia aplicada no desenvolvimento da pesquisa, compreendeu as fases e etapas da investigação sem perder de vista o desenho inicial proposto no projeto de pesquisa.

Figura 1. Desenho Inicial da Pesquisa



Fonte: Torres (2016)



Segundo (King; Keohane; Verba, 1994), o desenho de pesquisa é um plano que mostra por meio de uma discussão e dos dados, como se pretende utilizar a evidência para fazer inferências, e responder à pergunta de pesquisa. O desenho metodológico desta pesquisa conjuga teoria e técnicas com a intenção de conhecer sobre o objeto de estudo a partir dos resultados objetivos.

Para isso, explorou-se as conexões e limites das dimensões ampla da pesquisa, em seus aspectos teóricos sobre o objeto, a relevância da pergunta a ser respondida, e os procedimentos válidos que respondessem à pergunta, como também, a dimensão prática envolvendo os detalhes da pesquisa, desde a decisão sobre o tema geral, elaboração da pergunta, coleta e análise de dados.

#### 4.1 O problema da investigação

A educação brasileira desde os primórdios vem sendo permeada por políticas educacionais, as quais, têm refletido as ideologias da classe que se mantém no poder. Na atualidade para que haja qualidade na educação, faz-se necessário o compromisso de todos os envolvidos no processo educacional, no sentido de implementar a partir de estratégias de Gestão, o processo de Inclusão Escolar.

A gestão escolar exerce papel significativo no processo de inclusão educacional. Segundo Souza (2006), deve ser um processo político no qual as pessoas que atuam na/sobre a escola identifiquem, deliberem e planejem, encaminhem, acompanhem, controlem e avaliem o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola na busca de solução para os problemas.

O princípio da gestão democrática foi regulamentado, em parte, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9394/96, e deve ser incentivadora do processo, demonstrando ideias, realizando ações inovadoras que encaminhem à inclusão escolar. Às escolas inclusivas cabe reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo e estratégias de aprendizagem apropriados.

A inclusão escolar é um tema discutido mundialmente. No Brasil, encontra-se presente tanto na esfera política da sociedade, quanto no discurso da população brasileira, por acreditarem que a inclusão beneficiará a comunidade escolar como um todo.

É importante ressaltar que inúmeras ações vêm sendo realizadas pelo Ministério da

Educação-MEC, no sentido de concretizar a inclusão das pessoas com deficiência em escolas regulares. Nessa perspectiva, a temática inclusão escolar tem sido discutida como se fosse um único fenômeno, bem compreendido por todos e constituído de um único significado.

O fenômeno da inclusão está longe de ser compreendido por ser um assunto complexo, passível de diversas interpretações, e que precisa ser discutido pela sociedade em geral, e só poderá ser compreendida quando seus valores fundamentais forem clarificados em contextos particulares. Assim, para realizá-la há a necessidade de estudá-la, questioná-la e confrontá-la, compreendendo a sua história, os fatos que a originaram, os princípios que a fundamentam, para posteriormente atrelar os conhecimentos à realidade, e à proposta da inclusão escolar a ser aplicada.

No entanto, essa não é a postura adotada pelos gestores nas escolas, já que quando se tenta questionar as formas como tem sido pensada e viabilizada, tal tentativa tem sido interpretada de forma negativa como sendo contrária a ela, o que direciona à compreensão de que para conquistá-la é necessário estudos e questionamentos.

Apesar das políticas públicas existentes e de todo trabalho já realizado com os profissionais da educação, observou-se ainda nas escolas de ensino regular, resistências em relação à inclusão. A partir desse contexto, questionou-se:

1. As estratégias de Gestão Escolar desenvolvidas nas escolas, contribuem para o aprimoramento das práticas pedagógicas, qualidade do ensino e concretização das políticas de educação inclusiva nas Escolas Estaduais em Manaus/AM/Brasil?
2. Como ocorre o processo de inclusão em escolas de Ensino Fundamental na cidade de Manaus/AM/Brasil, e de que forma a gestão escolar contribui nesse processo?
3. Como vem ocorrendo o processo de inclusão escolar por parte dos sujeitos envolvidos e as lacunas existentes no sistema educacional brasileiro no campo da gestão e inclusão escolar?

As perguntas indicam que o problema dessa investigação, refere-se a uma questão que precisou ser estudada e compreendida. Questionou-se: as estratégias de Gestão Escolar desenvolvidas nas escolas Estaduais em Manaus, contribuem para a implementação e aprimoramento das práticas pedagógicas inclusivas, qualidade do ensino e concretização das políticas de educação inclusiva?

Quanto a natureza a pesquisa é qualitativa exploratória por desconhecer as variáveis importantes a serem examinadas, e por ser um tema pouco estudado a partir da amostra

selecionada. A investigação foi realizada a partir do Departamento de Políticas e Programas Educacionais, Coordenadorias Distritais de Educação, gestores e professores das escolas selecionadas. Esse contexto configurou o desenho metodológico da investigação, estrutura primordial para a execução do projeto de pesquisa.

A metodologia utilizada e que deu suporte à construção do conhecimento, esteve voltada não apenas para o aspecto instrumental, mas também para o metodológico profissional, pautada na ótica sociológica do conhecimento, pois segundo Minayo (1994), a cientificidade tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

Estruturou-se uma metodologia qualitativa com o objetivo de realizar uma análise crítica das questões relacionadas à temática em estudo, bem como às dificuldades e contribuições da abordagem para a implementação do processo de inclusão escolar. A pesquisa qualitativa envolve um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos. Busca entender um fenômeno em seu contexto natural, e pressupõe que o significado dado ao fenômeno é mais importante que sua quantificação. Seus resultados se destinam a explicar somente o fenômeno, ou o contexto em que a pesquisa foi aplicada, não sendo capaz de generalizar os resultados para uma população, ou para outros contextos diferentes. (Creswell, 2014).

Cervo (2002), afirma que muitas vezes um espírito medíocre, guiado por um bom método, faz mais progressos nas ciências que outro mais brilhante que vai ao acaso. Com base nessa afirmação foi possível compreender o método como procedimento mais amplo de raciocínio, e distingui-lo da técnica por esta tratar de procedimentos mais restritos.

## 4.2 Objetivos

### 4.2.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de Inclusão Escolar a partir das estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil.

### 4.2.2 Objetivos Específicos

- Averiguar as concepções dos coordenadores, gestores e professores em relação à inclusão escolar;

- Identificar os desafios enfrentados pela gestão escolar no processo de inclusão;
- Observar as estratégias de Gestão Escolar, seus impactos nas práticas pedagógicas inclusivas e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos;
- Compreender a operacionalização do processo de inclusão escolar, a partir da execução das políticas de inclusão.
- Analisar a partir das estratégias executadas pela gestão escolar, as mudanças na prática pedagógica inclusiva.

#### 4.3 Contexto de investigação

O contexto da investigação é importante para o desenvolvimento do processo de investigação qualitativa, e exige sejam considerados o conjunto de elementos, desde o registro das suas características, até a conclusão do estudo. Segundo Neuman (2013), uma das características da investigação qualitativa é a atenção que dedica aos contextos onde decorrem os fenômenos, entendendo que os significados são criados nos contextos sociais, ou seja, identificado o contexto a ser estudado, importa que se identifiquem os procedimentos que permitem ao investigador ter acesso a esse contexto e aos seus membros.

Flick (2004), enfatiza que os desafios neste acesso colocam-se particularmente quando se pretende estudar uma instituição, sendo necessário identificar os procedimentos que permitem obter a autorização de um órgão e dos participantes que serão entrevistados ou observados, a partir dos instrumentos que o investigador decida utilizar.

As coordenadorias e escolas campos de pesquisa fazem parte da Secretaria de Educação – SEDUC/AM, e encontram-se distribuídas por zonas na cidade de Manaus.

##### 4.3.1 Campos de pesquisa

Minayo (1992), destaca o campo de pesquisa como um recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. A autora ressalta que em pesquisa social o lugar é ocupado pelas pessoas e grupos que convivem numa dinâmica de interação social, sendo sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessário a construção teórica para transformá-los em objetos de estudo. Somente assim, o campo passará a ser o lugar de interação entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a construção de um novo

conhecimento. Este estudo teve como campo de pesquisa as coordenadorias distritais e as escolas da rede estadual de ensino.

As Coordenadorias Distritais da Rede Estadual de Educação (CDEs), integram a estrutura organizacional da Secretaria de Estado de Educação e Desporto e atendem um total de 235 escolas em Manaus. Foram criadas para dar celeridade às ações do Governo do Amazonas, através das Lei Delegada nº 78/2007<sup>a</sup>, a qual, definiu finalidades, competências e estrutura organizacional às CDEs, como tentativa de adequar a SEDUC-AM ao contexto acordado pela adesão do compromisso de uma educação para todos.

Posteriormente, a Lei Delegada nº 3.642/2011, fez adequações na Lei anterior e propôs o modelo estruturado a ser mantido. Uma das suas alterações refere-se à criação de uma Ouvidoria como mecanismo de comunicação com a sociedade. Essa Lei Delegada, colocou às CDEs as atribuições de coordenar, implementar, assessorar e acompanhar as ações administrativas e pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Foram criadas inicialmente seis CDEs, sendo que cada uma ficou responsável por uma área geográfica da cidade de Manaus, com exceção da zona norte que tem o apoio de duas coordenadorias.

As cinco escolas campos de pesquisa fazem parte das Coordenadorias Distritais: 3, 4, 6 e 7, localizadas geograficamente e respectivamente nas zonas: centro-oeste, oeste e norte da cidade de Manaus.

#### 4.4 Tipo de Investigação

Optou-se pela pesquisa de métodos mistos por ser “uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa” (Creswell, 2007, p.27). Para o autor, as abordagens ao mesmo tempo em que divergem, combinam prevalecendo uma sobre a outra e podem se complementar nos resultados. A partir dessa compreensão as abordagens contribuíram para a construção do conhecimento, visto terem possibilitado examinar as variáveis referentes ao problema da pesquisa, sendo útil e adequado ao entendimento do problema da pesquisa, e vantajoso por permitir coletar tanto os dados quantitativos fechados, quanto os dados qualitativos abertos.

Segundo Minayo (1998), a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. Embora existindo diferenças ideológicas, as abordagens

quantitativa e qualitativa encontram-se integradas em seus aspectos. Os dados quantitativos e qualitativos não se opõem, mas se complementam, pois a realidade por eles abrangida interage de forma dinâmica sem que haja dicotomia. Para a autora, a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatísticas apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (p.22).

Campoy Aranda (2018, p. 259) enfatizam que

El problema principal que enfrenta actualmente la investigación en las ciencias sociales es la comprobación de las limitaciones del paradigma cuantitativo para dar cuenta de la complejidad de los fenómenos sociales, y especialmente educativos, así se convierte en el detonante que conduce a muchos investigadores a buscar otras posibilidades para aproximarse a este terreno.

Entende-se que a pesquisa quantitativa testa teorias objetivas e examina a relação entre as variáveis que podem ser medidas por instrumentos para que os dados numéricos sejam analisados através de procedimentos estatísticos, ou seja, por meio da utilização da pesquisa quantitativa, torna-se possível mensurar e quantificar as respostas dos entrevistados. Nesse sentido, Sandin Esteban (2003) apud Campoy Aranda (2018, p 254), afirmam

La investigación cualitativa es una actividad sistemática orientada a la comprensión en profundidad de fenómenos educativos y sociales, a la transformación de prácticas y escenarios socioeducativos, a la toma de decisiones y también hacia el descubrimiento y desarrollo de un cuerpo organizado de conocimientos.

A afirmação conduz à compreensão de que a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e compreender o significado que os indivíduos, ou os grupos atribuem a um problema social, ou humano. Nessa abordagem, o processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados coletados no ambiente do participante, a análise dos dados construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados com um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (Creswell, 2007). O mesmo autor afirma que as estratégias de investigação revelam que facilmente, dependendo da questão de pesquisa, as propostas de estudo podem empregar métodos quantitativos e qualitativos, ora

atribuindo mais peso a um do que a outro, ora iniciando-se com um e concluindo-se com outro (2010).

Esta pesquisa associou as formas qualitativa e quantitativa para a coleta dos dados e análise aos resultados obtidos. O uso das abordagens em conjunto, fortaleceu a pesquisa e contribuiu de modo geral para um estudo mais amplo, do que o da pesquisa qualitativa, ou quantitativa isoladas (Creswell e Plano Clark, 2007).

A pesquisa foi realizada de forma crítica, pois além de observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados coletados, buscou identificar suas causas, aprofundando o conhecimento em relação ao tema. Teve caráter bibliográfico, visto considerar de fundamental importância a ampliação da literatura e o estudo detalhado sobre a temática em questão.

#### 4.5 Enfoque da investigação

A pesquisa voltou-se para o enfoque crítico dialético, visto o referido método apoiar-se no materialismo histórico e na concepção dinâmica da realidade e das relações dialéticas entre sujeito e objeto, entre conhecimento e ação, entre teoria e prática, fundamentando-se em uma práxis que se fundamenta e se funde na reflexão e ação sobre uma realidade, buscando a transformação.

Ferrari (1982), afirma que a abordagem crítico-dialética deve ser entendida como parte de um processo histórico cujas bases dependem de fatores e mudanças histórico-sociais. De acordo com Sánchez-Gamboa, (2018), para entender as mudanças faz-se necessário várias informações e uma extensão maior delas, pois para compreender as inter-relações sociais e as dinâmicas de duradouras é preciso recuperar dados que permitam observar o movimento histórico, a gênese e a os fenômenos em transformação.

A Teoria Crítica toma o sujeito do conhecimento como sujeito histórico que inserido a um processo também histórico, interage com seu objeto igualmente histórico, ou seja, a ciência é fundamentalmente histórico-social, condicionada por mudanças e influenciada pelo desenvolvimento da relação sociedade-ambiente. O seu desenvolvimento deve ser entendido em contextos históricos e sociais específicos e nunca livre de interesses contingenciais e reais. (Voirol, 2012).

#### 4.6 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Em relação à entrevista, Cervo (2002), afirma que essa técnica fornece dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e servem tanto para o estudo de fatos como de casos podendo ser fornecidos por pessoas, ou seja, a entrevista despadronizada contribuirá para obter do entrevistado o que ele considera sobre os aspectos mais relevantes de determinados problemas, ou seja, através de uma conversa obter informações detalhadas que contribuam para a análise qualitativa.

As informações obtidas foram analisadas, postas em relatório e discutidas com as equipes responsáveis pelos cursos na instituição investigada visando contribuir para a melhoria do processo de valorização dos profissionais da educação. A metodologia descrita contribuirá significativamente para a concretização do estudo, pois fornecerá subsídios para a melhor compreensão e comprovação do objeto a ser estudado.

#### 4.7 Amostra da população e sujeitos de pesquisa

A amostragem da pesquisa foi não-probabilística por permitir que a pesquisadora conscientemente, decidisse os elementos que fariam parte da pesquisa Malhotra (2001). Fizeram parte da amostra da pesquisa: a Gerente do Departamento de Políticas Públicas de Inclusão Escolar, os 07(sete) coordenadores dos Distritos de Educação, 05 gestores e 08 professores das escolas selecionadas.

Após a pesquisa ter sido autorizada pela Secretaria Estadual de Educação, houve a necessidade de realizar uma conversa informal com a responsável pela Gerência de Políticas Públicas de Inclusão Escolar para obtenção dos contatos e endereços das sete coordenadorias. Posteriormente, agendou-se as entrevistas com os coordenadores distritais, as quais foram realizadas no período de 25.08.2020 a 23.10.2020. A partir das entrevistas com os coordenadores distritais e de posse da relação das escolas pertencentes a cada coordenadoria, escolheu-se as escolas a serem investigadas. Convém ressaltar que por tratar-se de um período relacionado à COVID-19, procedeu-se o agendamento para as entrevistas com os 5(cinco) gestores e os 8(oito) professores participantes desta pesquisa.

Os 5(cinco) gestores das escolas foram escolhidos a partir das informações passadas através dos coordenadores distritais sobre a forma de atuação nas escolas inclusivas e contribuição na implementação das políticas de Educação Inclusiva. Os coordenadores distritais, foram escolhidos para as entrevistas por serem responsáveis pela implantação dos projetos de

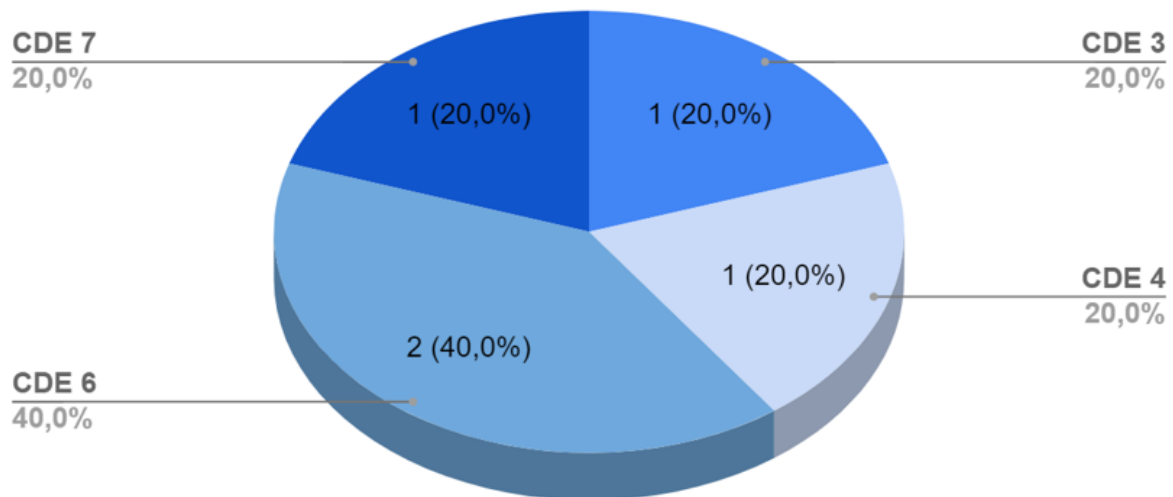


inclusão nas escolas. Os professores participantes, foram escolhidos para as entrevistas por integrarem as escolas, atuando diretamente em sala de aula com os alunos e serem responsáveis juntamente com os gestores pela implementação das ações inclusivas, desenvolvidas nas escolas, fundamentais à concretização dos objetivos das políticas de inclusão.

A pesquisa foi realizada nas escolas que compõem as 7 Coordenadorias da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC), na cidade de Manaus/AM, visando contribuir através da aplicação dos resultados para a compreensão da problemática, bem como, levantar elementos que contribuíssem para mudanças.

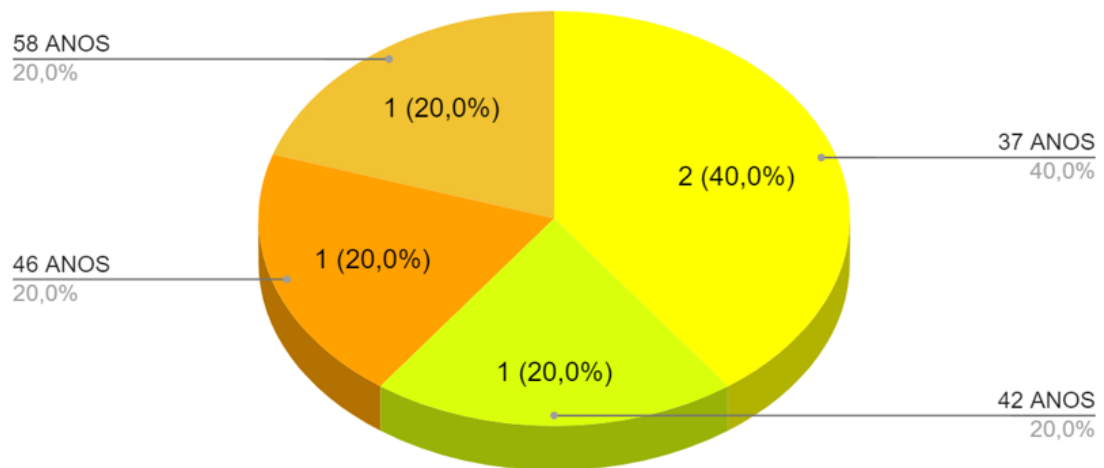
#### 4.7.1 Características Gestores Participantes

Figura 2. Gestores Participantes



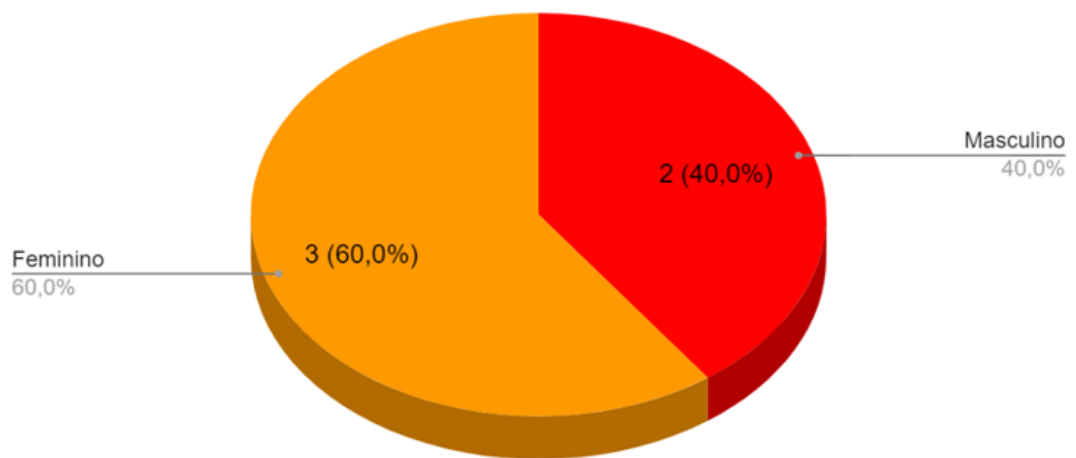
Fonte: Elaboração Própria

Figura 3. Idade Gestores Participantes



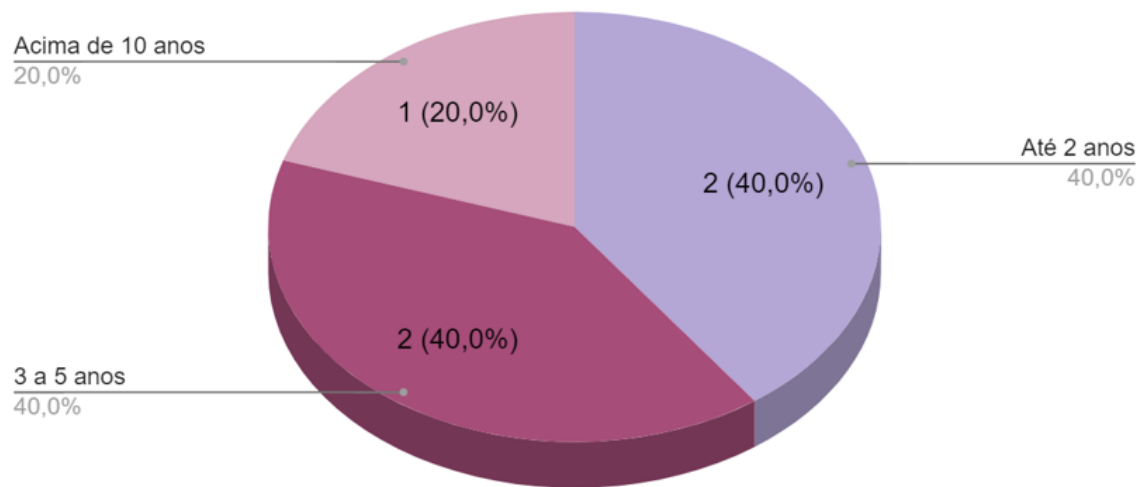
Fonte: Elaboração Própria

Figura 4. Sexo Gestores Participantes



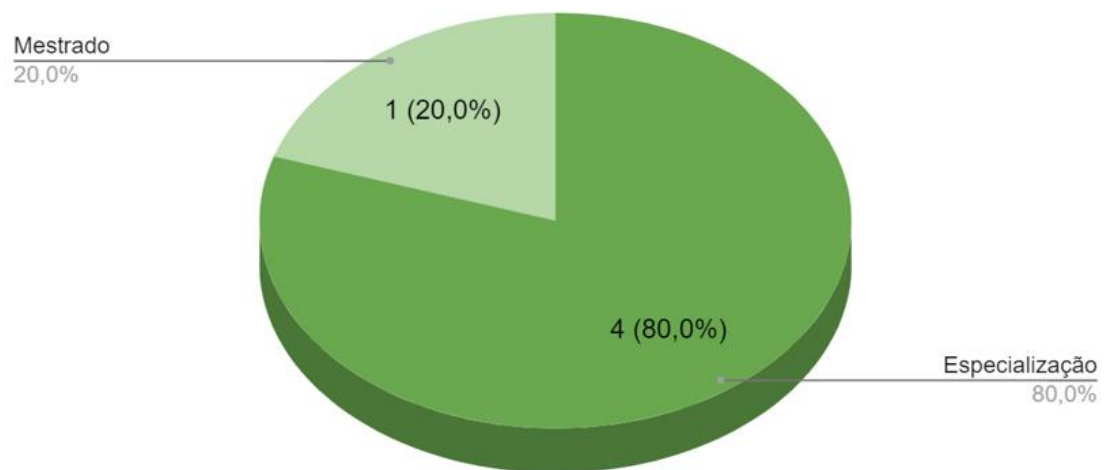
Fonte: Elaboração Própria

Figura 5. Tempo de Serviço na Gestão



Fonte: Elaboração Própria

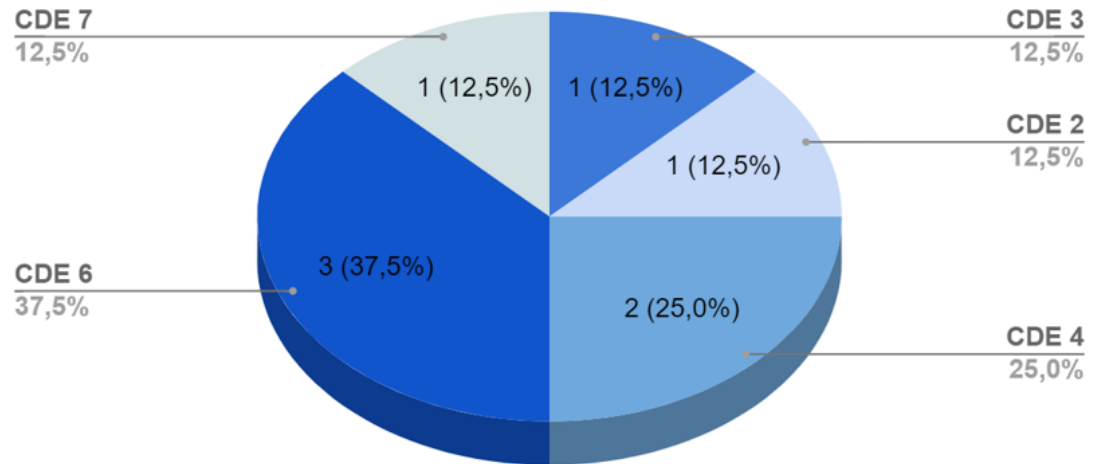
Figura 6. Grau de Instrução Gestores Participantes



Fonte: Elaboração Própria

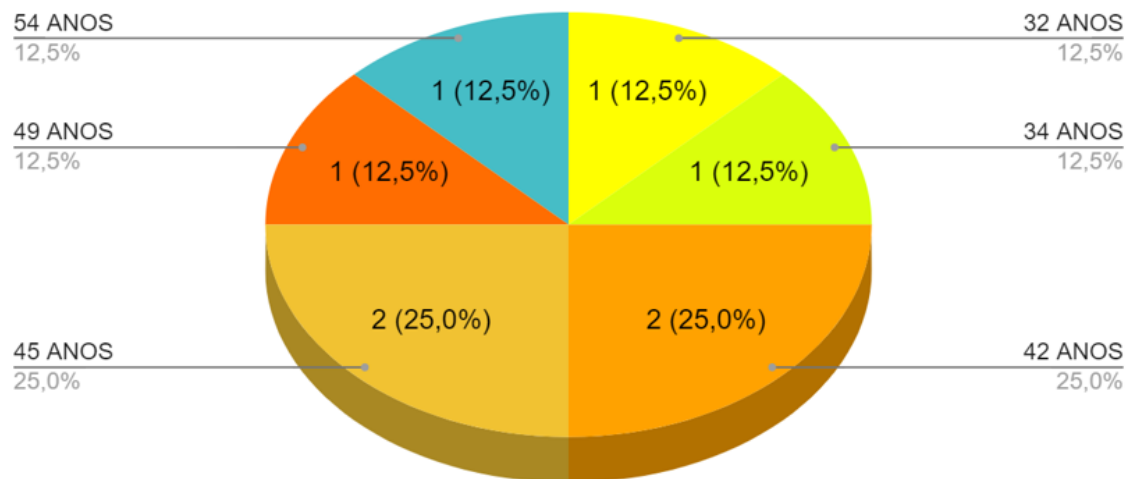
#### 4.7.2 Características Professores participantes

Figura 7. Professores Participantes



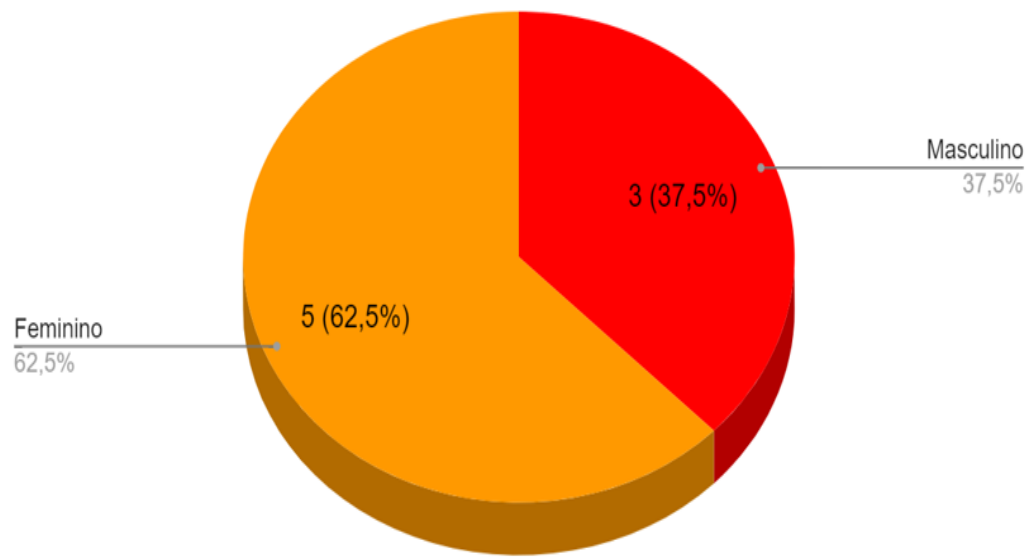
Fonte: Elaboração Própria

Figura 8. Idade Professores Participantes



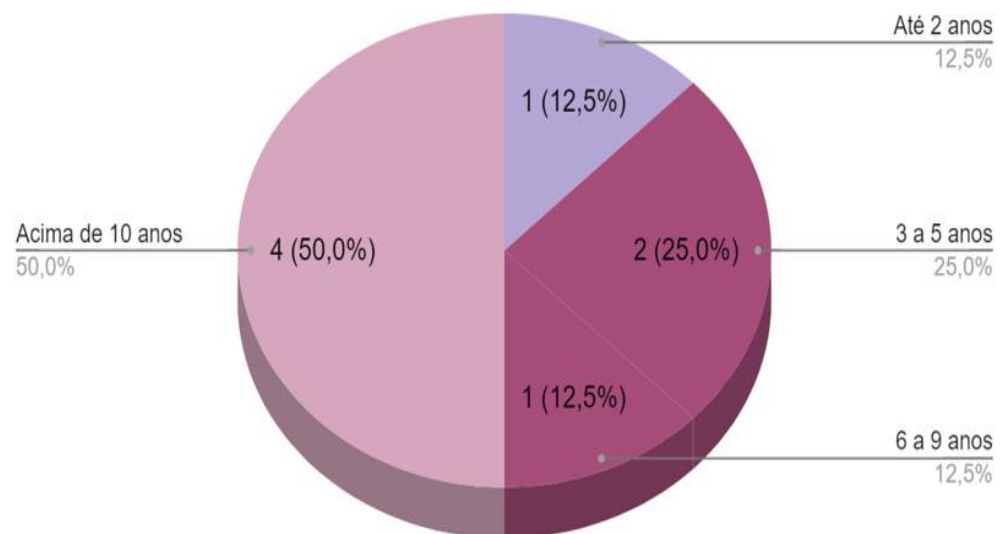
Fonte: Elaboração Própria

Figura 9. Sexo Professores Participantes



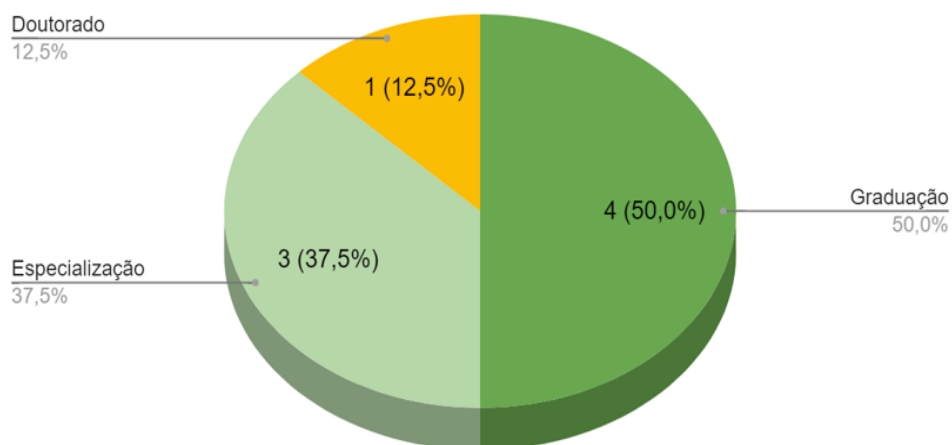
Fonte: Elaboração Própria

Figura 10. Tempo de Serviço na Docência



Fonte: Elaboração Própria

Figura 11. Grau Instrução Professores Participantes



Fonte: Elaboração Própria

#### 4.8 Validação dos instrumentos de coleta de dados

O processo de validação de instrumento de pesquisa é fundamental para que o estudo apresente confiabilidade e validade. É um procedimento metodológico que auxilia o pesquisador na aplicação dos resultados referentes ao problema em estudo. Considerando a elaboração das perguntas, etapa primordial para que o instrumento cumprisse o seu papel na coleta de dados, e revelasse a realidade referente ao problema em estudo, utilizou-se a entrevista no processo de desenvolvimento da pesquisa, a qual, para que adquirisse fidedignidade foi analisada e validada por 5 (cinco) doutores: sendo 4 (quatro) na área de educação e 1 (um) na área de Biotecnologia.

Rosa e Arnoldi (2008), enfatizam que a validade da entrevista deve ser feita pelo pesquisador quando precisar valer-se de respostas consistentes para que os resultados da pesquisa sejam fidedignos.

O processo de elaboração dos instrumentos de pesquisa deu-se a partir da construção dos itens para validação do conteúdo, e envolveu as seguintes etapas:

- Identificação e pertinência do referencial teórico-metodológico;
- Organização lógica do conteúdo e elaboração dos itens;
- Organização dos instrumentos.

O objetivo das etapas voltou-se à busca de dados pertinentes e às evidências em relação à temática. Assim, foram elaboradas entrevistas contendo 10 (dez) itens aos coordenadores de distritos, Gestores e professores das escolas campos de pesquisa. A análise e validação do instrumento de pesquisa contou com avaliação por doutores na área de Educação, os quais, após a exposição dos itens pela pesquisadora, julgaram a pertinência e consistência em relação aos conteúdos e sua contribuição para a obtenção de respostas ao problema inicial da pesquisa, e apresentaram sugestões para a melhoria do instrumento.

O parecer validativo para avaliação pelos doutores foi elaborado a partir de 3 (três opções) para todos os itens:

- Coerência e objetividade plenos;
- Coerência e objetividade parciais;
- Coerência e objetividade inexistentes.

Contribuíram para a validação dos instrumentos de pesquisa, cinco renomados profissionais a seguir referenciados academicamente:

Quadro 1. Professores Doutores Validaram a Pesquisa

1	Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.
2	Doutor em Biotecnologia - Universidade Federal do Amazonas-UFAM.
3	Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.
4	Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.
5	Doutora em Ciências da Educação - Nihon Gakko University - Paraguay.

Fonte: Elaboração Própria

#### 4.9 Entrevistas

A entrevista é uma técnica flexível utilizada na pesquisa qualitativa que permite a obtenção de informações sobre o tema em estudo. Requer planejamento prévio e habilidade do entrevistador para seguir um roteiro e introduzir variações quando necessário. Seu desenvolvimento deve considerar alguns aspectos: adaptação da linguagem ao nível do entrevistado, utilizar um referencial básico, evitando questões longas e manter-se imparcial para evitar o direcionamento das respostas. O entrevistador necessita ter domínio sobre o conteúdo do objeto, boa comunicação e capacidade de síntese e decisão.

Segundo Good e Hatt (1969), apud Marconi e Lakatos (2007, p.92), a entrevista enquanto técnica “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação”, ou seja, a entrevista pode ser utilizada independente do grau de instrução dos atores, possibilitando a compreensão para o público participante da pesquisa, já que o entrevistador pode esclarecer dúvidas a respeito das questões diante das dificuldades percebidas.

As entrevistas desta pesquisa foram agendadas e realizadas a partir de gravações no período compreendido entre agosto de 2020 a agosto de 2021. Posteriormente transcritas, e os resultados obtidos, categorizados para posterior tabulação e análise por meio do método da análise de conteúdo.

A Secretaria de Educação-SEDUC/AM conta com 7 (sete) Coordenadorias Distritais distribuídas por zonas, às quais são responsáveis pela formulação, supervisão, coordenação, execução e avaliação da Política Educacional de Educação em Manaus/AM; execução da Educação Básica em suas Modalidades de Ensino Fundamental I e II, e Ensino Médio; assistência, orientação e acompanhamento das atividades dos estabelecimentos de ensino pelos quais são responsáveis.

As entrevistas aos coordenadores distritais, gestores e docentes das escolas foram direcionadas aos aspectos da gestão, inclusão e práticas pedagógicas, conforme os roteiros a seguir:

##### 4.9.1 Roteiro Entrevista aos Coordenadores Distritais

- a) Gestão e desafios da inclusão;
- b) Inclusão em escolas públicas e privadas;



- c) Inovação do modelo educativo para inclusão;
- d) Projetos macro e micro em educação inclusiva;
- e) A Escola como ambiente inclusivo;
- f) Dificuldades discentes e docentes no processo de inclusão;
- g) Formação continuada do professor para inclusão;
- h) Práticas, e recursos pedagógicos inclusivos;
- i) Políticas educacionais de inclusão;
- j) Apoio das esferas governamentais para inclusão.

#### 4.9.2 Roteiro Entrevista aos Gestores das Escolas

- a) Alunos em processo de inclusão;
- b) Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão;
- c) Ações relacionadas às diferenças e garantia da aprendizagem;
- d) Inclusão como meta das políticas educacionais;
- e) Educação e currículo no processo de construção da identidade;
- f) Práticas pedagógicas e respeito às diferenças;
- g) Projetos inclusivos voltados à comunidade externa;
- h) A relação gestão pedagógica com as demais áreas;
- i) Formação, atuação e experiência profissional;
- j) Estratégias de incentivo à participação da família no processo de inclusão escolar

#### 4.9.3 Roteiro Entrevista aos Docentes das Escolas

- a) Alunos em processo de inclusão;
- b) Avanços, entraves, e desafios da inclusão;
- c) Sala de recursos;
- d) Recursos pedagógicos para a inclusão;
- e) Adequação curricular e construção de identidade própria;
- f) Proposta pedagógica e respeito às diferenças;
- g) Projeto inclusivo voltado à comunidade interna e externa;
- h) Formação docente específica em educação especial;
- i) Interação família e escola no processo de inclusão;

j) Convivência alunos de inclusão e demais alunos.

#### 4.10 Análise de conteúdo: entrevistas e Projeto Político Pedagógico – PPP

Essa etapa de análise foi fundamental à averiguação aos Projetos Políticos Pedagógicos, os quais norteiam as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas campos de pesquisa. Permitiu a observação em relação aos vários aspectos a serem adequados pelas escolas em relação às políticas de inclusão.

##### 4.10.1 Técnica de análise de dados

A coleta de informações atentou para o que enfatiza Minayo (2008, p. 204), quando menciona que “a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e por isso mesmo é tão rica e significativa”.

Neste contexto, no que se refere às entrevistas como forma de coletar informações, dedicou-se atenção à averiguação das opiniões, emoções e sentimentos demonstrados pelos participantes ao responderem aos questionamentos, uma vez o contato com os entrevistados se guiou pela especificação de entrevista por pautas, com um determinado grau de estruturação e inter-relações entre si, aspecto a que deve atentar o entrevistador.

Quanto à Análise de Conteúdo dos documentos de fonte secundária, adotou-se a técnica de análise de dados para uma investigação com enfoque qualitativo, respaldando-se na proposta de Bardin (2011), para o qual, a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma sistematização e organização, as quais são postas em diferentes fases:

- A pré-análise;
- A exploração do material; e, posteriormente,
- Análise dos resultados: a interpretação e a inferência.

É importante ressaltar que a metodologia utilizada neste estudo foi fundamental à realização dos procedimentos, alcance dos objetivos propostos inicialmente e resposta à questão sobre o problema da pesquisa.

## **5 APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Os resultados obtidos através da pesquisa de campo serão apresentados nesta seção na íntegra de acordo com as questões iniciais elencadas nas entrevistas e sequência por entrevistados. Serão apresentados inicialmente, os dados coletados nas entrevistas com os Coordenadores Distritais, e posteriormente, os dados obtidos a partir das entrevistas com os Gestores e Professores das escolas campos de pesquisa.

Os resultados obtidos através da pesquisa de campo serão apresentados nesta seção de acordo com as questões iniciais elencadas nas entrevistas e sequência por entrevistados, disponíveis na íntegra nos anexos deste trabalho.

Inicialmente, serão abordados os dados coletados nas entrevistas com os sete Coordenadores Distritais. Posteriormente, será feito a exposição dos dados obtidos a partir das entrevistas com os cinco Gestores das escolas, e finalmente, serão apresentados os resultados das entrevistas com os oito Professores das escolas campos de pesquisa.

### **5.1 Resultados entrevistas com Coordenadores Distritais**

As entrevistas com os sete coordenadores distritais foram realizadas de forma presencial, gravadas, e transcritas. As respostas foram refletidas e analisadas, visando compreender a percepção dos entrevistados sobre as questões pertinentes à temática em estudo.

#### **5.1.1 Percepção dos Coordenadores Distritais**

Quanto à Gestão e os desafios da inclusão, os coordenadores distritais afirmaram que o processo de inclusão não é somente da Coordenadoria, mas da Rede Estadual de Educação do Amazonas. Demonstraram conhecimento sobre a Lei de Inclusão, segundo a qual, todos os alunos devem ser incluídos em escolas regulares, independente das dificuldades que apresentem, sejam de aprendizado, ou de questões clínicas. Compreendem a educação inclusiva como um processo, e criticaram a escola especial específica por não ter sido exitosa ao longo do tempo, visto não ter contribuído para a integração social, como também para o aprendizado dos alunos com deficiência.

Na visão dos coordenadores, todas as escolas da Rede Estadual de Educação do Amazonas são inclusivas. Algumas possuem salas de recursos para atendimento no contraturno

aos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem. No entanto, no período em que a pesquisa foi realizada, não estavam funcionando devido a pandemia, mas enfatizaram que o auxiliar de vida trabalhou com os alunos com deficiência em Home Office, levando as atividades e/ou orientando os pais que compareciam às escolas para pegar as atividades propostas pelos professores nas disciplinas. Relataram que a Secretaria Estadual de Educação, vem promovendo formações continuadas aos professores, de forma presencial e online, visando atender a demanda.

Destacaram sobre suas experiências em escolas, e a necessidade de investimento em inclusão, pois segundo uma das coordenadoras “muito se fala em inclusão, mas poucas escolas são inclusivas”. Afirmaram que a inclusão vem sendo implementada aos poucos nas escolas sob suas responsabilidades, e que algumas escolas em cada coordenadoria foram contempladas com projetos de acessibilidade dos seus espaços, sinalização e marcação de acordo com a necessidade do ambiente, e em sua maioria revitalizadas de acordo com o novo padrão de sinalização, tanto das portas com barra de ferro do lado de fora, banheiros de acessibilidade, e sala de recursos multifuncionais, as quais auxiliam no processo de inclusão e acompanhamento dos alunos.

Relataram que os alunos com dificuldades de aprendizagem são matriculados no turno normal para cursar a série/ano em que estão, na qual são acompanhados pelo auxiliar de vida, intérpretes para alunos surdos como é o caso da escola André Vidal de Araújo. Esses alunos além de frequentarem o turno normal, ainda frequentam o contraturno para as atividades desenvolvidas na sala de recursos multifuncionais, as quais para os coordenadores distritais são “bem atuantes.”

Convém esclarecer que as coordenadorias seguem a orientação do Conselho Estadual de Educação em relação ao auxiliar de vida para o aluno com deficiência. Assim, a situação desses alunos é encaminhada para análise, pois “em algumas situações o aluno não necessita de um auxiliar de vida por não atender ao pré requisito estabelecido em documento”, o qual segundo os coordenadores, “prioriza os alunos que têm a necessidade de locomoção para alimentação, ficando as questões pedagógicas sob a responsabilidade das salas de recursos.”

Frente ao contexto, os coordenadores distritais acreditam que o processo de inclusão está melhorando gradativamente. Ressaltaram que a atualização do diagnóstico dos alunos é realizada pelos professores e que trabalham em parceria com a Coordenação de Educação Inclusiva da SEDUC/AM.

No entanto, consideram como um dos maiores entraves para a implementação do processo de inclusão, “a compreensão dos pais em relação ao processo desenvolvido pelas escolas”, já que, “o pai ele quer que o aluno seja incluso, mas ele não consegue entender que mesmo ele sendo incluso, ele tem determinadas dificuldades.”

Ao serem questionados em relação à inovação do modelo educativo para a inclusão, ressaltaram que a inovação é extremamente necessária, desde o vigia que recebe o aluno na entrada da escola até o gestor, e que é preciso que as escolas estejam preparadas para entender aos alunos que “têm uma diferença daqueles ditos normais.”

Afirmaram que a inovação tecnológica não significa apenas dar um equipamento eletrônico ao aluno, mas de cada servidor que está naquela escola, ou seja, cada pessoa entender que tem que aceitar o aluno do jeito que ele é, e com as dificuldades que ele tenha. Enfatizaram que “precisamos sim inovar, primeiramente na forma de unidade, compreender o mundo daquela pessoa.” Acreditam “que a inclusão vem ocorrendo de modo gradativo”, e como em qualquer sistema educacional, estão aprendendo e evoluindo com as dificuldades que vão surgindo, mas estão “sempre buscando o melhor.”

Consideram a sociedade atual em processo de mudança gradativa, o que exige inovação nas práticas pedagógicas em momento de pandemia. Segundo os coordenadores os “professores que nunca tinham trabalhado tanto, ou quase nunca no computador, tiveram que adquirir mais essa ferramenta para realizarem suas aulas através do sistema híbrido”.

Na percepção dos coordenadores, para que o processo de inclusão seja realidade, “precisamos investir na formação continuada dos nossos professores”, pois a partir do momento em que estejam preparados, poderão inovar em suas metodologias e contribuir com o processo de inclusão no ambiente escolar.

Segundo os coordenadores, “algumas escolas apresentam uma demora maior na adaptação, mas dificuldades não, nossas escolas estão preparadas para receber qualquer público, escola pública né, democrática que ela é, nós estamos prontos né, focados e preparados para receber qualquer pessoa.”

Ressaltaram que as escolas recebem recursos do Governo Federal, os quais são gerenciados pelas APMC’S, e utilizados nas adequações dos espaços físicos. As escolas que “não têm uma disposição de espaço físico ideal, vão sendo adequadas de acordo com as possibilidades, mas a maioria possui rampas, corrimões, banheiros adaptados para alguém que

tenha alguma dificuldade física”. Destacaram a importância do trabalho realizado por uma escola que compõe a Rede Estadual de Ensino, a qual oferece atendimento específico, oportunizando palestras, e à medida em que uma escola recebe um aluno com alguma situação atípica, essa escola providencia capacitação para os profissionais, orientando-os a saberem lidar com aquela realidade.

Ressaltaram que nas coordenadorias o “carro-chefe é humanização”, é trabalhar os profissionais desde o vigia até o gestor para que todos falem a mesma linguagem no ambiente escolar e tenham um “olhar diferenciado para cada um de acordo com a sua necessidade: aquela mãe solteira com aquela criança grávida, porque é adolescente que é menino ou menina e que é homossexual, seja lá o que for que nosso olhar seja humanitário”. Quanto aos projetos em nível macro e micro, ressaltaram que existem dificuldades em “cada programa, cada projeto” e não saberiam informar por “serem muitos, entre todas as escolas e cada escola tem pelo menos um projeto em relação a isso, todas têm.”

Quanto à existência de projetos em níveis macro e micro para a educação inclusiva, afirmaram que “todas as coordenadorias têm em alguma parte delas, uma pasta dentro dela, chamada programas e projetos, e essa pasta trabalha com vários ingredientes da inclusão, na verdade a gente não tem um projeto, assim um projeto de inclusão, o que mais fazemos aqui é a gente executa a proposta não é, o que a gente tem são as ações que são realizadas, a gente acompanha as informações que vêm, mas assim um projeto específico a gente não tem, entende? nós somos mais executores”. No entanto, algumas escolas trabalham projetos independentes, “um exemplo disso é o Colégio Brasileiro que trabalha com projetos de inclusão há algum tempo”. Os coordenadores distritais entendem que “a partir do momento que você tem dentro de uma sala de aula um multiculturalismo, você já está trabalhando a inclusão, buscando entender o problema dos alunos e que as escolas podem desenvolver sem necessariamente ter um curso de formação, sem necessariamente passar por um treinamento, sem necessariamente ser auxiliar de vida, é claro que é importante nas escolas”.

Para os coordenadores, a escola como ambiente inclusivo deve “oferecer aquilo que é melhor para cada aluno”, ou seja, se o aluno se sente bem na escola regular, “ele é muito bem-vindo, estamos prontos para atender”. Caso contrário, “ele escolha uma escola de determinada especialidade, ele também será muito bem-vindo dentro da nossa Rede”.

Destacaram a necessidade de inovação das práticas pedagógicas no contexto da pandemia, e estratégias para delinear um novo formato de inclusão a partir das várias situações que exigem atividades voltadas para inclusão, e que precisam estar alinhadas. Ressaltaram que consideram o aluno em processo inclusivo como um aluno da rede, normal, ou seja, não há diferenciação, ele é considerado igual, não podem diferenciar, e sim, que buscar tecnologias, inovações, recursos apropriados para poder atender esse aluno.

Ressaltaram a importância da acessibilidade e adequações pedagógicas através de um processo que alcance a todo o alunado na escola e garanta a partir de cada atividade desenvolvida, a inclusão no ambiente escolar.

Em relação às dificuldades discentes e docentes, afirmaram a importância da presença dos profissionais de apoio, e das salas de recursos para atendimento aos alunos em várias áreas da cidade de Manaus/AM. Consideraram como maior dificuldade dos docentes, a falta de conhecimento e a resistência dos professores que têm alunos com deficiência nas turmas regulares, os quais por “não serem capacitados”, sentem dificuldades para lidar com a realidade, mesmo tendo a compreensão de que o aluno em processo de inclusão, não ficará em sala especial. Segundo os coordenadores, esses professores quando convidados para alguma formação pela Secretaria Estadual de Educação, não comparecem. Nesse contexto, enfatizam que a educação inclusiva precisa de um olhar diferenciado para acontecer nas escolas, pois “estamos ainda talvez muito além do que nós gostaríamos”.

Quanto aos discentes, os coordenadores entendem a necessidade de envolver no processo de inclusão não somente o professor, mas também a família. Indicam como maior dificuldade dos discentes “o próprio desânimo devido a mesmice que infelizmente já trazem de décadas passadas, porque não inova, não se interessa, continua da mesma forma, e que enquanto a escola não trabalhar o protagonismo juvenil, o aluno se sentirá deixado de lado, ele é só uma peça a mais para educação que para ele é uma mesmice que não leva a nada. Afirmam ser necessário trabalhar a formação dos professores para atuarem de forma consistente no processo de inclusão, pois apesar de alguns serem comprometidos, infelizmente, a maioria não tem perfil para contribuir com a inclusão nas escolas.

Quanto à formação continuada dos docentes, ressaltaram que “tudo é importante, família professor, as políticas públicas, enfim, mas não há dúvida que o professor é fundamental, “ele é a parte mais humana do processo, mas precisa do envolvimento de todos na escola: assistente

social, psicólogo, e psicopedagogo para estar fazendo um trabalho assim mais eficaz, sozinhos eles têm muita vontade, mas a gente precisa de uma equipe multidisciplinar”.

Afirmam que o professor mesmo sendo “um dos principais atores nesse processo, não é um protagonista porque necessita da contribuição da família, e formação para atuar tanto com os alunos com deficiência, quanto com os alunos que apresentam deficiência em alguns aspectos.

Na compreensão dos coordenadores as políticas de inclusão estão sendo desenvolvidas na rede Estadual do Amazonas pelas escolas que buscam a adequação para atender à diversidade, através de práticas inovadoras que possibilitam a participação de todos dos alunos. Nesse sentido, ressaltam que “as esferas governamentais para a inclusão têm apoiado as instituições, e acreditam que alcançar o modo mais rápido, é trabalhar com a ideia de que todos os alunos são importantes para nós, e isso, numa visão tanto do docente como uma visão de quem dirige as instituições de educação estaduais, tornando mais fácil a inclusão.”

No entanto, destacam que há a necessidade de “intensificar a formação dos nossos professores, na questão da educação inclusiva que é o tema que nós estamos tratando de responsabilidade social.

Um dos coordenadores enfatizou que “atualmente o processo tem avançando, mas assim como a educação também é algo muito lento, o que leva as pessoas a afirmarem que “a inclusão tava correndo, o que tava correndo é o processo de extensão, estão colocando essas crianças nas escolas regulares, mas a gente não tem nada acontecendo, essa questão da inclusão ela não mente tá só de fachada”.

Ressaltam que as políticas públicas voltadas para esse tipo de educação devem ser vistas com mais seriedade, através de um olhar mais apropriado, responsável porque se faz claro, se faz política pública para esse, para essa questão, mas eu penso que o interesse tem que ser maior. Infelizmente a gente fica de mãos atadas. Políticas públicas ineficientes e que se tornam mais ineficientes quando aqueles que devem conduzir não a conduzem com responsabilidade, aí a gente acaba chegando a lugar nenhum, infelizmente.

Acreditam que para o processo de inclusão realmente acontecer é importante que as escolas provoquem ainda mais, principalmente da família para a escola para que a escola mostre para a família o processo de inclusão, para que nesse contato que a escola tem com a família e a sociedade em geral seja sensibilizada no processo de inclusão.



### 5.1.2 Discussão e Análise dos Resultados Coordenadores Distritais

A análise aos resultados obtidos nas entrevistas foi realizada com a utilização do método de análise de conteúdo. Após a leitura, deu-se a exploração do material contido nas entrevistas para identificação das categorias existentes no discurso dos entrevistados, sempre de acordo com o referencial teórico que embasa este estudo. Segundo Laville & Dionne, (1999, p.91), categorias são “representações mentais de um conjunto de realidades em função de suas características comuns essenciais”. As categorias identificadas, relacionadas a seguir, foram utilizadas para analisar o conteúdo das entrevistas realizadas com os coordenadores distritais, gestores e professores das escolas campos de pesquisa.

- A educação como um direito de todos;
- Respeito às diferenças;
- Os desafios da gestão escolar no processo de inclusão;
- Currículo inclusivo; e
- Práticas pedagógicas inclusivas.

Posterior à priorização das categorias, partiu-se para a identificação de Ausência ou Presença das mesmas nas respostas dos entrevistados, conforme quadro demonstrativo a seguir:

Quadro 2. Resultados Coordenadores: A = Ausência; P= Presenças

Entrevistados Categorias	1		2		3		4		5		6		7	
	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P
A educação como um direito de todos		X		X		X		X		X		X		X
Respeito às diferenças		X		X		X		X		X		X		X
Desafios da gestão escolar no processo de inclusão		X		X		X		X		X		X		X
Currículo Inclusivo	X		X			X		X		X		X		X
Práticas pedagógicas inclusivas		X		X		X		X		X		X		X

Fonte: Elaboração Própria

Após a identificação de ausência ou presença das categorias em trechos da fala dos entrevistados, demonstrados nos quadros seguintes, as quais foram definidas a partir das questões iniciais da pesquisa, procedeu-se a análise dos resultados.

Quadro 3. Categoria: Educação como um direito de todos.

Entrevistados	Trecho do discurso
Entrevistado 1	“a gente sabe que por lei hoje todos os alunos devem ser incluídos, independente das dificuldades que eles tenham de aprendizado”.
Entrevistado 2	“hoje os alunos conseguem aprender, não igual aos ditos normais”.
Entrevistado 3	“a partir do momento que as escolas específicas de inclusão foram extintas, todas as escolas possuem educação inclusiva”.
Entrevistado 4	“encontram essa ajuda a maioria das vezes dentro da escola”.
Entrevistado 5	“o entendimento que as pessoas têm da educação inclusiva é muito restrito”.
Entrevistado 6	“ele estaria ali para assegurar que aquele aluno tenha acesso à educação da forma que os demais colegas estão dentro da sala de aula que ele tem acesso ao mesmo conteúdo, que consiga fazer as atividades”.
Entrevistado 7	“nós somos mais executores”.

Fonte: Elaboração Própria

A categoria, “educação como direito de todos” garantida pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 a todos os brasileiros, reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9394/96, e demais documentos que orientam a educação e o desenvolvimento do ensino aprendizagem no Brasil, esteve presente nas respostas de todos os participantes. No entanto, observou-se a necessidade de aprofundamento por parte dos coordenadores distritais sobre o cumprimento dos preceitos legais estabelecidos pelas políticas educacionais, em especial às políticas de inclusão, visto as suas abordagens terem sido voltadas apenas para um dos aspectos relacionados à Educação Inclusiva, no caso a Educação Especial, deixando à margem categorias de pessoas excluídas historicamente do processo de socialização, entre as quais, os transgêneros, as pessoas em vulnerabilidade, os travestis, os indígenas, os

homossexuais, os negros e outros.

Nesse contexto, concluiu-se que as diferenciadas concepções sobre a temática, reforçam a ideia de que a Educação Inclusiva precisa ser melhor compreendida em relação ao seu objetivo precípua: propiciar a igualdade de possibilidades e oportunidades a todos de frequentarem uma escola inclusiva, que priorize o respeito às diferenças, estimule a autonomia e possibilite a participação de todos no processo de aprendizagem e desenvolvimento das suas capacidades individuais, contribuindo para a concretização do direito constitucional de todos frequentarem as salas regulares, combatendo qualquer discriminação.

Quadro 4. Categoria: Respeito às diferenças.

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“...é a gente trabalhar com a ideia de que todos os alunos são importantes”
Entrevistado 2	“É preciso que as escolas se preparem para receber alunos que têm uma diferença”
Entrevistado 3	“Fazemos de tudo para adequar as escolas, seja na parte física, na parte estrutural, e na parte educacional”
Entrevistado 4	“a partir do momento em que você dentro de uma sala de aula, um multiculturalismo, você já está trabalhando a inclusão”
Entrevistado 5	“...ele aprende tão quanto os outros, não podemos diferenciar”
Entrevistado 6	“E o caso o aluno ele não consiga fazer aquela atividade, essa atividade é direcionada para o professor da sala de recursos para que ele faça a adaptação dessa atividade, conforme previsto na legislação vigente
Entrevistado 7	“...então as escolas elas estão todas se adequando, nossas escolas distrito 7 elas são muito muito organizadas nesse sentido”

Fonte: Elaboração Própria

Em relação à categoria “respeito às diferenças”, observou-se através das respostas dos entrevistados a preocupação e o interesse em desenvolver ações que envolvam o respeito às diferenças e conduzam às transformações. Foi possível perceber que o processo de inclusão vem ocorrendo ainda de forma tímida, voltado apenas para os estudantes que apresentam alguma deficiência, devido a transição de um modelo segregador, o qual impedia o desenvolvimento

das capacidades cognitivas e socioemocionais dos estudantes para um modelo de inclusão que priorize a diversidade e atenda a todos sem rótulos, ou discriminações. Citação respeito as diferenças

É importante ressaltar que os entrevistados demonstraram interesse em implementar um processo inclusivo, voltado para a igualdade, valorização da diversidade e promoção da aprendizagem de todos, sejam eles alunos que apresentam ou não alguma deficiência, cabendo às escolas promoverem a socialização, integração estudantes e a valorização da diversidade, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes.

Quadro 5. Categoria: Os desafios da gestão escolar no processo de inclusão.

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Demora maior na adaptação e trabalhar o pedagógico”
Entrevistado 2	“Aceitabilidade desse aluno no meio em que ele vive”
Entrevistado 3	“a gente não é preparado assim psicologicamente para tá atendendo esse aluno porque geralmente ele sofre por muitas situações sociais, por conta das diversas dificuldades que eles tem, né”
Entrevistado 4	“má vontade em realizar a inclusão do professor, desânimo do aluno”
Entrevistado 5	“aceitação dele na rede”
Entrevistado 6	“a maior dificuldade é a questão da família reconhecer que o aluno tem uma especificação, né”
Entrevistado 7	“o que a gente tem de maior entrave hoje é a compreensão dos pais e os pais entenderem que a escola ela está nesse processo de inclusão e que precisa deste olhar maduro deles que muitas vezes a gente não consegue observar, o pai ele quer que o aluno seja incluso mas ele não consegue entender que mesmo ele sendo incluso ele tem determinadas dificuldades né tivemos uma necessidade numa escola, que ficamos um bom tempo porque nós não tínhamos o professor apto, até que conseguiram, com a formação específica”

Fonte: Elaboração Própria

As respostas dos entrevistados à categoria “desafios da gestão escolar no processo de inclusão”, conduziram à compreensão que a gestão escolar ainda enfrenta vários desafios frente ao processo de inclusão.

Entre esses desafios, encontram-se a resistência das famílias em relação à aceitabilidade da situação dos estudantes que apresentam alguma deficiência; um outro desafio, refere-se à adequação do ambiente escolar para atender as demandas oriundas das políticas de Educação Inclusiva; o outro desafio considerado preocupante diz respeito à má vontade dos professores em realizar o processo de inclusão, o seu despreparo para atuação na diversidade, e a resistência dos mesmos em participarem dos cursos de formação oferecidos esporadicamente pela Secretaria de Educação - SEDUC/AM.

Quadro 6. Categoria: Currículo inclusivo

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	não identificado
Entrevistado 2	não identificado
Entrevistado 3	“a gente tenta trabalhar esse currículo adequando para atender a necessidade”
Entrevistado 4	“eu vejo um olhar marcado pelo desejo realmente de construir um aprendizado diferenciado”
Entrevistado 5	“toda escola tem que estar preparada”
Entrevistado 6	“vai trabalhar a questão das estruturas cognitivas e com esse avanço, daqui eles conseguem dominar algumas competências e habilidades para irem para as escolas regulares”.
Entrevistado 7	“ele está sendo ajustado à medida...para atender a necessidades do momento”.

Fonte: Elaboração Própria

A categoria “Currículo inclusivo” foi abordada apenas nas respostas de 5 (cinco) participantes. De acordo com as respostas foi possível compreender que as escolas mesmo sendo inclusivas, pouca atenção têm dado ao currículo inclusivo, ou seja, não existem propostas curriculares adequadas à inclusão que possam contribuir para a autonomia dos estudantes e integração ao contexto escolar.

Ressalta-se que o currículo inclusivo deve considerar os conteúdos tanto como um fim, quanto como um meio a ser utilizado com o objetivo de desenvolver as estruturas afetivo-cognitivo dos estudantes. Segundo Sant’ana (2005, p. 228), “a orientação inclusiva implica um ensino adaptado às diferenças e às necessidades individuais”. Isso, requer que a escola esteja adaptada também em seu currículo para enfrentar os possíveis desafios no âmbito escolar.

Quadro 7. Categoria: Práticas pedagógicas inclusivas

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Trabalhar o seu pedagógico de forma atraente e para os alunos”
Entrevistado 2	“Nós precisamos de disciplinas interdisciplinares”
Entrevistado 3	“apesar das dificuldades, então a inserção da tecnologia contribui muito”
Entrevistado 4	“é necessário que as práticas estejam acompanhando o processo”
Entrevistado 5	“e vai buscando tecnologias, inovações, recursos apropriados para atender essa criança”
Entrevistado 6	“a escola ela pode adquirir material pedagógico, e dentro desse material pedagógico é importante que as da APMCs, que o conselho escolar, conselho fiscal, tenha essa sensibilidade de que nós podemos adquirir material para dar suporte para o aprendizado desses alunos”.
Entrevistado 7	“trabalhar as novas metodologias que precisam ser adequadas a esse processo da inclusão”

Fonte: Elaboração Própria

A categoria “práticas pedagógicas inclusivas”, consta nas respostas de todos os entrevistados, os quais demonstraram a preocupação com a formação do professor para aquisição de conhecimentos para que possam realizá-las de forma consistente, e segura. Observou-se nos discursos dos entrevistados que tais práticas ainda deixam a desejar, sendo necessário adequá-las de acordo com as novas metodologias, apropriadas ao processo de inclusão.

### **5.1.3 Considerações sobre o posicionamento dos entrevistados para a concretização das políticas de inclusão.**

Segundo o entrevistado 1, as políticas públicas de inclusão oriundas de Leis Federais, Estaduais e Municipais estão sendo contempladas, e as escolas aptas a receber todos os alunos. O entrevistado 2, enfatizou a necessidade de inovação desde o vigia que recebe esse aluno na entrada da escola até o gestor, estejam preparadas para entender as diferenças. Para o entrevistado 3, há necessidade de um estudo aprofundado para aquisição de conhecimentos que orientem as práticas e contribuam para enfrentar os desafios da inclusão.

O entrevistado 4, ressalta a necessidade do compromisso dos professores com a formação continuada para a partir dos conhecimentos adquiridos, saibam ouvir o aluno em suas necessidades emocionais, sociais, culturais e assim, contribuir para a redução do abandono escolar ainda bastante significativo nas escolas. O entrevistado 5, afirmou sobre a necessidade de um olhar direcionado pelo gestor em relação à qualidade da educação. Para o entrevistado 6, a humanização é fundamental no processo de inclusão. Em seu entendimento, o trabalho desenvolvido a partir da socialização, possibilita ainda mais o aprendizado. O entrevistado 7, destacou a contribuição da acessibilidade para a concretização do processo de inclusão e que atualmente a maioria das escolas encontra-se em adequação da sua estrutura física, executando o recurso de acessibilidade do governo federal.

Frente ao contexto, considerando as respostas dos participantes coordenadores distritais da Rede Estadual de Ensino, concluiu-se que o processo de inclusão nas escolas campos de pesquisa necessita de maior atenção por parte de todos os envolvidos no processo, no sentido de cumprir os preceitos legais contidos nas políticas de inclusão em todos os aspectos para que a inclusão inclua realmente, e possa tornar-se realidade.

## 5.2. Resultados das entrevistas com os gestores

Devido a pandemia da COVID-19, houve a necessidade da realização das entrevistas com os gestores das escolas campos da pesquisa (respostas às entrevistas em anexo) de forma presencial, e online através do Google Meet e Google Forms, os quais responderam inicialmente sobre o seu percurso profissional, rotina de trabalho e caracterizaram as Instituições Escolares sob suas responsabilidades.

### 5.2.1 Percepção dos gestores das escolas

Em relação ao percurso profissional, a primeira gestora entrevistada ressaltou ter assumido como professora do Ensino Fundamental I em 2014. Em 2017, atuou como assessora pedagógica passando a atender cinco escolas e gestões diferenciadas. Em 2017 geriu outra escola, tendo assumido a atual em 2020. A entrevistada, afirmou: “assumir a escola em que estou gerindo para mim foi um desafio constante, pois a escola atual encontrava-se com várias situações ao mesmo tempo em todas as áreas, e as prioridades eram infinitas. Contudo, estamos conduzindo um trabalho acerca de 01 ano e conseguindo evoluir nos resultados.”

A entrevistada afirmou que a escola atende o Ensino Fundamental 1, em média 330 alunos por turno: matutino e vespertino, possuindo uma média de 25 alunos incluídos com as mais diversas deficiências. Em sua compreensão a escola inaugurada em 2009, possui “o melhor modelo de infraestrutura que existe na SEDUC capital”. São 10 salas de aula, 08 salas administrativas, 01 cozinha, 04 banheiros e áreas internas e externas. Possui 01 sala de recurso para atender aos alunos especiais no contraturno, e demandas das adjacências. Tem em média 29 professores do ensino regular, 09 auxiliares de vida escolar, 02 professoras da sala de recurso, 06 administrativos, 04 merendeiros, 03 auxiliares de serviço gerais, 01 vigia e 01 AGP (Agente de Portaria).

Quanto à contribuição do currículo no processo de construção da identidade, a entrevistada afirmou ser desenvolvido “ofertando o mesmo currículo regular a partir de uma adaptação de conteúdos e estratégias por meio de estímulos as deficiência”. Sobre a existência de projetos voltados à comunidade externa para a educação inclusiva, a entrevistada, afirmou: “não temos nenhum projeto, exceto o atendimento da sala de recurso. A principio iniciamos a melhoria da infraestrutura da sala de recurso e consegui o deferimento da maioria dos processos encaminhados solicitando a auxiliar.”



Em se tratando da relação gestão pedagógica com as demais áreas, relatou “hoje a gestão escolar tem que se multiplicar para atender as mais diversas e inúmeras demandas. Temos vivido diariamente desafios constantes em todos os sentidos e aspectos, não tem sido fácil, exige disciplina, foco, check list e etc”. Relacionado à formação, atuação e experiência profissional, afirmou: “na minha formação eu tive contato sim com a educação inclusiva, pois fazia parte da grade curricular. Na secretaria participamos sim de algumas formações voltados para este público, porém acerca de uns dois anos a atuação deste setor tem deixado a desejar no sentido de promover ações e responder às demandas. Não possuo nenhum curso em Educação especial.”

Quanto às estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar, a entrevistada afirmou: “buscamos diariamente, por meio de registros e links de frequência diários, conversamos muito com os responsáveis, rientamos as auxiliares e professores que busquem o apoio dos pais e que ao mesmo tempo também os ajudem neste tempo atípico.”

A segunda gestora entrevistada é professora graduada em Língua Portuguesa e trabalha na escola desde 2015. Inicialmente, com turmas de 3º Ano de Ensino Médio, tendo assumido em 2020 como administradora escolar e em 2021 como gestora escolar. Em seu relato afirma: “estamos aprendendo a cada dia e descobrindo novas formas de ver a educação.”

Em relação à Instituição, enfatizou que a escola tem 2.650 alunos, sendo 42 em processo de inclusão. Conta com 112 professores nos três turnos, e 46 funcionários. Segundo a entrevistada, os alunos do turno matutino atendidos em sala de recursos estão sendo atendidos no turno vespertino, visto a professora do turno matutino encontrar-se de licença médica.

Quanto a estrutura física, a escola possui 20 salas de aula, 1 sala de mídia, 1 sala de recurso, 1 quadra de esportes, secretaria, sala de professores, biblioteca, refeitório, cozinha, depósito de merenda escolar, 3 banheiros masculino e 3 banheiros femininos para estudantes, 1 sala do corpo pedagógico, 1 arquivo passivo, 1 depósito de materiais de limpeza, uma sala para Educação Física, 1 estacionamento interno. Fundada em setembro de 1981, recebeu a denominação em homenagem a um desembargador.

Em se tratando do currículo no processo de construção de identidade, a entrevistada afirmou: “o currículo se faz importante visto que é um instrumento norteador do conhecimento. A inclusão ocorre com palestras aos alunos, em todos os pronunciamentos oficiais da escola temos a presença de intérpretes, os professores estão a par das adequações nas atividades entregues aos alunos.”

Quanto à existência de projetos voltados para a comunidade externa sobre a educação inclusiva, comentou que “a escola tem um projeto (que está parado no momento) que oferece curso de Libras para a comunidade em geral com a validade de horas em certificado.”

Em se tratando da relação gestão pedagógica com as demais áreas, afirmou: “sou professora de sala de aula, já atuei na Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, como apoio pedagógico e administradora escolar. Tive a oportunidade de conhecer e lidar com a parte administrativa, secretaria, merendeiras, vigias, porteiros, pedagogas e pais. Todos de maneira a prezar pela boa comunicação entre os setores e o respeito, a fim de me fazer entender que todos fazemos parte de um processo macro de educação.”

Ao abordar sobre a formação, atuação e experiência profissional, ressaltou: “fui professora de sala Especial em 2006 na Semed (também sou servidora municipal) e tive contato com esse mundo da educação inclusiva. Fiquei maravilhada! Decidi me aprofundar fazendo cursos particulares e aproveitando os que a SEMED nos proporcionava.” Quanto às estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar, respondeu que a escola desenvolve “sim, busca”, por meio de “reuniões periódicas com os pais dos alunos especiais, assessoramento na escola e por mídia.”

O terceiro gestor entrevistado é graduado em Educação Física, especialista em Desenvolvimento Sustentável na Amazônia com ênfase em Gestão e Educação Ambiental, especialista em Gestão Escolar e aperfeiçoamento em Atendimento Educacional. Professor da Rede Estadual de Ensino há 34 anos, e gestor desde 2004. O entrevistado relatou: “nosso trabalho é desenvolvido em uma gestão democrática participativa, primando pelos princípios éticos e morais, a fim de garantir um caminho de liderança e aprendizagem de sucesso.”

Fundada em 2001 através do Decreto 22076-01, estrutura-se em blocos. O bloco A, compreende 4 andares com 20 salas, 6 banheiros e auditório. O bloco B, localizado no térreo com dependências administrativas, 4 banheiros e o 2º andar com 8 salas e 2 banheiros. O nome da escola homenageia um professor de Latim e Literatura, contador, advogado e Diretor

da Academia Amazonense de Letras em 1979, o qual, ocupou a poltrona 35, tendo falecido em 1991.

Quanto ao currículo no processo de construção da identidade, afirmou: “as novas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica foram, portanto, responsáveis pelo estabelecimento e pela fundamentação da BNCC ou seja, foram responsáveis por orientar as propostas pedagógicas das escolas. Nessa concepção é de fato os direitos assegurados a todos os indivíduos, se tratando dos direitos educacionais nas modalidades.”

Em relação à existência de projetos voltados à comunidade externa sobre a educação inclusiva, afirmou “não” existirem, apenas o “acolhimento, respeito e profissionalismo”. No que se refere à relação da gestão pedagógica com as demais áreas afirmou que “o gestor escolar no estado do Amazonas não possui equipe gestora completa, vice gestor, administrador escolar, pedagogo, orientador, supervisor pedagógico, entre outros. Então, nos desdobramos para atender todas as áreas, não permitindo prejuízos às atividades didáticas, pedagógicas, e obtermos resultados satisfatórios. Somente as escolas militares são contempladas com essa realidade completa.”

No que se refere à formação, atuação e experiência profissional, o entrevistado respondeu: “sim, sempre tive contato com a educação inclusiva, tanto que para melhor compreensão e comunicação, fui espontaneamente em busca de cursos específicos de baile e soroban. Atendo pessoalmente todos os alunos inclusos e seus familiares, juntamente com um profissional da educação especial.”

Em se tratando de estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar, o entrevistado enfatizou que “em se tratando de uma escola de jovens e adultos, a família não se vê muito participante, mas esta gestão sempre busca chamar a família à participação, ajuda e suporte ao aluno.”

O quarto gestor entrevistado, iniciou suas atividades na atual escola como professor de Ensino Religioso. Geriu escolas da redondeza e posteriormente assumido a gestão escolar na escola atual. Segundo relato do entrevistado, a escola possui 663 alunos no turno matutino e 806 alunos no turno vespertino. Atualmente possui cadastrado no sigeam 57 alunos com Deficiência inseridos no Ensino Regular. Conta com 115 professores ativos (40 no turno matutino, 40 no turno vespertino e 35 no turno noturno) e 37 funcionários administrativos. Possui uma sala de recursos multifuncional tipo II que atende aos alunos nos 3 turnos, com 4

professores especializados atendendo aos alunos, 20 salas de aula, refeitório, sala de professores, banheiros adaptados, biblioteca, sala de mídia/vídeo e laboratório de informática.

O nome da escola homenageia uma das primeiras professoras da cidade de Manaus. Segundo o entrevistado, a escola “presta seus serviços à comunidade na qual esta inserida há mais de 35 anos.” Em relação à existência de projetos voltados para a comunidade externa sobre a educação inclusiva, afirmou: “não temos projetos voltados para o entorno da nossa escola, até porque o momento atual (pandêmico) é de distanciamento e ações sem muito envolvimento com aglomeração de pessoas.”

Sobre a relação da gestão pedagógica com as demais áreas, o entrevistado ressaltou: “tenho procurado dividir as questões escolares entre a equipe pedagógica e administrativa da escola, assim fica mais leve e possível administrar as múltiplas questões dentro do ambiente diversificado que tem a nossa escola.”

Quanto a formação, atuação e experiência profissional destacou: “não tenho curso de especialização em Educação Inclusiva, mas desde o início do magistério tive contato com o público alvo da educação inclusiva. Até o momento, não encontrei grandes dificuldades para atender com eficiência esse público.”

Em se tratando de estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar, enfatizou que “a escola tem a participação dos pais no Conselho Escolar com votação e escolha de participantes da comunidade.”

A quinta gestora entrevistada é graduada em História, especialista em História do Brasil e Ensino, mestre em História Social e doutoranda em História. Em seu relato afirmou “eu sou gestora da escola onde eu estudei, então eu tenho uma história particular com essa escola porque eu sempre estive muito próxima, eu lembro das feiras de ciências, toda a produção, eu era muito participativa, então quando eu saí da escola, eu ainda não tinha muita maturidade, eu acabei indo para enfermagem, contudo com 2 anos de enfermagem, eu vi que não era minha praia, então fui pra história, que foi onde me encontrei.”

A escola possui em média de 930 alunos. Segundo a gestora não foi possível precisar exatamente o total de alunos devido “toda semana mudar, porque agora quem faz as matrículas é o próprio povo, eles entram, sai da escola, como ficou a matrícula assim não tem aquele número exato.”

A escola encontra-se localizada em área de vulnerabilidade social, “tem crianças que

poderiam ser enquadrados dentro de alguma síndrome, nós conversamos com os pais, mas eles não dão o crédito, não aceitam né, no caso, isso acontece por questões sociais, onde o próprio entendimento, onde tem essa questão da diferença, porque para eles soa como algo muito negativo e eles acabam resistindo ao máximo, temos salvo engano 10 ou 11 alunos inclusos esse ano.”

Em relação à estrutura física a entrevistada afirmou que a escola “data de 1914, é uma escola centenária que quando foi feito o conjunto, os militares da época de 1970, empregaram todo um quarteirão pra trazer essa escola pra lá, então saiu do centro e foi pra lá, nós ocupamos um quarteirão inteiro do conjunto, é muito grande, acho que uma das maiores da capital.” Possui 15 salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de informática (não funcional), uma sala de projeto, uma biblioteca, uma sala de recurso multifuncional, secretaria, sala de professores, duas quadras, uma coberta e uma sem cobertura. Quanto ao currículo no processo de construção de uma identidade a entrevistada afirmou que a “a educação é parte essencial da construção da identidade humana e dentro do processo educacional é realizado com a convivência pacífica dos mais diferentes indivíduos que mutuamente se constroem nas trocas sociais e educacionais realizadas dentro de cada processo educacional individual. O currículo é para ser cumprido 100%, com certeza há a adequação porque as especificidades elas aparecem a partir de cada um, das necessidades expostas por cada aluno, e cada aluno é um ser diferente, cada aluno tem uma especificidade diferente”.

Sobre a existência de projetos voltados para a comunidade externa em relação à educação inclusiva, a entrevistada ressaltou que “os professores têm feito trabalhos de pesquisa para entender de que forma ficaria melhor mesmo essa questão da inclusão para atender a comunidade, a escola é vista como inclusiva, então a gente está sempre aceitando e tentando da melhor forma, mas a gente sempre faz uma reunião com os pais que estão com filhos inclusivos, tenta conversar com eles e acabam indo para o avançar porque eles já estão em idade distorcida.” A relação da gestão pedagógica com as demais áreas a gestora enfatiza: “eu sempre bato numa tecla muito importante, a gente não faz o trabalho sozinha, se você for imaginar que você vai fazer o trabalho sozinha, você não vai dar conta de nada, você sobrecarrega, não dá conta.” Segundo a gestora, existem várias equipes liderando as ações na escola, as quais cuidam das diversas áreas: mídias sociais, pedagógica e administrativa, cabendo a ela reunir semanalmente para encaminhar as ações, o que em seu entendimento “isso se chama gestão democrática, eu

fui posta lá por conta disso.”

Quanto à formação, atuação e experiência profissional, a entrevistada afirmou que ocorre “com certeza, porque nós acreditamos que a educação é uma das poucas profissões que o tempo inteiro é necessário repensar né, eu acho tão desgastante, e há muito embate porque a gente está se repensando o tempo inteiro junto com toda aceleração da sociedade, a sociedade e acelera a gente tem que acelerar junto com ela, se ela diminui toda hora a gente está repensando a forma de chegar aos alunos da forma com que melhor atende os alunos.”

Ao ser questionada sobre as estratégias utilizadas para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar, destacou “eu aprendi em um ditado antigo que fala: quem adoça a boca do meu filho, a minha também adoça.”

Em sua compreensão “os pais gostam dos seus filhos bem tratados, bem acompanhados e isso é um trabalho hercúleo, então eu diria que a primeira estratégia que toda escola deveria fazer, seria esse acolhimento real, não imaginário, real, palpável, tangível, de que a pessoa está sendo bem recebida mesmo com todas as resistências que a pessoa acredita que o mundo já se impõe ao diferente né, porque ela já ela já vê seu filho em formato diferente, gostaria que ele fosse como os ditos normais, vamos dizer assim.”

Para a gestora, o acolhimento seria a “primeira estratégia como parte desse processo de inclusão; o segundo momento é fazer com que seu pai também esteja na elaboração das estratégias de ensino-aprendizagem porque não é só o professor que vai fazer ensino-aprendizagem, é o pai em casa também e vai acompanhar né, não é como as outras crianças que você passa atividade e que ele vai chegar em casa com a responsabilidade de fazer, essa atividade vai ter que ser acompanhada para que ela faça parte desse processo de ensino-aprendizagem desde a feitura dele à execução final.”

### 5.2.2 Discussão e análise às entrevistas com os Gestores das escolas

As categorias identificadas no discurso dos entrevistados, relacionadas a seguir, foram utilizadas para analisar o conteúdo das entrevistas realizadas com os gestores das escolas campos de pesquisa.

- Inclusão como meta das políticas educacionais;
- Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão;
- Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem;
- Educação, currículo e construção da identidade;
- Práticas pedagógicas e respeito às diferenças.

A partir da análise ao conteúdo das entrevistas, foram priorizadas as categorias e identificação de Ausência ou Presença das mesmas nas respostas dos entrevistados, conforme quadro demonstrativo a seguir:

Quadro 8. Resultados Entrevistas Gestores: A = Ausência; P= Presença

ENTREVISTADOS CATEGORIAS	1		2		3		4		5	
	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P
Inclusão como meta das políticas educacionais		X		X		X		X		X
Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão		X		X		X		X		X
Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem		X		X		X		X		X
Educação, currículo e construção da identidade		X		X		X		X		X
Práticas pedagógicas e respeito às diferenças		X		X		X		X		X

Fonte: Elaboração Própria

Após a identificação de ausência ou presença das categorias em trechos da fala dos gestores entrevistados, demonstrados nos quadros seguintes, as quais foram definidas a partir das questões iniciais da pesquisa, procedeu-se a análise dos resultados.

Quadro 9. Categoria: Inclusão como meta das políticas educacionais

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Diante do cenário de Pandemia nossos desafios só aumentam para melhor atender a estes alunos e neste sentido é fundamental ações políticas que promovam melhorias na educação com o objetivo de promover a qualidade de todos no aspecto positivo a secretaria hoje diante de um processo encaminhado é possível se ter um auxiliar para o acompanhamento individual deste aluno nos esbarramos na burocracia, na demora e na lotação deste profissional.”
Entrevistado 2	“Então, a partir desta experiência percebo o quanto é necessário melhorias neste sentido, pois do contrário o aluno fica sem assistência e na grande maioria o direito só assistido mediante uma ação no Ministério Público ou Defensoria Pública e isto acarreta em um desgaste na relação da escola com a família.”
Entrevistado 3	“É importante ver a inclusão não apenas voltada para o aluno com necessidades especiais, mas também, e, principalmente para os popularmente ditos normais. A aceitação é geral, inclusive da própria família. Inclusão não se baseia apenas em estrutura como rampas, sinais sonoros e visuais, parte também da conscientização social.”
Entrevistado 4	“Dentre as principais metas do plano estadual de educação está a construção de e implementação do Projeto político Pedagógico que deverá ser construído diante das principais demandas da comunidade escolar e deverá atender especificamente as particularidades de cada escola.”
Entrevistado 5	“Acredito que é uma ideia bem-vinda. Desde quando se ventilou a ideia de inclusão era para partir da ideia que os pais, porque isso para mim também importante, os pais que querem que seus filhos a partir de uma vida inclusiva ok. Aí, deveria ter aquela porta, mas meu filho consegue ser incluso? porque existem graus de deficiência, o problema da educação é quando ela forma uma ideia para um todo e nós não somos um todo, cada caso é um caso.”

Fonte: Elaboração Própria



A inclusão como meta das políticas educacionais, permeou o discurso dos gestores entrevistados, porém demonstraram preocupação em realizar ações no sentido de promover melhorias no processo educacional para que o processo de inclusão ocorra em sua totalidade. Os entrevistados consideram um desafio promover a inclusão e a qualidade do ensino, visto o momento crítico de pandemia.

Destacaram como um dos aspectos positivos para a inclusão, o auxiliar de vida exigido por Lei para assistência aos alunos com deficiência, mas criticaram a burocracia e a demora do encaminhamento desse profissional às escolas pela Secretaria Estadual de Educação – SEDUC/AM, e enfatizaram que na maioria das vezes os alunos ficam sem ser assistidos, sendo necessário para o cumprimento desse direito, a intervenção do Ministério Público ou Defensoria Pública, o que acarreta um desgaste na relação da escola com a família.

Observou-se em suas abordagens vasto conhecimento sobre a temática, inclusive no que se refere à acessibilidade arquitetônica, pedagógica, construção e implementação do Projeto Político Pedagógico a partir das demandas, e prioridades da comunidade escolar, principalmente das particularidades de cada escola. No entanto, criticaram a adequação das escolas quanto às tecnologias e recursos pedagógicos para promover a inclusão.

Nesse sentido, entende-se que a inclusão por ser um processo que apresenta complexidade, requer transformações nos aspectos estruturais e pedagógicos, os quais serão possíveis a partir da compreensão pela comunidade escolar de que a aprendizagem dos alunos precisa ser compreendida a partir das suas peculiaridades.

Quadro 10. Categoria: Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistados 1	<p>“Hoje os desafios são diversos inicia com o atendimento médico que encontram -se suspensos no acompanhamento da saúde dessas crianças até o atendimento aos serviços de apoio e associações de assistência as famílias, a falta de condições financeiras e sociais da família no acompanhamento do Ensino Remoto. A falta do contato físico neste processo entre professor e aluno.” auxiliares de vida escolar. Realizamos a matrícula dos alunos na sala de recurso e sensibilizamos aos pais quanto a participação e os respectivos benefícios. A escola através de um recurso reprogramado da APMC em 2020, realizou uma compra de materiais de custeio e capital significativa que promoveu um UPGRADE na sala de recurso onde a fala das professoras era "isso é um sonho".</p>
Entrevistados 2	<p>“Em nosso país a Educação é um direito de todos os cidadãos. E ainda que não estivesse na legislação, é prioridade para o crescimento do ser humano como pensante que somos. Em nossa escola temos alunos de diversas deficiências. Temos o acompanhamento dos auxiliares de vida, dos intérpretes de LIBRAS nos três turnos e do Professor da Sala de Recurso que atendem no Matutino e Vespertino. No que se refere ao processo inclusivo, a educação especial, a escola se organiza com um planejamento com a equipe gestora para atendimento à diversidade no decorrer do ano letivo. Na educação especial, o atendimento sempre foi voltado para o acolhimento junto à comunidade escolar independente de suas especificidades.</p>
Entrevistados 3	<p>“Educar na diversidade não é fácil, uma vez que se faz necessário compreender que as diferenças individuais dentro do processo educativo devem ser respeitadas e utilizadas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Temos na Educação Inclusiva um direcionamento para os alunos com deficiência que devem ser inseridos preferencialmente nas escolas regulares buscando promover o desenvolvimento e a autonomia dos mesmos.</p>

Entrevistados 4	<p>“A inserção dos alunos é feita pelo sistema administrativo da Secretaria Estadual de Educação que conforme a normativo do conselho estadual divide o quantitativo de vagas entre os alunos com ou sem deficiência. Após os alunos estarem inseridos a equipe pedagógica verifica qual a deficiência do aluno e sua necessidade especifica para melhorar seu aprendizado (braille ou libras por exemplo, carteiras com braços mais largos, mesinhas apropriadas etc). A equipe é notificada para dá o suporte aos alunos uma vez que são muitos processos dentro do ambiente escolar. Sempre buscando uma gestão participativa, em que os resultados se somam com menos peso individual para os pares”.</p>
Entrevistados 5	<p>“o discurso, a escrita, tudo que ampara a educação inclusiva, é um espetáculo, contudo na prática ela não funciona por motivos, e esses motivos você também sabe, a gente tenta, eu vou te falar como a gente tenta como educadores, porque assim, falta estrutura, estrutura no sentido de atender um especial, um professor só conseguiria dar conta de 11 alunos especiais, como eu conseguiria colocar um aluno grave especial junto com os ditos normais né, assim, eu acho a ideia maravilhosa, mas ela na prática, falta algumas mudanças pontuais.</p>

Fonte: Elaboração própria

Em relação aos entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão, observou-se a partir das respostas dos gestores participantes da pesquisa que os entraves permeiam o processo e impedem a sua implementação. Isso, ficou claro na fala de uma gestora “como uma observadora desse processo dentro da educação, eu te falo o seguinte: o discurso, a escrita, tudo que ampara a educação inclusiva, é um espetáculo, contudo na prática ela não funciona por motivos, e esses motivos você também sabe, a gente tenta, eu vou te falar como a gente tenta como educadores, porque assim, falta estrutura, estrutura no sentido de como atender um aluno especializado, um aluno que precisa de atendimento especial, um professor só dá conta, um professor só conseguiria dar conta de 11 alunos especiais, como eu conseguiria colocar um aluno grave especial junto com os ditos normais né, assim, eu acho a ideia maravilhosa, mas ela na prática, ela falta algumas mudanças pontuais”.

Para os gestores, os desafios são diversos e iniciam com o atendimento médico para acompanhamento da saúde das crianças, até o atendimento aos serviços de apoio e associações de assistência às famílias, a falta de condições financeiras e sociais para o acompanhamento do Ensino Remoto, visto encontrarem-se em época da pandemia COVID-19.

Os entrevistados citaram como aspecto positivo, a existência dos auxiliares de vida, e intérpretes de braille ou libras, fundamentais ao desenvolvimento do processo de inclusão. Segundo Mantoan as escolas devem adaptar-se às necessidades dos diferentes alunos para que possam aprender juntos.

Quadro 11. Categoria: Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“procuro ofertar a educação às crianças de forma que os mesmos sejam assistidos nas suas limitações e sensibilizar a família da importância do acompanhamento e incentivo ao aluno. As ações iniciaram com a relação de alunos incluídos, matrícula na sala de recurso, encaminhamento de processo solicitando a auxiliar no acompanhamentos, promoção de palestras e encontros especiais, confecção de material concreto e atendimento individual as famílias.
Entrevistado 2	“buscamos o melhor, a fim de alcançarmos a totalidade dos alunos no processo constante que é a inclusão. Os alunos são atendidos individualmente de acordo com a escala feita pela Professora da sala der recursos e os surdos e deficientes auditivos têm acompanhamento diário com os intérpretes. Inclusive temos uma Professora do Matutino, que recebe em sua casa alunos especiais e seus responsáveis para atendimento.”
Entrevistado 3	“Entre os inúmeros parâmetros a gestão democrática escolar é amparada pela LDB. A prática da gestão democrática participativa nas escolas tem como principal iniciativa a utilização de alguns mecanismos que propõe a participação de todos os seguimentos comunitários nas próprias decisões a serem tomadas.”

Entrevistado 4	<p>“No que tange a gestão a escola tem sua estrutura física adaptada para atender os alunos com piso tátil, portas das salas de aula alargadas, rampas e banheiros para pessoas com deficiência. As barreiras sociais (do envolvimento com o grupo) buscamos incentivar que os alunos respeitem e na medida do possível ajudem seus colegas com deficiência dentro no ambiente interno da escola e agora na pandemia (ensino remoto) que valorizem a participação individual dentro do grupo.”</p>
Entrevistado 5	<p>“Eu percebo claramente que os pais gostam dos seus filhos bem tratados, bem acompanhados e isso é um trabalho hercúleo, então eu diria que a primeira estratégia que toda escola deveria fazer, seria esse acolhimento real, não Imaginário, real, palpável, tangível, de que a pessoa está sendo bem recebida mesmo com todas as resistências que a pessoa acredita que o mundo já se impõe ao diferente né, porque ela já ela já vê seu filho em formato diferente, gostaria que ele fosse como os ditos normais, vamos dizer assim.</p> <p>Acho que a estratégia do acolhimento e eu senti isso muito na pele quando me colocaram dois alunos ano passado, de que alunos de inclusão que brigou com gestores de outra escola porque a escola não estava dando a atenção devida, eu fiz uma reunião com esses pais individualmente e falei como é que era escola, falei que eu precisava que eles estivessem muito mais presente do que eles imaginam, porque só funcionaria dessa forma e eles se sentiram tão acolhidas, que era um prazo curto para eles estarem lá porque segundo a Coordenadoria que era prazo de transição e ela queria porque queria ficar lá, que a gente já não oferecia pela parte da manhã, para a turma que eles iriam ficar, então o acolhimento fez toda a diferença, o acolhimento dizendo assim é de inclusão, se sinta incluído em todo o processo e assim mais para frente do que se sentir incluído: participe desse processo.</p>

Fonte: Elaboração Própria

A categoria “Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem”, foi percebida na fala de todos os gestores. Referiram-se à matrícula em salas de recursos, acompanhamento do auxiliar de vida nas escolas, promoção de palestras e encontros especiais, confecção de material concreto e atendimento individual às famílias.

Disponibilidade de professores em sala de recursos, e o acompanhamento por intérpretes diariamente aos deficientes auditivos. Destacaram a existência de estrutura física adaptada para atender os alunos, a qual caracteriza-se por piso tátil, portas das salas de aula alargadas, rampas e banheiros para pessoas com deficiência, e a participação de todos os seguimentos comunitários nas próprias decisões a serem tomadas.

Destacaram também, “às barreiras sociais (do envolvimento com o grupo), afirmando que buscam incentivar os alunos a respeitarem e ajudarem seus colegas com deficiência dentro do ambiente interno da escola, valorizando a participação individual dentro do grupo.” O discurso dos gestores encaminharam ao entendimento de que o acolhimento deve ser real, e não imaginário.

Os programas e ações da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) buscam viabilizar o pleno acesso à escolarização e à participação de todos os estudantes, com redução das desigualdades educacionais, com equidade e respeito às diferenças. Assim, voltam-se para a formação inicial e continuada de profissionais da educação, o desenvolvimento de materiais didáticos e paradidáticos específicos, a promoção de melhoria da infraestrutura física e tecnológica para as escolas, a indução da oferta de ações de alfabetização e elevação da escolaridade de jovens e adultos, o acompanhamento da frequência escolar de estudantes em situação de vulnerabilidade social, além da articulação institucional para a implementação de diretrizes do Conselho Nacional de Educação referentes aos públicos e temáticas da Secretaria.

A ações contribuem para a garantia do direito de todos à educação com qualidade e equidade, em um sistema educacional inclusivo, visando não somente ao acesso e permanência, como também à conclusão da trajetória escolar com níveis adequados de participação, aprendizagem e respeito às diferenças, inclusive para os que não tiveram acesso na idade regular, em uma perspectiva de educação ao longo da vida.

Quadro 12. Categoria: Educação, currículo e construção da identidade

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Ocorre ofertando o mesmo currículo regular a partir de uma adaptação de conteúdos e estratégias por meio de estímulos as deficiência”.
Entrevistado 2	“O currículo se faz importante visto que é um instrumento norteador do conhecimento. A inclusão ocorre com palestras aos alunos, em todos os pronunciamentos oficiais da escola temos a presença de intérpretes, os professores estão a par das adequações nas atividades entregues aos alunos.”
Entrevistado 3	“As novas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica foram, portanto, responsáveis pelo estabelecimento e pela fundamentação da BNCC ou seja, foram responsáveis por orientar as propostas pedagógicas das escolas. Nessa concepção é de fato os direitos assegurados a todos os indivíduos se tratando dos direitos educacionais nas modalidades de ensino.”
Entrevistado 4	“A educação é parte essencial da construção da identidade humana, e dentro do processo educacional é realizado com a convivência pacífica dos mais diferentes indivíduos que mutuamente se constroem nas trocas sociais e educacionais realizadas dentro de cada processo educacional individual.”
Entrevistado 5	“Olha essas perguntas, elas acabam sendo muito mais específicas para dentro do âmbito da escola. O currículo é para ser cumprido 100%, com certeza há a adequação, porque as especificidades elas aparecem a partir de cada um, das necessidade expostas por cada aluno e cada aluno é um ser diferente, cada aluno tem uma especificidade diferente.”

Fonte: Elaboração Própria

No que se refere ao currículo e construção da identidade, referiram-se à necessidade de adequação de acordo com as especificidades dos alunos, considerando as diferenças existentes. Ressaltaram a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular na orientação do currículo, visto ser um instrumento norteador do conhecimento nas escolas.

Portanto, classificamos como iguais todos os que se aproximarem da nossa construção de identidade: branco, classe média, brasileiro, católico, e como diferente o "outro", aquele que se afasta do nosso modelo de identidade: portador de necessidades especiais, negro, pobre, gordo, índio.

A identidade é uma construção, é a base fundamental para as estruturas e pilares de sustentação construída na infância. Logo, oferecer uma boa base para os pilares e estruturas é fundamental. Ter consciência de si, de sua importância, seus gostos, sentimentos, origens, laços e cultura são coisas vitais para o desenvolvimento de uma identidade cidadã, bem resolvida e responsável.

Ter consciência de nós, nosso papel, importância, origem, história é o que nos permite ser atuantes nos meios em que vivemos. Sem isso, nos sentimos pouco importantes e deixamos de realizar todo nosso potencial, que acaba desperdiçado. Portanto, faz-se necessário abordar este tema desde cedo com as crianças e reforçá-lo com responsabilidade.

Neste sentido, a Educação é uma prática social que visa ao desenvolvimento do ser humano, de suas potencialidades, habilidades e competências. A educação, portanto, não se restringe à escola, é um direito fundamental de todos, perpassa o desenvolvimento humano por meio do ensino e da aprendizagem, visando a desenvolver e a potencializar a capacidade intelectual do indivíduo. Constitui um processo único de aprendizagem associado às formações escolar, familiar e social.

É válido ressaltar que a educação não se limita à instrução ou à transmissão de conhecimento. Na verdade, compreende o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, aprimorando habilidades e competências a partir do seu autoconhecimento.



Quadro 13. Categoria: Práticas pedagógicas e respeito às diferenças

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	<p>“Um dos desafios deve partir da falta do contato físico, da interação e socialização com aluno em tempo de Ensino Remoto em razão da Pandemia. Na escola, é possível notar diversas práticas diferenciadas para atender as especificidades de cada aluno. Contudo, nos esbarramos no acompanhamento familiar, uma vez que o aluno encontra-se em um ambiente domiciliar e requer socialização com aluno em tempo de Ensino Remoto em razão da Pandemia. Na escola, é possível notar diversas práticas diferenciadas para atender as especificidades de cada aluno, contudo, nos esbarramos no acompanhamento familiar, uma vez que o aluno encontra-se em um ambiente domiciliar e requer uma rotina ou disciplina de estudo que culturalmente não temos. Ações positivas neste sentido são a realização de palestras, encontros, discussões e divulgação de documentos norteadores e registro das ações evidenciando nosso trabalho pela busca de metodologias midiáticas para melhor atendê-los. Criação de grupo de WhatsApp das professoras da educação especial para troca de experiências e compartilhar materiais diversos.”</p>
Entrevistado 2	<p>“Como já dissemos a escola trabalha em parceria com os professores que têm conhecimento da cultura de nossa escola como escola inclusiva. Sugestões: cursos oferecidos aos professores para conhecimento das diversas deficiências de seus alunos.”</p>
Entrevistado 3	<p>“A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que historicamente no Brasil foi vista como uma prática fragmentada, como um suplemento de programa. Esse fato deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do próprio educador a buscar por uma formação. Sugestão: Formação específica a modalidade.”</p>

Entrevistado 4	“Muitos alunos com deficiência ainda não adquiriram condições pedagógicas de acompanhar o currículo da série, resistência para adequação do currículo vigente para atender ao público alvo da educação inclusiva e a negligencia de algumas famílias que ainda não se fazem participantes do processo de aprendizagem dos alunos juntamente com a escola”.
Entrevistado 5	“Um dos desafios deve partir da falta do contato físico, da interação e socialização com aluno em tempo de Ensino Remoto em razão da Pandemia. Na escola, é possível notar diversas práticas diferenciadas para atender as especificidades de cada aluno, contudo, nos esbarramos no acompanhamento familiar, uma vez que o aluno encontra-se em um ambiente domiciliar e requer uma rotina ou disciplina de estudo que culturalmente não temos. Ações positivas neste sentido são a realização de palestras, encontros, discussões e divulgação de documentos norteadores e registro das ações evidenciando nosso trabalho pela busca de metodologias midiáticas para melhor atendê-los. Criação de grupo de WhatsApp das professoras da educação especial para troca de experiências e compartilhar materiais diversos.”

Fonte: A própria autora

Quanto às práticas pedagógicas e respeito às diferenças, destacaram que devido a pandemia, em que as aulas ocorreram de forma remota foi um pouco complexo realizar práticas diferenciadas em relação às diferenças. Enfatizaram como um dos desafios a falta do contato físico, interação e socialização com os alunos com deficiência. Um outro aspecto destado refere-se aos docentes, os quais apresentam pouca resistência em adequar o currículo vigente para atender ao público alvo da educação inclusiva, e a negligencia de algumas famílias que ainda não se fazem participantes do processo de aprendizagem dos alunos.

As ações pedagógicas que valorizam as diferenças devem fazer parte da rotina das escolas, possibilitando que os alunos repudiem qualquer tipo de discriminação e preconceito dentro e fora do ambiente escolar.

As práticas educativas envolvem projetos que qualificam o processo de aprendizagem e contribuem para o desenvolvimento dos alunos. A gestão escolar é quem faz o papel de incentivar essas práticas que agregam o ambiente escolar.

### 5.2.3. Considerações sobre o posicionamento dos gestores entrevistados para a concretização das políticas de inclusão.

Os gestores entrevistados demonstraram a partir do conhecimento e experiências que há a necessidade urgente de um maior compromisso por parte de todos os envolvidos no processo educacional, visando a concretização das políticas de educação inclusiva nas escolas campos de pesquisa. É importante destacar que as práticas pedagógicas inclusivas, propiciam aos alunos a garantia do direito de acesso e produção aos conhecimentos, por meio de instrumentos que permitem o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, tendo como foco precípua, o aluno no ambiente escolar

### 5.3. Resultados as entrevistas aos professores

As entrevistas com os professores ocorreram online por meio Google Forms, ferramenta utilizada devido a pandemia COVID-19, e as aulas encontrarem-se funcionando de forma remota.

#### 5.3.1 Percepção dos Professores das escolas

Participaram da pesquisa oito professores, os quais descreveram a sala de aula quanto ao número de alunos, alunos em processo de inclusão e estrutura física.

Questão 1. Caracterização da sala de aula: número de alunos, alunos em inclusão e estrutura física.

“Sala de aula com estrutura padrão da secretaria, tres alunos em processo de inclusão, sendo que apenas dois possui laudo, mas só um com acompanhamento de vida escolar.

“A escola possui sala de recurso que auxilia os alunos e família no horário contrário da aula”.

“Sala bem ampla, no ambiente normal e média temos de 40 à 45 alunos em processo de

inclusão em média são de 3 a 5 alunos.”

“Contamos com sala bem arejada, e com recursos visuais que tem ajudado os alunos em processo de alfabetização. 46 alunos, 10 alunos, satisfatória.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Já desenvolveu.”

“Cada sala tem no mínimo 40 alunos, uns 3 alunos em processo de inclusão com laudo.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Não. Somos polo com sala de recursos que atende alunos com laudo médico.”

“Sala com estrutura que precisa ser revisada e melhorada.

Tenho 3 turmas com aproximadamente 43 alunos em cada”.

#### Questão 6

Sobre a escola desenvolver projetos.

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Desenvolve sim, com professores destacados e até mais qualificados, com experiência em projetos, que têm afinidade com a comunidade escolar.”

“Acredito que não tenha.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Sim, realizamos projetos voltados tanto para os discentes, docentes e a comunidade adjacente com o pce programa ciência na escola- fapeam, e a Gestão esta sempre em buscar de incluir os alunos nos projetos juntamente com a comunidade.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Não. Tem apenas a sala de recurso que dá suporte às famílias dos educandos.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“A secretaria de educação disponibiliza diversos cursos de formação continuada na modalidade online.”

“Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

“Não temos.”

Questão 7. Formação do corpo docente em cursos específicos para alunos com necessidades educacionais especiais.

“Sim.”

“Nao, nunca participei de algum curso nesse sentido.”

Formação do corpo docente em cursos específicos para alunos com necessidades educacionais especiais.

“Vejo a escola como incentivadora dos profissionais em busca de conhecimento, mas observo a oferta de participação pela secretaria de educação, apenas para os profissionais auxiliares de vida escolar e sala de recurso, sendo necessário ampliação para os docentes de sala regular e funcionários em geral.”

“Incentiva sim porém eu não fiz o curso na área de inclusão educacional especial.”

“Sala de aula com 30 alunos, temos um aluno especial na sala de aula.”

“Sempre que a secretaria de educação disponibiliza cursos voltados para educação especial somos informados e convidados a participar. A cada curso ou palestra tem nos ajudado a entender melhor os mecanismo de educação inclusiva, e as formas de atuar em sala de aula com o intuito de agregar nossos alunos a inclusão em sala.”

“Sim...sempre e postado nos grupos de professores as formações para o público alvo da inclusão. A última que participei foi neste ano (abril) sobre TDAH.”

“Não.”

“A escola sempre incentiva. Não participei de nenhum curso voltado a esta área.”

Questão 9. Formação, atuação e experiência profissional.

“Não tive preparo mas tive contato com alunos surdos. Uma boa experiência entender as dificuldades desse alunado.”

“Nao, nunca participei de um curso nesse sentido.”

“Não tenho formação específica na área de educação inclusiva, a pesar de sentir essa necessidade diariamente. Meu contato com educação inclusiva é como professora de sala regular que se depara constantemente com as mais diferentes realidades e que tem que dar o jeito, para atender na medida do possível as necessidades do educandos.”

“Os primeiros cursos que participei, foram por iniciativa pessoal, pois sempre a Educação



Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão		X		X		X		X		X		X		X	
Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem	X			X		X	X			X		X	X		X
Educação, currículo e construção da identidade		X		X		X		X		X		X		X	
Práticas pedagógicas e respeito às diferenças		X		X		X		X		X		X		X	

Fonte: Elaboração Própria

Após a identificação de ausência ou presença das categorias em trechos da fala dos gestores entrevistados, demonstrados nos quadros seguintes, as quais foram afinadas a partir das questões iniciais da pesquisa, procedeu-se a análise dos resultados.

Quadro 15. Categoria: Inclusão como meta das políticas educacionais

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“A escola conta com a sala de recursos, uma profissional muito competente. A gestão procura sempre identificar alunos com possíveis necessidades especiais para entrar em contato com o responsável e verificar se o aluno tem ou precisa de laudo sempre com o intuito de atender o aluno da melhor maneira possível. É uma situação difícil de lidar, porém com Boa vontade, estudos e formações odemos fazer o nosso melhor.”
Entrevistado 2	“Os alunos independente da Deficiência são matriculados normalmente e inseridos nas salas de aula inclusas, muitos tem uma defasagem com relação a seriação x idade sem falar do conteúdo que muitos não conseguem acompanhar...precisaria de mais cuidado na inserção desses alunos.”
Entrevistado 3	“O melhor recurso é o humano, onde a escola disponibiliza de intérpretes para o caso de alunos surdos. E uma professora para educação especial,

	sendo que no momento esta teve que se afastar por problemas de saúde. Não lembro de materiais específicos, mas tentamos ajudar da melhor maneira e nos organizar da melhor maneira para atender esse tipo de clientela.”
Entrevistado 4	“Sim, a escola possui sala de recursos com excelentes profissionais e com bastante materiais pedagógicos para uso também dos professores regulares. mas também é necessário entender que uma sala com 35 alunos, de 3 a 5 com alguma deficiência é praticamente impossível para o docente atender a todos de forma igualitária. por mais difícil e dolorido temos que fazer escolhas de quem mais atender.”
Entrevistado 5	“Não temos recursos específicos, temos o auxílio de um profissional auxiliar de vida e uma sala de recursos comum profissional disponível sempre no contra turno desse aluno. Considero importante buscar mais formação para atender na inclusão desse aluno e buscar sempre se reciclar para melhor contribuir no ensino como um todo.”
Entrevistado 6	“Escola possui Sala de recursos, onde os alunos tem atendimento duas vezes por semana, em sua maioria os alunos especiais tem professor mediador, que auxilia o alunos nas atividades escolares em sala de aula. Sempre disponibilizamos atividades diferenciadas, para que nossos alunos possam de alguma forma acompanhar os estudos. E contamos com apoio dos professores da Sala de recursos.”
Entrevistado 7	“Não, pois não há materiais para professores de sala de aula. Sempre disponibilizo tempo maior ao aluno com necessidade especial tentando a melhor maneira que posso entender e atendê-lo. A escola busca sempre orientar sobre as diferenças e a importância do respeito.”
Entrevistado 8	“A escola possui um sala de atendimento aew (Sala de Recursos) e as professoras sempre dão apoio e fazem intervenção nas atividades, mas, o número de alunos com deficiência é muito grande e nem sempre todos são atendidos em todas as disciplinas.”

Fonte: Elaboração Própria



Sendo a inclusão o processo de modificação da organização social e para a ampliação das capacidades das pessoas com deficiência, faz-se necessário que a escola crie alternativas para enfrentar as dificuldades que se apresentam na atualidade.

Pautada nos fundamentos dos Direitos humanos, a inclusão conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, pois, ao considerar as diferenças humanas, denuncia a discriminação e a invisibilidade, gerando a efetivação de ações com o objetivo de superar os entraves que impedem a concretização do processo de inclusão escolar, e não apenas de uma parcela da população. Assim, ao entender-se a inclusão como processo de modificação da organização social para torná-la adequada a todo e cada brasileiro, amplia-se as características de ação para diferentes propostas a serem ressignificadas em relação ao desenvolvimento sustentável e inclusivo, cuja responsabilidade é compartilhada entre todos. Essa perspectiva exige sejam revistas as posturas e criados mecanismos que auxiliem na superação das dificuldades do processo de inclusão.

A proposta de inclusão na educação é de fundamental importância dos objetivos propostos pelos sistemas de ensino. É necessário respeito à diversidade e o empenho e comprometimento de todos, pois é possível perceber nas escolas, um certo mascaramento sobre a educação Inclusiva. E, mesmo estando prevista na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os alunos com deficiência estão sendo apenas inseridos ao ambiente escolar, porém não vistos de forma adequada de acordo com a proposta de educação inclusiva Implantada pelo Ministério da Educação.

Quadro16. Categoria: Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Entendo que é a busca por ensino inclusivo e de qualidade para alunos com determinadas dificuldades físicas, intelectuais, enfim, de saúde.”
Entrevistado 2	“Ja tivemos alunos dessa forma, atualmente devido a pandemia nao sei informar.”
Entrevistado 3	“Sabemos que a educação inclusiva no Brasil vem alcançando alguns avanços, no entanto, acredito sejam necessárias ações que ajudem as famílias a compreenderem a situação individual de cada criança em processo de inclusão. A família é principal nesse processo, pois primeiro é necessário aceitar e depois entender/compreender o que fazer.”

Entrevistado 4	“A escola realiza todas essas tratativas com as famílias, mas ainda encontra muitas resistências.”
Entrevistado 5	“Posso afirmar que a escola e docentes passam por um processo de construção de conhecimento, evolução na aquisição de materiais pedagógicos e que na medida do possível trabalha o coletivo observando e agindo nas individualidades de cada criança e família que realiza acompanhamento.”
Entrevistado 6	“O processo de inclusão é bem desafiador e necessita de uma demanda de tempo e dedicação maior a esse aluno que precisa ser incluso, a gestão sempre busca soluções junto aos professores em conjunto com a família e nesse processo é solicitado sempre a ajuda de um profissional auxiliar de vida para melhor atender as necessidades desse aluno, lidamos de diversas formas sempre interagindo, conversando e respeitando o tempo de cada aluno.”
Entrevistado 7	“Educar na diversidade: constitui uma organização pedagógica que visa focar nas diferenças e as diversidades em uma sala de aula, onde não só o professor mas toda equipe escolar direciona da melhor forma um ambiente onde todos possam ter as mesmas condições e aprendizado.”
Entrevistado 8	Entrevistado 8 “Educação Inclusiva: educar crianças e adolescentes no meio escolar comum, é desafiador, pois não podemos negar as deficiências de cada um, mas não fazer disso um empecilho para o aprendizado diferenciado dos alunos. Educação Especial: atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.”

Fonte: Elaboração Própria

É importante ressaltar que os desafios identificados dizem respeito aos relatos de professores quanto ao desconhecimento sobre as características e peculiaridades de alguns tipos de deficiência, o que dificulta o planejamento de tarefas personalizadas para esses alunos. Ainda

que, com o passar do tempo, alguns acabem por conta própria desenvolvendo técnicas para melhor em com os alunos durante o processo de ensino e aprendizagem.

Quadro 17. Categoria: Ações voltadas às diferenças e garantia da aprendizagem

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“É muito importante, porém é muito complicado pela baixa participação das famílias. Existe uma parceria grande da família com a escola nesses casos, afinal sem os familiares não é possível o êxito.”
Entrevistado 2	“A interação família escola e de extrema importância, pois na maioria dos casos é necessário se realizar todo um trabalho de aceitação e compreensão por parte da família para depois realizar o processo de inclusão com a criança. Na medida do possível e de acordo com sua realidade a escola busca sempre incentivar a participação das famílias no processo de inclusão.”
Entrevistado 3	“É primordial de diversas formas, pois nos auxilia na interação e afirmação dos conteúdos e de todo o processo de inclusão. A escola não trabalha sozinha, seja com alunos especiais ou não, a participação da família no processo de formação dos alunos é fundamental. Vemos o sucesso de alunos especiais, quando a família assume sua responsabilidade naquilo que lhe é por dever.”
Entrevistado 4	“Nossa escola tem as portas abertas para acolher as famílias, muitas vezes auxiliando quais outros recursos que a mesma pode estar buscando para ajudar seus filhos no seu desenvolvimento pedagógico e social.”
Entrevistado 5	“Muito revelante entretanto a escola se omite. Essa interação deve existir sempre com alunos pois creio que já um retorno maior do desenvolvimento do aluno. A escola sempre busca estar em contato com o responsável desses alunos sempre falando da importância da participação da família na vida escolar. Ligamos, orientamos, fazemos conversas com a professora da sala de recursos.”
Entrevistado	“Sim. Temos feita a sensibilização sobre a importância da participação da

6	família o que muitas vezes não acontece. Eles são muito carentes de acolhimento e atividades específicas do seu grupo. As vezes bom as vezes complicado.”
Entrevistado 7	“Na sala de aula trabalha-se que, somos todos iguais em direitos, no entanto cada um com suas características e necessidades diferentes, que devem ser sempre respeitadas de forma empática, ou seja, é orientado para que os alunos coloquem-se sempre no lugar do outro para melhor entendimento de sua realidade e respeito sempre.”
Entrevistado 8	<p>“Sempre busco interação entre eles fazendo dinâmicas que possibilite eles a se conhecerem, pois facilita muito o trabalho com esse aluno se ele estiver em um ambiente mais positivo a sua presença. A escola junto com a Sala de recursos fazem mobilização e palestras sobre as diferenças, levando a conscientização dos alunos. Em sala de aula procure inserir os alunos especiais em atividades iguais a de todos em sala, as vezes precisamos fazer adaptações para que todos possam participar.”</p> <p>“Me percebo incapaz. A maioria das turmas é receptiva e sempre acolhe e ajuda o colega. Eu me sinto importante nesse processo, acredito que o diálogo dentro de sala de aula pode acarretar mudanças positivas. Destaco sempre que ninguém é igual ao outro e que somos todos importantes dentro da sociedade em que vivemos. Os alunos respeitam e muitas vezes ajudam nas atividades seus colegas com deficiência.”</p>

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 18. Categoria: Educação, currículo e construção da identidade

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Essas palavras políticas educacionais, sempre bonitas me soam só como promessas, pois o governo não tem feito nada de estrutura prática para esse alunado. Certamente seria excelente ação inclusiva, como material próprio para alunos surdos e especiais, maior quadro de docentes qualificados para alunos especiais.”
Entrevistado	“Da minha parte o ensino é o mesmo, a diferença é que nao temos

2	materiais específicos e preparo pra tal situação, mas o uso do bom senso ajuda nessas situações”.
Entrevistado 3	“Apesar das dificuldades temos avanços no processo de inclusão, no auxílio às famílias e acompanhamentos individualizados dos discentes e orientações aos docentes. Apesar de que, necessitamos de mais formações específicas de um tema que esta em constante evolução(docentes). No entanto, é necessário ações mais amplas deixando claro que cada um tem a sua necessidade, mas as soluções deverão partir do coletivo (pais, comunidade escolar e docentes).”
Entrevistado 4	“Na nossa escola o ensino é oferecido sempre para atender a necessidade e demanda dos nossos alunos, priorizando sempre o bem estar e a inclusão dos nossos alunos.”
Entrevistado 5	“Infelizmente nossa atual realidade não nos permite avançar mais em direção ao apoio e a participação total nos nossos alunos da rede pública, a falta de políticas inclusivas não somente ao aluno mas também à família e principalmente a falta de continuidade nos processos inclusivos desfavorece o aluno e acaba rompendo todo o processo de inclusão.”
Entrevistado 6	“Inclusão devolveu a sociedade o direito ao ensino de todos os cidadãos com necessidades especiais. É preciso ter um olhar diferenciado nas estratégias de ensino, pois cada individuo tem suas especialidades e não podemos generalizar, para evitar uma exclusão escolar. Como já foi citado, a escola disponibiliza sala de recursos e professores mediadores para auxílio o aprendizado dos alunos.”
Entrevistado 7	“A inclusão em todos os seus âmbitos deve ser prioridade com o intuito de erradicar a desigualdade. A educação é o caminho que leva nossos alunos a mudança de pensamento e comportamento. Nossa escola sempre trabalha com a conscientização dos nossos alunos, trabalhamos de forma interdisciplinar e também através de culminâncias a importância do outro e do respeito às diferenças.”
Entrevistado 8	“Ao aluno são oferecidos os mesmos recursos e atividades dos demais alunos, algumas vezes o grau de dificuldade é menor para os alunos

	deficientes.”
--	---------------

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 19 . Categoria: Práticas pedagógicas e respeito às diferenças

Entrevistados	Trechos do discurso
Entrevistado 1	“Acredito que a falta de preparação dos docentes, afinal enfrentamos as mais diversas situações sem treinamento específico, na experiência vamos se desenvolvendo e levando o conhecimento pros mais diversos alunos.”
Entrevistado 2	“Devemos aplaudir os avanços sempre, por menores que sejam, mas deve ser melhorada desde a estrutura escolar física à forma atual de inclusão, levando em consideração a quantidade absurda de alunos por sala de aula. os trabalhos são desenvolvidos sempre de acordo com a proposta pedagógica e respeitando sempre as diferenças. sendo que a escola haydée cabral em relação a outras escolas públicas do mesmo seguimento, encontra-se como referência, munida de bons profissionais e muitos aparatos pedagógicos, para desenvolvimento dos trabalhos, o que não quer dizer que esteja 100%, a pesar de estar na frente de muitas outras.”
Entrevistado 3	“Recursos tecnológicos são os nossos maiores problemas no atual cenário pandêmico.”
Entrevistado 4	Entrevistado 4. “Acredito que se faz necessário propostas voltadas para respeitar as diferenças principalmente no mundo globalizado e diversificado.”
Entrevistado 5	Entrevistado 5 “Muitos dos alunos não tem acessos a terapias como, psicólogos, fonos ou atividades físicas, isso dificulta no desenvolvimento escolar diretamente. Fazemos avaliação pedagógico e com base nela elaboramos plano diferenciado aos alunos.”
Entrevistado 6	Entrevistado 6 “Políticas públicas”.

Entrevistado 7	Entrevistado 7 “Recursos Pedagógicos. Com um número mínimo de 40 alunos por turma é bem difícil de trabalhar de forma diferenciada com os alunos com necessidades especiais.”
Entrevistado 8	Entrevistado 8 “Me percebo incapaz. A maioria das turmas é receptiva e sempre acolhe e ajuda o colega. Eu me sinto importante nesse processo, acredito que o diálogo dentro de sala de aula pode acarretar mudanças positivas. Destaco sempre que ninguém é igual ao outro e que somos todos importantes dentro da sociedade em que vivemos. Os alunos respeitam e muitas vezes ajudam nas atividades seus colegas com deficiência.”

Fonte: A própria autora

### 5.3.3 Considerações sobre o posicionamento dos entrevistados para a concretização das políticas de inclusão.

Observou-se que a educação inclusiva encontra-se pautada nas dificuldades cotidianas que permeiam o ambiente escolar. As práticas inclusivas realizadas nas escolas ainda são excludentes por encontrarem-se distante do esperado para a educação inclusiva. As escolas pesquisadas enfrentam dificuldades quanto ao número de alunos por sala e formação deficiente dos professores para atenderem todos os alunos, com ou sem deficiência, reforçando a ideia de uma inclusão idealizada, mas ainda não realizada de forma concreta e assim, os alunos com deficiência, mesmo em escolas regulares encontram-se à margem do processo de inclusão. Nesse contexto, Sant’ana (2005), ressalta que a formação do professor deve ser realizada de forma contínua e permanente para que possa refletir sobre a sua prática e busque aprimorá-la. Somente assim, estará preparado para enfrentar as dificuldades do processo de inclusão escolar.

## CONCLUSÕES

"A arte de interrogar não é tão fácil como se pensa. É mais uma arte de mestres do que de discípulos; é preciso ter aprendido muitas coisas para saber perguntar o que não se sabe."

Jean-Jacques Rousseau

As palavras de Rousseau apoiam a escrita deste ítem intitulado considerações finais, por retratarem as expectativas iniciais desta pesquisa, os resultados obtidos e o que não houve possibilidade de realizar, devido os entraves que permearam a trajetória.

Ao propor este estudo sobre “Educar na diversidade: a gestão escolar frente as práticas pedagógicas inclusivas”, pensou-se em vivenciar nas escolas, práticas consistentes, estruturadas a partir de propostas comprometidas com a efetivação das políticas de inclusão. E assim, responder ou refutar ao problema inicial da investigação: não existem estratégias de gestão adequadas à concretização do processo de inclusão escolar nas Escolas Estaduais na cidade de Manaus/AM.

No decorrer deste estudo buscou-se respostas aos questionamentos para compreender como vem ocorrendo o processo de inclusão nas escolas pesquisadas, e a partir dos resultados obtidos, responder ao problema da pesquisa. Ao buscar respostas às problematizações no que se refere ao processo de gestão e sua contribuição para o aprimoramento das práticas pedagógicas e concretização das políticas de educação inclusiva foi possível confirmar através das observações e análise aos conteúdos contidos nas entrevistas, que os alunos com deficiência são inseridos às turmas regulares e trabalhados pelos professores com ou sem experiência para lidar com esse público. Observou-se que não existem estratégias de gestão no sentido de adaptar o currículo escolar e flexibilizar o ensino para atender as exigências da educação inclusiva.

Quanto à forma como ocorre o processo de inclusão nas escolas e se a gestão escolar contribui nesse processo, foi possível comprovar que a Secretaria Estadual de Educação, através do Centro de Apoio à Inclusão, assessora as escolas em relação à implementação das políticas de inclusão. No entanto, o discurso dos entrevistados, leva à compreensão de que não há apoio, orientação e acompanhamento em relação ao processo de inclusão nas escolas



pesquisadas, visto ainda existirem problemas arquitetônicos, a inadequação do currículo e projeto político pedagógico que atendam à inclusão, inexistência de tecnologias assistivas, e a necessidade de formação continuada para todos os professores que atuam em salas que atendem alunos com deficiência. Evidenciou-se que os alunos com deficiência são matriculados normalmente em salas regulares, e em cumprimento aos preceitos legais das políticas de inclusão, de acordo com a sua deficiência têm direito ao “auxiliar de vida” para apoiar o professor regente em sala de aula e atender o aluno em suas necessidades básicas. Porém, mesmo sendo solicitado, nem sempre as escolas recebem esse profissional, o que torna complexo o trabalho do professor que tenta atender dentro das suas possibilidades as especificidades de cada aluno.

Em se tratando de como ocorre o processo de inclusão por parte dos sujeitos envolvidos e das lacunas no sistema educacional brasileiro, foi possível detectar a partir das respostas pelos entrevistados, que a efetivação do processo de inclusão, vem sendo realizada de forma paulatina e inadequada, necessitando urgentemente de comprometimento por parte de os envolvidos no processo, no sentido de adequar as escolas em todos os aspectos contidos nas políticas de inclusão, e assim fazer valer o direito constitucionas de que “a educação é direito de todos”. Uma outra situação observada e que requer atenção trata-se da forma como os alunos com deficiência são tratados no ambiente escolar. Apesar das políticas públicas existentes e de todo trabalho já realizado com os profissionais da educação, foi possível observar nas escolas pesquisadas, certa resistência e preconceito em relação à inclusão.

Para a melhor compreensão sobre este estudo, há a necessidade de uma abordagem sintética sobre a sua estrutura, com ênfase aos aspectos que caracterizam os capítulos, visando evidenciar a contribuição de cada um, na realização do estudo e a relevância desta pesquisa para a melhoria e efetivação do processo de inclusão nas escolas campos de pesquisa.

Este estudo teve como objetivo precípua, analisar o processo de inclusão escolar a partir das estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais na cidade de Manaus-AM. Para a melhor compreensão, desmembrou-se o objetivo geral em objetivos específicos, os quais, direcionaram a trajetória deste estudo, a partir da problematização da inclusão escolar, seu contexto histórico-político no país e seu impacto nas práticas pedagógicas inclusivas no ambiente escolar, visando a melhor compreensão do processo de inclusão social.

Os capítulos que embasam este estudo, contribuíram para a compreensão da temática por terem sido embasados teoricamente em autores renomados. O primeiro capítulo, aborda a educação inclusiva em seu contexto histórico, com ênfase à diversidade, legislação, inclusão e formação dos professores para atuarem em sala de aula com os alunos que apresentam deficiência. Este capítulo contribuiu para o entendimento sobre a necessidade da formação docente continuada, essencial para a atuação na educação inclusiva, visto orientar a prática pedagógica do professor de forma eficiente, considerando a diversidade, as singularidades, a cultura e as limitações dos alunos. Em relação aos aspectos abordados, constatou-se a partir das respostas aos entrevistados a necessidade da formação continuada para os professores, visto contribuir para o desenvolvimento do trabalho que realizam em sala de aula, já que fundamentados em teorias, poderão desenvolver práticas pedagógicas exitosas que conduzam aos resultados desejáveis. Ressalta-se que alguns dos entrevistados possuem especialização na área da Educação Especial, curso custeado com recursos próprios, mas mesmo assim, não se sentem preparados para uma atuação segura e inclusiva.

O segundo capítulo, enfatiza a gestão escolar para uma educação inclusiva, a partir das políticas de inclusão, seus desafios, limites e possibilidades em contextos diversos na escola. As respostas dos entrevistados reforçam a necessidade do desenvolvimento de uma educação inclusiva voltada para a diversidade, pois atualmente a política de Educação Inclusiva tem priorizado somente a Educação Especial, deixando à margem os demais segmentos que necessitam ser incluídos. Na atualidade, mesmo com o avanço nas matrículas de alunos com deficiência no ensino regular, a exclusão escolar atinge percentual avançado de jovens e crianças com deficiência. Em suas respostas os professores deixaram claro os desafios que enfrentam em sala de aula com alunos com deficiência. Além do desafio da formação continuada afirmaram que o excesso de alunos nas salas comuns tem impossibilitado o desenvolvimento do trabalho pedagógico, por não terem como atender cada aluno em suas especificidades. Em relação às possibilidades no processo de inclusão, demonstraram pouco entusiasmo e acreditam que enquanto não houver providências para que a Lei de Inclusão saia da teoria e seja vivenciada na prática, o processo de inclusão continuará sendo desenvolvido a partir de práticas descontextualizadas e que não contribuem para a sua efetivação. Inclusive um dos entrevistados, classificou o processo de inclusão como “sofrível”.

O terceiro capítulo discute o currículo e as práticas pedagógicas inclusivas no contexto

escolar, às adaptações curriculares, flexibilização do ensino e os desafios das práticas pedagógicas inclusivas. É importante destacar o papel exercido pelas adaptações curriculares e a flexibilização do currículo e os impactos causados às práticas pedagógicas. Para atender as necessidades de cada aluno há a necessidade de adequar o currículo para atender os alunos em suas peculiaridades, visando criar condições que contribuam para a sua aprendizagem. A flexibilização, ou revisão do currículo é um grande desafio enfrentado pelas escolas na atualidade. As respostas dos entrevistados evidenciaram que geralmente, o projeto político pedagógico tem sido alterado nas escolas sem a participação dos professores, e portanto desconhecem a proposta de Educação Inclusiva contida no documento. Quanto aos ajustes realizados na proposta curricular a partir dos conteúdos sugeridos na Base Comum Curricular, a qual direciona os conteúdos a serem ensinados, também não participam, devido ser elaborada por uma equipe em nível de Secretaria de Educação e disponibilizada às escolas para aplicação pelos professores, sem que haja uma análise prévia.

O quarto capítulo, apresenta a metodologia utilizada no desenvolvimento da investigação, a qual, possibilitou o estudo sobre o problema, objeto desta investigação. Encontra-se pautado em uma metodologia qualitativa, com o objetivo de realizar uma análise crítica das questões relacionadas à temática em estudo, bem como, as dificuldades e contribuições da abordagem para a implementação do processo de inclusão escolar. Convém destacar que o estudo deste capítulo contribuiu para ampliar os conhecimentos sobre a o caminho a percorrer no decorrer da pesquisa, possibilitando a reflexão para melhor compreender e analisar os resultados obtidos.

O quinto capítulo, apresenta, discute e analisa resultados obtidos na investigação de acordo com as questões iniciais elencadas nas entrevistas. A análise aos resultados obtidos nas entrevistas deu-se com a utilização do método de análise de conteúdo, o qual possibilitou a exploração do material contido nas entrevistas para identificação das categorias existentes no discurso dos entrevistados. Este item contribuiu para a apresentação dos resultados dos dados coletados. Possibilitou a discussão e análise aos resultados, buscando compreender o discurso dos entrevistados para posteriormente, realizar a análise em relação ao contexto.

Os itens “Considerações finais” e Recomendações sintetizam os estudos realizados, e discutidos no decorrer do trabalho, com ênfase aos resultados obtidos na pesquisa e apresentam algumas sugestões para a melhoria do processo de inclusão nas escolas campos de pesquisa.

Os itens oportunizaram a retomada ao problema da pesquisa e a abordagem sintética sobre os aspectos principais de cada capítulo que compõe este estudo e apresentar a partir dos resultados contribuições para a melhoria do processo de inclusão nas escolas pesquisadas.

A partir dos resultados obtidos através das entrevistas aos participantes da pesquisa e fundamentação teórica sobre estratégias de gestão escolar, educação e diversidade e práticas pedagógicas inclusivas, as quais, encontram-se descritas e deram suporte à análise das respostas dos entrevistados e com base nos aportes teóricos que propiciaram averiguar as concepções dos coordenadores, gestores e professores sobre a temática educação inclusiva, bem como, os desafios e possibilidades enfrentados pelas escolas no processo de implementação das políticas de inclusão pela gestão escolar, concluiu-se que não existem estratégias de gestão adequadas à concretização do processo de inclusão nas escolas pesquisadas.

## RECOMENDAÇÕES

Este estudo problematizou as estratégias de gestão escolar, frente as práticas pedagógicas inclusivas nas escolas da rede estadual de ensino em Manaus-AM. Para responder às questões iniciais da pesquisa, foram realizadas entrevistas com professores, gestores e coordenadores distritais da rede estadual de ensino. Após a análise aos resultados, o estudo apontou falhas nos aspectos relevantes do processo de inclusão escolar, os quais, exigem atenção e estudo mais aprofundado sobre as ações realizadas pelos envolvidos no processo de inclusão escolar, visando com isso, corrigir as possíveis fragilidades, a partir das evidências e proceder as adequações necessárias à melhoria do processo educacional inclusivo, confrontando as propostas advindas das políticas públicas de inclusão à realidade das escolas. Assim, apresenta-se algumas recomendações:

1. A formação continuada dos professores para a Educação Inclusiva requer prioridade, e deve ocorrer durante o exercício da profissão, visto atualmente estar sendo realizada de forma fragmentada e descontextualizada. A sugestão é que seja trabalhada a partir de temáticas que reflitam a realidade da profissão, sem escamoteá-las, despertando assim, o interesse informativo dos professores;;

2. As adaptações curriculares e a flexibilização dos conteúdos devem ser realizadas para a melhoria do processo ensino-aprendizagem;

3. As estratégias de Gestão Escolar realizadas nas escolas, e sua relação com as práticas pedagógicas inclusivas necessitam ser desenvolvidas e avaliadas sob orientação, acompanhamento e avaliação de profissionais competentes, comprometidos com a qualidade da educação para que seja garantido o êxito das ações previstas.

4. As Propostas de Gestão Escolar Inclusivas para a melhoria das práticas pedagógicas sejam supervisionadas pela Secretaria de Educação para o êxito do processo de inclusão educacional no Estado;

5. O Projeto Político Pedagógico necessita ser disponibilizado, discutido, e colocado em prática por todos os envolvidos no processo de inclusão, visando com isso, a melhoria da atuação dos docentes, melhor aprendizagem por parte de todos os alunos e conseqüentemente, a melhoria do processo educacional.

6. As concepções dos professores referentes ao processo de inclusão escolar requer averiguação;

7. Os desafios enfrentados pela gestão escolar no processo de inclusão necessitam de ações que contribuam para a superação;

8. Acompanhamento ao aluno em processo de inclusão no ambiente escolar, requer acompanhamento e orientação;

9. O aperfeiçoamento da prática pedagógica e a melhoria do ensino-aprendizagem dependem do desenvolvimento de ações voltadas para as políticas de inclusão e mudanças sobre o fazer pedagógico do professor.

10. A operacionalização do processo de inclusão escolar exige incentivo para a efetivação;

11. O cumprimento das ações desenvolvidas pela Gestão Escolar, a partir das políticas de inclusão exigem acompanhamento;

12. A execução das políticas de inclusão pela gestão escolar, e as possíveis mudanças na prática pedagógica inclusiva, precisam ser acompanhada de forma contínua para que as possíveis falhas apresentadas possam ser corrigidas.

## REFERÊNCIAS

- Abramowicz, A; Rodrigues, T.; Cruz, A. (2011). *A diferença e a diversidade na educação*. São Carlos, Contemporânea.
- Almeida, D. B. et al. (2007) *Política educacional e formação docente na perspectiva da inclusão*. Educação (UFSM, v.32, n.1, p.327-342) Santa Maria.
- Almeida, M. D. C. X. (2012) *Ciências da Complexidade e Educação: Razão apaixonada e politização do pensamento*. Natal, EDUFRN.
- Álvarez, L. y Soler, E. (1998). *¿Qué hacemos con los alumnos diferentes? Cómo elaborar adaptaciones curriculares*. 2ª Ed. Madrid, SM.
- Apple, M. W.(2013) *A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional?* In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (org). Currículo, cultura e sociedade. 12. Ed. São Paulo, Cortez.
- Aranda, T. (2018). *Metodología de la Investigación Científica:Manual para la Elaboración de Tesis y Trabajos de Investigación*. Editora e Gráfica Marben S. A. ArtMed.
- Aranda, T. (2018). *Metodología de la investigación científica*. Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este.
- Aranha, M. S. F. (2001). Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, 11(21), 160-173.
- Aranha, M. S. F.(2007). *História da Educação*.São Paulo, Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edição 70, São Paulo.
- Barreiro, J. (1980). *Educação popular e conscientização*. Petrópolis, Vozes.
- Barroso, J.(1996) *O estudo da escola*. Porto, Editora Porto.
- Barroso, J. (1996). *O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída*. In: João Barroso, org. O Estudo da Escola. (pp. 167-189), Porto Editora.
- Beyer, H. O. (2005) *Inclusão e Avaliação na Escola de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais*. Porto Alegre, Mediação.
- Blanco, R. (2002). Implicações Educativas do Aprendizado na Diversidade. *Revista Gestão em Rede*.
- Blanco, R. (2004). *A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo*. In: Coll, C. (org.). Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de

- desenvolvimento e necessidades educativas especiais. (3 vols. 2ª ed. pp. 290-308), Porto Alegre, Artmed.
- Brasil. (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado.
- Brasil. (1961). *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em [www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf](http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf). cessado em 19/10/2022.
- Brasil. (1971). *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm). Acessado em 26/10/23.
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, de 13 de julho de 1990*. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 10.10.2021.
- Brasil. (1994). *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília, Unesco.
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acessado em 26/10/2023.
- Brasil. (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, MEC/SEF.
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acessado em 26/10/2023.
- Brasil. (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/Seesp.
- Brasil. (2014). *Ministério da Educação. Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação*. (MEC/ SASE), 2014. Disponível em: [http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acesso em: 20 out. 2017.
- Brasil. (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa 132 com Deficiência)*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm#art112](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm#art112). Acesso em: 11 abr. 2021.



- Brasil. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g2\\_9XIE18NA](https://www.youtube.com/watch?v=g2_9XIE18NA). Acesso em: 12.08.2019.
- Bueno, J.G.S. (1999). *Educação Inclusiva: Princípios e Desafios*.
- Caputo, M.E.; Ferreira, D.C. (1998). *Inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na Educação Física escolar*. In: I Congresso Latino-Americano de Educação Motora. (Anais pp 625). Foz do Iguaçu.
- Carneiro, R. U. C. (2006). *Formação em serviço sobre gestão de escolas inclusivas para diretores de escolas de educação infantil*. Tese – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Carvalho, A. M. P. (1998). *Formação do Professor e a Prática de Ensino*. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Educação). São Paulo, Pioneira,
- Carvalho, A. M. P. (2013) *Ensino de Ciências por Investigação: Condições de implementação em sala de aula*. São Paulo, Cengage Learning.
- Carvalho, I. C. M. (2013). *O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola*. In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). *Práticas coletivas na escola*. (1ª ed., v. 1, pp. 115-124). Campinas, Mercado de Letras.
- Carvalho, R. E. (2005). *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre, Mediação.
- Cavalcante, M. (2005) *Como criar uma escola acolhedora*. In: *Nova Escola*. mar, ed 80. São Paulo.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A. (2002). *Metodologia científica*. (5. ed.). São Paulo, Prentice Hall.
- Chizzoti, A. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. 3. ed., Petrópolis.
- Corrêa, H. L.; Corrêa, C. A. (2004). *Administração de produção e operações-manufatura e serviços: uma abordagem estratégica*. São Paulo, Atlas.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Artmed.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Artmed.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre, Penso.

- UNICEF. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [Www.unicef.org](http://www.unicef.org).  
<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>> acesso em: 21 nov. 2022.
- Delors, J. (2010). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. Brasília.
- Dourado, L. F. & Paro, V. H. (2001). *Políticas educacionais e educação básica*. São Paulo, Xamã.
- Dourado, L. F. (2001). *A escolha de dirigentes escolares: política e gestão da educação no Brasil*. In: Ferreira, N. S. C. (org.). *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios*. São Paulo, Cortez.
- Duk, C. (2006). *Educar na diversidade : material de formação docente*. 3. ed. Brasília.
- Dutra, C. P.; Griboski, C. M. (2005). *Gestão para Inclusão*. *Revista de Educação Especial*, n. 26, p. 9-17. Santa Maria.
- Etto, M. C. e Peres, M. R. *Trabalho Diversificado: procedimento que atende às diferenças individuais dos alunos*. Disponível em:  
<<https://www.construirnoticias.com.br/trabalho-diversificado-procedimento-que-atende-as-diferencas-individuais-dos-alunos/>>. Acessado em: 25.03.2023
- Ferrari, A. T. (1982). *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil.
- Ferreira, L. S. (2009). O trabalho dos professores e a gestão do pedagógico. *Máthesis: Revista de Educação*. (v. 9, n. 1, p. 9-24).
- Flick, U. (2004). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Bookman, Porto Alegre.
- Fontes, R. S. (2009). *Ensino colaborativo: uma proposta de educação inclusiva*. Araraquara, Junqueira & Marin.
- Forquin, J. C. (2003). *Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC, São Paulo.
- Freitas, S. N. (2006). *A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo*. In D. Rodrigues (Org.). *Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo, Summus.
- Gadotti, M. (2000). *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro, Graal.
- Gadotti, M.; Freire, P.; Guimarães, S. (2000). *Pedagogia: diálogo e conflito*. 5. ed. São

Paulo, Cortez.

- Gadotti, M. (2008). *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo, Instituto Paulo Freire.
- Gamboa, S. S. (2018). *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. (3. ed.) Chapecó, Argos.
- Glat, R., Fernandes, E. M. (2005). Da Educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. *Revista Inclusão*, (v. 1, n. 1, p. 35-39), Brasília.
- Glat, R. (2007). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro, Sete Letras.
- Glat, R., Nogueira, M. L. L. (2002). Políticas Educacionais e a Formação de Professores para a Educação Inclusiva no Brasil. In: *Revista Integração*. (Ministério da 4, 2002. Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 14, nº 23), Brasília.
- Gomes, N. L. (2003). *Educação e Diversidade Étnocultural*. In: *Diversidade na Educação: Reflexões e experiência*. Brasília, Secretaria de Educação Média e Tecnológica.
- Gomes, N. L. (2007). *Indagações sobre currículo*. Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica.
- Gomes, H. F. (2014). A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. *Revista Informação & Informação*. Bahia.
- Good, W. J., Hatt, P. M. (1976). *Métodos de pesquisa social*. São Paulo, Nacional.
- Grayling, A. C. (2000). *Epistemologia*. In *Compêndio de Filosofia*. Bunnin, N. & Tsui-James, E. P. (orgs.). São Paulo, Loyola.
- Haddad, S.; Graciano, M. (2006). A educação entre os direitos humanos. *Revista da Educação Especial*. Campinas, Secretaria da Educação Especial.
- Hamze, A. (2022). *O professor e o mundo contemporâneo*. (verificar)
- Hashimoto, M. (2009). *Organizações Intra-empendedoras: Construindo a ponte entre clima interno e desempenho superior*. São Paulo, EAESP/FGV.
- Herdero, E. S. (2010). A escola inclusiva: estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. *Acta Scientiarum Education* (v. 32, n. 2, p. 193-208), Maringá.
- Imbernón, F. (2000). *A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro imediato*. (Org). São Paulo, Artmed.
- Kibrit, B. (2013). Possibilidades e desafios na inclusão escolar. *Revista Latinoamericana de*

- Psicopatologia Fundamental*, (v. 16, p. 683-695). São Paulo.
- King, G.; Keohane, R. & V. (1994). *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research*. Sidney, Princeton: Princeton University Press.
- Kirby, R. & Radford, J. (1977). *Diferenças Individuais*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Lei Delegada nº78/2007*. (2007). Dispõe sobre a Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino - SEDUC, definindo suas finalidades, competências e estrutura organizacional, fixando o seu quadro de cargos comissionados e estabelecendo outras providências. Diário Oficial, Amazonas.
- Lei Delegada nº3.642/2011*. (2011). Altera na forma que especifica, a Lei Delegada n. 78, de 18 de maio de 2007, e dá outras providências. Diário Oficial, Amazonas.
- Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. (2015). Institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência) / Câmara dos Deputados. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Lopes, K. R.; Mendes, R. P.; Faria, V. L. B. *Livro de estudo: Secretaria de Educação*.
- Luck, H. et al.(2001). *A escola participativa: o trabalho do gestor escolar*. (5. ed.) São Paulo.
- Luck, H. (2006). *Gestão educacional: uma questão paradigmática*. Rio de Janeiro, Vozes.
- Luck, H. (2009). *As Dimensões da Gestão Escolar e suas competências*. Curitiba, Positivo.
- Malhotra, N. (2001). *Pesquisa de marketing*. (3.ed.) Porto Alegre, Bookman.
- Mantoan, M. T. E. (2002). *A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar*. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp.
- Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: o que é? por que? como fazer?* São Paulo, Moderna.
- Mantoan, M. T. E. (2005). A hora da virada. *In Revista de Educação Especial Inclusão*. (N. 1, pp. 24-28). Brasília.
- Mantoan, M. T. E. (2009). *O desafio das diferenças nas escolas*. (2. ed.). Rio de Janeiro, Vozes.
- Mantoan, M. T. E. (2015). *Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo, Summus.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2007). *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. (5. ed.) São Paulo, Atlas.

- Marques, M. R. L. C. (2007) *A Problemática do Currículo na Inclusão de Crianças com NEE*. Ílhavo, Portugal: 1998. Disponível em: OLIVEIRA, E.de. e Machado, K da S. Adaptações curriculares: caminho para uma educação inclusiva. In: GLAT, R. (Org.). *Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- Mazzarino, J. M.; Falkenbach, A.; Rissi, S. (2011). Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na Educação Física. *Revista Brasileira Ciência e Esporte*, (v.33, n.1, p.87-102), Florianópolis.
- Mazzotta, M. J. J. (1996). *Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas*. São Paulo, Cortez.
- Minayo, M. C. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO.
- Minayo, M. C. (1994). (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ, Vozes.
- Minayo, M. C. (1998). *Pesquisa Social*. Petrópolis – RJ, Vozes.
- Minetto, M. F. Et al. (2010). *Diversidade na aprendizagem de pessoas portadoras de necessidades especiais?*. Curitiba, IESDE Brasil S.A.
- Miranda, F. M. A; et al. (2020). *Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19*. *Cogitare enferm*. 25: e72702.
- Mittler, P. (2003). *Educação inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre, Artmed.
- Neuman, W. (2014) *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Pearson, Essex, UK.
- Oliveira, M. A. M. (2005). (Org.) *Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens*. Petrópolis - RJ, Vozes.
- Oliveira, E. & Machado, K. (2007). *Adaptações curriculares: caminho para uma educação inclusiva*. In: Glat, R. (Org.). *Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- Oliveira, J. A. R. (2018). *Inclusão: um olhar acerca da realidade escolar*. (Anais III CINTEDI]. Campina Grande, Realize.
- Pardo, J. L. (1996). *El sujeto inevitable*. In: Cruz, M. (org.). *Tiempo de subjetividad*. Barcelona, Paidós.
- Parrilla, A. (1992). Inn Torres, J. A. (2002). *Educação e diversidade: bases educativas e*

- organizativas*. Porto Alegre, Artmed.
- Pereira, A. M. S. (2001). *Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping*. In Tavares, J. (Org.) *Resiliência e educação*. (pp.77-94). São Paulo, Cortez.
- Pereira, E. M. A. (1998). *Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente*. In: Geraldí, C.; Fiorentini, D.; Pereira, E. M. A. (Orgs.). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas, Mercado de Letras. p. 153-182.
- Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre, ArtMed.
- Perrenoud, P. (2001) In C. Montadon & P. Perrenoud, *Entre pais e professores, um diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. (pp. 29-56, C. G. da Silva, Trad.). Oeiras - Portugal, Celta.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre, Arned.
- Pfromm Netto, S. (2001). *As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar*. In S. M. Wechsler (Org.). *Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática* (pp. 21-38). Entre a família e a escola, a criança mensageira e mensagem, o go-between. Campinas, Alínea.
- Piaget, J. (1998). *Para onde vai a educação*. (Trad. Ivete Braga. 12. de.) Rio de Janeiro, José Olímpio.
- Piovesan, F.; Cavallaro, J. (2006). *Mazelas à luz do dia*. (v. 22, n. 1, p. 13-39). Porto Alegre, Folha.
- Pletsch, M. D.; Glat, R. (2011). *Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais*. (pp. 162). Rio de Janeiro, EDUERJ.
- Richardson et al. (2007). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3. ed. rev. Ampl.). São Paulo, Atlas.
- Rodrigues, D. (2006). *Inclusão e educação:doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo, Summus.
- Rodrigues, D. (2013). *As tecnologias de informação e comunicação em tempo de educação inclusiva*. Ed. 4, pp. 6-12.
- Roldão, M. C. (1999). *Currículo como projeto: o papel das escolas e dos professores*. In: Marques, R.; Roldão, M. C. (Org.). *Reorganização e gestão curricular no ensino*

básico. Porto. p. 11-21.

- Roldão, M.C. (1999). *Gestão curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa, DEB.
- Ropoli, E. A. Et al. (2010). *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva*. Brasília, MEC.
- Rosa, M. V. F. P. C.; Arnoldi, M. A. G. C. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte -MG, Autêntica.
- Sacristán, J. G. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. (Trad. Ernani Rosa. 3. ed.). Porto Alegre, Artmed.
- Sacristán, J. G. (2000). *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Porto Alegre, Artmed.
- Sage, D. D. (1999). *Estratégias administrativas para a realização do ensino inclusivo*. In: Stainback, S.; Stainback, W. (Orgs.). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre, Artes Médicas. p.129-141.
- Sant'anna, I. M. (2005). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo, Maringá*. (v. 10, n. 2, p. 227-234, maio/ago).
- Santos, A. R. (2015). *Metodologia científica: a construção do conhecimento*.(5. ed.)
- Santos, W. L. P.; Mortimer, E. F. (2002). *Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem*. C-T-S (Ciência - Tecnologia - Sociedade) no contexto da educação brasileira. Ensaio: pesquisa em Educação em Ciências, (v. 2, n. 2)
- Sasaki, R. K. (1997). *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro, WVA.
- Schon, D. A. (1995). *Formar professores como profissionais reflexivos*. In: NÓVOA, A. (coord.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, p. 77-91.
- Silva, C. A. (2014). *O espaço da administração no tempo da gestão*. In: SILVA, M. C. A. *escola como primado da representação: contribuições do pensamento de Gilles Deleuze*. In: *Conjecturas: Filos. Educ. Caxias do Sul*. (v. 19, n. 1, p. 157-172).
- Silva, A. G. (2000): *A Educação profissional de pessoas com deficiência mental: a história da relação Educação Especial/Trabalho na Apae-SP*. Tese(Doutorado) Universidade Estadual de Campinas.
- Silva, A.T. (2015). *Interações discursivas e práticas epistêmicas em salas de aula de ciências*. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*. (v. 17, n. especial, p. 69-96).
- Silva, C. L. (2015). *Escola democrática, escola inclusiva. Diversa educação inclusiva na prática*. Diversa.

Silva, M. (2009). *Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos* [online]. São Paulo, Editora UNESP.

Silva, T. T. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes.

Silva-Porta, W. C., Guadagnini, L., Travagin, K. C., Duarte, M., & Campos, J. A. P. P. (2016). Perfil dos estudos feitos sobre adaptação curricular no âmbito da escola regular. *Revista Educação Especial*, 29(54), pp 215-231.

Souza, A.R.D. (2011). Os caminhos da produção científica sobre a gestão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. São Paulo.

Souza, M. M. (2018). *Treinamento de habilidades sociais para alunos do ensino fundamental em situação de vulnerabilidade social*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO, Niterói – RJ.

Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto, Artmed.

Tartuce, T. J. A. (2006). *Métodos de Pesquisa*. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior.

Tezani, T. C. R.(2010). *Gestão escolar: a prática pedagógica administrativa na política de educação*.

Torres, J. A. (2002). *Educação e diversidade: bases educativas e organizativas*. Porto Alegre, Artmed.

Rodrigues, David. (2006). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo, Summus.

Vasconcellos, C. S. (1995). *Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo*. São Paulo, Libertat.

Voirol, O. (2012). *Teoria crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução*. *Novos estudos*. CEBRAP, n. 93, p. 81-99.

Xavier, A.(2002). Ética, técnica e política: a competência docente na proposta inclusiva. In: *Revista Integração*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Ano 14. Edição n.º 24.

Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre, Artmed.



## APÊNDICES

### Apêndice 1. Solicitação de autorização para realização da pesquisa

EXMO. SR. SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E QUALIDADE DO  
ENSINO – SEDUC/AM

**LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**, brasileira, residente e domiciliada nesta cidade, sito à Rua Rio Mutuca Nº 225, Quadra/R, Conjunto Colina do Aleixo – São José Operário – Fone: (92)982612905/991110141, Servidora do Quadro de Pessoal Efetivo, exercendo o cargo de Pedagogo PD20.MSC-II, matrícula Nº 023725-6-B, vem respeitosamente solicitar a Vossa Excelência, **AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO** ao **Departamento de Políticas Públicas de Inclusão Escolar**, como também, às **Escolas que compõem as 07 coordenadorias da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC)**, na cidade de Manaus/AM, para a realização de **Pesquisa de Doutorado em Ciências da Educação**, conforme documentos comprobatórios em anexo, em que precisará coletar dados, através de consulta aos documentos que respaldam o Processo de Inclusão Escolar nessa Secretaria, e entrevistas ao Gerente do citado Departamento, Responsáveis pelas Coordenadorias, Gestores e Professores das Escolas selecionadas.

Nestes termos,  
Pede Deferimento.

Manaus, 13 de março de 2020.

  
Leina Libório de Araújo

Apêndice 2. Entrevista aos Coordenadores Distritais



**Universidad Autónoma de Asunción**  
**Dirección de Investigación y Proyectos**

---

**Entrevista aplicada ao Coordenador Distrital**

Caro (a) participante,

Esta pesquisa refere-se à Tese de Doutorado em Ciências de Educação da Universidad Autónoma de Asunción-PY, aluna **LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**, cujo tema é “Educar na diversidade: a gestão escolar frente às práticas pedagógicas inclusivas em escolas estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil”. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de Inclusão Escolar, a partir das Estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais. Os dados aqui fornecidos, serão guardados em pleno sigilo e serão utilizados somente para fins de pesquisa acadêmica.

**Identifique a sua Coordenadoria**

- CDE 01
- CDE 02
- CDE 03
- CDE 04
- CDE 05
- CDE 06
- CDE 07

**1. Dados de Identificação**

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_anos

**Escolaridade?**

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

**Área acadêmica:** \_\_\_\_\_

**Tempo de atuação na função de Coordenador Distrital?**

( ) Até 2 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) 6 a 9 anos ( ) Acima de 10 anos

Comente sobre o seu percurso profissional com ênfase a sua história nesta Coordenadoria de

Ensino e a sua rotina de trabalho.

Descreva esta Coordenadoria: número de escolas, número de alunos; número de alunos em processo de inclusão e professores.

1. A partir do seu conhecimento, comente sobre o que você entende por Educação Inclusiva, quais os principais entraves e como superá-los? Como você lida com o desafio da inclusão?
2. Em sua opinião a inclusão ocorre da melhor forma em escolas públicas ou privadas? Por quê?
3. Você acredita que é preciso inovar o modelo educativo que temos hoje para que a inclusão aconteça?
4. Nessa coordenadoria existe um projeto para a educação inclusiva? Existem casos de inclusão nas escolas?
5. Como transformar as escolas em ambientes inclusivos e como se desenvolvem as atividades de rotina nas escolas dessa coordenadoria?
6. Quais as dificuldades que os alunos de inclusão encontram durante a sua formação? Além das aulas na escola, existe algum tipo de trabalho complementar oferecido a esses alunos?
7. Em sua opinião, o professor é a pessoa de maior relevância na vida escolar do aluno de inclusão? Quais os desafios que o professor encontra para fazer acontecer a inclusão?
8. Esta Coordenadoria disponibiliza recursos pedagógicos específicos para as escolas trabalharem com a inclusão de alunos com deficiência? Se sim, quais? Se não, por que isso não acontece? Avalie a sua prática como coordenadora na garantia da aprendizagem e inclusão de alunos com necessidades educacionais no Ensino Regular, e as ações realizadas por esta coordenadoria em relação às diferenças individuais.
9. Durante a sua formação e atuação profissional você teve, ou tem contato com a educação inclusiva? Como foi, ou como está sendo a sua a experiência? Você tem algum curso de especialização em Educação Especial? Em caso afirmativo, essa formação partiu do seu próprio interesse, ou foi sugestão dos seus superiores?
10. Apresente sugestões que possam contribuir para o avanço mais rápido do processo de inclusão.

Obrigada pela participação na pesquisa!

### Apêndice 3. Entrevista aos Gestores de escolas



#### **Universidad Autónoma de Asunción Dirección de Investigación y Proyectos**

---

#### **Entrevista aplicada aos gestores das escolas**

Caro (a) participante,

Esta pesquisa refere-se à Tese de Doutorado em Ciências de Educação da Universidad Autónoma de Asunción-PY, aluna **LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**, cujo tema é “Educar na diversidade: a gestão escolar frente às práticas pedagógicas inclusivas em escolas estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil”. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de Inclusão Escolar, a partir das Estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais. Os dados aqui fornecidos, serão guardados em pleno sigilo e serão utilizados somente para fins de pesquisa acadêmica.

#### **Identifique a sua Coordenadoria**

- CDE 01
- CDE 02
- CDE 03
- CDE 04
- CDE 05
- CDE 06
- CDE 07

#### **Identifique a sua Escola**

- COLÉGIO BRASILEIRO PEDRO SILVESTRE
- E.E. FREI SILVIO VAGHEGI
- E.E. ANTÔNIO LUCENA BITTENCOURT
- E.E. ONDINA DE PAULA RIBEIRO
- CEJA PROF. AGENOR FERREIRA LIMA
- E.E. JOSÉ BENTES MONTEIRO
- E.E. PADRE PEDRO GISLANDY
- E.E. MARECHAL HERMES
- E.E. CACILDA BRAULE PINTO
- E.E. PROF. REINALDO THOMPSON
- E. E. DESEMB. ANDRE VIDAL DE ARAÚJO
- E. E. PROF<sup>a</sup>. HILDA DE AZEVEDO TRIBUZY
- E. E. HAYDEE CABRAL LYRA
- E. E. SEN. JEFFERSON CARPINTEIRO PERES

### 1. Dados de Identificação

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_ anos

#### Escolaridade?

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

Área acadêmica: \_\_\_\_\_

#### Tempo de atuação na função de gestor nesta escola?

( ) Até 2 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) 6 a 9 anos ( ) Acima de 10 anos

Comente sobre o seu percurso profissional com ênfase a sua história nesta Instituição de Ensino e a sua rotina de trabalho.

**Descreva esta Instituição:** número de alunos; número de alunos em processo de inclusão; professores e funcionários; sala de recurso; estrutura física; histórico do nome e fundação.

2. Qual a sua compreensão sobre: Educar na diversidade, Educação Inclusiva, Educação Especial, e de acordo com a realidade desta escola, aponte como é realizado o processo de inclusão de uma geral, os avanços e entraves observados nesse processo na escola, as estratégias desenvolvidas pela gestão escolar para superá-los, e como você lida com o desafio da inclusão?

Evidências: fotos de atividades, planos de intervenção e outros.

3. Avalie o seu papel como gestor na garantia da aprendizagem de todos na escola, a inclusão de alunos com necessidades educacionais no Ensino Regular, e as ações realizadas nesta escola em relação às diferenças individuais.

4. Comente sobre a inclusão como meta das políticas educacionais no processo de melhoria da educação do aluno, e o papel das reformas globais para promover educação de qualidade para todos.

5. Qual o papel da educação e do currículo no processo de construção de uma identidade própria, e como é oferecido o ensino nesta escola para que ocorra a inclusão?

6. Quais os desafios que o professor encontra nessa escola para fazer acontecer a inclusão? As práticas pedagógicas por eles realizadas estão voltadas para o respeito às diferenças, tornando possível a inclusão? Apresente sugestões que contribuam para o avanço do processo de inclusão. Evidências: fotos de atividades e outros.

7. Esta escola desenvolve algum projeto voltado para a comunidade externa sobre a educação inclusiva? Quais as estratégias utilizadas pela gestão escolar para que essa escola seja um

ambiente inclusivo?

8. A gestão escolar perpassa algumas áreas. De que maneira você concilia a gestão pedagógica com as demais áreas?

9. Durante a sua formação e atuação profissional você teve, ou tem contato com a educação inclusiva? Como foi ou como está sendo a sua a experiência? Você tem algum curso de especialização em Educação Especial? Em caso afirmativo, essa formação partiu do seu próprio interesse, ou foi sugestão dos seus superiores?

10. A escola busca estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar? Em caso afirmativo, aponte algumas estratégias utilizadas.

Obrigada pela sua participação na pesquisa!

Apêndice 4. Entrevista aos Professores de Escolas



**Universidad Autónoma de Asunción**  
**Dirección de Investigación y Proyectos**

---

**Entrevista aplicada aos professores da escola**

Caro (a) participante,

Esta pesquisa refere-se à Tese de Doutorado em Ciências de Educação da Universidad Autónoma de Asunción-PY, aluna **LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**, cujo tema é “Educar na diversidade: a gestão escolar frente às práticas pedagógicas inclusivas em escolas estaduais na cidade de Manaus/AM/Brasil”. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de Inclusão Escolar, a partir das Estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas Escolas Estaduais. Os dados aqui fornecidos, serão guardados em pleno sigilo e serão utilizados somente para fins de pesquisa acadêmica.

**Identifique a sua Coordenadoria**

CDE 01  
CDE 02  
CDE 03  
CDE 04  
CDE 05  
CDE 06  
CDE 07

**Identifique a sua Escola**

COLÉGIO BRASILEIRO PEDRO SILVESTRE

E.E. FREI SILVIO VAGHEGI

E.E. ANTÔNIO LUCENA BITTENCOURT

E.E. ONDINA DE PAULA RIBEIRO

CEJA PROF. AGENOR FERREIRA LIMA

E.E. JOSÉ BENTES MONTEIRO

E.E. PADRE PEDRO GISLANDY

E.E. MARECHAL HERMES

E.E. CACILDA BRAULE PINTO

E.E. PROF. REINALDO THOMPSON

E. E. DESEMB. ANDRE VIDAL DE ARAÚJO

E. E. PROF<sup>a</sup>. HILDA DE AZEVEDO TRIBUZY

E. E. HAYDEE CABRAL LYRA

E. E. SEN. JEFFERSON CARPINTEIRO PERES

**1. Dados de Identificação**

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_ anos

**Escolaridade?**

( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

**Área acadêmica:** \_\_\_\_\_

**Tempo de atuação como professor nesta escola?**

( ) Até 2 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) 6 a 9 anos ( ) Acima de 10 anos

Comente sobre o seu percurso profissional com ênfase a sua história nesta Instituição de Ensino e a sua rotina de trabalho.

**Descreva a sua sala de aula:** número de alunos; número de alunos em processo de inclusão; estrutura física.

2. Qual a sua compreensão sobre: Educar na diversidade, Educação Inclusiva, Educação Especial, e de acordo com a realidade desta escola, aponte como é realizado o processo de inclusão, os avanços e entraves observados nesse processo na escola, as estratégias desenvolvidas pela gestão escolar para superá-los, e como você lida com o desafio da inclusão em sala de aula.

Evidências: fotos de atividades, planos de intervenção e outros.

3. A escola disponibiliza recursos pedagógicos específicos para trabalhar com a inclusão de alunos com necessidades especiais? Se sim, quais? Se não, por que você acha que isso não acontece? Avalie a sua prática como docente na garantia da aprendizagem e inclusão de alunos com necessidades educacionais no Ensino Regular, e as ações realizadas nesta escola em relação às diferenças individuais.

4. Comente sobre a inclusão como meta das políticas educacionais, o papel da educação e do



currículo no processo de construção de uma identidade própria, e como é oferecido o ensino nesta escola para que ocorra a inclusão?

5. A partir da estrutura da escola no que diz respeito aos recursos físicos, materiais e pedagógicos, quais são as principais barreiras, em sua opinião, que dificultam a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais? Você utiliza propostas pedagógicas voltadas para o respeito às diferenças e que atendam às reais necessidades e especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais, tornando possível a inclusão? Se sim, descreva-as.

Evidências: fotos de atividades e outros.

6. Esta escola desenvolve algum projeto voltado para a comunidade externa sobre a educação inclusiva? Quais as estratégias utilizadas pela gestão escolar para que essa escola seja um ambiente inclusivo?

7. A escola em que você trabalha incentiva a participação do corpo docente em cursos específicos relacionados à educação de alunos com necessidades educacionais especiais? Você já participou de cursos específicos para trabalhar com a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais? Em caso positivo, de que forma contribuíram para ampliar o seu olhar em relação à educação inclusiva. Em caso negativo, por que ainda não foi possível participar? Justifique sua resposta.

8. Durante a sua formação e atuação profissional você teve, ou tem contato com a educação inclusiva? Como foi ou como está sendo a sua a experiência? Você tem algum curso de especialização em Educação Especial? Em caso afirmativo, essa formação partiu do seu próprio interesse, ou foi sugestão dos seus superiores?

09. Em sua opinião, qual a relevância da interação entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades especiais? A escola busca estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar? Em caso afirmativo, aponte algumas estratégias utilizadas.

10. Como você percebe a convivência dos alunos em sala de aula regular em relação aos colegas com necessidades educacionais especiais? Qual é a sua percepção acerca do seu papel na mediação desse diálogo? Comente a resposta tendo como base a sua atuação e experiência docente com esses alunos.

Obrigada pela sua participação na pesquisa!

## Apêndice 5. Parecer Validativo de Doutores às Entrevistas



Universidad Autónoma de Asunción  
Dirección de Investigación y Proyectos  
Doctorado em Ciências de lá Educación

## PARECER VALIDATIVO DE DOUTORES(AS)

DOUTOR(A)	PARECER AVALIATIVO	ASSINATURA
<i>Alexis Sabala de O. Zorabek Zorabek</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Plenos <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Parciais <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Inexistentes	<i>[Signature]</i>
<i>Sueliane Cristina Gonzalez de Figueroa</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Plenos <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Parciais <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Inexistentes	<i>[Signature]</i>
<i>Lucelengimber Selelin Romero</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Plenos <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Parciais <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Inexistentes	<i>[Signature]</i>
<i>Ana Custódia C. Pinto</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Plenos <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Parciais <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Inexistentes	<i>[Signature]</i>
<i>Jose Felicio da Silva</i>	<input checked="" type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Plenos <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Parciais <input type="checkbox"/> Coerência e Objetividade Inexistentes	<i>[Signature]</i>

Local/Data: Manaus, 31 de julho de 2020

## ANEXOS

### ANEXO 1. RESULTADOS ENTREVISTAS COORDENADORES DISTRITAIS

#### Questão 1. Gestão e os desafios da inclusão

##### Entrevistado 1

“Na verdade, o processo de inclusão não é só da coordenadoria, mas sim da Rede Estadual de Educação do Amazonas né, a gente sabe que por lei hoje todos os alunos devem ser incluídos né, independente das dificuldades que eles tenham de aprendizado, ou de questões clínicas que eles sejam incluídos nas escolas regulares porque são alunos regulares, então a gente segue aqui na coordenadoria aquilo que é enfatizado na rede estadual, de acordo com as orientações”.

##### Entrevistado 2

“Eu entendo que a educação inclusiva é como uma educação onde um processo, onde o aluno, onde a criança, onde o jovem ou o adulto independente da necessidade especial ou outro nome que tenha para descrever, porque muda tanto né, outro nome que tenha para descrever de repente aquele diferencial daquela criança e possa estar inserindo numa sala de aula, mas vimos, nós estamos vindo ao longo do tempo um processo que nós tivemos de uma escola que tinha escola especial específica para alunos especiais e se percebeu que isso não foi exitoso ao longo do tempo, que esses alunos muitas vezes nem aprendiam o conhecimento acadêmico e ainda tinha uma questão da dificuldade de interação social, e aí nos vemos que hoje os alunos eles conseguem aprender, não igual os ditos normais né, não igual não vão conseguir com certeza acessar, demonstrar o conhecimento igual aqueles que não tem nenhuma dificuldade, Mas eles vão aprender alguma coisa, fora isso é a questão da inclusão social, a questão de aceitabilidade desse aluno no meio em que ele vive, dessa criança no meio que essa criança, que esses jovem está, então essa inclusão social no meu ponto de vista, sem um conhecimento mais técnico, sem uma pesquisa aprofundada, Tá certo, eu entendo que

deva ser a oportunidade que esses jovens têm de se inserir na vida social muito mais do que a preocupação em saber se eles sabem que dois e dois é quatro ou três vezes 5 é 15, muito mais importante é esse aluno se sentir aceito no meio que ele está, se sentir contemplado, envolvido com os colegas, se sentir aceito pela comunidade, apesar de ter muitas dificuldades também entre eles mesmos e a escola tem que trabalhar isso também mas o que é mais importante de tudo é isso, é esse jovem está envolvido com jovens da idade dele, com diferenciais imensos, que muitas vezes tem muitos ali que são ditos normais e que muitas vezes têm mais diferenças do que esses jovens que podem ser o surdo, que pode ser o mudo, que pode ter uma outra situação particular”.

#### Entrevistado 3

“A partir do momento que as escolas específicas de inclusão foram extintas pelo Governo Federal, a nossa coordenadoria não tem uma escola específica para educação inclusiva, todas as escolas possuem educação inclusiva e algumas das nossas escolas tem as salas de recursos para atender aquele aluno que tem alguma dificuldade, não são todas, algumas das nossas escolas ainda tem, entretanto no momento que nós estamos vivendo nesse novo momento do fazer educacional, por conta da pandemia, com as escolas no sistema híbrido, nós não estamos com essas salas funcionando, mas nós temos professores auxiliares que dependendo da demanda, por exemplo, uma determinada escola vai com algum aluno com alguma necessidade especial, a escola encaminha para cá e nós solicitamos um auxiliar escolar, não para ser o assessor do professor Regente, mas para trabalhar com aquele aluno, com aquela dificuldade que aquele aluno apresenta, seja qualquer dificuldade que ele tenha, a gente se adéqua a necessidade do aluno, essa é a nossa realidade e agora na pandemia, eles estão fazendo o trabalho em Home Office, estão levando as atividades dos alunos ou o pai vem buscar, de acordo como dá para fazer a gente faz, não está deixando de atender também os nossos alunos com necessidades especiais”.

#### Entrevistado 4

“Eu acredito que em ambas acontece no mesmo formato, a escola, a escola pública, ela vem muito se preocupando com essa questão da inclusão, várias práticas já foram tomadas dentro desse contexto né. Nesse sentido de incluir realmente. a própria Secretaria de Educação, Ela

tem, ela tem buscado formar cursos especiais, cursos para esse público, para que realmente a gente possa ter com o número cada vez maior de alunos que necessitam dessa atenção de especial dentro da sala. Os cursos eles são oferecidos aos professores, a grande maioria presencial, mas agora atualmente no contexto que estamos vivendo né da pandemia, a grande maioria, aliás, todos os nossos cursos estão sendo feito de forma online”.

#### Entrevistado 5

“Eh Leina, boa tarde, é um prazer imenso recebê-la, você eu acho que a pessoa lhe mandou pro lugar certo. Porque eu também sou muito encantada, sou professora de língua portuguesa, licenciada pela Universidade do Amazonas. Sim. E haja tempo, hein? É muito tempo secretário de educação pelo trabalho que eu já vinha eh realizando como gestora aí me oportunizaram vim para uma coordenadoria que ela é eu chamo de município pelo eh especiais, né? Salas de recurso, inclusive aqui no Centro Cultural nós temos uma sala de recursos. Sim. Agora eu quero te colocar que eu sou assim apaixonada pela inclusão. Que bom, então me deram a informação correta. É. Eles sabem lá o quanto eu. Sim. Né? Criei e saí dentro de uma escola na época, né? Que eu passei vinte e cinco anos numa escola que era tempo integral de primeiro ao quinto ano. Então, eu via a necessidade, falta de investimento, pois muito se fala em inclusão, mas poucas as escolas são inclusivas. E eu vi uma luta pra poder trazer minhas crianças e fazer um trabalho diferenciado. Então dentro dessa escola ela não é um centro de educação especial. né? Mas a gente criou uma sala onde a gente trabalhava o aluno dentro das suas especificidades. E ali nós construímos um diferencial na inclusão. Hoje eu estou implantando, estou colocando para os colegas gestores a necessidade de nós termos essa escola inclusiva. Porque tu sabes que cada ano que passa tu vai te deparar com essa realidade, que cada ano que passa é uma necessidade, as pessoas tem um entendimento muito restrito, o profissional precisa ser preparado, a escola precisa ser preparada. o gestor, a gente nem fala, porque ele é que tem que ser o cara mesmo. Pra poder conduzir, né? Eu eu tenho assim umas histórias muito lindas da educação inclusive”.

#### Entrevistado 6

“Certo, sou formado em pedagogia, especialista em educação e inclusão pelo Centro Universitário do Norte, especialista também em gestão escolar e docência do ensino superior,

eu estou a frente da Coordenadoria desde o dia 10 de julho desse ano, anteriormente eu era gestor do colégio amazonense Dom Pedro 2. A nossa coordenadoria ela contempla 27 escolas da zona norte, dentre essas 27 escolas estão matriculados 37.004 alunos, desses alunos que nós temos na nossa Coordenadoria, nós temos 45 alunos que são assistidos por especialistas de auxiliar de vida escolar. Das nossas 27 escolas, 13 escolas, nós temos alunos inclusos que já possuem o acompanhamento com auxiliar de vida. E nós temos sete escolas onde nós temos a sala de recursos multifuncionais, onde elas também auxiliam no processo de inclusão e de acompanhamento dos nossos alunos. Os alunos eles são matriculados no turno normal para turno regular, né, para cursar a série que eles estão, onde eles serão acompanhados pelo auxiliar de vida, nós também temos alunos surdos que tem seu intérprete, como é o caso da escola André Vidal de Araújo e esses alunos além de frequentarem tudo normal, eles ainda frequentam o contraturno para as atividades envolvidas na sala de recursos multifuncionais. Aqui na nossa coordenadoria são 7 salas de recursos, são sete salas bem atuantes, nós temos aí um trabalho de inclusão muito importante realizado nessas escolas, além de nós termos essas sete escolas que possuem sala de recursos, nós temos aí 10 escolas que receberam a verba federal para acessibilidade dos seus espaços, para acessibilidade dos nossos alunos, essas escolas possuem a sinalização e a marcação de acordo com a necessidade daquele lugar, a maioria das nossas escolas que foram revitalizadas elas já estão seguindo um padrão novo de sinalização tanto das portas que já vem a barra de ferro do lado de fora, para facilitar, nós temos os banheiros de acessibilidade em todas as escolas da Coordenadoria 6 e a inclusão aqui nós temos uma visão bem específica para inclusão, né? Enquanto coordenador especialista em educação, inclusão é uma das, é um olhar diferenciado que a Coordenadoria tem ainda para os nossos alunos. Então quando a senhora entrou em contato para verificar a situação das nossas escolas de auxiliar de escolar, algumas estavam com a documentação e tramitação ainda para verificar se o aluno realmente tinha necessidade de um auxiliar escolar porque em algumas situações o aluno necessariamente ele não tem necessidade de ter um auxiliar de vida por não apresentar um pré requisito, e normalmente, às vezes ele até tem algo porém não atende os pré-requisitos do documento do Conselho Estadual de Educação, que direciona os alunos que necessitam de auxiliar de vida, que são os alunos que têm a necessidade da locomoção para alimentação, etc e assim para questão pedagógicas eles sempre acentuam a questão da necessidade do contraturno na sala de recursos.”

## Entrevistado 7

“Acredito que é um processo que está melhorando a cada dia né, então assim o que a gente tem de maior entrave hoje é a compreensão dos pais e os pais entenderem que a escola ela está nesse processo de inclusão e que precisa deste olhar maduro deles que muitas vezes a gente não consegue observar, o pai ele quer que o aluno seja incluso mas ele não consegue entender que mesmo ele sendo incluso ele tem determinadas dificuldades né, e o distrito 7 ele trabalha um processo de inclusão de uma maneira bem atenciosa, nós temos no início do ano todos os alunos inclusos eles são observados não é, temos os processos, os professores que já estão na rede eles só atualizam esse diagnóstico do aluno, nós temos parceria com a coordenação de educação inclusiva, a comissão especial lá dentro da Seduc, que é coordenado pela professora Sabrina, mas somos mediadores, então todas as demandas nós tratamos com eles, a Coordenadoria ela gerencia a informação e trabalha em parceria para executar essas informações que são repassadas, os nossos gestores eles já têm essa prática, quase todas as nossas escolas têm aluno incluso, nem todos precisam do professor auxiliar de vida escolar, alguns alunos inclusos eles conseguem acompanhar, alguns não, realmente precisam do professor. Esses processos eles são encaminhados pra nós, mas quem cuida é a professora Kethlen, ela está cuidando dessa parte da educação inclusiva, mas toda a equipe pedagógica ela perpassa a informação nos 3 segmentos, mas ela é a pessoa que entra em contato direto com a professora Sabrina, então esses processos são observados, aqui analisado, nós protocolamos e a coordenação de educação inclusiva ele indefere ou dá o deferimento positivo e a gente já repassa, coloca o professor, a partir daí nós vamos fazendo o acompanhamento, o professor ele trabalha diretamente com o gestor, é feito um relatório antes era mensal, agora está sendo quinzenal, e a gente ainda tem muito essa questão do pai não entender que muitas vezes o aluno não está bem e a gente precisa respeitá-lo, e chamá-lo para que ele leve, muitas vezes a gente orienta para o pai, agora por exemplo na época da pandemia, tem algumas situações que a gente observa que existe uma resistência do pai, então nós temos que trabalhar isso com muito cuidado, dele entender a fragilidade do aluno, por exemplo nós temos um aluno que ele não usa máscara e a mãe quer porque quer deixar, só que nós entendemos que é um risco para o aluno e para quem está numa sala fechada, então chamamos o pai, conversamos e aí eles, não meu filho precisa ser inserido, e nós respeitamos essa vontade que

o pai tem dessa criança voltar para ele não se sentir, estar vendo talvez o irmão ou vizinho indo para a escola, mas ele também tem que criar uma condição para o aluno, ele não pode colocar a vida dele em risco, então nesse sentido a gente precisa estar com esse sentimento de que nós temos que parar de pensar como é que nós vamos fazer esse atendimento, nós temos professores muito bons, semana passada visitei acho que há 2 semanas atrás eu visitei a escola Zilda arnos e a professora que está lá, ela com material maravilhoso, que os professores então eles tem essa preocupação de trabalhar, na época da pandemia nós temos escolas em que os professores eles estavam indo na casa do aluno e levando o material, eles produziam o material e eles levavam a casa do aluno, porque como nós não estávamos indo para as escolas, ele levava da casa dele, levava para o aluno para que os pais fizessem esse acompanhamento, então assim, muita é orientação porque os pais querem muito, mas às vezes a gente tem que dar uma freada e sensibilizar eles para o que pode ocorrer daquela ansia, outros é a incompreensão mesmo de que as vezes o pai ele acha que a escola não está cumprindo o seu papel, mas muitas vezes não é isso, o professor, o docente dos ditos normais estão lá, professor está lá na sala, mas o aluno naquele dia, naquela semana não está bem, e aí falta essa compreensão também eu acho que precisa muito ainda o pai dele ter né, que vai ajudar muito a escola gerenciar esse processo, fora isso a gente tem o apoio, temos salas de recurso...”

Questão 2. Inclusão em escolas públicas, e privadas.

Entrevistado 1

“Eu desconheço necessariamente como ocorre na iniciativa privada né, na pública como eu disse, a gente tá preparado para receber o nosso aluno de modo bem tranquilo.”

Entrevistado 2

Não houve resposta à questão.

Entrevistado 3

“Olha eu não sei se acontece nas escolas privadas exatamente como acontece com o nosso dia a dia na escola pública né, conosco nós fazemos o possível para que esse nosso aluno realmente seja atendido, seja beneficiado, com todos os programas que a Coordenadoria tem oriundas da Seduc e a relação escola privada não tem como dizer que eu não trabalho, nunca



trabalhei, não que eu desconheço, eu vejo minha filha, tem algumas pessoas que estudam em escola privada a gente verifica uma ou outra criança, mas eu não sei lhe dizer exatamente como é o processo, como é que se dá né, eu sei que nós fazemos de tudo para adequar as escolas seja na parte física, na parte estrutural, como na parte educacional. Nós estamos ainda talvez muito além do que nós gostaríamos, mas eu acredito que a gente está caminhando bem, porque Há muitas pessoas com olho para esse lado, como a senhora. Eu Já atendi vários mestrandos e doutorandos também com com projetos mais ou menos parecidos com essa área, então quando tem muitos olhares para um determinado tema, esse tema acaba que acontecendo com mais veemência nas escolas né, porque tem muitas pessoas olhando, muitas pessoas trabalhando.”

#### Entrevistado 4

“Eu acredito que em ambas acontece no mesmo formato, a escola, a escola pública, ela vem muito se preocupando com essa questão da inclusão, várias práticas já foram, já foram tomadas dentro desse contexto né. Nesse sentido de incluir realmente. a própria Secretaria de Educação, Ela tem, ela tem buscado formar cursos especiais, cursos para esse público, para que realmente a gente possa ta com o número cada vez maior de alunos que necessitam dessa atenção de especial dentro da sala.”

#### Entrevistado 5

“Olha, eu não tenho muita experiência de inclusão em escolas privadas. Tá? Eu tenho escola pública. Né? E eu acredito que a escola pública ela tá mais preparada porque as salas são mais equipadas. A Secretaria de Educação ela tem uma gerência só de educação inclusiva. Então lá as meninas preparam tá? As escolas pra receber aquela clientela, então fazendo uma comparação, em todo lugar tem um profissional que que tem esse carisma, esse carinho, mas a escola pública pra mim ela está mais preparada.”

#### Entrevistado 6

“Olha, é uma pergunta bem complexa porque assim, o pai quando ele vai matricular o aluno na escola particular, ele já faz exigências as vezes por um profissional que vai acompanhar o filho, muitas vezes dependendo da instituição às vezes a instituição até compra a mais mesmo

não sendo legal fazer isso ele vai ficar na ilegalidade, algumas instituições acabam comprando para ter esse outro professor para auxiliar nas atividades, porém, na escola particular eles exigem o resultado do aluno e por exigirem um resultado do aluno, eles vão trabalhar às vezes de forma conteudista para que aquele aluno tenha as estruturas ali trabalhadas na questão conteudista, mas não vai trabalhar de fato as demais áreas que precisam ser trabalhadas. No ensino público, a partir do momento que é assegurado ao aluno que o aluno ele tenha esse auxiliar de vida escolar e que se tenha essa cobrança de que se frequente a sala de recursos no contraturno esse aluno tem muito mais oportunidade de aprendizado, e de um aprendizado significativo porque ele vai ter acompanhamento específico. Em 30/99 saiu na reportagem que o governo ele lança política nacional de educação especial, hoje eles querem ampliar o atendimento a mais de 1,3 milhão de educandos com deficiência, na verdade ele já é uma PEC.”

Entrevistado 7

“Eu confesso que eu não tenho um pouco, eu não tenho conhecimento da funcionalidade na escola privada, mas eu penso que o cumprimento da lei ela existe, a escola privada ela deve exercer esse cumprimento da lei que é exercer ou fazer esse cumprir o processo de inclusão, mas a secretaria pública, está se adequando, ele está se ajustando a esse processo, hoje nossas escolas, elas têm a acessibilidade, hoje as nossas escolas elas, nós temos o Maiara que é a instituição que nos apoia, nós temos essas escolas que são específicas, que são da de outra Coordenadoria que você já passou e aqui nós temos as salas de apoio, estamos passando por formação, então é um tema que está muito vigente, essa discussão ela está muito latente, então só hoje a própria Secretaria ela repassa muitos cursos para nossos professores, eu penso que está tendo um novo olhar para esse tema na escola pública, ela está se preparando, mas tem muito o que caminhar ainda”.

Questão 3. Inovação do modelo educativo para a inclusão.

Entrevistado 1

“Eu acredito que a inclusão vem ocorrendo de modo gradativo, e como em qualquer sistema educacional, a gente vai aprendendo com as dificuldades que vão surgindo e vamos evoluindo, sempre buscando o melhor.”

Entrevistado 2

“Sim, eu penso em muitas outras coisas, mas pra não se alongar eu vou responder a sua pergunta, a Inovação é extremamente necessária né, a Inovação desde o vigia que recebe esse aluno na entrada até o gestor, passando por todos né, É preciso que as escolas se preparem, estejam preparadas para entender que ela vai receber alunos que tem uma diferença daqueles ditos normais. Então essa inovação, a inovação tecnológica não é só a Inovação de dar um computador, não é só Inovação de ter um equipamento eletrônico, mas inovação de pessoa, de cada servidor que tá naquela escola, cada pessoa entender que tem que aceitar aquele jovem do jeito que ele é, com as dificuldades que ele tenha para o nosso ponto de vista, que para aquele jovem daquele jeito ele se aceita daquele jeito, a dificuldade é para nós aceitarmos ele daquele jeito, então nós precisamos sim inovar. Primeiramente né na forma de unidade, compreender o mundo daquela daquela pessoa.”

Entrevistado 3.

“É, nós estamos inovando né, com entrada dessa pandemia, quando nós iríamos saber que nós vamos trabalhar em Home Office, nós temos colegas professores que nunca tinham trabalhado tanto ou quase nunca no computador e agora tiveram que adquirir mais essa ferramenta, estão dando aulas, por exemplo, nós temos escolas hoje que o sistema é híbrido né, Temos turma A e B, a turma A eles funcionam para escola segunda e quarta, turma B, terça e quinta, então assim quando a turma A, está na escola assistindo simultaneamente aquela escola que já está equipada, já fez o projeto para isso, conta também com uma verba Federal está passando aquela aula que a professora está ministrando, o professor e aluno que tá em casa que vai vir só na terça e quinta para a gente poder atender. As nossas alunas que tem gravidez precoce, a gente tem um olhar no trabalho psicossocial muito voltado para elas, porque na periferia, a gente sabe não só na periferia né, mas é onde mais acontece essa demanda de acolher, de trabalhar, criança, que geralmente é uma criança que vai ter uma criança, ela precisa ser orientada, a gente procura dar orientação aos pais, procura dar orientação aos próprios colegas de adolescente para não é rotular, aos homossexuais também, tanto do gênero masculino, quanto feminino, estando respeitando, para fazer com que a escola como um todo respeite o

outro como ele é e por aí vai. Todas as situações que são cotidianas da escola a gente procura fazer um trabalho assim que escola trabalhe realmente com seus alunos, com os pais desses alunos, em reunião com a comunidade como um todo e a gente com a nossa equipe psicossocial, abrange também tudo isso.”

Entrevistado 4

“Eu acredito que sempre devemos trabalhar com inovação, certo, a sociedade de um modo geral ela vive essa essa mudança gradativa e mesmo falando de alunos que precisam ser inseridos e que precisam ser, como você coloca, esse inclusos, é necessário que essas práticas estejam acompanhando o processo, porque dependendo do tipo de inclusão, nós precisamos ter um olhar tanto para o aluno, quanto para o professor, isso aí deve caminhar de acordo com a evolução dessas duas peças, que tem se encaixar.”

Entrevistado 5

“Com certeza. Essa inovação é preciso. Não podemos continuar no modelo de antigamente, onde o menino assim era chamado às vezes até de doido. Né? Hoje já não existe isso. Ele é um aluno tão inteligente, ele aprende tão quanto os outros. Certo. Se tu entras numa escola onde tem a professora da educação inclusiva, tu fica muito impressionada com o que ela te diz. Na pandemia, a gente trabalhava passando os exercícios pra casa, os pais pegavam e a gente passava, então ele assistia a própria aula em casa e os professores já preparados trabalhava as crianças. Eu vi hoje um trabalho em uma escola nossa, hoje ella é de forma cívico-militar e lá a gente tem um trabalho lindo na sala de recurso. Que bom. A professora super encantada. O menino, os meninos dela são meninos que dá gosto, eles tem um conhecimento tecnológico que só tu vendo.”

Entrevistado 6

“Eu acredito para que o processo de inclusão ele de fato aconteça nós precisamos investir na questão da formação continuada dos nossos professores, preparando eles para trabalhar com os nossos alunos, porque assim a partir do momento que eu preparo os meus professores para trabalhar com o aluno, o público da educação inclusiva eles vão estar preparados de fato para se adequar a metodologia mais eficaz para trabalhar com aquele alunado daquele momento,

entendo que cada um tem um perfil diferente que cada um tem uma forma, um ritmo diferente de aprendizado, acredito que o primordial é investir na questão da formação de professores, porque aí eu vou estar preparando meu professor para lidar com qualquer tipo de situação que aconteça na sala de aula. Nós temos dentro da Coordenadoria, uma assessora que fica especificamente cuidando da parte da educação inclusiva na nossa coordenadoria que é a professora Valquíria e a professora Walkíria é responsável por acompanhar esse processo de inclusão dessas escolas, então ele não é um projeto desenhado por Coordenadoria mas nós estamos trabalhando com uma função digamos reguladora de que esses alunos, estejam realmente tendo acesso àquilo que lhes é segurado pela legislação, e de certa forma trabalhando para que seja efetiva a inclusão escolar.”

Entrevistado 7

“Acredito que a gente precise fazer, buscar, trabalhar as novas metodologias que precisam ser adequadas a esse processo da inclusão, por exemplo, a pandemia ela veio fazer todos os educadores repensarem sua prática, nesse processo a gente precisa repensar como se dará o processo de inclusão porque se a gente tava caminhando, começando a ver os frutos daquilo que a gente tava pensando para educação inclusiva, hoje nós vamos ter que recomeçar, porque esse aluno ele vai precisar, o aluno dito normal, para ele foi muito fácil porque as mídias sociais, as novas tecnologias, para quem tem acesso ele não deve dificultar assim né, ele só teve que se adequar assim como a gente também, e pro aluno foi muito fácil. Quando nós começarmos com aula em casa, começou, começou, os pais começaram a se mobilizar porque não tinha o tradutor de libras, então eles começaram a se mobilizar, então nós estávamos nesse processo de fazer acontecer nas pessoas né, os grupos estudando como é que se fazia, como é que ia fazer, criando essa condição, nós não atentamos para isso e aí os pais se atentaram.”

Questão 4. Projetos macro e micro para a educação inclusiva

Entrevistado 1

“Todas as coordenadorias tem em alguma parte dela, uma pasta dentro dela chamada programas e projetos e essa pasta trabalha com vários ingredientes da inclusão é nós temos algumas escolas que trabalham projetos independentes né, um exemplo disso é o Colégio

Brasileiro que trabalha com projetos de inclusão a algum tempo. Não eu não eu não vejo, o que eles encontram dificuldades. Talvez em uma situação ou outra, você tem uma necessidade de uma demora maior na adaptação, mas dificuldades não, nossas escolas estão preparadas para receber qualquer público, escola pública né, democrática que ela é, nós estamos prontos né, focados e preparados para receber qualquer pessoa.”

#### Entrevistado 2

“Nós temos as escolas que recebem recurso Federal, do Governo Federal para ser gerenciado pelas APMC’S da escola para adequar os espaços físicos né, então nós temos situações de escolas que não tem uma disposição de espaço físico ideal e a medida que vai tendo possibilidade, vai adequando, mas eu não tenho uma estatística, não tinha conhecimento do que a senhora ia me perguntar, então eu não tenho números para lhe mostrar, para lhe apresentar, mas na maioria das escolas, a pessoa que entrar, vai ver que elas estão com rampa, elas estão com corrimão, elas têm banheiros adaptados para alguém que tenha alguma dificuldade física né, tratando da adaptação física, fora na questão acadêmica as ações que a própria secretaria oportuniza através de uma escola da rede estadual que atende de forma específica. Então nós oportunizamos palestras, à medida que uma escola recebe de repente um aluno com alguma situação atípica, ela solicita e nós providenciamos uma capacitação para esses profissionais da escola sabe lidar com aquela realidade.”

#### Entrevistado 3

“O nosso carro-chefe é humanização, é trabalhar a humanização dos profissionais de educação. Quando a gente fala de profissional de educação, a gente vai desde o vigia, até o gestor, todos têm a mesma linguagem, tem a delicadeza, tem aquele olhar diferenciado para cada um de acordo com a sua necessidade, aquela mãe solteira, com aquela criança grávida, porque ele é adolescente que é menino ou menina que é homossexual, Seja lá o que for que nosso olhar seja humanitário, então nosso psicossocial também trabalha muito na escola e a gente faz um trabalho também desde o vigia até o nosso gestor para que o sistema, é esse lema de humanização aconteça também nas nossas escolas. As dificuldades que nós encontramos .... especificamente em cada programa, cada projeto assim eu não sei te dizer agora, porque são muitos, entre todas as escolas né, Ensino Fundamental 1, Fundamental 2 e ensino médio,

EJA e sala de avançar. Eu não tenho especificamente, pois cada escola tem pelo menos um projeto em relação a isso, todas têm.”

Entrevistado 4

“Certo, então assim em relação a outra questão caso seria além da Educação Especial qual o outro processo de inclusão vocês desenvolvem né? Eu penso que você ainda não teria como responder né. É, não teria. Mas eu acho que tu podia complementar aí em relação a própria inclusão, é muito questionável esse tema, a grande maioria dos professores eles entendem que para atender um aluno especial, ele precisa de Formação... e a secretaria oferece esse tipo de coisa, nós temos, mas eu entendo que a partir do momento que você tem dentro de uma sala de aula, um multiculturalismo, você já está trabalhando a inclusão, porque não é só aquele aluno que tem uma deficiência, você tem ali uma diferença de cultura, socioeconômicas, emocionais e quando tu começa, quando você é o educador de Fato né, também tem que pontuar essas coisas né, quando o indivíduo é o professor que vai lá ministra e volta sem dar nenhum feedback pro aluno, ele é um professor, mas poderia ser o educador. eu te falo isso com propriedade, Porque eu fui coordenadora de área numa escola por quase dois anos e dentro dessa escola. aí sim eu falo com propriedade o que eu fazia, eu tinha, eu era coordenadora, eu era psicóloga, eu era mãe, eu era de ouvir, né... amiga. Então assim, a inclusão ali dentro daquela escola, ela acontecia porque o professor se comprometia de ouvir o aluno em suas necessidades emocionais, sociais, culturais e quando você faz isso, você tá trabalhando a inclusão, não tem como. Agora é muito, é muito pontual as escolas que conseguem ter esse olhar, esse docente que realmente se preocupa com aluno, de saber o que que tá acontecendo, alguma coisa familiar, então tudo isso aí tu acaba trazendo para dentro da escola, aquele arrumado que às vezes estava sendo despachado, que tava indo embora. A gente tem um número muito grande infelizmente de abandono e se falar por conta de um trabalho que deve ser, no meu ponto de vista mais apurado, deve ser mais detalhado, porque nossos jovens eles estão gritando por socorro. Eles precisam de ajuda e encontram essa ajuda a maioria das vezes dentro da escola e aí quando tu faz tudo isso aí, isso já é uma inclusão, então não, eu não preciso entender como inclusão só com aquele aluno especial, mas qualquer tipo de dificuldade emocional, quando eu proporciono ao meu aluno esse olhar diferenciado, eu tô trabalhando a inclusão, eu te digo Leina que eu tive naquela escola, eu consegui resgatar em

média, em média 80% dos alunos que estavam para abandonar a escola.. Gestora, como coordenadora, como professora, como a mãe, como amiga...Eu sou bióloga. E como eu era coordenadora de área, eu montei um grupo, esse grupo é um grupo de trabalho que era eu e mais duas pessoas dentro da APMC, e a gente funcionava com um núcleo de apoio para os alunos. Isso é inclusão, é buscar, entendeu o problema dos alunos né, e tem situações que as escolas pode desenvolver sem necessariamente ter um curso de formação, sem necessariamente passar por um treinamento, sem necessariamente ser auxiliar de vida, é claro que é importante nas escolas. Da secretaria, é uma função de um professor, ele dá atenção a aquele aluno que tem a necessidade né. Então é isso, eu acho que até vale ressaltar naquela tua primeira resposta por todo esse contexto aí que a gente colocou.”

#### Entrevistado 5

“Dentro da coordenação não, mas nas escolas sim. Nas escolas sim. A coordenação ainda não porque tu sabe que eu tenho um ano e um mês, eu tenho, sou talvez uma, eu sou a depois de mim só tem mais dois gestores que entraram após, mas a gente tá iniciando, aí nós passamos tendo um problema por conta da pandemia. Né? Não deu pra gente dar essa assistência que nós gostaríamos de dar nas salas de recurso. Mas eu já conhecia as escolas, já sei que eles tem um acompanhamento, que eles buscam muito melhorias através das salas de recurso e o próprio professor também muito capacitado.”

#### Entrevistado 6

“O auxiliar de escola, ele é um professor que fica com o aluno dentro da sala de aula, fica ao lado dele e esse professor, ele está ali para ajudar os alunos no direcionamento das atividades pedagógicas dentro da sala de aula. Digamos que é um aluno que tem que além do autismo ele tem o TDAH, esse aluno ele precisa da do auxílio do professor para que ele foque naquelas atividades que ele tá fazendo no momento, para que o professor também dê o direcionamento para quem tem o déficit de atenção, às vezes ele pode estar focando em outras coisas e esse professor auxiliar de vida, ele vai auxiliar isso para dar essas atividades para o aluno. O professor auxiliar de vida, ele não é um substituto. Ele não vai avaliar junto com o professor Regente porque senão não seria inclusão , então o que acontece, o professor da sala de aula, ele passa as atividades e o auxiliar de vida que vai estar dentro da sala de aula com o aluno.



Ele estaria ali para assegurar que aquele aluno tenha acesso à educação da forma que os demais colegas estão dentro da sala de aula que ele tem acesso ao mesmo conteúdo, que consiga fazer as atividades. E caso o aluno ele não consiga fazer aquela atividade, essa atividade é direcionada para o professor da sala de recursos para que ele faça a adaptação dessa atividade, conforme previsto na legislação vigente. Sim, o que acontece o aluno quando ele tem o auxiliar de vida normalmente já vem com a súmula quando eles passam pelo atendimento da equipe profissional, ele já vem com a súmula das atividades que tem que ser desenvolvidas e a partir do momento que ele tem essa soma e esse direcionamento ele já dizem qual vai ser a abordagem de cada profissional dentro da escola e quando o aluno ele tem, digamos, digamos que a atividade é uma atividade de interpretação textual e a atividade que vai ser passada para turma, ela é uma atividade muito complexa, então o aluno quando ele tem um autismo, o aluno ele tem uma dificuldade na questão abstrata, então a partir disso, desse contexto, o professor da sala de recurso ele vai adaptar essa atividade que vai ser passada pro aluno, de forma que atenda a especificidade dele, então é dessa forma que trabalha os professores da sala de recurso na secretaria de educação. Isso, porque o professor da sala de recursos ele vai, quando ele vai fazer o atendimento do aluno, aquela anamnese todinha, o levantamento das necessidades do aluno, aquela entrevista com a família, avaliação com o aluno, ele vai verificar aí, quais são as principais necessidades daquele aluno, então a sala de recurso, ela jamais vai funcionar como reforço, mas ela vai como um atendimento que vai favorecer que o aluno desenvolva as estruturas básicas e instruções fundamentais que ele precisa para consolidar aquele conhecimento que vai ser aplicado, então assim de certa forma ele vai tentar não ele vai trabalhar de forma que venha preparar o aluno para que ele consiga se desenvolver nas atividades que forem propostas na sala de aula. Assim, a Secretaria de Estado de Educação nos últimos concursos que eles fizeram, para preencher os cargos da sala de recurso, precisava ter formação específica. E mesmo quando não tem a formação específica, o que acontece, ele tem que ter no mínimo 80 horas de curso de formação na área de atendimento que ele vai ofertar na escola. Se for auxiliar ele precisa ter no mínimo 80 horas de formação e a gerência de Educação Especial, ela ainda tem que conversar com a professora, tem que entrevistar o professor, para verificar se o professor de fato ele tem um perfil para trabalhar com os alunos. Tanto que no processo de lotação não é qualquer professor que pode lotado nessa carga, por mais que tenha professores disponíveis para fazer um acréscimo, para

fazer uma lotação de carga, o professor não é lotado nessa carga se ele não tiver essa formação, então assim, a agência de Educação Especial na Seduc ela tem um cuidado bem especial mesmo para essa questão da inclusão, porque ela além deles acompanharem, eles têm as ferramentas necessárias para produzir relatórios, eles precisam dar um retorno bimestral, às vezes até mesmo de 2 meses, de um e um mês eles precisam de um relatório de como é que tá sendo o acompanhamento desses alunos, então assim, a educação especial ela é bem ativa da Seduc e uma coisa que é bem favorável para se colocar como um ponto positivo da nossa secretaria é que os professores que trabalham com o aluno incluso que vão ser auxiliar de vida são professores formados, são professores realmente qualificados, diferentes de algumas secretarias, então de algumas redes que contratam estagiários para trabalhar, por ser mão de obra barata. Aqui no caso a Secretaria de Estado de Educação e desse ponto ela só contrata profissionais formados e qualificados para trabalhar com esses alunos, então isso já apresenta um ganho bem significativo para os nossos alunos, porque são profissionais que estão trabalhando.”

#### Entrevistado 7

“Na verdade a gente não tem um projeto, assim um projeto de inclusão, o que mais fazemos aqui é, a gente executa a proposta não é, o que a gente tem são as ações que são realizadas, a gente acompanha as informações que vem, mas assim um projeto específico a gente não tem, entende? nós somos mais executores, não sei nem se outras coordenadorias tem, mas aqui um projeto pronto não temos, o que nós temos e o que nós fazemos é realmente a execução do processo. O que nós temos é um plano, para te ser sincera esse ano, até o nosso plano de gestão foi diferente, nós estamos implementando uso das tecnologias desde 2018, está tentando fazer isso, o que é difícil. Que é aquela questão da agenda já direto pelo google, esse ano com a pandemia já veio fazer a equipe perceber que nós estávamos no caminho certo, que o futuro exigir isso. Então o nosso planejamento de gestão ele não ficou pronto, porque como a gente falou, estamos fazendo um planejamento e a pandemia veio, o que nós fizemos: nós criamos as pastas e os gestores à medida que vai executando não tem esse planejamento, tem a demanda, ele faz um plano e tal, não coloca no plano de gestão, nem o planejamento ele não está pronto, o plano de 2020, que ele está sendo ajustado à medida para atender a necessidades do momento. Esse ano a gente iniciou, talvez se não tivesse parado naquele 4, 5 meses que a

gente ficou afastado, talvez a gente estivesse hoje até com uma outra organização, nós paramos, mas já iniciamos esse ano com uma atividade diferente dos outros anos, isso é bom e ano que vem com certeza será melhor.”

#### Questão 5. A escola como ambiente inclusivo

##### Entrevistado 1

“O meu ponto de vista é que a rede possa oferecer aquilo que é melhor para cada aluno. Se o aluno se sente bem na escola regular, ele é muito bem-vindo, estamos prontos para atender. se caso ao contrário ele escolher uma escola de determinada especialidade ele também será muito bem-vindo dentro da nossa Rede.”

##### Entrevistado 2.

“Sim, eu penso em muitas outras coisas, mas pra não se alongar eu vou responder a sua pergunta, a Inovação é extremamente necessária né, a Inovação desde o vigia que recebe esse aluno na entrada até o gestor, passando por todos né, É preciso que as escolas se preparem, estejam preparadas para entender que ela vai receber alunos que tem uma diferença daqueles ditos normais. Então essa inovação, a inovação tecnológica não é só a Inovação de dar um computador, não é só Inovação de ter um equipamento eletrônico, mas inovação de pessoa, de cada servidor que tá naquela escola, cada pessoa entender que tem que aceitar aquele jovem do jeito que ele é, com as dificuldades que ele tenha para o nosso ponto de vista, que para aquele jovem daquele jeito ele se aceita daquele jeito, a dificuldade é para nós aceitarmos ele daquele jeito, então nós precisamos sim inovar. Primeiramente né na forma de unidade, compreender o mundo daquela daquela pessoa.”

##### Entrevistado 3

“O nosso carro-chefe é humanização, é trabalhar a humanização dos profissionais de educação. Quando a gente fala de profissional de educação, a gente vai desde o vigia, até o gestor, todos têm a mesma linguagem, tem a delicadeza, tem aquele olhar diferenciado para cada um de acordo com a sua necessidade, aquela mãe solteira, com aquela criança grávida, porque ele é adolescente que é menino ou menina que é homossexual, Seja lá o que for que nosso olhar seja humanitário, então nosso psicossocial também trabalha muito na escola e a

gente faz um trabalho também desde o vigia até o nosso gestor para que o sistema, é esse lema de humanização aconteça também nas nossas escolas.”

#### Entrevistado 4

“Essa pergunta eu vou, eu vou deixar em aberto porque eu estou coordenadora há exatamente 40 dias...sim, eu venho de um outro departamento, aí depois tu corta essa parte... de outro departamento dentro da educação também, mas que não envolvia diretamente as práticas pedagógicas, então assim, a partir de agora eu e com o contexto que nós estamos vivendo da pandemia, eu tenho já estratégias para delinear um novo formato dessa inclusão porque nós vamos ter várias situações, como é que eu posso dizer? nós vamos ter várias situações no mesmo momento, penso, onde a inclusão é necessária mas o cuidado deve ser maior. Então nesse contexto de pandemia as atividades voltadas para inclusão, elas têm que ser muito bem alinhadas e delineadas e é isso que eu tô trabalhando agora nesse momento, a partir do retorno das nossas escolas especiais, eu tenho dado toda uma atenção para cumprimento do protocolo e outras medidas que julgar necessárias também, então assim para trás eu realmente eu não tenho como te precisar a resposta. Tu vai conseguir garantir com outros coordenadores, como eles alinhavam isso, como eles trabalhavam isso, né.”

#### Entrevistado 5

“Nós consideramos o nosso aluno inclusivo como um aluno da rede, normal. Não diferenciamos, ele é tratado igual, tem que ser igual, nós não podemos diferenciar e vai buscando tecnologias, inovações, recursos apropriados para poder atender essa criança. Isso é criar a sala, a sala de recurso. Para que no horário ele esteja dentro da sala e no outro ele esteja acompanhado do professor em sala de aula para fixação dos conteúdos. E também ter todo o entendimento que pra gente trabalhar esse público, todo mundo tem que ter conhecimento. Olha, eu vejo que não é todo aluno que tem que ir pra essas escolas especiais. Tem dois tipos de de público aí. Tá? Tem aquele de maiores dificuldades. E tem aquele que naturalmente ele entra no sistema. E agora eu não vejo mais a necessidade dessa escola. As especiais. Eu acho que toda escola tem que estar preparada. Né? Eu estive nos Estados Unidos eh eh fiz um acompanhamento muito grande numa sala especial, onde eles mesmo eram os monitores, os alunos. Eles passavam pela escola, adquirir aqueles

conhecimentos se preparavam e o produto das escolas específicas. E então viravam os professores. Agora claro com o doutor ali do lado. Sim. Orientando. Através de orientações direcionadas, está entendendo? E tinha o fisioterapeuta, tinha um fonoaudiólogo. A equipe todinha durante a sua formação.”

#### Entrevistado 6

“Nós garantimos que uma escola seja de fato inclusiva é nós garantirmos que o processo ele alcance a todo o alunado na escola, é garantir que a partir de cada atividade desenvolvida eu não vou ter de limitações de acesso para nenhum aluno que seja da minha escola, é desenvolver atividades onde eu vou poder contar com todos os alunos, que eu não vou ter alunos que vão ter que ficar de fora dessa atividade, se tiver algum aluno que apresente alguma limitação precisar adaptar essa atividade para que todos participem e a partir do momento que o gestor ele coloca isso como premissa para desenvolver as suas atividades, quando ele coloca isso como um pilar fundamental, aí vem a inclusão dentro da escola, ele consegue preparar o ambiente inclusivo independente da questão da infraestrutura, a partir do momento que eu tenho uma escola inclusiva que eu não deixo nenhum aluno para trás, ir para acesso à parte do processo eu vou estar trabalhando inclusão na escola.”

#### Entrevistado 7

“Agora nossas escolas muitas já tem a acessibilidade, quando nós temos o aluno por exemplo que é predio, isso aí é reorganizado, eu lembro que aqui em Manaus nós tínhamos três alunos cadeirantes, em três séries diferentes em uma escola e eu me lembro que essa mãe ela todo dia ela ia na coordenadoria ali no parque 10, na escola Alice Salazar, é só um exemplo, aí o que aconteceu, embaixo nós temos 3 salas, uma com um aluno, outra com outro aluno e uma era o laboratório, e aí essa escola teve que ser reorganizada para poder atender o aluno. O laboratório era lá em cima, não tinha como o filho dela subir, ela lutou tanto que o filho dela tinha o direito e foi uma luta pra gente tirar o laboratório lá de cima e descer, porque tem toda uma estrutura e se conseguiu. Então agora nós temos a Acessibilidade, inclusive agora estamos executando o recurso de acessibilidade, o governo federal hoje ele passa essa verba, então as escolas elas estão todas se adequando, nossas escolas distrito 7 elas são muito muito organizadas nesse sentido”.

Questão 6. Dificuldades discentes e docentes.

Entrevistado 1

“Nós temos os professores de apoio e temos as salas de recursos por área, hoje temos 7 áreas abrangentes, os alunos no contraturno os pais precisam levar para esse atendimento, então temos aqui no João Paulo, no Novo Israel, na Margarita, no Lago azul, então por área né, cada área a gente tem uma sala de recurso que atende o aluno. A gente tem um aluno que a mãe dele, ela faz parte do projeto chamado borboleta que ele é ali no viver melhor, ele é autista sim, e ele está sempre participando de atividades.”

Entrevistado 2

“A maior dificuldade que tem é por falta de conhecimento né, então há uma resistência resistência, muitas vezes o gestor, uma resistência do Professor, que tem aquele aluno né, porque ele não sabe lidar com aquela realidade, por falta de informação, de capacitação para saber lidar né, hoje eu acredito que todos os profissionais da educação já tem uma compreensão de que o aluno não vai ficar numa sala especial, a escola pode até ter uma sala de recursos, a escola pode até ter um espaço para qualificar melhor o atendimento daquela criança, mas ela não vai ficar isolada naquela sala né, então hoje todo mundo tem esse conhecimento de que o aluno ele tem que estar incluso na sala de aula junto com todos os alunos, ainda que ele não aprenda igual aos demais, ainda que ele não mostre o que ele aprendeu de uma forma pontual como os outros né, de repente tenho que avaliar, o aluno faz a prova, acontece que tem questões que aquele aluno tem uma situação que ele vai ter que responder de forma oral, então isso os professores já perceberam que tem essa situação. A dificuldade que tem é porque não tem uma formação para todos e até quando temos é incrível, tem professor que não comparece, que não vai, “ah eu não tenho nenhum aluno” eu não tenho, mas eu não tenho nenhum hoje, eu posso ter amanhã. Então a SEDUC já ofereceu, já oportunizou cursos de formação e quando nós temos, quando nós sabemos que alguma escola nós temos uma matrícula de um aluno ou qualquer situação diferenciada dos demais, nós procuramos dar uma capacitação para os profissionais daquela escola né. Nós temos uma

psicóloga para coordenação e nós também fazemos um trabalho junto aos alunos né, para aceitar esses alunos, para entender como deve lidar, não é, para facilitar a vida dessa criança, desse jovem naquele universo da escola, mas eu acredito que realmente a maior resistência seja por falta de conhecimento, por medo de lidar com aquela situação atípica que tá ligando naquele momento. Se eu tenho uma criança que tem uma deficiência mental, se eu tenho uma criança que tem uma síndrome de Asperger, se eu tenho uma criança que tem uma deficiência cognitiva, e o professor não passou por uma capacitação para lidar com a realidade, ele vai se sentir inseguro né, se aqueles 30, 25, 40 alunos da sala não lidam com um jovem daquela realidade, ele não saber como lidar, então o nosso papel é oportunizar essa informação, então no início do ano nós fazemos um levantamento e identificação dos dos alunos que recebemos uma situação de especial, que nós vamos fazer assim, direcionamos as formações para que essas escolas recebam a informação de como lidar com essa nova realidade.”

#### Entrevistado 3

“Nós estamos ainda talvez muito além do que nós gostaríamos, mas eu acredito que a gente está caminhando bem, porque Há muitas pessoas com olho para esse lado, como a senhora. Eu Já atendi vários mestrados e doutorados também com com projetos mais ou menos parecidos com essa área, então quando tem muitos olhares para um determinado tema, esse tema acaba que acontecendo com mais veemência nas escolas né, porque tem muitas pessoas olhando, muitas pessoas trabalhando. As dificuldades que nós encontramos ... especificamente em cada programa, cada projeto assim eu não sei te dizer agora, porque são muitos, entre todas as escolas né, Ensino Fundamental 1, Fundamental 2 e ensino médio, EJA e sala de avançar. Eu não tenho especificamente, pois cada escola tem pelo menos um projeto em relação a isso, todas têm.”

#### Entrevistado 4

“Na realidade o professor que é educador, ele com apenas uma folha de papel ele prega a educação mas quando...sim, tudo ele faz...e quando o professor disse que a secretaria não dá respaldo para ele se especializar, para fazer a tal inclusão, eu não aceito isso, porque a partir do momento que você determina para sua vida que você quer ser professor educador, você tem que entender que é uma responsabilidade que vai agregar valores para todos aqueles que

passaram na sua vida. E quais valores tu vai passar se tu é a primeira a se desestimular dentro da tua profissão? então eu entendo assim, sabe, professor que disse que a secretaria não dá mecanismo, ele mesmo já é o próprio empecilho para o desenvolvimento de qualquer atividade. E no caso dos alunos eu entendo assim, como o próprio desânimo, a mesmice que infelizmente já trazem de décadas passadas, porque não inova, não se interessa, continua da mesma forma. Aí eu volto para escola onde eu trabalhei, a escola onde eu trabalhei e já tinha uma comunidade escolar, que deixa eu lembrar... que em média 68% tinham problema de droga, com o meu trabalho depois de um ano esse índice caiu para 4,5%. Porque foi um trabalho contínuo, um trabalho na família, um trabalho com a escola, um trabalho de respeito, de valorização, de protagonismo juvenil. Essa é a palavra chave. Porque a partir do momento que o aluno entende que ele é peça, que ele faz parte, que ele é peça viva daquele contexto, ele tem uma autoestima sabe... E aí ele contribui, e ele passa a entender que é possível mudar, eu vi isso Leina acontecendo não foi só um aluno, foram com vários alunos que eu trabalhei, foi um dos trabalhos mais significativos que fiz na minha vida. Aluno que estava envolvido com droga, aluno que já tava praticamente fora da escola, a gente resgatou, trabalhou esse protagonismo, colocamos ele, eu tenho fotos ainda por aqui, colocamos eles para direcionar o trabalho, ele sentiu ali aquele ator, eu posso, eu vou fazer, eu tô sendo reconhecido. Eu peguei alunos lá que simplesmente não existiam, eram só um número no diário e esse mesmo aluno no final do ano agora ele era peça principal de uma programação. É essa valorização, é justamente o protagonismo. Enquanto a escola não trabalhar o protagonismo juvenil, o aluno se sente deixado de lado, ele é só uma Peça a mais para educação, que para ele é uma mesmice que não leva a nada. E isso aí Leina foi tão marcante na vida de alguns alunos, que eu tenho vários relatos né, eu tinha uma aluna para a gente ter uma ideia, que ela vinha ,ela veio de outra escola, que ela simplesmente ela foi convidada a sair da escola, tanto problema que ela causou, adolescente, já chegou lá no primeiro ano, ela vinha de uma outra escola assim que já estava no limite, eu peguei a aluna, essa aluna simplesmente quando eu saí de lá no ano passado ela era capitã de tudo. Muito bem pontuado, eu também entendo dessa forma, como você colocou o aluno, a gente não pode chamar em hipótese alguma de aluno problemático, que isso não existe, o aluno que tem alguma situação que precisa ser assistida, esse aluno ele não pode sair da escola. Ele tem que ir à escola, ele tem que trabalhar, a escola tem que resgatar; O papel social da escola é papel transformador. porque que eu vou tirar esse menino



daqui ,colocar aí, ele sai daqui vai para lá, ele chega lá no ensino médio ele não tem nenhuma estrutura curricular apropriada para o vestibular, ele só foi passando os problemas. É complicado entender que o profissional da educação tem que ter esse perfil, a gente muito ainda vai ter que trabalhar. Nós temos hoje aí a maioria dos nossos professores infelizmente né, infelizmente eles não têm esse perfil, mas aí trabalhando de acordo com os instrumentos que a gente tem né e identificando e conversando, porque temos muitos professores bons e comprometidos, daqueles que vestem a camisa mesmo, mas infelizmente temos outros que nem tanto né, então esses outros que infelizmente fica marcado na vida de nossos alunos, que nada foi feito por ele.,”

#### Entrevistado 5

“Sim, com certeza. É como eu te coloquei, a gente tem a sala com x alunos que até agora a gente não conseguiu fazer de acordo com a legislação, com a lei. Um diferencial quantitativo menor de aluno. Por conta das demandas aqui na nossa coordenadoria então é um transtorno ,porque todas as escolas são lotadas. Mas ele passa a ter todo um diferencial, com o acompanhamento, num horario na sala e no outro atendido na sala de recursos, através de inovações, toda uma modernização. Se o menino não escreve, ele entra na internet, visualiza. Sim. Ele trabalha a questão artística. Tem uma sala com quadros feitos pelos próprios alunos. Então eles trabalham a arte,tem também a questão representante. Representatividade desses alunos. A representatividade deles. Tá entendendo? Com medalhas, com troféus, meninos que até foram pra fora do do estado, né? Até internacionalmente.”

#### Entrevistado 6

“Aquela questão do trabalho complementar nós podemos exemplificar com uma sala de recursos que é feito no contra turno esse atendimento para os nossos alunos e também quando o aluno ele encaminhado para a Mayara Hedman, onde vários atendimentos que são realizados lá muitas vezes eles encaminha os alunos para oficinas profissionalizantes, eles encaminham para uma fisioterapia, atendimento com o psicólogo, e eles dão o atendimento que o aluno ele necessita de uma forma que vai trabalhar é justamente esse desenvolvimento dele e da questão da dificuldade que muitas vezes os nossos alunos encontram eu posso usar o exemplo mesmo que muitas vezes alunos eles encontram professores que não tem a habilidade de trabalhar

com tato a necessidade especial dentro das salas de aula, às vezes por desconhecer de que forma trabalhar acabam deixando os alunos abaixo do processo.”

Entrevistado 7

“Nós temos os professores de apoio e temos as salas de recursos por área, hoje temos 7 áreas abrangentes, os alunos no contraturno os pais precisam levar para esse atendimento, então temos aqui no João Paulo, no Novo Israel, na Margarita, no Lago azul, então por área né, cada área a gente tem uma sala de de recurso que atende o aluno. A gente tem um aluno que a mãe dele, ela faz parte do projeto chamado borboleta, que ele é ali no viver melhor, ele é autista sim, e ele está sempre participando de atividades. Eu acredito que é um conjunto, o professor, a família, o professor ele tem essa relevância, as dificuldades ainda são com relação ao aspecto formativo.”

Questão 7. Formação continuada do professor para a inclusão.

Entrevistado 1

“Tudo é importante, família professor, as políticas públicas, enfim, mas não há dúvida que o professor é fundamental, ele é a parte mais humana do processo, né, a parte mais próxima do aluno. É ele que com seu talento, com as suas aulas, tudo aquilo que inspira ele na profissão, é ele que vai mexer vamos dizer assim, aliás todos nossos alunos né, mexer com aquilo que nossos alunos querem, onde eles querem chegar.”

Entrevistado 2

“Ele é a pessoa mais importante, com certeza. Mais do que eu gestor, mais do que qualquer pessoa, ele é a pessoa que está mais próxima desse aluno, então o grau de confiança né, essa relação que esse professor tem com esse jovem vai determinar a qualidade com que esse trabalho vai ser feito com esse aluno. Se eu professor não tenho empatia com esse aluno especial né, e com qualquer aluno né, se eu chego aqui para dar os meus R\$ 150 da minha hora aula, eu não vou fazer o meu trabalho com a qualidade que eu gostaria, então o professor precisa ter essa consciência no quanto é importante né, muitas vezes até deixar de dar aula do conteúdo curricular para o qual ele tá preparado né. Eu sou professor de português por

exemplo, então hoje eu não vou dar aula de português, eu vou falar de ética e responsabilidade social, eu vou falar de droga, vou falar de violência, eu vou falar de respeito ao outro né, então eu já é uma coisa muito comum, deixar de dar ao nosso conteúdo curricular para tratar de outras especificidades que se fazem necessária naquele momento. Eu costumo dizer que nós não temos professores hoje, nós somos educadores. Professores foram os nossos, eu tenho 56 anos de idade, eu tive professores que se preocuparam apenas com o saber acadêmico. Hoje nós temos educadores, que tem que perceber que o aluno que é calado demais, pode estar passando por uma violência, tem que ter um ombro amigo, e com cuidado para isso não misturar as coisas, saber ouvir. E talvez o professor precisa ter essa compreensão que ele tem que estar mais próximo desses alunos, conquistar esses jovens porque muitas vezes com a questão social que nós vivemos hoje, o arranjo social que vai temos hoje, o professor é a figura que tá mais próxima desse aluno, o professor é a figura que representa alguém de confiança daquele aluno né, então o aluno se sente à vontade, muitas vezes os alunos chegam para professora aqui que não sabe como lidar com a menstruação, não sabem como lidar com a puberdade. Confiam mais no professor do que com a mãe em casa né, então nós temos que ter essa consciência de que o nosso papel é muito maior do que só ministrar o conteúdo curricular, então quanto mais próximo for, quanto mais empática for essa relação professor e o aluno, mais retorno terá o trabalho do professor, mas exitosa será o crescimento desse aluno e a formação social, a formação acadêmica desse aluno, ela possa avançar de uma forma mais rápida.”

#### Entrevistado 3

“Acredito que sim, é um dos né, porque nós temos como a gente já falou, muitos profissionais necessários. O professor é fundamental, mas também precisam do olhar do assistente social, do olhar do psicólogo, do psicopedagogo, para estar fazendo um um trabalho assim mais eficaz, Professor sozinho, eles têm muita vontade, mas a gente precisa de uma equipe multidisciplinar.”

#### Entrevistado 4

“Além dos pais, claro né, porque eu acho que tem que ter um link muito assinado entre os dois. Se não tiver não funciona mas é sim, se esse professor não tem um compromisso desse

olhar especial para essa dificuldade, como é que a inclusão pode acontecer, não tem como né. O gestor da escola é óbvio que tem uma participação muito importante, mas quem está lá no ramo final é o professor, a referência do aluno é o professor.”

Entrevistado 5

“Isso é fantástico, eles são doutores natos, tá? O professor quando ele entra buscando dar o seu melhor, ele busca melhoria. E com isso aí eles fazem construções. Tá? Por isso que eu tenho um encantamento muito grande por eles. Eles inovam né? Eu acho que eles fazem a diferença quando ele se apropriam da coisa né? Ele olha eu vou ser aluno da sala de recurso porque você é aluno de uma criança é inclusa né? E eu eu eu chamo de especial por serem melhores. tá? Eu não chamo de especial porque ele tem um déficit de aprendizagem ou porque ele tem uma mutilação, ou porque ele é um autista. Eu chamo meus alunos especiais porque eles são os melhores. Né? Então a gente constrói aí.”

Entrevistado 6

“O professor é um dos principais, ele é um dos principais atores nesse processo, porém não é um protagonista, porque nós temos os alunos e temos a família que precisa caminhar junto nesse processo, se nos alunos ditos normais a gente já precisa da assistência da família, quando nós vamos trabalhar com aluno público de educação inclusiva a família é um dos principais braços que precisam estar ali quando esse processo, porque se nós não tivermos o acompanhamento da família nesse processo, vai ficar várias lacunas que são de responsabilidade da família por conta a questão do acompanhamento, porque nós sabemos que são alunos que por mais que nós tenhamos que trabalhar a questão de desenvolver autonomia dos nossos alunos, ainda assim nós precisamos que os pais eles façam esse acompanhamento de fato é nós vamos sair dessas várias lacunas, então o que eu posso colocar como uma das dificuldades vão ser a questão de quando não se tem ajuda da família nesse processo, nesse caso já respondendo às 2 perguntas, quando se tem aluno que você não vê a família nesse processo, e às vezes a falta da formação continuada do professor podemos colocar esses.”

Entrevistado 7. “Eu acredito que é um conjunto, o professor, a família, o professor ele tem

essa relevância, as dificuldades ainda são com relação ao aspecto formativo.

Questão 8. Práticas e recursos pedagógicas para a inclusão.

Entrevistado 1

“Todas as coordenadorias tem em alguma parte dela, uma pasta dentro dela chamada programas e projetos e essa pasta trabalha com vários ingredientes da inclusão. É, nós temos algumas escolas que trabalham projetos independentes né, um exemplo disso é o Colégio Brasileiro que trabalha com projetos de inclusão a algum tempo.”

Entrevistado 2

“Nós temos as escolas que recebem recurso Federal, do Governo Federal para ser gerenciado pelas APMC'S da escola para adequar os espaços físicos né, então nós temos situações de escolas que não tem uma disposição de espaço físico ideal e a medida que vai tendo possibilidade, vai adequando, mas eu não tenho uma estatística, não tinha conhecimento do que a senhora ia me perguntar, então eu não tenho números para lhe mostrar, para lhe apresentar, mas na maioria das escolas, a pessoa que entrar, vai ver que elas estão com rampa, elas estão com corrimão, elas têm banheiros adaptados para alguém que tenha alguma dificuldade física né, tratando da adaptação física, fora na questão acadêmica as ações que a própria secretaria oportuniza através de uma escola com atendimento específico, então nós oportunizamos palestras, à medida que uma escola recebe de repente um aluno com alguma situação atípica, ela solicita e nós providenciamos uma capacitação para esses profissionais da escola sabe lidar com aquela realidade. Nós temos algumas escolas que de acordo com a questão da matrícula, a medida que a matrícula vai acontecendo e a gente vai sinalizando naquela área há um número maior de alunos dessa condição, então nós vemos a escola que tem um espaço físico adequado, essa escola ela não trabalha com alunos só dela, ela recebe de outras escolas também para ajudar, exatamente para ajudar na evolução no crescimento da criança, então na sala de recurso nós conseguimos notar um profissional que tenha formação adequada, né, não é pegar um professor qualquer e colocar lá, não, vamos ver o currículo desse professor, que demonstre que ela está preparada para lidar com essa situação.”

Entrevistado 3

Não houve resposta

Entrevistado 4

“Além da formação a sala de recurso que existe, profissionais capacitados.”

Entrevistado 5

“Mensalmente, às vezes dependendo da especificidade do relatório que eles precisam, mensalmente ou bimestralmente o GAED ele solicita que a escola faça o relatório de acompanhamento individual do aluno, então digamos que na sala de recursos tem um PNE para o desenvolvimento individual do aluno que o professor da sala, ele precisa planejar o atendimento que vai ser desenvolvido com aquele aluno e a partir desse planejamento, desse plano de desenvolvimento individual do aluno é necessário que ele saiba evidências de que o trabalho está sendo realizado, enviando, dependendo do período do ano tem situação de relatório que eles solicitam a frequência do auxiliar de vida e o relatório das atividades com fotos das atividades que foram desenvolvidas, para estar comprovando que de fato foi feito aquele trabalho com o aluno.”

Entrevistado 6

“Bom, aí a gente volta no que eu falei anteriormente dessa questão da gente oportunizar mais ainda essa função de formação né, e o preparo de um professor porque quando por exemplo onde nós temos um aluno surdo, nós professor ele tem que estar capacitado pela linguagem e também como lidar também né com a situação, o aluno visual ele tem que ter o material de braile então isso daí a gente corre atrás, nós temos o aluno visual e aí a gente está correndo para que ele possa ter o material adequado né, isso daí a Secretaria nela a coordenação junto ao Mayara o que a gente tem nesse momento é, o professor ele faz um atendimento mais específico né, auditivo, de quando a avaliação precisa ler, e nós recomendamos que ele vá fazer esse acompanhamento na escola específica que é no contraturno, nesse caso nós ainda estamos em fase realmente de ajustamento, porque a própria instituição não tem professores na linguagem do visual, mas dos surdos nós já temos, mas no braile a gente precisa ter um formador, isso é uma necessidade, a gente tem abordado muito isso nas reuniões, estamos discutindo com os nossos superiores e com a equipe da necessidade de ter esse professor para

lidar, então nós tivemos uma necessidade numa escola, que ficamos um bom tempo porque nós não tínhamos o professor apto, até que conseguiram, com a formação específica.”

Entrevistado 7

“Na verdade a gente não tem um projeto, assim um projeto de inclusão, o que mais fazemos aqui é, a gente executa a proposta não é, o que a gente tem são as ações que são realizadas, a gente acompanha as informações que vem, mas assim um projeto específico a gente não tem, entende? nós somos mais executores, não sei nem se outras coordenadorias tem, mas aqui um projeto pronto não temos, o que nós temos e o que nós fazemos é realmente a execução do processo. O que nós temos é um plano, para te ser sincera esse ano, até o nosso plano de gestão foi diferente, nós estamos implementando uso das tecnologias desde 2018, está tentando fazer isso, o que é difícil. Que é aquela questão da agenda já direto pelo google, esse ano com a pandemia já veio fazer a equipe perceber que nós estávamos no caminho certo, que o futuro exigir isso. Então o nosso planejamento de gestão ele não ficou pronto, porque como a gente falou, estamos fazendo um planejamento e a pandemia veio, o que nós fizemos: nós criamos as pastas e os gestores à medida que vai executando não tem esse planejamento, tem a demanda, ele faz um plano e tal, não coloca no plano de gestão, nem o planejamento ele não está pronto, o plano de 2020, que ele está sendo ajustado à medida para atender a necessidades do momento. Esse ano a gente iniciou, talvez se não tivesse parado naquele 4, 5 meses que a gente ficou afastado, talvez a gente estivesse hoje até com uma outra organização, nós paramos, mas já iniciamos esse ano com uma atividade diferente dos outros anos, isso é bom e ano que vem com certeza será melhor.”

Questão 9. Concretização das políticas de inclusão

Entrevistado 1.

“Não tenho dúvida que na rede Estadual do Amazonas, as políticas públicas de inclusão tanto oriundas de leis federais, Estaduais e Municipais estão sendo todas contempladas, como eu disse, nós estamos prontos para receber qualquer aluno, todo aluno para nós é importante.”

Entrevistado 2

“Sim, eu penso em muitas outras coisas, mas pra não se alongar eu vou responder a sua

pergunta, a Inovação é extremamente necessária né, a Inovação desde o vigia que recebe esse aluno na entrada até o gestor, passando por todos né, É preciso que as escolas se preparem, estejam preparadas para entender que ela vai receber alunos que tem uma diferença daqueles ditos normais. Então essa inovação, a inovação tecnológica não é só a Inovação de dar um computador, não é só Inovação de ter um equipamento eletrônico, mas inovação de pessoa, de cada servidor que tá naquela escola, cada pessoa entender que tem que aceitar aquele jovem do jeito que ele é, com as dificuldades que ele tenha para o nosso ponto de vista, que para aquele jovem daquele jeito ele se aceita daquele jeito, a dificuldade é para nós aceitarmos ele daquele jeito, então nós precisamos sim inovar. Primeiramente né na forma de unidade, compreender o mundo daquela daquela pessoa.”

#### Entrevistado 3

“Tem contribuído, mas eu acho que falta mais, eu tenho que estudar muito ainda, cada desafio que aparece, vislumbra-se que o futuro que a gente precisa ter mais conhecimento ,tem que buscar mais, se unir mais para a gente poder ter mais, até porque qualquer conhecimento é infinito, é preciso de alcançar esses objetivos. E assim, motiva né, para a gente ficar sempre em busca e a gente nunca sabe tudo né.”

#### Entrevistado 4

“É, não teria. Mas eu acho que tu podia complementar aí em relação a própria inclusão, é muito questionável esse tema, a grande maioria dos professores eles entendem que para atender um aluno especial, ele precisa de Formação... e a secretaria oferece esse tipo de coisa, nós temos, mas eu entendo que a partir do momento que você tem dentro de uma sala de aula, um multiculturalismo, você já está trabalhando a inclusão, porque não é só aquele aluno que tem uma deficiência ,você tem ali uma diferença de cultura, socioeconômicas, emocionais e quando tu começa, quando você é o educador de Fato né, também tem que pontuar essas coisas né, quando o indivíduo é o professor que vai lá ministra e volta sem dar nenhum feedback pro aluno, ele é um professor, mas poderia ser o educador. eu te falo isso com propriedade, Porque eu fui coordenadora de área numa escola por quase dois anos e dentro dessa escola. aí sim eu falo com propriedade o que eu fazia, eu tinha, eu era coordenadora, eu era psicóloga, eu era mãe, eu era de ouvir, né... amiga. Então assim, a inclusão ali dentro



daquela escola, ela acontecia porque o professor se comprometia de ouvir o aluno em suas necessidades emocionais, sociais, culturais e quando você faz isso, você tá trabalhando a inclusão, não tem como. Agora é muito, é muito pontual as escolas que conseguem ter esse olhar, esse docente que realmente se preocupa com aluno, de saber o que que tá acontecendo, alguma coisa familiar, então tudo isso aí tu acaba trazendo para dentro da escola, aquele arrumado que às vezes estava sendo despachado, que tava indo embora. A gente tem um número muito grande infelizmente de abandono e se falar por conta de um trabalho que deve ser, no meu ponto de vista mais apurado, deve ser mais detalhado, porque nossos jovens eles estão gritando por socorro. Eles precisam de ajuda e encontram essa ajuda a maioria das vezes dentro da escola e aí quando tu faz tudo isso aí, isso já é uma inclusão, então não, eu não preciso entender como inclusão só com aquele aluno especial, mas qualquer tipo de dificuldade emocionada. Quando eu proporciono ao meu aluno esse olhar diferenciado, eu tô trabalhando a inclusão, eu te digo Leina que eu tive naquela escola, eu consegui resgatar em média, em média 80% dos alunos que estavam para abandonar a escola...

#### Entrevistado 5

“Quando eu entro nas coisas, eu entro pra vencer. Eu nunca fui convidada, eu sempre busquei, sempre fui muito encantada, então a inclusão na minha vida foi uma construção, eu fui buscando e cada ano que passava eu buscava um diferencial, dentro da escola que sou gestora e agora dentro de todas as minhas escolas eu busco através desse olhar a qualidade que deve ter a nossa educação.”

#### Entrevistado 6

“Eu já trabalhei como auxiliar de vida escolar, trabalhei com autista, eu trabalhei com o aluno que tinha deficiência física e trabalhei com alguns tinham TDAH, e foi uma experiência muito enriquecedora para mim porque um contato que eu tive para trabalhar com esses alunos eu pude perceber que cada um tinha um ritmo de aprendizado diferente, por mais que a gente estude isso da faculdade, é na realidade que nós lidamos, é totalmente diferente, e os alunos que eu tive a oportunidade de trabalhar eu tive a oportunidade de participar de um processo onde a educação, ela parte do pressuposto da humanização, porque quando nós vamos trabalhar com os alunos inclusos muitas vezes o primeiro embate que nós temos é com os pais

deles, porque eles já estão tão cansados de levar não por aí, que muitas vezes eles já são bem ríspidos com a gente e a partir do momento que a gente começa a trabalhar, que a gente começa a envolver um pai nesse processo e mostra que de fato nós nos preocupamos com o desenvolvimento desse aluno, desenvolvimento não só de passar com notas, mas sim com o desenvolvimento dele para gerar autonomia do aluno, para gerar a socialização do aluno, isso é muito gratificante para a gente, então a gente tem uma oportunidade de colocar e crédito na nossa experiência várias teorias que a gente estuda durante a nossa formação, nas escolas nós trabalhamos ali a questão do adulto do auxiliar de vida como mediador naquele processo uma pessoa que vai estar dando um direcionamento, ali nós conseguimos analisar que o aluno da educação inclusiva toda vez que você trabalha a socialização, isso possibilita ainda mais o aprendizado dele. A questão da minha formação, eu tenho especialização em educação e inclusão pelo centro universitário do norte, a primeira turma que abriu dessa especialização, o que me fez eu procurar essa especialização foi justamente o contato estive na sala de aula e por identificar que essa formação é uma formação primordial para qualquer profissional trabalhar na educação pública, porque antes não vamos trabalhar somente com os especiais com aluno que tem uma deficiência, a partir do momento que a gente estuda educação e inclusão a gente consegue enxergar cada aluno dentro do processo educacional, então foi daí que partiu mesmo minha vontade, meu interesse.”

#### Entrevistado 7

“Agora nossas escolas muitas já tem a acessibilidade, quando nós temos o aluno por exemplo que é predio, isso aí é reorganizado, eu lembro que aqui em Manaus nós tínhamos três alunos cadeirantes, em três séries diferentes em uma escola e eu me lembro que essa mãe ela todo dia ela ia na coordenadoria ali no parque 10, na escola Alice Salazar, é só um exemplo, aí o que aconteceu, embaixo nós temos 3 salas, uma com um aluno, outra com outro aluno e uma era o laboratório, e aí essa escola teve que ser reorganizada para poder atender o aluno. O laboratório era lá em cima, não tinha como o filho dela subir, ela lutou tanto que o filho dela tinha o direito e foi uma luta pra gente tirar o laboratório lá de cima e descer, porque tem toda uma estrutura e se conseguiu. Então agora nós temos a Acessibilidade, inclusive agora estamos executando o recurso de acessibilidade, o governo federal hoje ele passa essa verba, então as escolas elas estão todas se adequando, nossas escolas distrito 7 elas são muito muito

organizadas nesse sentido.”

#### Questão 10. Apoio esferas governamentais para a inclusão

Entrevistado 1. “Eu acredito que para a gente alcançar o modo mais rápido, é a gente trabalhar com a ideia de que todos os alunos são importantes para nós, e isso numa visão tanto do docente como uma visão de quem dirige as instituições de educação estaduais, e quando a gente conseguiu enxergar todos de modo igual, que é o que a rede estadual do Amazonas procura fazer, nós estamos tornando mais fácil a inclusão de qualquer um de nós, nós estamos incluídos”.

#### Entrevistado 2

“Eu acredito que nós precisamos intensificar a formação dos nossos professores, na questão da educação inclusiva que é o tema que nós estamos tratando de responsabilidade social, nós temos que trazer outros temas para questão da formação desse profissional nível superior, não dá mais para nós trabalharmos só o conteúdo curricular, só a formação em matemática, só a formação em biologia. Nós precisamos de disciplinas interdisciplinares que tratem da Psicologia, que tratem com mais profundidade de preparar esse profissional da educação para entender o ser humano, no mundo em que nós vivemos hoje, nós temos uma pessoas que resistem ao uso do computador, temos pessoas que resistem ao uso da tecnologia. Agora com a pandemia apareceu mais ainda, nós temos laboratório de informática que o professor nunca entra, ele tem medo né, ele tem essa resistência né, então eu sei que muita coisa não vamos conseguir mudar de quem já está no processo, mas acredito que ganhariamos muito se houvesse um debate muito aberto onde a universidade pudesse na formação desse profissional inserir nesse ensino, como lidar com a realidade. O professor ele estar mais sensível a compreender esse aluno, ninguém tem um filho problemático porque quer, não é o caso do aluno com deficiência, mas ninguém tem um filho nas drogas porque quer, ninguém tem uma menina que se prostitui por que quer, todo mundo quer o melhor para o seu filho, toda mãe quer o melhor para o seu filho, será que ela sabe lidar com aquela realidade, será que ela tem condições de orientar né, e todo mundo dentro da escola precisa estar mais preparado para lidar né com essa realidade. Eu penso que um dos viés seja isso né, ter uma formação, uma

capacitação. É porque é o seguinte, eu não tenho isso só na minha sala de aula, alguém com inclusão, eu tenho na rua, eu tenho no ônibus, eu entro numa loja, eu vou dar de frente com o cadeirante, eu vou dar de frente com alguém que tem uma condição diferente e eu só tenho que me preparar quando eu tiver com ele? nós temos que nos preparar para estar em todas as situações, então eu penso que essa formação a nível superior deveria se intensificar, Então a secretaria entra com a capacitação, entra com uma formação direcionada muitas vezes para atender aquela necessidade específica da criança, se eu tenho que estudar, entender e compreender que eu tenho que lidar com jovens, com pessoas que não são ditas normais né, então eu já tô preparado quando eu chego na sala de aula se eu lido com um surdo, e aí a SEMED promove uma capacitação para saber como lidar com ele, a me comunicar né, e também tem cada situação específica. A secretaria de educação já oportuniza algumas informações direcionadas para este atendimento né e pensa que nós já passamos muito, mas é sempre com a Busca da Felicidade, há sempre uma eterna busca, a gente nunca vai poder atender a todos, as necessidades vão aumentando e a gente vai subindo, faz parte do processo, eu penso que é importante a compreensão de que esse processo ele não se acaba né, ele não se limita na formação da universidade e nem na capacitação que a universidade vai dar, vão aparecer outras ferramentas e nós temos que estar preparado para lidar com a realidade.”

Entrevistado 3. “Sabemos que atualmente no processo tem avançando mas assim como a educação também é algo muito lento entendeu a gente quase não percebe acontecendo né tanto é que existem pessoas que afirmaram inclusão tava correndo o que tava correndo é o processo de extensão estão colocando essas crianças nas escolas regulares né eu que ouço falar em né então colocando Mas a gente não tem nada acontecendo essa questão da inclusão ela não mente tá só de fachada Algumas pessoas dizem isso né mas eu não vejo dessa forma né eu vejo que é inclusão ela ela veio correndo né Inclusive eu tenho uma aluna que ela fez um trabalho muito interessante de pós-graduação especialização né e Ela estudou algumas escolas não é para que ela pudesse observar como está ocorrendo esse processo né então o trabalho dela ele é bem interessante porque ela coloca paz a passo que que realmente está acontecendo né Para que as pessoas possam perceber que realmente nós estamos empenhados né desenvolver Agora sim né porque que eu lhe perguntei por exemplo sobre ....”.

Entrevistado 4

“Políticas públicas voltadas para só para esse tipo de educação, que elas fossem mais sérias. Essas políticas fossem levadas mais a sério, seria no caso ou desenvolvimento de novas políticas? De novas políticas, daquelas que já existem né, que fossem Vista com olhar mais apropriado, mais responsável porque se faz claro, se faz política pública para esse, para essa questão, mas eu penso que o interesse tem que ser maior. Infelizmente a gente fica de mãos atadas. Políticas públicas ineficientes e que se tornam mais ineficientes quando aqueles que devem conduzir não a conduzem com responsabilidade, aí a gente acaba chegando a lugar nenhum, infelizmente. Eu tenho visto agora na atual gestão da secretaria de educação, eu tenho visto uma preocupação muito grande com a construção do conhecimento, eu não observei isso infelizmente em outros secretários, mas nessa atual gestão eu vejo um olhar marcado pelo desejo realmente de construir um aprendizado diferenciado e foi isso que me instigou a permanecer e entrar na equipe, porque o meu fazer educacional, eu tô sentado aqui nessa mesa mas eu sei todo o contexto que acontece na escola e o meu público, é óbvio que o professor é importante, mas o meu público principal e o meu aluno. Você fala apoio em relação aqui seria o quê? Além da formação a sala de recurso que existe, profissionais capacitados”.

Entrevistado 5

“Bom, primeiramente capacitar profissionais, não pode ser de qualquer jeito. Não se pode cabeça, que tem que ser usado com as pedras certas. Isso é um fato. O outro fato seria de políticas públicas mais envolvidas pra isso, mais consistente, maiores recursos. Que os gestores se apropriem da educação inclusiva e não façam de qualquer jeito”.

Entrevistado 6

“Eu Acredito que para o processo de inclusão realmente acontecer é importante que as escolas provoque ainda mais, principalmente da família para a escola para que a escola mostre para a família o processo de inclusão, para que nesse contato que a escola tem com a família e a sociedade em geral seja sensibilizada no processo de inclusão, nas escolas que os pais se conheceram de fato as oportunidades de aprendizado que os alunos da educação especial tem, que as escola seja universalizada e que seja partilhado com a família as oportunidades de

aprendizado, porque hoje em dia é muito fácil família matricular o aluno, e ir no final do ano pegar a nota ou só ir quando for convocado para alguma coisa séria, então que haja acompanhamento, assim a partir do momento que a escola tem essa aproximação em que a família ela consegue enxergar os papéis que a escola pode desenvolver junto à família, através da de rodas de conversa, através de palestras, através de atividades, eu acredito que isso vai ajudar bastante a gente de fato ter uma educação inclusiva.”

Entrevistado 7

“A secretaria pública, está se adequando, ele está se ajustando a esse processo, hoje nossas escolas, elas têm a acessibilidade, hoje as nossas escolas elas, nós temos o Maiara que é a instituição que nos apoia, nós temos essas escolas que são específicas, que são da de outra Coordenadoria que você já passou e aqui nós temos as salas de apoio, estamos passando por formação, então é um tema que está muito vigente, essa discussão ela está muito latente, então só hoje a própria Secretaria ela repassa muitos cursos para nossos professores, eu penso que está tendo um novo olhar para esse tema na escola pública, ela está se preparando, mas tem muito o que caminhar ainda”.

## **ANEXO 2. RESULTADOS ENTREVISTAS COM OS GESTORES**

Características dos entrevistados

**Entrevistado 1.** “Prestei o concurso em 2011, assumi em 2014. atuei como professora do Ensino Fundamental I em 2014 e 2015. Em 2016, fui convidada para ser assessora pedagógica da cde<sup>7</sup>. Enquanto assessora, fui oportunizada para trabalhar com 05 escolas e a partir daí ter a visão de 05 gestões diferentes. Essa experiência foi fundamental para que em 2017 fosse convidada para assumir uma escola da rede pública de Manaus, permaneci na gestão dessa escola por 03 anos. Em 2020, fui convidada para assumir a escola em que estou gerindo e para mim foi um desafio constante, pois a escola atual encontrava-se com várias situações ao mesmo tempo em todas as áreas e as prioridades eram infinitas. Contudo, estamos conduzindo um trabalho acerca de 01 ano e conseguindo evoluir nos resultados. Ao assumir a gestão atual foi bem delicado porque após 10 dias de gestão veio

a pandemia e ficamos em Home Office foi uma experiência desafiadora sem conhecer a equipe escolar e a comunidade em si. Minha rotina de trabalho atualmente se divide em acompanhar o Ensino remoto e os atendimentos presenciais. Nossa escola passa por um processo de revitalização na sua estrutura predial e o que nos promove muitas alegrias diante de um novo perfil que estamos trabalhando na escola”.

**Entrevistado 2.** “Sou Professora graduada em Língua Portuguesa e trabalho nesta escola desde 2015 com turmas de 3º ano de ensino Médio no Turno Vespertino. Em novembro de 2020 recebi o convite para assumir como Administradora Escolar, aceitei o desafio e foi muito enriquecedor. E em fevereiro de 2021 recebi o convite para assumir como Gestora e mais uma vez aceitei esta nova etapa. Estamos aprendendo a cada dia e descobrindo novas formas de ver a educação”.

**Entrevistado 3.** “Licenciado em Educação Física pela UFAM, especialista em Desenvolvimento Sustentável da Amazônia com ênfase em Gestão e Educação Ambiental pela FSDB, especialista em Gestão Escolar pela UEA, , Aperfeiçoamento em Atendimento Educacional especializado pela UFMG, mestrando em Ciências da Educação pela UNIDA \_ Assunção PY, Professor da rede estadual de ensino a 34 anos e 3 meses, sendo neste Centro de Educação professor de educação Física nos anos de 2001 e 2002, gestor deste Centro de Educação desde 04/07/2004. Nosso trabalho é desenvolvido em uma gestão democrática participativa, primando pelos princípios éticos e morais, a fim de garantir um caminho de liderança e aprendizagem de sucesso”.

**Entrevistado 4.** “Iniciei minhas atividades nessa atual escola como professor de Ensino Religioso, em seguida, fui convidado pela gestora Simone Odalea para ser diretor administrativo da mesma, cargo em que fiquei por aproximadamente 1 ano sendo convidado logo em seguida para assumir como gestor escolar em outras escolas das redondezas. Só depois pude retornar a essa escola como gestor escolar”.

**Entrevistado 5.** “Bom, eu sou formada em história, eu sou especialista em história do Brasil e ensino, eu sou mestre em história social e sou doutoranda em história pela Universidade

Federal do Amazonas. E eu sou gestora da escola onde eu estudei, então eu tenho uma história particular com essa escola, porque eu sempre estive muito próxima, eu lembro das feiras de ciências, toda a produção, eu era muito participativa, então quando eu saí da escola, eu ainda não tinha muita maturidade, eu acabei indo para enfermagem, contudo com 2 anos de enfermagem, eu vi que não era minha praia, então fui pra história, que foi onde me encontrei. A primeira vez que eu fui trabalhar como professora, eu não fui lotada porque o que acontece, eu optei pela escola que não tinha vaga na primeira vez, mas no ano seguinte já tinha que era para o noturno, era 40 horas, eu fiquei tarde e noite. Eu trabalhava no SENAC Federação do Comércio, e aí eu quando foi em 2001 eu entrei como professora direto por concurso, já fiquei com professora na mesma lotação. Em 2019, a escola não tinha gestor, então os professores se reuniram e foram lá na secretaria da capital na época pedir que eu ficasse como gestora da escola, pois eu conhecia a rotina e não era alguém alheio a todos os problemas da escola, aí foi rápido, eles aceitaram, fiz uma entrevista lá né, e antes eu tava como professora e passei a ser gestora”.

**Questão 1.** Descreva esta Instituição: número de alunos; número de alunos em processo de inclusão; professores e funcionários; sala de recurso; estrutura física; histórico do nome e fundação.

**Entrevistado 1.** Nossa clientela é do Ensino Fundamental 1, atendemos uma média de 330 alunos em cada turno matutino e vespertino. Hoje no sistema possuímos uma média de 25 alunos incluídos com as mais diversas deficiências. Nossa escola é o menor modelo de infraestrutura que existe na SEDUC/ capital com 10 salas de aula, 08 salas administrativas, 01 cozinha, 04 banheiros e áreas internas e externas. A escola possui 01 sala de recurso para atender aos alunos especiais no contra turno e demandas das adjacências. temos uma média de 29 professores do ensino regular, 09 professores auxiliares de vida escolar, 02 professoras da sala de recurso, 06 administrativos, 04 merendeiros, 03 auxiliares de serviço gerais, 01 vigia e 01 AGP. A Escola foi inaugurada em maio de 2009, ou seja, tem 11 anos de existência.

**Entrevistado 2.** Esta escola tem 2.650 alunos, sendo 42 alunos no processo de inclusão.



Temos 112 professores nos três turnos; 46 funcionários; alunos que estão sendo atendidos pela Professora da Sala de Recurso no turno Vespertino, visto que a Professora do Turno matutino está de licença médica. A estrutura física temos 20 salas de aula, 1 sala de mídia, 1 sala de recurso, 1 quadra de esportes, secretaria, sala de professores, biblioteca, refeitório, cozinha, depósito de merenda escolar, 3 banheiros masculino e 3 banheiros feminino para estudantes, 1 sala do corpo pedagógico, 1 arquivo passivo, 1 depósito de material de limpeza e uma sala para Educação Física, 1 estacionamento interno. O nome da escola é em homenagem ao Desembargador André Vidal de Araújo e foi fundada em setembro de 1981. número de alunos: 2014 número de alunos em processo de inclusão: 30 professores: 115 Funcionários: 14 sala de recurso:02

**Entrevistado 3.** estrutura física: Bloco A: 4 andares com 20 salas, auditório e 6 e Bloco B: Térreo com dependências administrativas e 4 banheiros e 2 andares com 8 salas e 2 banheiros. histórico do nome: Nascido em 15/11/1913. Foi Professor de Latim e Literatura da UFAM, contador e advogado. Diretor da Academia Amazonense de Letras em 28/07/79 e ocupou a poltrona 35 por eleição em 15/11/1979, faleceu em Manaus em 06/01/1991 Fundação: 2001 - decreto 22076-01

**Entrevistado 4.** “Número de alunos: turno matutino- 663 alunos cursando turno vespertino- 806 alunos cursando turno noturno- 881 alunos cursando a escola atualmente possui cadastrado no sigeam 57 alunos com Deficiência inseridos no Ensino Regular, temos 115 professores ativos (40 no turno matutino, 40 no turno vespertino e 35 no turno noturno), temos 37 funcionários administrativos, 1 sala de Recursos Multifuncional tipo II que atende aos alunos nos 3 turnos (com 4 professores especializados atendendo aos alunos), temos 20 salas de aula com espaço de refeitório, sala de professores, banheiros adaptados, biblioteca, sala de mídia/vídeo e laboratório de informática. o nome da nossa escola foi uma homenagem a uma das primeiras professoras da cidade de Manaus chamada Hilda de Azevedo Tribuzy (a escola presta seus serviços à comunidade na qual esta inserida a mais de 35 anos)”.

**Entrevistado 5.** “Uma média de 930, é porque é difícil, que toda semana muda, porque agora

quem faz as matrículas é o próprio povo, eles entram, sai da escola, como ficou a matrícula assim não tem aquele número exato. Nós temos alunos, mas é importante falar que nossa escola está localizada dentro de uma área de vulnerabilidade social e assim, tem crianças que nós sentimos dentro da escola com alguma coisa, que poderia ser enquadrado dentro de alguma síndrome, nós conversamos com os pais, mas eles não dão o crédito, a importância né, eles não aceitam né, no caso, isso acontece por motivos, inclusive por questões sociais, onde o próprio entendimento, onde tem essa questão da diferença, porque para eles soa como algo muito negativo e eles acabam resistindo ao máximo, fato é que assim, ano passado eu acho que antes da pandemia a gente conseguia ter um dado melhor, nós temos salvo engano 10 ou 11 alunos inclusos esse ano, que a gente ainda tá em período de captação porque o ano iniciou remotamente muita gente não levou documentação, é importante que tu entenda esse processo, esse ano foi muito mais difícil de identificar até o momento por conta da entrega de documentações também, já alguns casos pontuais por exemplo na nossa sala de recurso, nós temos uma sala de recurso multifuncional, tem a professora trabalhando com quatro alunos, salvo engano, com quatro alunos de inclusão que já vinha trabalhando há um tempo, desde o fundamental, se estendendo pro médio, mas dentro dessa problemática que eu tô te falando, muitos pais ainda não trouxeram essas documentações para uma identificação mais precisa, mas a média é sempre essa, de 11 a 4, não menos que isso, precisar no momento a gente não precisa por conta da falta de acessos de documentações que ainda não foi liberada. Deixa eu te falar, por exemplo no início do ano agora, teve um pai que foi lá conosco porque ele precisava que a escola fizesse um diagnóstico a partir da sala de recurso lógico, de um aluno ano passado, lembrando que ano passado foi metade híbrido e metade remoto, o aluno não voltou no híbrido, ele voltava esporadicamente no híbrido, mesmo assim a gente teve que fazer porque o psiquiatra havia solicitado avaliação psicopedagógica, como nós temos a professora da sala de recurso que é formada e tem especialização nisso, ela fez brandamente a partir da perspectiva com três professores que observaram o aluno, então em tese esse aluno vai vir como aluno de inclusão. Em relação à estrutura física ela é de 1914, ela é uma escola centenária, ela era uma escola do centro e quando foi feito o conjunto, os militares na época acho em 1970, por aí, eles eles empregaram todo um quarteirão pra trazer essa escola pra lá, então saiu do centro e foi pra lá, nós ocupamos um quarteirão inteiro do conjunto, é muito grande, acho que uma das maiores da capital, de sala nós temos 10 salas funcionando como

salas de aula, mas ao total nós somos 15 salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de informática mas não é mais funcional né, porque estamos aguardando computadores, nós temos uma sala de projeto, nós temos um biblioteca, uma sala de recurso multifuncional, secretaria, sala de professores, duas quadras, uma coberta e uma sem cobertura e muita área verde.

## **Questão 2. Entraves, estratégias e avanços no processo de inclusão.**

**Entrevistado 1.** “A inclusão no ensino regular é desafiadora em um tempo normal, agora temos visto no Ensino Remoto ainda mais. A partir desta gestão iniciamos o atendimento da educação especial a partir da criação de uma relação com os dados básicos destes alunos ( código do aluno, nome do aluno, da de nascimento, série e turma, contato dos responsáveis, cid da deficiência, status do laudo, nome do professor auxiliar e por fim, as orientações que constam no laudo) repassado aos professores. Em seguida, foi dado continuidade ao fechamento e encaminhamento dos processos de solicitações de auxiliares de vida escolar. Realizamos a matrícula dos alunos na sala de recurso e sensibilizamos aos pais quanto a participação e os respectivos benefícios. A escola através de um recurso reprogramado da APMC em 2020, realizou uma compra de materiais de custeio e capital significativa que promoveu um UPGRADE na sala de recurso onde a fala das professoras era "isso é um sonho". As professoras auxiliares são orientadas para confeccionarem materiais concretos de acordo com a especificidade do aluno e disponibilizá-lo sob orientação a família. Neste ano, a escola tem promovido ações de encontro especiais por meio de palestra, tendo como público alvo pais e professores. Na jornada pedagógica realizamos uma pauta só da Educação Especial para abordar acerca dos documentos norteadores da secretaria quanto ao atendimento que deve ser prestado a esta clientela. Enquanto gestora, tenho um carinho especial com este público. Gosto de oferecer o melhor da educação a eles e minimizar os efeitos à família neste período de Ensino Remoto prestando atendimento aos pais. Hoje os desafios são diversos inicia com o atendimento médico que encontram -se suspensos no acompanhamento da saúde dessas crianças até o atendimento aos serviços de apoio e associações de assistência as famílias, a falta de condições financeiras e sociais da família no acompanhamento do Ensino Remoto.

A falta do contato físico neste processo entre professor e aluno.

### **Entrevistado 2**

“Em nosso país a Educação é um direito de todos os cidadãos. E ainda que não estivesse na legislação, é prioridade para o crescimento do ser humano como pensante que somos. Em nossa escola temos alunos de diversas deficiências. Temos o acompanhamento dos auxiliares de vida, dos intérpretes de LIBRAS nos três turnos e do Professor da Sala de Recurso que atendem no Matutino e Vespertino. Temos um grupo de troca de experiências entre todos os servidores citamos acima. Onde conversamos sobre as necessidades dos alunos e de suas famílias que os acompanham. Os Professores regentes são muito parceiros e preocupados com o aprendizado dos educandos. A Educação de Jovens e Adultos, é toda direcionada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários. Fica claro para o atendimento prioritário, a classe trabalhadora, portanto a EJA não pode ser pensada de forma desarticulada no mundo do trabalho. É preciso, compreender que o aumento por uma educação formal está diretamente com a mudança do perfil do mercado de trabalho. E essa organização social e a escolaridade, nunca foram tão fortes, pois atualmente a empregabilidade só é garantida mediante a escolaridade. No que se refere ao processo inclusivo, a educação especial, a escola se organiza com um planejamento coma equipe gestora para atendimento às diversidades que a escola vai enfrentar no decorrer do ano letivo. Na educação especial, o atendimento sempre foi voltado para o acolhimento junto à comunidade escolar independente de suas especificidades.

### **Entrevistado 3**

“Educar na diversidade não é fácil, uma vez que se faz necessário compreender que as diferenças individuais dentro do processo educativo devem ser respeitadas e utilizadas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Temos na Educação Inclusiva um direcionamento para os alunos com deficiência que devem ser inseridos preferencialmente nas escolas regulares buscando promover o desenvolvimento e a autonomia dos mesmos. Na Educação Especial é uma educação voltadas exclusivamente para atender o público de

pessoas com deficiência ou determinadas necessidades especiais que possui práticas educacionais direcionadas para atender esse público.

#### Entrevistado 4

“A inserção dos alunos é feito pelo sistema administrativo da Secretaria Estadual de Educação que conforme a normativo do conselho estadual divide o quantitativo de vagas entre os alunos com ou sem deficiência. Após os alunos estarem inseridos a equipe pedagógica verifica qual a deficiência do aluno e sua necessidade específica para melhorar seu aprendizado (braille ou libras por exemplo, carteiras com braços mais largos, mesinhas apropriadas etc). A equipe é notificada para dá o suporte aos alunos uma vez que são muitos processos dentro do ambiente escolar. Sempre buscando uma gestão participativa, em que os resultados se somam com menos peso individual para os pares”.

#### **Entrevistado 5**

“Falando com a Rosineide, não como gestora, mas como uma observadora desse processo dentro da educação, eu te falo o seguinte: o discurso, a escrita, tudo que ampara a educação inclusiva, é um espetáculo, contudo na prática ela não funciona, por N motivos, e esses motivos você também sabe, a gente tenta, eu vou te falar como a gente tenta como educadores, porque assim, falta estrutura, estrutura no sentido de como atender um aluno especializado, um aluno que precisa de atendimento especial, um professor só dá conta, um professor só conseguiria dar conta de 11 alunos especiais, como eu conseguiria colocar um aluno grave especial junto com os ditos normais né, assim, eu acho a ideia maravilhosa, mas ela na prática, ela falta algumas mudanças pontuais. Por exemplo, a escola ano passado, ela trabalhou com 2 PCEs voltado exatamente para educação inclusiva de que forma os alunos da comunidade docente, a comunidade discente, ela observava esta entrada destes alunos, como é que era o convívio social desses alunos, inclusive como poderia ser melhorado isso, são dois trabalhos, 2 PCEs. Tem os comentários mais profissionais sobre o assunto, são duas pessoas que se debruçaram, inclusive psicólogo, então como a gente faz, olha os professores, eu acho que a comunidade escola, ela como um todo se debruça muito sobre as coisas para darem certo, eu vejo todo o esforço hercúleo que a professora da sala de recurso faz para que os alunos consigam por exemplo serem atendidos em meio a pandemia. Como você vai

atender aluno na pandemia com problemas visuais? como vai atender alunos em meio a pandemia com autismo elevado, autismo grave, então assim, eu vejo todo esforço que ela faz, ela faz um relatório mensal pra mim, sobre como ela tá conseguindo ou não, para que a gente possa estar melhorando, é o que eu sempre falo: os obstáculos existem pra que a gente possa vencer, principalmente dentro da nossa prática laboral né. Mas eu confesso a você, a inclusão seja ela dentro de todos esses aspectos que se apresentam, a inclusão ela ainda é um objeto de desejo distante né, ainda falta muito, mas eu acho que já foi dado os primeiros passos. Sim, com certeza, porque nós acreditamos que a educação é uma das poucas profissões que o tempo inteiro é necessário repensar né, eu acho tão desgastante, e há muito embate porque a gente está se repensando o tempo inteiro junto com toda aceleração da sociedade, a sociedade e acelera a gente tem que acelerar junto com ela, se ela diminui toda hora a gente está repensando a forma de chegar aos alunos da forma com que melhor atende os alunos.

### **Questão 3. Ações relacionadas às diferenças e garantia da aprendizagem.**

#### **Entrevistado 1**

“Relacionado ao papel do gestor procuro ofertar a educação a estas crianças de forma que os mesmo sejam assistidos nas suas limitações e sensibilizar a família da importância do acompanhamento e incentivo ao aluno. As ações iniciaram com a relação de alunos incluídos, matrícula na sala de recurso, encaminhamento de processo solicitando a auxiliar no acompanhamentos, promoção de palestras e encontros especiais, confecção de material concreto e atendimento individual as famílias. Solicito sempre que necessário orientação da Coordenadoria distrital em educação 07”.

#### **Entrevistado 2**

“Como Gestora buscamos fazer o melhor a fim de alcançarmos a totalidade dos alunos no processo constante que é a inclusão. Os alunos são atendidos individualmente de acordo com a escala feita pela Professora da sala der recursos e os surdos e deficientes auditivos têm acompanhamento diário com os intérpretes. Inclusive temos uma Professora do Matutino, Professora Marly Sombra que recebe em sua casa alunos especiais e seus responsáveis para atendimento”.

### **Entrevistado 3**

“Entre os inúmeros parâmetros a gestão democrática escolar é amparada pela LDB. A prática da gestão democrática participativa nas escolas tem como principal iniciativa a utilização de alguns mecanismos que propõe a participação de todos os seguimentos comunitários nas próprias decisões a serem tomadas”.

### **Entrevistado 4**

“No que tange a gestão a escola tem sua estrutura física adaptada para atender os alunos com piso tátil, portas das salas de aula alargadas, rampas e banheiros para pessoas com deficiência. As barreiras sociais (do envolvimento com o grupo) buscamos incentivar que os alunos respeitem e na medida do possível ajudem seus colegas com deficiência dentro no ambiente interno da escola e agora na pandemia (ensino remoto) que valorizem a participação individual dentro do grupo”.

### **Entrevistado 5.**

Eu aprendi em um em um ditado antigo que fala: quem adoça a boca do meu filho, a minha também adoça. Eu percebo claramente que os pais gostam dos seus filhos bem tratados, bem acompanhados e isso é um trabalho hercúleo, então eu diria que a primeira estratégia que toda escola deveria fazer, seria esse acolhimento real, não Imaginário, real, palpável, tangível, de que a pessoa está sendo bem recebida mesmo com todas as resistências que a pessoa acredita que o mundo já se impõe ao diferente né, porque ela já ela já vê seu filho em formato diferente, gostaria que ele fosse como os ditos normais, vamos dizer assim. Acho que a estratégia do acolhimento e eu senti isso muito na pele quando me colocaram dois alunos ano passado, de que alunos de inclusão que brigou com gestores de outra escola porque a escola não estava dando a atenção devida, eu fiz uma reunião com esses pais individualmente e falei como é que era escola, falei que eu precisava que eles estivessem muito mais presente do que eles imaginam, porque só funcionaria dessa forma e eles se sentiram tão acolhidas, que era um prazo curto para eles estarem lá porque segundo a Coordenadoria que era prazo de transição e ela queria porque queria ficar lá, que a gente já não oferecia pela parte da manhã, para a turma que eles iriam ficar, então o

acolhimento fez toda a diferença, o acolhimento dizendo assim é de inclusão, se sinta incluído em todo o processo e assim mais para frente do que se sentir incluído: participe desse processo.

Então assistir uma aula com os filhos para que eles percebessem, que elas conversassem com os professores coletivamente, então assim, primeira estratégia é realmente você utilizar o acolhimento como parte desse processo de inclusão, o segundo momento é fazer com que seu pai também esteja na elaboração das estratégias de ensino-aprendizagem por quê? Porque não é só o professor que vai fazer assim ensino-aprendizagem, é o pai em casa também e vai acompanhar né, não é como as outras crianças que você passa atividade e que ele vai chegar em casa com a responsabilidade de fazer, essa atividade vai ter que ser acompanhada para que ela faça parte desse processo de ensino-aprendizagem desde a feitura dele à execução final.

#### **Questão 4. Inclusão como meta das políticas educacionais “**

##### **Entrevistado 1**

“Diante do cenário de Pandemia nossos desafios só aumentam para melhor atender a estes alunos e neste sentido é fundamental ações políticas que promovam melhorias na educação com o objetivo de promover a qualidade de todos. no aspecto positivo a secretaria hoje diante de um processo encaminhado é possível se ter um auxiliar para o acompanhamento individual deste aluno nos esbarramos na burocracia, na demora e na lotação deste profissional”.

##### **Entrevistado 2**

“Então, a partir desta experiência percebo o quanto é necessário melhorias neste sentido, pois do contrário o aluno fica sem assistência e na grande maioria o direito só assistido mediante uma ação no Ministério Público ou Defensoria Pública e isto acarreta em um desgaste na relação da escola com a família”.

##### **Entrevistado 3**

“É importante ver a inclusão não apenas voltada para o aluno com necessidades especiais,



mas também , e, principalmente para os popularmente ditos "normais". A aceitação é geral, inclusive da própria família. Inclusão não se baseia apenas em estrutura como rampas, sinais sonoros e visuais, parte também da conscientização social”.

#### **Entrevistado 4**

“Dentre as principais metas do plano estadual de educação está a construção de e implementação do Projeto político Pedagógico que deverá ser construído diante das principais demandas da comunidade escolar e deverá atender especificamente as particularidades de cada escola”.

#### **Entrevistado 5**

Eu acredito que é uma ideia bem-vinda, acho assim, desde quando se ventilou a ideia de ter inclusão era para partir da ideia que os pais, porque isso para mim também importante, os pais que querem que seus filhos a partir de uma vida inclusiva ok. Aí eu te pergunto, qual é o pai que não quer que seu filho seja incluso? aí deveria ter aquela porta: mas meu filho consegue ser incluso? porque assim, existem graus de deficiências, o problema da educação é quando ela forma uma ideia para um todo e nós não somos um todo, cada caso é um caso, por exemplo, existem casos de alunos que não dá para ser inclusivo, de verdade, eu não tô falando de questões de visuais não, nós temos uma aluna que ela era cega né e ela estudou na escola o ensino médio inteiro e ela passou agora para direito né, ela passou para direito na Universidade eu acho que de Piauí, Federal de Piauí, então assim, maravilha, a gente fez até divulgação, perfeito, eu lembro que as provas dela, o simulado dela era imenso, porque tinha todo um trabalho da leitura dela entende? era a própria tia dela que fazia junto com a professora da sala de recursos, mas aí eu te digo, eu não tô falando dela, eu tô falando daquele grau de autismo alto, tira a roupa dentro da escola, que não é medicado, que tem pais que não acompanha a medicalização da forma como deve ser feita, então assim, esse para mim ele não tem condições.

#### **Questão 5. Educação e currículo no processo de construção de uma identidade.**

#### **Entrevistado 1**

“Ocorre ofertando o mesmo currículo regular a partir de uma adaptação de conteúdos e estratégias por meio de estímulos as deficiência”.

**Entrevistado 2**

“O currículo se faz importante visto que é um instrumento norteador do conhecimento. A inclusão ocorre com palestras aos alunos, em todos os pronunciamentos oficiais da escola temos a presença de intérpretes, os professores estão a par das adequações nas atividades entregues aos alunos”.

**Entrevistado 3**

“As novas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica foram, portanto, responsáveis pelo estabelecimento e pela fundamentação da BNCC ou seja, foram responsáveis por orientar as propostas pedagógicas de todas as escolas. Nessa concepção é de fato os direitos assegurados a todos os indivíduos se tratando dos direitos educacionais em todas as modalidades”.

**Entrevistado 4**

“A educação é parte essencial da construção da identidade humana e dentro do processo educacional é realizado com a convivência pacífica dos mais diferentes indivíduos que mutuamente se constroem nas trocas sociais e educacionais realizadas dentro de cada processo educacional individual”.

**Entrevistado 5.** Olha essas perguntas, elas acabam sendo muito mais específicas para dentro do âmbito da escola. O currículo é para ser cumprido 100%, com certeza há a adequação, porque as especificidades elas aparecem a partir de cada um, das necessidade expostas por cada aluno e cada aluno é um ser diferente, cada aluno tem uma especificidade diferente.

**Questão 6. Práticas pedagógicas voltadas para o respeito às diferenças.**

**Entrevistado 1.** “Um dos desafios deve partir da falta do contato físico, da interação e socialização com aluno em tempo de Ensino Remoto em razão da Pandemia. Na escola, é possível notar diversas práticas diferenciadas para atender as especificidades de cada aluno, contudo, nos esbarramos no acompanhamento familiar, uma vez que o aluno encontra-se em um ambiente domiciliar e requer uma rotina ou disciplina de estudo que culturalmente não temos. Ações positivas neste sentido são a realização de palestras, encontros,

discussões e divulgação de documentos norteadores e registro das ações evidenciando nosso trabalho pela busca de metodologias midiáticas para melhor atendê-los. Criação de grupo de WhatsApp das professoras da educação especial para troca de experiências e compartilhar materiais diversos”.

### **Entrevistado 2**

“Como já dissemos a escola trabalha em parceria com os professores que têm conhecimento da cultura de nossa escola como escola inclusiva. Sugestões: cursos oferecidos aos professores para conhecimento das diversas deficiências de seus alunos”.

### **Entrevistado 3**

“A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que historicamente no Brasil foi vista como uma prática fragmentada, como um suplemento de programa. Esse fato deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do próprio educador a buscar por uma formação. SUGESTÃO: Formação específica a modalidade”.

### **Entrevistado 4**

“Muitos alunos com deficiência ainda não adquiriram condições pedagógicas de acompanhar o currículo da série, resistência para adequação do currículo vigente para atender ao público alvo da educação inclusiva e a negligencia de algumas famílias que ainda não se fazem participantes do processo de aprendizagem dos alunos juntamente com a escola”.

### **Entrevistado 5.**

Não, os professores, é aquela coisa, existem aqueles professores que são mais sensíveis a causa, acabam fazendo essa educação inclusiva, inclusive a professora de artes, ela é uma grande propagadora disso, ela realmente quer a inclusão desses meninos de que forma né, então existem os professores assim, como existem os professores que não querem, não estão sensíveis a essa causa, eles fazem como um todo, para todos né, então mas desse sentido eu percebo que é particular, cada um enfrenta de uma forma né, a prática docente ela é diferenciada, ela tem que ser diferenciada, porque nós somos indivíduos diferentes, que age de formas diferentes, tem uns que são muito mais sensíveis para ir mais nos detalhes, outro já

vai mais no tudo.

**Questão 7. Projeto voltado para a comunidade externa sobre a educação inclusiva.**

**Entrevistado 1.** “Não temos nenhum projeto, exceto o atendimento da sala de recurso. A principio iniciamos a melhoria da infraestrutura da sala de recurso e conseguir o deferimento da maioria dos processos encaminhados solicitando a auxiliar”.

**Entrevistado 2.** “A Escola tem um projeto (que está parado no momento) que oferece curso de LIBRAS para a comunidade em geral com a validade de horas em certificado”.

**Entrevistado 3.** Não... Acolhimento, respeito e profissionalismo”.

**Entrevistado 4.** “Não temos projetos voltados para o entorno da nossa escola , até porque o momento atual é de distanciamento e ações sem muito envolvimento com aglomeração de pessoas”.

**Entrevistado 5.** “Olha somente mais dentro da observação que inclusive os professores têm feito dentro dos trabalhos de pesquisa, para entender de que forma ficaria melhor mesmo essa questão da inclusão, para atender a comunidade, mas assim em tese a escola ela é vista como uma escola, isso eu tô falando em nível de comunidade né, ela é vista como uma escola inclusiva, então a gente tá sempre aceitando e tentando da melhor forma ,mas a gente sempre faz uma reunião com os pais que estão com filhos inclusivos, a gente tenta conversar com eles e explicar geralmente, eles acabam indo para o avançar porque ele já estão em idade distorciva”.

**Questão 8. Relação gestão pedagógica com as demais áreas.**

**Entrevistado 1.** “Hoje a gestão escolar tem que se multiplicar para atender as mais diversas e inúmeras demandas, uma vez que agora trabalhamos em dois ambientes virtual e presencial. Temos vivido diariamente desafios constantes em todos os sentidos e aspectos. e por fim, não tem sido fácil, pois exige disciplina, foco, check list e etc...”

**Entrevistado 2.** “Como sou Professora de Sala de aula, já atuei na educação infantil, ensino fundamental I e II, como apoio Pedagógico e Administradora Escolar. Tive a oportunidade de conhecer e lidar com a parte Administrativa que é uma das maiores demandas. Lido com

Secretaria, Merendeiras, Vigias, Porteiros, Pedagogas e Pais. Todos de maneira a prezar pela boa comunicação entre os setores e o respeito. A fim de me fazer entender que todos fazemos parte de um processo macro de educação”.

**Entrevistado 3.** “O gestor escolar no estado do Amazonas, não possui equipe gestora completa, vice gestor, administrador escolar, pedagogo orientador, supervisor pedagógico, entre outros. Então, nos desdobramos para atender todas as áreas, não permitindo prejuízos às atividades didáticas, pedagógicas, e obtermos resultados satisfatórios. Somente as escolas militares são contempladas com essa realidade completa”.

**Entrevistado 4.** “Tenho procurado dividir as questões escolares entre a equipe pedagógica e administrativa d escola (diretor administrativo, pedagogas e equipe administrativa), assim fica mais leve e possível administrar as múltiplas questões dentro do ambiente diversificado que tem a nossa escola”.

**Entrevistado 5.** “Eu sempre bato numa tecla muito importante: a gente não faz o trabalho sozinha, se você for imaginar que você vai fazer o trabalho sozinha, você não vai dar conta de nada, você sobrecarrega, não dá conta, então eu tenho uma equipe que cuida das mídias sociais da escola, eu tenho uma equipe que é pedagógica, eu tenho uma equipe que é administrativa e eu tenho ali eu tenho uma equipe que lida direto com os professores, eu inclusive eu pego a liderança dessas equipes e semanalmente faço uma reunião e a gente vai, isso se chama a gestão democrática, eu fui posta lá por conta disso”.

### **Questão 9. Formação, atuação e experiência profissional**

**Entrevistado 1.** “Na minha formação eu tive contato sim com a educação inclusiva, pois fazia parte da grade curricular. Na secretaria participamos sim de algumas formações voltados para este público, porém acerca de uns dois anos a atuação deste setor tem deixado a desejar no sentido de promover ações e responder as demandas. Não possuo nenhum curso em Educação especial”.

**Entrevistado 2.** “Fui Professora de sala Especial em 2006 na Semed (também sou servidora municipal) e tive contato com esse mundo da educação inclusiva. Fiquei maravilhada!!! Decidi me aprofundar fazendo cursos particulares e aproveitando os que a SEMED nos proporcionava”.

**Entrevistado 3.** “SIM. Sempre tive contato com a educação inclusiva, tanto que para melhor compreensão e comunicação, fui espontaneamente em busca de cursos específicos de Braille, Soroban. Atendo pessoalmente todos os alunos inclusos e seus familiares juntamente com um profissional da educação especial”.

**Entrevistado 4.** “Não tenho curso de especialização em Educação Inclusiva, mas, desde o início do magistério tive contato com o público alvo da educação inclusiva. Até o presente momento não encontrei grandes dificuldades para atender com eficiência esse público”.

**Entrevistado 5.** “Sim, com certeza, porque nós acreditamos que a educação é uma das poucas profissões que o tempo inteiro é necessário repensar né, eu acho tão desgastante, e há muito embate porque a gente está se repensando o tempo inteiro junto com toda aceleração da sociedade, a sociedade e acelera a gente tem que acelerar junto com ela, se ela diminui toda hora a gente está repensando a forma de chegar aos alunos da forma com que melhor atende os alunos”.

#### **Questão 10. Estratégias para estimular a participação da família no processo de inclusão escolar.**

**Entrevistado 1.** “Buscamos diariamente, por meio de registros e links de frequência diários. conversamos muito com os responsáveis. Orientamos as auxiliares e professores que busquem o apoio dos pais e que ao mesmo tempo também os ajudem neste tempo atípico”.

**Entrevistado 2.** “Sim, busca. Reuniões periódicas com os pais dos alunos especiais, assessoramento na escola e por mídia”.

**Entrevistado 3.** “Em se tratando de uma escola de jovens e adultos, a família na~se vê muito participante, mas esta gestão sempre busca chamar a família a participação, ajuda e suporte ao aluno”.

**Entrevistado 4.** “A escola tem a participação dos pais no Conselho Escolar com votação e escolha de participantes da comunidade”.

**Entrevistado 5.** “Eu aprendi em um em um ditado antigo que fala: quem adoça a boca do meu filho, a minha também adoça. Eu percebo claramente que os pais gostam dos seus filhos bem tratados, bem acompanhados e isso é um trabalho hercúleo, então eu diria que a primeira

estratégia que toda escola deveria fazer, seria esse acolhimento real, não Imaginário, real, palpável, tangível, de que a pessoa está sendo bem recebida mesmo com todas as resistências que a pessoa acredita que o mundo já se impõe ao diferente né, porque ela já ela já vê seu filho em formato diferente, gostaria que ele fosse como os ditos normais, vamos dizer assim. Acho que a estratégia do acolhimento e eu senti isso muito na pele quando me colocaram dois alunos ano passado, de que alunos de inclusão que brigou com gestores de outra escola porque a escola não estava dando a atenção devida, eu fiz uma reunião com esses pais individualmente e falei como é que era escola, falei que eu precisava que eles estivessem muito mais presente do que eles imaginam, porque só funcionaria dessa forma e eles se sentiram tão acolhidas, que era um prazo curto para eles estarem lá porque segundo a Coordenadoria que era prazo de transição e ela queria porque queria ficar lá, que a gente já não oferecia pela parte da manhã, para a turma que eles iriam ficar, então o acolhimento fez toda a diferença, o acolhimento dizendo assim é de inclusão, se sinta incluído em todo o processo e assim mais para frente do que se sentir incluído: participe desse processo. Então assistir uma aula com os filhos para que eles percebessem, que elas conversassem com os professores coletivamente, então assim, primeira estratégia é realmente você utilizar o acolhimento como parte desse processo de inclusão, o segundo momento é fazer com que seu pai também esteja na elaboração das estratégias de ensino-aprendizagem por quê? Porque não é só o professor que vai fazer assim ensino-aprendizagem, é o pai em casa também e vai acompanhar né, não é como as outras crianças que você passa atividade e que ele vai chegar em casa com a responsabilidade de fazer, essa atividade vai ter que ser acompanhada para que ela faça parte desse processo de ensino-aprendizagem desde a feitura dele à execução final.

### **ANEXO 3. RESULTADOS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES**

#### **Questão 1. Caracterização da sala de aula: número de alunos, alunos em inclusão e estrutura física**

**Entrevistado 1.** “Em média 30 alunos, porém não sei precisar o número de alunos surdos/autistas em uma turma, mas é provável cerca de 10% 40 alunos em media”.

**Entrevistado 2.** “Sala de aula com estrutura padrão da secretaria, tres alunos em processo de inclusão, sendo que apenas dois possui laudo, mas só um com acompanhamento de vida scolar.

**Entrevistado 3.** “A escola possui sala de recurso que auxilia os alunos e família no horário contrário da aula”.

**Entrevistado 4.** “Sala bem ampla, no ambiente normal e média temos de 40 à 45 alunos em processo de inclusão em média são de 3 a 5 alunos”.

**Entrevistado 5.** “Sala de aula com 30 alunos, temos um aluno especial na sala de aula”.

**Entrevistado 6.** “Contamos com sala bem arejada, e com recursos visuais que tem ajudado os alunos em processo de alfabetização. 46 alunos, 10 alunos, satisfatória”.

**Entrevistado 7.** “Cada sala tem no mínimo 40 alunos, uns 3 alunos em processo de inclusão com laudo”.

**Entrevistado 8.** “Sala com estrutura que precisa ser revisada e melhorada.

Tenho 3 turmas com aproximadamente 43 alunos em cada”.

#### **Questão 2. Avanços, entraves, e desafios da inclusão**

**Entrevistado 1.** “Entendo que é a busca por ensino inclusivo a de qualidade para alunos com determinadas dificuldades físicas, intelectuais, enfim, de saúde”.

**Entrevistado 2.** “Ja tivemos alunos dessa forma, atualmente devido a pandemia nao sei



informar”.

**Entrevistado 3.** “Sabemos que a educação inclusiva no brasil vem alcançando alguns avanços, no entanto, acredito que seja necessário mais ações que ajudem as famílias a compreenderem a situação individual de cada criança em processo de inclusão, vejo a família como principal nesse processo, pois , primeiro e necessário aceitar e depois entender/compreender o que fazer”.

**Entrevistado 4.** “A escola realiza todas essas tratativas com as famílias, mas ainda encontra muitas resistências”.

**Entrevistado 5.** “Posso afirmar que a escola e docentes passam por um processo de construção de conhecimento, evolução na aquisição de materiais pedagógicos e que na medida do possível trabalha o coletivo observando e agindo nas individualidades de cada criança e família que realiza acompanhamento”.

**Entrevistado 6.** “O processo de inclusão é bem desaf’iador e necessita de uma demanda de tempo e dedicação maior a esse aluno que precisa ser incluso, a gestão sempre busca soluções junto aos professores em conjunto com a família e nesse processo é solicitado sempre a ajuda de um profissional auxiliar de vida para melhor atender as necessidades desse aluno, lidamos de diversas formas sempre interagindo, conversando e respeitando o tempo de cada aluno”.

**Entrevistado 7.** “Educar na diversidade: constitui uma organização pedagógica que visa focar nas diferenças e as diversidades em uma sala de aula, onde não só o professor mas todo equipe escolar direcione da melhor forma um ambiente onde todos possam ter as mesmas condições e aprendizado”.

**Entrevistado 8.** “Educação Inclusiva: educar crianças e adolescentes no meio escolar comum, é desafiador, pois não podemos negar as deficiências de cada um, mas não fazer disso um empecilho para o aprendizado diferenciado dos alunos. Educação Especial:

atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

### **Questão 3. Sala de recursos**

**Entrevistado 1.** “A escola conta com a sala de recursos, uma profissional muito competente. A gestão procura sempre identificar alunos com possíveis necessidades especiais para entrar em contato com o responsável e verificar se o aluno tem ou precisa de laudo sempre com o intuito de atender o aluno da melhor maneira possível. É uma situação difícil de lidar, porém com Boa vontade, estudos e formações odemos fazer o nosso melhor”.

**Entrevistado 2.** “Os alunos independente da Deficiência são matriculados normalmente e inseridos nas salas de aula inclusas, muitos tem uma defasagem com relação a seriação x idade sem falar do conteúdo que muitos não conseguem acompanhar...precisaria de mais cuidado na inserção desses alunos”.

**Entrevistado 3.** “O melhor recurso é o humano, onde a escola disponibiliza de ntérpretes para o caso de alunos surdos,. E uma professora para educação especial, sendo que no momento esta teve que se afastar por problemas de saúde. Nao lembro de materiais especificos, mas tentamos ajudar da melhor maneira e nos organizar da melhor aneira para atender esse tipo de clientela”.

**Entrevistado 4.** “Sim, a escola possui sala de recursos com excelentes profissionais e com bastante materiais pedagógicos para uso também dos professores regulares. mas também é necessário entender que uma sala com 35 alunos, de 3 a 5 com alguma deficiência é praticamente impossível para o docente atender a todos de forma igualitária. por mais difícil e dolorido temos que fazer escolhas de quem mais atender”.

**Entrevistado 5.** “Não temos recursos específicos, temos o auxílio de um profissional auxiliar de vida e uma sala de recursos comum profissional disponível sempre no contra turno desse aluno. Considero importante buscar mais formação para atender na inclusão desse aluno e buscar sempre se reciclar para melhor contribuir no ensino como um todo”.

**Entrevistado 6.** “ Escola possui Sala de recursos, onde os alunos tem atendimento duas vezes por semana, em sua maioria os alunos especiais tem professor mediador, que auxilia o alunos nas atividades escolares em sala de aula. Sempre disponibilizamos atividades diferenciadas, para que nossos alunos possam de alguma forma acompanhar os estudos. E contamos com apoio dos professores da Sala de recursos”.

**Entrevistado 7.** “Não, pois na há materiais para professores de sala de aula. Sempre disponibilizo tempo maior ao aluno com necessidade especial tentando a melhor maneira que posso entender e atendê-lo. A escola busca sempre orientar sobre as diferenças e a importância do respeito”.

**Entrevistado 8.** “A escola possui um sala de atendimento aew (Sala de Recursos) e as professoras sempre dão apoio e fazem intervenção nas atividades, mas, o número de alunos com deficiência é muito grande e nem sempre todos são atendidos em todas as disciplinas”.

#### **Questão 4. Adequação do currículo e construção de identidade própria**

**Entrevistado 1.** “Essas palavras políticas educacionais, sempre bonitas me soam só como promessas, pois o governo não tem feito nada de estrutura prática para esse alunado. Certamente seria excelente ação inclusiva, como material próprio para alunos surdos.e.especiais,.maior quadro de docentes qualificados para alunos especiais”.

**Entrevistado 2.** “Da minha parte o ensino é o mesmo, a diferença é que nao temos materiais especificos e preparo pra tal situação, mas o uso do bom senso ajuda nessas situações”.

**Entrevistado 3.** “Apesar das dificuldades temos avanços no processo de inclusão, no auxílio às famílias e acompanhamentos individualizados dos discentes e orientações aos docentes. Apesar de que, necessitamos de mais formações específicas de um tema que esta em constante evolução(docentes). No entanto, é necessário ações mais amplas deixando claro que cada um tem a sua necessidade, mas as soluções deverão partir do coletivo (pais, comunidade escolar e docentes)”.

**Entrevistado 4.** “Na nossa escola o ensino é oferecido sempre para atender a necessidade e demanda dos nossos alunos, priorizando sempre o bem estar e a inclusão dos nossos alunos”.

**Entrevistado 5.** “nfelizmente nossa atual realidade não nos permite avançar mais em direção ao apoio e a participação total nos nossos alunos da rede pública, a falta de políticas inclusivas não somente ao aluno mas também à família e principalmente a falta de continuidade nos processos inclusivos desfavorece o aluno e acaba rompendo todo o processo de inclusão”.

**Entrevistado 6.** “Inclusão devolveu a sociedade o direito ao ensino de todos os cidadãos com necessidades especiais. É preciso ter um olhar diferenciado nas estratégias de ensino, pois cada individuo tem suas especialidades e não podemos generalizar, para evitar uma exclusão escolar. Como já foi citado, a escola disponibiliza sala de recursos e professores mediadores para auxilio o aprendizado dos alunos”.

**Entrevistado 7.** “A inclusão em todos os seus âmbitos deve ser prioridade com o intuito de erradicar a desigualdade. A educação é o caminho que leva nossos alunos a mudança de pensamento e comportamento. Nossa escola sempre trabalha com a conscientização dos nossos alunos, trabalhamos de forma interdisciplinar e também através de culminâncias a importância do outro e do respeito às diferenças”.

**Entrevistado 8.** “Ao aluno são oferecidos os mesmos recursos e atividades dos demais alunos, algumas vezes o grau de dificuldade é menor para os alunos deficientes”.

**Questão 5.** Proposta pedagógica voltada para o respeito às diferenças

**Entrevistado 1.** “Acredito que a falta de preparação dos docentes, afinal enfrentamos as mais diversas situações sem treinamento específico, na experiência vamos se desenvolvendo e levando o conhecimento pros mais diversos alunos”.

**Entrevistado 2.** “Devemos aplaudir os avanços sempre, por menores que sejam, mas deve ser melhorada desde a estrutura escolar física à forma atual de inclusão, levando em consideração a quantidade absurda de alunos por sala de aula. os trabalhos são desenvolvidos sempre de acordo com a proposta pedagógica e respeitando sempre as diferenças. sendo que a escola haydée cabral em relação a outras escolas públicas do mesmo seguimento, encontra-se como referência, munida de bons profissionais e muitos aparatos pedagógicos , para desenvolvimento dos trabalhos, o que não quer dizer que esteja 100%, a pesar de estar na frente de muitas outras”.

**Entrevistado 3.** “Recursos tecnológicos são os nossos maiores problemas no atual cenário pandêmico”.

**Entrevistado 4.** “Acredito que se faz necessário propostas voltadas para respeitar as diferenças principalmente no mundo globalizado e diversificado”.

**Entrevistado 5.** “Muitos dos alunos não tem acessos a terapias como, psicólogos, fonos ou atividades físicas , isso dificulta no desenvolvimento escolar diretamente. Fazemos avaliação pedagógico e com base nela elaboramos plano diferenciado aos alunos”.

**Entrevistado 6.** “Políticas públicas”.

**Entrevistado 7.** “Recursos Pedagógicos. Com um número mínimo de 40 alunos por turma é bem difícil de trabalhar de forma diferenciada com os alunos com necessidades especiais”.

**Entrevistado 8.** “Nossa estrutura física é adequada temos portas alargadas, piso tátil e banheiro para alunos especiais...as propostas pedagógicas muitas vezes demandam tempo é isso não temos...

O que inviabiliza o processo pedagógico em algumas disciplinas”.

**Questão 6.** Projeto voltado à comunidade externa sobre educação inclusiva

**Entrevistado 1.** “Desenvolve sim, com professores destacados e até mais qualificados, com experiência em projetos, que têm afinidade com a comunidade escolar”.

**Entrevistado 2** “Acredito que não tenha”.

**Entrevistado 3.** “Não. Tem apenas a sala de recurso que dá suporte às famílias dos educandos”.

**Entrevistado 4.** “Sim, realizamos projetos voltados tanto para os discentes, docentes e a comunidade adjacente com o pce programa ciência na escola- fapeam, e a Gestão esta sempre em buscar de incluir os alunos nos projetos juntamente com a comunidade”.

**Entrevistado 5.** “A secretaria de educação disponibiliza diversos cursos de formação continuada na modalidade online”.

**Entrevistado 6.** “Já desenvolveu”.

**Entrevistado 7.** “Não. Somos polo com sala de recursos que atende alunos com laudo médico”.

**Entrevistado 8.** “Não temos”.

**Questão 7.** Formação do corpo docente em cursos específicos para alunos com necessidades educacionais especiais

**Entrevistado 1** “Sim”

**Entrevistado 2.** “Nao, nunca participei de algum curso nesse sentido”.

**Entrevistado 3.** “Vejo a escola como incentivadora dos profissionais em busca de conhecimento, mas observo a oferta de participação pela secretaria de educação, apenas para os profissionais auxiliares de vida escolar e sala de recurso, sendo necessário ampliação para os docentes de sala regular e funcionários em geral”.

**Entrevistado 4.** “Incentiva sim porém eu não fiz o curso na área de inclusão educacional especial”.

**Entrevistado 5.** Sempre que a secretaria de educação disponibiliza cursos voltados para educação especial somos informados e convidados a participar. A cada curso ou palestra tem nos ajudado a entender melhor os mecanismo de educação inclusiva, e as formas de atuar em sala de aula com o intuito de agregar nossos alunos a inclusão em sala.

**Entrevistado 6.** “Não”.

**Entrevistado 7.** “A escola sempre incentiva. Não participei de nenhum curso voltado a esta área”.

**ntrevistado 8.** “Sim...sempre e postado nos grupos de professores as formações para o público alvo da inclusão. A última que participei foi neste ano (abril) sobre TDAH”.

**Questão 9. Formação, atuação e experiência profissional.**

**Entrevistado 1.** “Não tive preparo mas tive contato com alunos surdos. Uma boa experiência entender as dificuldades desse alunado”.

**Entrevistado 2.** “Nao, nunca participei de um curso nesse sentido”.

**Entrevistado 3.** “Não tenho formação específica na área de educação inclusiva, a pesar de sentir essa necessidade diariamente. Meu contato com educação inclusiva é como professora de sala regular que se depara constantemente com as mais diferentes realidades e que tem que dar o jeito, para atender na medida do possível as necessidades do educandos”.

**Entrevistado 4.** “Não tenho”.

**Entrevistado 5.** “Os primeiros cursos que participei, foram por iniciativa pessoal, pois sempre a Educação Especial foi algo que me chama atenção, por hoje contarmos com número grande de alunos em inclusão. Contudo nossa escola sempre nos comunica de sobre cursos de formação continuada, nos dando chances de aprimorar cada vez mais, e nos deixar preparados para receber esses alunos. Como já relatado, temos em nossa escola alunos matriculados na inclusão, e sempre desde minha formação acadêmica, me deparei com alunos especiais”.

**Entrevistado 6.** “Não”.

**Entrevistado 7.** “Tivemos uma experiência de sensibilização no ano em que lecionamos para uma aluna deficiente visual”.

**Entrevistado 8.** “ Quem atua no ensino regular sempre vai se separar com esse público cada vez mais presente nas salas de aula. Fiz um curso de braille por incentivo próprio e me separar com alunos cegos na sala de aula”.

#### **Questão 10. Interação família e escola na aprendizagem dos alunos de inclusão**

**Entrevistado 1.** “É muito importante, porém é muito complicado pela baixa participação das famílias. Existe uma parceria grande da família com a escola nesses casos, afinal sem os familiares não é possível o êxito”.



**Entrevistado 2.** “A interação família escola é de extrema importância, pois na maioria dos casos é necessário se realizar todo um trabalho de aceitação e compreensão por parte da família para depois realizar o processo de inclusão com a criança. Na medida do possível e de acordo com sua realidade a escola busca sempre incentivar a participação das famílias no processo de inclusão”.

**Entrevistado 3.** “É primordial de diversas formas, pois nos auxilia na interação e afirmação dos conteúdos e de todo o processo de inclusão. A escola não trabalha sozinha, seja com alunos especiais ou não, a participação da família no processo de formação dos alunos é fundamental. Vemos o sucesso de alunos especiais, quando a família assume sua responsabilidade naquilo que lhe é por dever”.

**Entrevistado 4.** “Nossa escola tem as portas abertas para acolher as famílias, muitas vezes auxiliando quais outros recursos que a mesma pode estar buscando para ajudar seus filhos no seu desenvolvimento pedagógico e social”.

**Entrevistado 5.** “Muito revelante entretanto a escola se omite. Essa interação deve existir sempre com alunos pois creio que já um retorno maior do desenvolvimento do aluno. A escola sempre busca estar em contato com o responsável desses alunos sempre falando da importância da participação da família na vida escolar. Ligamos, orientamos, fazemos conversas com a professora da sala de recursos”.

**Entrevistado 6.** “Sim...temos feito a sensibilização sobre a importância da participação da família o que muitas vezes não acontece. Eles são muito carentes de acolhimento e atividades específicas do seu grupo. As vezes bom as vezes complicado”.

**Entrevistado 7.** “Na sala de aula trabalha-se que, somos todos iguais em direitos, no entanto cada um com suas características e necessidades diferentes, que devem ser sempre respeitadas de forma empática, ou seja, é orientado para que os alunos coloquem-se sempre no lugar do outro para melhor entendimento de sua realidade e respeito sempre”.

**Entrevistado 7.** “Sempre busco interação entre eles fazendo dinâmicas que possibilite eles a se conhecerem, pois facilita muito o trabalho com esse aluno se ele estiver em um ambiente mais positivo a sua presença. A escola junto com a Sala de recursos fazem mobilização e palestras sobre as diferenças, levando a conscientização dos alunos. Em sala de aula procure inserir os alunos especiais em atividades iguais a de todos em sala, as vezes precisamos fazer adaptações para que todos possam participar”.

**Entrevistado 8.** “Me percebo incapaz. A maioria das turmas é receptiva e sempre acolhe e ajuda o colega. Eu me sinto importante nesse processo, acredito que o diálogo dentro de sala de aula pode acarretar mudanças positivas. Destaco sempre que ninguém é igual ao outro e que somos todos importantes dentro da sociedade em que vivemos. Os alunos respeitam e muitas vezes ajudam nas atividades seus colegas com deficiência”.

ANEXO 4. Ofício de autorização à pesquisa



**OFÍCIO Nº 196/2020-GSEAP/SEDUC**

**Manaus, 21 de julho de 2020.**

À Senhora  
**LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**  
Rua Rio Mutuca, nº 225, Quadra/R – Conjunto Colina do Aleixo – São José  
Operário  
69085-284-Manaus/AM

**Assunto:** Resposta ao expediente protocolado em 13/03/2020.

**Processo:** nº 01.01.028101.00009148.2020-SEDUC.

**Ref.:** Solicitação de autorização para pesquisa acadêmica.

**Prezada Senhora,**

Ao cumprimentá-la cordialmente, e de acordo com parecer nº 871/2020/ASSJUR/SEDUC, informo o deferimento da solicitação para a discente Leina Libório de Araújo realizar pesquisa no Departamento de Políticas e Programas Educacionais-DEPPE, bem como nas escolas estaduais que compõem as sete Coordenadorias desta Secretaria de Estado de Educação e Desporto-SEDUC.

Ressalto que as informações fornecidas serão somente para dados quantitativos, sendo vedada qualquer informação qualitativa, como nome de inscrites, idade, sexo, nome de instituição etc. Portanto, o requerente deverá assinar um termo de responsabilidade contendo a finalidade e destinação dos dados liberados, bem como as obrigações a que se submeterá, conforme art. 49 e parágrafos do Decreto nº 36.819/2016. Ao final, anexar cópia do referido termo.

**Atenciosamente,**

  
**RAIMUNDO DE JESUS TEIXEIRA BARRADAS**  
Secretário Executivo Adjunto Pedagógico

ASSJUR/SL/ML



## Anexo 5. Termo de responsabilidade da pesquisadora



GOVERNO DO ESTADO

### TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, **LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO**, pesquisadora da **UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN**, curso **CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO**, pesquisa intitulada "**EDUCAR NA DIVERSIDADE: A GESTÃO ESCOLAR FRENTE ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM ESCOLAS ESTADUAIS**", nas escolas estaduais de Manaus, com o objetivo de analisar o processo de Inclusão Escolar a partir das estratégias de Gestão relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nas escolas, declara-se ciente e de acordo com os critérios estabelecidos abaixo:

- de que os dados e arquivos fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC) deverão ser usados, guardados e preservados em sigilo e que eventual divulgação deverá ser feita em estrita observação aos princípios éticos de pesquisa, resguardando-se ainda aos termos do Art. 5º, X da Constituição Federal de 1988, especialmente no tocante ao direito à intimidade e à privacidade dos consultados, sejam eles pacientes ou não.
- de que as informações constantes nos dados ou arquivos a mim disponibilizados deverão ser utilizados apenas e tão somente para a execução e pesquisa do projeto acima descrito, sendo vedado o uso em outro projeto, seja a que título for, salvo expressa autorização em contrário da autoridade máxima da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino.
- de que eventuais informações a serem divulgadas serão única e exclusivamente para fins de pesquisa científica, sendo vedado uso das informações para publicação em quaisquer meios de comunicação de massa que não guardem compromisso ou relação científica, tais como televisão, jornais, periódicos e revistas, entre outros aqui não especificados.
- de que somente terá acesso a dados quantitativos e qualitativos, sendo vedada qualquer informação qualitativa como nome de inscritos, idade, sexo, nome de instituição etc, sob pena de responsabilização civil, penal e administrativa.

*Manaus, 23 de Julho de 2020.*

*Leina Libório de Araújo*  
LEINA LIBÓRIO DE ARAÚJO  
CPF: 043.069.612-49

